

Online ISSN 2447-4878

Revista
**ENSAIOS
TEOLÓGICOS**

Vol. 1 ▪ n. 1 ▪ Junho | 2015

Faculdade Batista
Pioneira

ISSN 2447-4878

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Bíblia – Teologia – Prática

Volume 01 – Número 01 – Junho / 2015

Missão

Proporcionar espaço para compartilhamento
dos saberes teológicos em construção

Projeto de Iniciação Científica

Faculdade Batista
Pioneira



R454 Revista Ensaios Teológicos : bíblia, teologia, prática /
Faculdade Batista Pioneira; editora responsável Marivete Zanoni Kunz
v. 01, n. 01, jun. 2015. - Ijuí: Faculdade Batista Pioneira, 2015. -
166 p.

Semestral
ISSN 2447-4878

1. Bíblia. 2. Teologia. 3. Prática. 4. Ministério. 5. Igreja. I. Faculdade Batista Pioneira. II. Kunz, Marivete Zanoni. III. Título. IV. Título: Bíblia, teologia, prática.

CDU : 2(05)

Aline Morales dos Santos Theobald

CRB10/1879

Site: ensaiosteologicos.fbp.edu.br

Projeto de Iniciação Científica

Os pontos de vista expostos nos artigos são de inteira responsabilidade de seus autores, e não necessariamente refletem a opinião do editor ou da instituição.

Solicita-se permuta / We request exchange
Wir erbitten Austausch / Se pide cambio



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Faculdade Batista
Pioneira

Rua Dr. Pestana, 1021 – Centro – Ijuí / RS – 98700-000
(55) 3332-2205 – faculdade@batistapioneira.edu.br
www.batistapioneira.edu.br

REVISTA ENSAIOS TEOLÓGICOS

Direção Geral

Dr. Claiton André Kunz

Editora Responsável

Dr^a Marivete Zanoni Kunz

Conselho Editorial

Dr^a. Analzira Nascimento (Faculdade Batista do RJ)
Dr. Claiton André Kunz (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Claus Schwambach (Faculdade Luterana de Teologia)
Dr. David Bledsoe (Southeastern Baptist Theological Seminary)
Dr. David Riker (Faculdade Teológica Batista Equatorial)
Dr. Gerson Fischer (Faculdades Batista do Paraná)
Dr^a. Madalena Molochenco (Faculdade Teológica Batista de SP)
Dr^a. Monica Pinz Alves (Faculdade Batista Pioneira)
Dr. Rogel Esteves de Oliveira (PUC / RS)
Dr. William Lacy Lane (Faculdade Teológica Sul Americana)

Comissão Consultiva

Ms. Cleison R. R. Mlanarczyki (Regent College / Canadá)
Ms. Erich Luiz Leidner (Faculdade Batista Pioneira)
Ms. Gabriel Giroto Lauter (Faculdade Batista Pioneira)
Ms. Hariet Wondracek Krüger (Faculdade Batista Pioneira)
Ms. Igor Pohl Baumann (Durham University / Inglaterra)
Ms. Josemar Valdir Modes (Faculdade Batista Pioneira)
Ms. Reginaldo P. de Moraes (Faculdades Batista do Paraná)
Ms. Robson Maurício Ghedini (Faculdades Batista do Paraná)
Ms. Sandra Fátima Krüger Gusso (Faculdades Batista do Paraná)
Dr. Vitor Hugo Schell (Faculdade Luterana de Teologia)

Revisão

Luciano Gonçalves Soares

Diagramação

Dr. Claiton André Kunz

Editoreção Eletrônica

Ms. Gabriel Giroto Lauter

Capa

Delize Grando



LEMA

Vocação levada a sério.

VISÃO

Ser referência no Brasil pela qualidade no ensino teológico,
tendo a Bíblia como Palavra de Deus.

MISSÃO

Formar teólogos capazes de aplicar o conhecimento para melhorar a
qualidade de vida espiritual, política, econômica e social.

VALORES

Bíblia como Palavra de Deus
Amor a Deus e ao próximo na prática
Cristo como único Senhor e Salvador
Teoria aliada à prática ministerial
Excelência no ensino acadêmico
Estímulo ao senso crítico
Atitude de cooperação
Integridade de vida
Visão Missionária

SUMÁRIO

Apresentação	08
---------------------------	----

ARTIGOS

PEDRA LAPIDADA: A Transformação de Pedro diante de suas falhas

Cut stone: the transformation of Peter before his faults

<i>João Wagi Marques</i>	10
--------------------------------	----

TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL: Uma proposta de cumprimento da grande missão de glorificar a Deus

Theology of Integral Mission: a proposal for compliance of the Great Mission to Glorify God

<i>Danielli Holz</i>	22
----------------------------	----

CONSELHOS DE PAULO ÀS MULHERES

Paul's Advices to women

<i>Marta Cristina Hoffmann</i>	41
--------------------------------------	----

ANÁLISE PANORÂMICA DA CARTA DE PAULO A FILEMOM

Analysis overview of the letter of Paul to Philemon

<i>Eleilton William de Souza Freitas</i>	51
--	----

O CONTEXTO MILITAR EM TORNO DO APÓSTOLO PAULO

The military context around the apostle Paul

<i>Edmar dos Santos Pedrosa e Claiton André Kunz</i>	65
--	----

O CHAMADO: CARACTERÍSTICAS DA VOCAÇÃO MINISTERIAL

The call: characteristics of ministerial calling

<i>Wagner Buteseke</i>	78
------------------------------	----

A GRANDE COMISSÃO: PASSADO E PRESENTE

The Great Commission: past and present

<i>Fabício Freitas</i>	98
------------------------------	----

DEMITOLOGIZANDO O DEMITOLOGIZADOR: EM BUSCA DA TEOLOGIA DE RUDOLF BULTMANN

Demythologizing the demythologizer: searching the theology of Rudolf Bultmann

<i>Willibaldo Ruppenthal Neto</i>	112
---	-----

BREVE HISTÓRIA DA ESCOLA DE ANTIOQUIA E SUA INFLUÊNCIA NA HERMENÊUTICA DA REFORMA PROTESTANTE

Brief history of the school of Antioch and its influence on the hermeneutics of the Protestant Reformation.

<i>Márcio Vinícius Bastos</i>	132
-------------------------------------	-----

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO NO MINISTÉRIO INFANTIL

Music as a teaching instrument in children's ministry

Jaqueline Nickel 145

RESENHAS

Refutação de críticas feitas ao Arminianismo

Claiton André Kunz..... 155

Razões para crer nas Escrituras

Marivete Zanoni Kunz 158

Princípios para desenvolver um ministério de sucesso que glorifica a Deus

Enylson Nahor Peno 162

Normas para publicação165

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que lançamos o primeiro número da nova revista acadêmica da Faculdade Batista Pioneira, *Ensaios Teológicos*. Disponível através de meio digital, é mais um instrumento de reflexão sobre assuntos teológicos, disponível tanto para estudantes como para pastores e líderes de diversas igrejas. Esta edição é composta por 10 artigos e 3 resenhas nas quais os autores trazem suas reflexões e contribuições a partir das pesquisas que desenvolveram em seus estudos acadêmicos.

O primeiro artigo, de autoria do estudante e pastor *João Wagi Marques*, tem como título “Pedra lapidada: a transformação de Pedro diante de suas falhas”, analisa as falhas do discípulo Pedro, mostrando que o Senhor o amava e que Pedro cresceu, embora tivesse errado muito. O autor também mostra que Pedro aparece muitas vezes cometendo erros, mas que também soube buscar Jesus resultando em transformação.

O segundo artigo, “Teologia da missão integral: uma proposta de cumprimento da grande missão de glorificar a Deus”, da estudante e missionária *Danielli Holz*, busca auxiliar na compreensão desta missão, a partir da prática e da ênfase que há no texto sagrado. A autora mostra a necessidade do corpo de Cristo estar atento ao ser humano em sua integralidade, bem como a tudo o que a Palavra orienta no cumprimento da missão deixada por Cristo.

O terceiro artigo, “Conselhos de Paulo às mulheres”, de *Marta Cristina Hoffmann*, também estudante e missionária, mostra que o apóstolo Paulo, na carta a Tito, deixou orientações para sua igreja, mas especificamente em 2.3-5 ele deixou orientações às mulheres idosas e como deveriam agir com as mulheres mais novas. A autora propõe-se examinar o texto e dele retirar princípios e ensinamentos para às mulheres na contemporaneidade.

O quarto artigo, do estudante *Eleilton William de Souza Freitas*, intitulado “Análise panorâmica da carta de Paulo a Filemom”, apresenta uma análise da carta de Filemom trazendo contribuições aos cristãos na contemporaneidade, especialmente no que diz respeito ao amor.

O quinto artigo do estudante *Edmar dos Santos Pedrosa* e o Dr. *Claiton André Kunz*, aborda o tema “O contexto militar em torno do apóstolo Paulo”. Os autores apresentam o militarismo romano do período paulino e mostram como isso influenciou na escrita do apóstolo. O mundo romano que envolveu a vida do apóstolo é apresentado como algo influenciador e que também moldou o ministério deste grande personagem bíblico.

No sexto artigo, do pastor *Wagner Buteseke*, trabalha o tema: “O chamado: características da vocação ministerial”. O autor enfatiza a relevância do tema para o ministério e prática eclesial, mostrando que cada chamado é singular e as experiências do indivíduo chamado não segue a um padrão, embora possa haver fatores comuns, no que diz respeito ao assunto. O autor também observa as diferenças e semelhanças, bem como características e consequências de um chamado.

O sétimo artigo é escrito por *Fabrcio Freitas*, gerente executivo da área de evangelismo da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. Neste artigo, o autor traz como tema “A grande comissão: passado e presente”, fazendo uma análise da ordem deixada na

Grande Comissão, destinada para todos os discípulos no passado bem como no presente. O texto é escrito com ênfase em alguns pontos tais como: a autoridade de Cristo em comissionar, a missão que deve ser realizada por todos e a resposta da Igreja, tanto a igreja neotestamentária quanto a contemporânea. O autor visa trazer um despertar e reflexão de cada indivíduo para esta tarefa de fazer discípulos.

O oitavo artigo, “Demitologizando o demitologizador: em busca da teologia de Rudolf Bultmann”, foi escrito pelo estudante *Willibaldo Ruppenthal Neto*. Este artigo procura refletir sobre a teologia de Bultmann, mostrando a importante e necessidade de se conhecer a teologia deste teólogo, considerado por alguns, como o maior teólogo do século XX.

O nono artigo, do professor *Márcio Vinícius Bastos*, “Breve história da escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da reforma protestante”, mostra um pouco da história da escola de interpretação que surgiu em Antioquia da Síria. Além de algumas informações de Antioquia e da escola de interpretação, o autor mostra as divergências entre esta escola e a de Alexandria. Finalizando, o autor mostra o que diferenciava a escola de Antioquia e sua interferência na hermenêutica da Reforma Protestante.

O décimo e último artigo, da estudante *Jaqueline Nickel*, tem como título “A música como instrumento de ensino no ministério infantil”. Neste artigo a autora busca instigar a prática da musicalização como meio de ensino no culto infantil das igrejas batistas. É enfatizado que a música é um recurso disponível que pode servir e beneficiar o ensino bíblico transmitido para crianças. A autora mostra que esse recurso pode trazer e melhorar o aprendizado da Bíblia no meio infantil.

Finalizando a edição da revista, os professores Claiton André Kunz e Marivete Zanoni Kunz, e o estudante Enylson Nahor Peno contribuem com resenhas de obras literárias lançadas recentemente.

Desejamos que esta revista seja mais uma ferramenta de auxílio para o meio teológico. Uma ótima leitura para todos.

Dr^a. Marivete Zanoni Kunz
Editora Responsável



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

PEDRA LAPIDADA: A TRANSFORMAÇÃO DE PEDRO DIANTE DE SUAS FALHAS Cut stone: the transformation of Peter before his faults

João Wagi Marques¹

RESUMO

Pedro foi um dos grandes discípulos de Jesus. Ele era aquele homem cheio de falhas e defeitos que Jesus escolheu para transformar. Cristo não estava interessado no que Pedro era, mas naquilo que ele iria se tornar. As falhas de Pedro estão visíveis nos evangelhos, é o discípulo que mais aparece errando, ao mesmo tempo é o discípulo que mais arrisca para ter um relacionamento com Jesus. Este artigo busca apresentar o crescimento que Pedro teve diante de suas falhas e como isso o transformou no discípulo que Jesus espera que ele fosse.

Palavras chave: Pedro. Discípulo. Crescimento pessoal. Fracasso. Relacionamento.

ABSTRACT

Peter was one of the biggest disciple of Jesus. He has a man with many faults that Jesus chosen to transform. Christ was not interested in what Peter was, but in what he would be. The Peter's fault are visible in the gospels and, in those, he is the disciple which appears missing at the same time he is the disciple which try more a relationship with Jesus. This article seeks to present the growth Peter had at his fault and how it transformed him to the disciple whom Jesus expected him to be.

Key Words: Peter. Disciple. Personal growth. Failure. Relationship.

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira de Ijuí e formado como Conselheiro sobre Drogas (Extensão Universitária) pelo SENAD (Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas) e UFSC. É pastor da Igreja Batista Pioneira em Lajeado. E-mail: joawagi@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O fracasso ou a falha são uma breve interrupção naquilo que se estava buscando fazer, um contratempo diante de toda a jornada da vida. Algo que acontece com todas as pessoas, independentemente da sua classe ou cor. As falhas, mais cedo ou mais tarde, aparecerão no caminho de cada um. A grande jogada é aprender com estas falhas e fazer delas um degrau para o crescimento.

Pedro foi um dos homens que mais fez isso, em cada falha ele conseguia rever suas atitudes e focalizar nas áreas do seu crescimento. Constantemente Jesus esteve com ele para ensinar onde deveria crescer em sua vida, e assim aprender com toda a situação, seja no mar, seja no jardim, seja no pátio do templo, Pedro, mais cedo ou mais tarde, cometia uma falha. Porém, no lugar de abandonar tudo, ele buscava lutar contra aquela falha e fazer deste momento uma experiência de crescimento.

As falhas indicam o quanto cada um está arriscando em sua vida, se não arrisca dificilmente irá ter uma falha, porém nunca descobrirá a maravilha de ter uma experiência com Cristo. Se Pedro falhou é porque ele estava disposto a ter uma experiência com o Senhor; isso era mais importante para ele, nem que para isso ele precisasse pagar um preço.

Muitas pessoas criticam Pedro por agir da maneira como agiu; mal sabem elas que estão pagando um preço muito maior quando decidem ficar em suas zonas de conforto do que arriscar a sua vida para ter uma experiência com Deus. A grande diferença de Pedro é esta: ele arriscava a sua vida por Cristo.

Quando as falhas chegam, algo que uma hora ou outra vai acontecer, pois é algo inevitável, é necessário fazer como Pedro: buscar crescer e ter uma visão aberta para entender que existe o outro lado, não o da falha, mas o do crescimento.

1. AS ATITUDES DE PEDRO

1.1 Sendo Pedro

Certo dia, quando Jesus estava andando perto do lago de Genesaré, uma multidão acompanhava o mestre para ouvi-lo. Jesus entra em um barco. Poderia ser uma coincidência, mas não para Cristo. Ele entra em um barco que pertencia a Simão e, a partir deste momento, a vida deste simples pescador mudaria para sempre. Jesus fala às pessoas, depois realiza uma pesca maravilhosa. Então esse pescador, dono do barco, no qual Jesus apenas entrara, reconhece sua grandeza e se prostra aos seus pés, reconhecendo quão pecador era (Lc 5.1-11). Quando Simão acreditara que era o fim, a experiência mais maravilhosa que já tinha tido, Jesus faz o grande convite, não um simples convite, mas aquele que mudaria radicalmente sua vida: “Não temas, Pedro, de agora em diante você será pescador de homens”. Foi a partir desse episódio que começava a nova vida de Pedro: de agora em diante Pedro, era discípulo de Cristo. Pedro conheceria Jesus de uma forma íntima, experimentaria sensações

inexplicáveis, veria o poder de Deus manifesto em sua vida. De agora em diante, Pedro se tornaria um dos discípulos mais chegados a Jesus.²

Não há como olhar para Bíblia e não notar Pedro, ele está lá, com todo o seu temperamento, com todo o seu jeito ao lado de Jesus. Em alguns momentos, é valente e corajoso; em outros, é medroso e fraco. Pedro provavelmente é um dos personagens mais queridos do Novo Testamento, é aquele que mexe com o coração do leitor, tudo por uma razão bem simples: seus defeitos são visíveis a todos³e as pessoas se identificam em Pedro, em sua vida.

Algumas vezes não se entende por que Jesus escolheria alguém tão difícil de lidar. Pedro era um sanguíneo e não há como negar isso. Ele não analisava muito suas ações antes de fazê-las; primeiro colocá-las em prática, depois pensar. Ele apenas age, por impulso ou não, e assim lança-se em uma crise e outra.⁴ Às vezes é difícil saber o porquê de Jesus ter escolhido Pedro, mas Cristo tinha um propósito e conhecia o temperamento de seus seguidores, dos homens que mudariam o mundo.

Pedro não era apenas uma fagulha, era uma explosão por completo, aquele que foi chamado de Rocha, é aquele que Cristo escolheu. Se nos evangelhos, Pedro enfrentou problemas pela sua personalidade, em Atos ele brilha com uma nova couraça. Jesus sabia que Pedro era uma rocha de formação lenta, e estava disposto a lapidá-la.⁵

Pedro era uma pessoa de personalidade forte, que acreditava em seus ideais, e estava disposto a lutar por eles, e, se fosse necessário, morrer por eles. Era o tipo de pessoa que se entregava com todas as suas forças àquilo em que cria.⁶ Era um discípulo dedicado, que buscava exercitar sua fé, que admitia sua ignorância e a própria pecaminosidade, e, quando tinha dúvidas, perguntava.⁷ Pedro é um dos discípulos que mais se sobressai nos Evangelhos, ele falava com mais frequência do que os outros discípulos, ele e o Senhor também conversavam mais amiúde; nenhum outro, além de Judas, teve reprovação tão severa, e nenhum outro teve, como ele, a ousadia de repreender o Senhor. Por outro lado, nenhum discípulo deu como Pedro testemunho tão arrojado de respeito e amor por Cristo, e nenhum outro recebeu louvor tão pessoal do Salvador.⁸

Não há como negar que Pedro foi um grande discípulo, que esteve presente em vários momentos com Cristo, mas há algo que intriga as pessoas quando leem os evangelhos. Se Pedro era tão forte, tão íntimo, o que o levou a errar tanto? O que fez com que Pedro afundasse, cortasse a orelha de Malco, negasse a Jesus? Tendo uma visão tão grande de Pedro, a grande pergunta que fica é: por que Pedro agiu da maneira como agiu?

² DEBARROS, C. Aramis. **Doze homens uma missão**. Curitiba: Luz e Vida, 1999, p. 249.

³ LAHAYE, Tim. **Temperamentos transformados**. Tradução de Elizabeth Stowell e Charles Gomes. 9.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1988, p. 25.

⁴ LAHAYE, 1988, p. 26.

⁵ COLEMAN, William. **Doze cristãos intrépidos**. São Paulo: Vida, 1986, p. 61.

⁶ BARBOSA, Ricardo; STEUERNAGEL, Valdir. **Nova liderança: paradigmas em tempos de crise**. Curitiba: Encontro, 2002, p. 68.

⁷ GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada**: a história de todos os personagens da Bíblia. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 1999, p. 525.

⁸ LAHAYE, 1988, p. 26.

1.2 O Pedro que escuta o galo cantar (Mt 26.69-75)

O texto onde Pedro nega a Jesus é um dos textos que têm intrigado muitos crentes. O que fez Pedro negar a Cristo? O que Pedro estava querendo quando foi até o Sinédrio? Certamente é uma passagem que levanta grandes suposições, grandes argumentos, ora defendendo Pedro, ora acusando-o da sua falha.

Jesus acabara de ser preso, Pedro há pouco havia cortado a orelha de Malco, e Jesus de uma forma miraculosa o cura. Neste momento Jesus é levado perante o Sinédrio para ser interrogado. É neste ponto que os evangelhos já não falam mais dos outros discípulos, apenas de João e Pedro, que ainda estavam acompanhando Jesus, de longe, mas estavam.

João, por ser conhecido, entra no Sinédrio e Pedro permanece no lado de fora juntamente com os soldados e criados do sumo sacerdote. Tanto Mateus como Lucas vão relatar o mesmo acontecimento. Uma semelhança bem interessante é que os dois relatam que Pedro ia seguindo Jesus de longe até o momento em que é acesa a fogueira (Mt 26.58; Lc 22.55).

1.3 A falha

Pedro está com frio, ele se dirige até a fogueira feita pelos empregados e guardas do sumo sacerdote. Ver Jesus sendo preso sem poder fazer nada é algo difícil de entender, o porquê de Jesus não reagir. Aquele que havia enfrentado os fariseus, expulsado os vendedores do templo, agora simplesmente não reage diante das acusações.

Diante de três perguntas, Pedro reage com a mesma afirmação, que nunca conhecera aquele homem. Poderia ser dito que Pedro é um covarde, mas pensando como Pedro, o que dizer que era discípulo de Jesus poderia mudar naquele momento? Ele estava pensando em algo para defender Jesus.⁹ Pedro ainda não conseguia entender o que Cristo queria, para ele Jesus devia estar preparando uma batalha, que atacaria de surpresa, e por isso se fazer de desconhecido era necessário para atacar no momento certo.¹⁰ Pedro está confuso, inseguro, sem saber o que fazer, mas ainda está ali. Era difícil permanecer naquele lugar sem dizer uma palavra, cada vez que vinham a ele perguntando se ele era um dos que andavam com Cristo, cada vez mais ele mesmo se manifestava e revelava que era um galileu.¹¹ Pedro jurou que não negaria a Cristo, mas naquele momento essas palavras não vinham a sua mente, e em uma situação delicada, ele o negou, não apenas uma vez, mas três vezes.¹²

Nessa altura Pedro falha. Falha por não permitir que o reconheçam como discípulo do Jesus que estava sendo julgado. Pedro não falha pelo simples fato de não ter dito nada, de não ter revelado quem ele era, mas porque continua a ver Jesus como o messias que ele

⁹ GODOI, F. N. **Simão Pedro**. Disponível em: <http://www.estudos-biblicos.com/sipedro.html>. Acesso em 19/03/2009.

¹⁰ CIANELI, Marcelo. **Pedro nega a Cristo**. Disponível em <http://www.emjesus.com.br/index.php?area=mensagens&acao=ler&article=157>. Acesso em 22/03/2010.

¹¹ BARBOSA; STEUERNAGEL, 2002, p. 71.

¹² CURY, Augusto. **O mestre dos mestres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006a, p. 33.

idealizava. Ele vê o discipulado apenas como um meio de ajudá-lo a vencer e compartilhar a vitória, e é nisso que Pedro falha.¹³

Pedro ainda não havia entendido o que Jesus estava fazendo ali, não tinha entendido que Jesus estava morrendo em seu lugar. Provavelmente, como Cianeli comenta, ele deveria estar pensando em algo para tirar Jesus daquele lugar. A falha de Pedro está em não seguir a Jesus no caminho da cruz, porque ele era incapaz de aceitá-la.¹⁴

Então, em um instante, Pedro ouve o cantar do galo, não um simples cantar, mas aquele que mostra o seu erro. No momento em que o galo cantou, Pedro lembrou-se das palavras do Senhor, ligou os acontecimentos com a profecia de Jesus sobre suas repetidas negações. Pedro ficou chocado e envergonhado pela sua vil ação e naquele momento teria dado a sua vida por Cristo se tivesse oportunidade.¹⁵ O cantar do galo, que rasgava a madrugada, trouxe a Pedro a esmagadora consciência sobre sua infidelidade que estava acontecendo naquele momento.¹⁶

Mas ainda não é o fim, Lucas tem algo em destaque, aquele momento, logo após o galo ter cantado Jesus olha para Pedro (Lc 22.61). Um olhar arrebatador, que fez Pedro lembrar do seu mestre, que fez Pedro entender o que havia feito. Jesus olha para Pedro não com desprezo, mas com um olhar cativante que o fez cair em si, Jesus previu a falha de seu discípulo não para condená-lo, mas para que ele conhecesse suas próprias limitações.¹⁷ Jesus fala através do seu olhar, que compreendia a fragilidade do seu discípulo querido, que em hipótese alguma o esqueceria, que o amaria para sempre, mesmo que Pedro o negasse inúmeras vezes, com este olhar Pedro caiu em si, entendeu o que estava acontecendo e, saindo daquele lugar, foi chorar amargamente.¹⁸

1.4 O Crescimento

Pedro chora amargamente, não um simples choro, mas de alguém que chora por sentir muito aquilo que havia feito. É um choro que mostra seu total arrependimento em face do que havia acontecido.

Jesus sabia que Pedro precisava aprender, que precisava deixar de ser autoconfiante e entender realmente o significava a cruz de Cristo. O crescimento que Pedro começou a experimentar no Getsemani, neste momento tem mais um degrau.

O olhar de Jesus desbloqueou a mente de Pedro e ele caiu em si. Cada gota de lágrima foi uma lição para sua vida, cada gota fez com que refletisse, nunca ele havia traído seus ideais e agora nesse momento ele havia traído seu grande mestre.¹⁹ No momento em que ele

¹³ BAUCKHAM, R.; HART, Trevor. **Ao pé da cruz**: reflexões sobre homens e mulheres que viram a crucificação. São Paulo: Mundo Cristão, 2000, p. 43.

¹⁴ BAUCKHAM; HART, 2000, p. 43.

¹⁵ CHAMPLIN, R. N. **O novo testamento interpretado “versículo por versículo”**. São Paulo: Hagnos, 2003, vol. 1, p. 615.

¹⁶ DEBARROS, 1999, p. 258.

¹⁷ CURY, Augusto. **O mestre da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006b, p. 62.

¹⁸ CURY, Augusto. **O mestre inesquecível**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006c, p. 134.

¹⁹ CURY, 2006c, p. 135.

começa a chorar, o seu coração se abre, sua vida passa por transformações. O choro é o relato de quão triste Pedro estava com o que havia feito, mas também o quão arrependido ele estava. Logo depois, Pedro saiu e foi embora, não se achava digno de entrar abertamente onde Jesus se encontrava.²⁰

Mas Pedro aprendeu e cresceu com toda esta história. Ele caiu para entendeu que precisava se tornar mais modesto, mais humilde e mais compassivo com os outros. O choro de Pedro transformou sua vida por completo. A partir disso, ele nunca mais negaria a Cristo, ao invés, confessaria Cristo diante de um Sinédrio.²¹

Com este episódio Pedro teve um crescimento em sua maneira de pensar, em sua maneira de agir. Durante um tempo Pedro vai pensar no que havia feito, vai analisar sua atitude. É nesse momento que Pedro entende que é ele quem precisa de Cristo para capacitá-lo a ser o discípulo que Jesus deseja que ele fosse, é só nesse momento que Pedro entende e descobre a graça de Deus no Messias crucificado e vai ser capaz de seguir a Jesus em todos os caminhos. É exatamente quando Pedro chora de arrependimento, que se inicia sua nova fase de discipulado. Ele entende que a cruz não fazia de Jesus um perdedor, mas o sacrifício pela sua vida. Pedro entendera a graça de Deus, com a falha ele percebeu que Jesus era seu libertador espiritual.²² Com um choro foi demonstrada a sinceridade de Pedro em seu arrependimento.²³

Mas o seu crescimento ainda não havia terminado. Apesar de Pedro entender que Jesus era o Messias, que Jesus era seu libertador espiritual, ele precisava continuar aquilo que Cristo mandou: fazer discípulos. Mas naquele momento Pedro não conseguia entender como seria possível continuar sem Jesus.

O que ele havia entendido é que, durante o tempo que andou com Jesus sua personalidade e seu temperamento estavam sendo transformado por Cristo, estavam sendo lapidados.²⁴ O cantar do galo ajudou a Pedro despertar e então perceber o que ele estava fazendo. O maior crescimento de Pedro foi reconhecer que a cruz na qual Jesus estava sendo pregado era dele, foi em entender que Jesus precisava ser o dono do seu coração e que ele precisa deixar de ser autossuficiente.

Pedro havia entendido quase tudo, só não sabia como continuaria sem Jesus, sem seu melhor amigo, sem seu mestre, aquele que ele mais amava. Não é difícil notar tal grau de tristeza que este homem estava, a ponto de voltar à pesca. Isso não significa que ele se esqueceu de Jesus, significa apenas que ele precisava que sua fé fosse restaurada, que sua vida fosse restaurada. As palavras “nunca vi esse homem”, ainda estavam presas em sua mente. O próprio Jesus sabia o que Pedro devia estar passando e desta maneira, o próprio Jesus vai restaurar a vida de Pedro e deixá-lo pronto para o ministério.

²⁰ CHAMPLIN, 2003, Vol. 1, p. 615.

²¹ HENRY, Matthew. **Comentário de Mateus**. In: MEYES, R. **E-Sword Bíblia digital**. Franklin, USA. Versão 9.5.1, 2009. Mt 26.69-75.

²² BAUCKHAM; HART, 2000, p. 43.

²³ LAHAYE, 1988, p. 38.

²⁴ CURY, Augusto. **O mestre da sensibilidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006d, p. 86.

2. A RESTAURAÇÃO DE PEDRO

O olhar de Jesus ainda assolava a mente de Pedro, a lembrança da negação diante de Jesus devia estar em seu coração. O olhar de Cristo fizera Pedro perceber, e mais do que isso se arrepender do seu pecado. Mas para ele era necessário ter uma vez mais um encontro com Jesus a ponto de poder pedir perdão sobre o que ele fizera. Pedro sentia muito pelo que havia feito e talvez a esperança de pedir perdão a Jesus pelo que fizera estava indo embora com a cruz.²⁵ Pedro havia se arrependido, mas era necessária uma restauração em sua vida, em sua caminhada, em sua posição diante dos outros discípulos.

Pedro estava pescando juntamente com os outros discípulos. Após não terem pego nada, voltam à praia e de longe avistam Jesus. Pedro não pode esperar até que o barco chegue à praia, ele salta do mesmo e vai ao encontro de Jesus. Depois de terem comido, depois de terem se aquecido ao redor das brasas, Jesus inicia a restauração em sua vida.

A cena parece familiar a Pedro. Noite fria ao redor da fogueira. Então Jesus profere três perguntas, Pedro negara Jesus três vezes. Jesus conhece Pedro e por isso ele precisava pensar muito bem em suas respostas, não havia como enganar o mestre, não havia como desviar a conversa, era o momento que Pedro havia esperado, mas ao mesmo tempo era difícil. Depois de um breve espaço de tempo, Pedro responde a Jesus: “Tu sabes todas as coisas, Tu sabes que eu te amo”. Nesse momento Pedro estabelece um novo relacionamento com Cristo. Jesus sabia de todas as coisas, sabia que Pedro era covarde, inconsistente, mas sabia que acima de tudo ele O amava.²⁶

Pedro havia negado a Cristo três vezes. Agora, Jesus estava dando a oportunidade de reparar de certo modo o que havia feito com uma tríplice confissão. A pergunta de Jesus, se Pedro amava mais a Ele do que a “estes”, era para que Pedro tivesse certeza do seu amor pelo mestre, de agora em diante não havia possibilidades de falhas, Jesus estava entregando a Pedro aquilo que Ele mais amava, suas ovelhas. No momento em que Jesus restaura a vida de Pedro, primeiro fazendo-o pensar se ele realmente amava a Cristo, Jesus faz uma restauração no coração desse discípulo. Pedro precisava entender que Jesus havia lhe perdoado, e que sempre o perdoaria. Mais do que isso, Jesus estava mostrando para Pedro a sua posição de líder, se sua negação foi diante de outras pessoas, neste momento Jesus também o restaura na frente dos discípulos. Jesus diz a Pedro que o amor que ele deve ter, não é apenas um sentimento, um cuidado, mas algo intenso, ardentemente, soberanamente, um amor perfeito, ao mesmo tempo em que o cuidado que Pedro precisa ter com suas ovelhas deve ser o mesmo.²⁷

Cada vez que Pedro confessa que ama o Senhor, Jesus lhe confiou apascentar os cordeirinhos, pastorear as ovelhas e apascentar as ovelhas. Assim, a tríplice negação de Pedro

²⁵ VOZ QUE CLAMA. **Pedro negou a Jesus mas a história não termina aí.** Disponível em <http://avozdoqueclama.blogspot.com/2007/08/pedro-negou-jesus-mas-historia-nao.html>. Acessado em 22/03/2010.

²⁶ BARBOSA; STEUERNAGEL, 2002, p. 73.

²⁷ HENRY, 2009, Jo 21.15-19.

foi contrabalanceada com uma tríplice afirmação de afeto, além disso, essa declaração também mostra a sua comissão a exercer autoridade e serviço espiritual sobre a igreja.²⁸

Jesus restaura não só o coração de Pedro, mas também o capacita para seu ministério. Apesar de todos os seus defeitos e falhas, Pedro amava Cristo verdadeiramente e não tinha vergonha de reconhecer esse amor, ele já havia confessado seu pecado e havia sido perdoado. No momento em que Jesus lhe pergunta se O ama, ele estava sendo restaurado ao apostolado e a liderança.²⁹

Jesus, depois de ter questionado a Pedro e ter dito que ele deveria cuidar do seu rebanho, profere palavras que vão agora confirmar a restauração na vida de Pedro: “segue-me”. Palavras parecidas com o seu chamado (Lc 5.10). Jesus estava apontando para Pedro qual era o caminho que ele deveria trilhar, mesmo que esse caminho representasse sua morte mais tarde. Nesse momento de fato Pedro estava disposto a morrer por Cristo. Neste momento Pedro entende que está sujeito ao Senhor, e assim, ele enfrentará caminhos desconhecidos para levar o nome do Senhor; “segue-me” é a parte final da restauração de Pedro.³⁰

A restauração de Pedro estava acontecendo, agora Jesus sabia que este homem poderia enfrentar qualquer coisa que jamais o deixaria, morreria pelo Seu nome. Pedro entendeu que o amor é a condição suprema para o caminho de Cristo, que esse amor deve concentrar-se na direção do Senhor bem como na direção das ovelhas entregue a ele.³¹ Pedro passou pela peneira, aquela pedra bruta, arrogante e segura de si dá lugar a um coração simples, amoroso, dependente e entregue. Jesus estava mais interessado nesta areia fina e frágil do que na pedra bruta. A pedra que Cristo escolhera para guiar a sua igreja estava lapidada para o trabalho. Pedro havia sido restaurado, uma restauração tão grande, que sua vida mudara por completo, ele estava pronto para o ministério, estava pronto para trilhar o caminho da cruz.³²

3. A LIÇÃO DE PEDRO

Pedro enfrentou muitos obstáculos até chegar onde Jesus queria que ele chegasse. Não foi fácil, afundou, cortou orelha, negou, mas ao mesmo tempo andou sobre as águas, sentiu o amor de Jesus, foi restaurado, cresceu e aprendeu muito como ser um verdadeiro seguidor de Jesus.

Mais do que isso, Pedro deixa uma grande lição para cada crente, algo que se pode olhar para sua vida e aprender com ele. Pedro sempre há de ser para as pessoas na difícil caminhada do cristianismo uma fonte de inspiração, afinal sua vida foi transformada de um modo que foi projetada para a eternidade, liberando das poderosas e pesadas correntes do pecado.³³

²⁸ CHAMPLIN, 2003, Vol. 2, p. 654.

²⁹ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica, 2006, vol. NT 1, p. 515.

³⁰ MACKINTOSH, H. C. **A restauração de Pedro**. Disponível em <http://www.verdade-viva.net/diversos/109-restauracao.html>. Acesso em 26/04/2010.

³¹ CHAMPLIN, 2003, Vol. 2, p. 654.

³² BARBOSA; STEUERNAGEL, 2002, p. 74-75.

³³ BARBOSA, Aloisio S. Celso. **Pedro de Betsaida**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983, p. 109.

Augusto Cury, em seu livro *o Mestre da Sensibilidade*, diz que Pedro brilhou na sua história porque aprendeu com os próprios erros. Sua personalidade foi tão grandemente lapidada que chegou a escrever duas epístolas impregnadas de riqueza poética e existencial.³⁴ Cada vez que se olha para Pedro, dá para notar o quanto ele se arrependia nos momentos de falha. Isso fazia Pedro crescer. Diferentemente de Judas, que não se arrependeu, Pedro buscava o Senhor logo após ter falhado. Quando hoje as pessoas buscam a Deus nas suas falhas, vão aprender a ver a vida, e mais do que isso vão aprender a crescer diante do Senhor assim como Pedro fez. Se Pedro jamais tivesse chegado e se prostrado aos pés de Jesus, jamais teria crescido. Se Pedro não tivesse deixado Jesus lapidar seu caráter, jamais teria se tornado o homem que se tornou.

Em muitos líderes hoje, ainda se encontra o velho Pedro. Admiram o poder, valorizam a grandeza, dão preferência aos mais competentes e auto-suficientes, gostam das pessoas fortes e independentes e são reflexos do velho Pedro em ação.³⁵ Quando se olha para o novo Pedro, pode ser notado que ele mesmo deixou toda a sua conduta de vida de lado para seguir aquilo que Cristo queria. No lugar do homem que tomava as decisões, ele deixou Jesus conduzir a sua vida, até mesmo na morte. Pedro ensina para todos que Cristo precisa ser de fato o Senhor de sua vida, ensina que no momento em que cada um age pelos seus interesses, não consegue entender o que Cristo quer, não consegue perceber o quão longe está do Senhor.

Se existe alguém que lutou, alguém que procurou estar ao lado de Jesus e que demonstrava o quanto o amava, este alguém se chama Pedro. Embora muitas pessoas olhem para ele como um grande fracassado, como um grande homem que errou, existe outra verdade, existe o outro lado de Pedro, lado este que o fez arriscar, o fez defender tudo porque amava seu mestre.

Pedro deixa uma grande lição para todos. Primeiro de que é necessário arriscar na vida espiritual, sair do “barco” em que cada um se encontra, e se lançar ao encontro de Jesus. Pedro ensina que mesmo que a tempestade esteja forte, o olhar deve estar sempre fixo no Senhor, pois o desvio desse pode levar a uma grande falha. Pedro descobriu que não há melhor lugar do que estar ao lado de Jesus, que Cristo é de fato o filho de Deus e é o Senhor do mar e do vento.

Pedro ensina que é preciso defender a Jesus, embora ele tivesse entendido o Messias de uma forma errada, ele defendeu, pois amava Cristo. Hoje, no mundo moderno, Jesus está sendo ridicularizado, está sendo esmagado pelas pessoas e ninguém tem feito nada. Fala-se tanto que Pedro falhou, mas os crentes de hoje fazem a mesma coisa, precisam defender Jesus em suas vidas.

Pedro foi um homem que experimentou o amor, o perdão de Jesus de uma maneira tão intensa, que ele nunca mais se desviou dos caminhos do mestre. Ensina que, por mais que existam as falhas, acima delas está o amor e o perdão de Cristo, que remove qualquer palavra, remove qualquer pecado.

³⁴ CURY, 2006d, p. 87.

³⁵ BARBOSA; STEUERNAGEL, 2002, p. 75.

Pedro aprendeu que precisava deixar sua vida nas mãos de Jesus para ele lapidá-lo da maneira como o Senhor quisesse, e só assim ele viria ser um verdadeiro discípulo. Ensina que cada cristão precisa fazer o mesmo, que da mesma forma Jesus quer moldar cada vida para sua obra, que existem muitas coisas que precisam ser retiradas dos corações, e somente Jesus pode fazer isso, somente Cristo pode transformar a pedra em uma obra prima.

Existe outro lado de Pedro que as pessoas não costumam ver, um lado que é escondido pelo pessimismo e pelo negativismo. Da mesma maneira existe outro lado na vida de cada um. Apesar de todas as falhas que são enfrentadas no dia a dia, a maior lição que Pedro deixa é que existe o lado do crescimento, e é nesse lado que cada pessoa precisa se focar. Se por um momento cada um falhar, ao mesmo instante o arrependimento precisa brotar em seus corações, era isso que Pedro fazia.

Basta olhar para vida de Pedro e será descoberto um grande homem, não porque nunca falhou, mas porque em cada falha ele via o crescimento que Jesus lhe proporcionou. Seria ótimo crescer sem falhar, mas as falhas o ajudaram a crescer.

Assim como Bill Hybels diz que cada um precisa querer ser como Pedro, que não se contentou em ficar em um barco e ter uma vida simples, mas teve coragem para enfrentar as situações e querer ir ter um encontro com Jesus.³⁶ Assim precisa ser a vida do cristão, que busca ter experiências com Cristo e deste modo mudar o curso da sua vida radicalmente.

Pedro aprendeu com suas falhas, e deixa a lição de que cada pessoa precisa aprender também. Pedro fez uma escolha. Mark Hall e Steven Curtis Chapman na composição de uma música intitulada "*voice of truth*" tentam mostrar a escolha que Pedro fez.

Oh, o que eu faria para ter
O tipo de Fé necessária
Para sair desse barco que estou?
De encontro às ondas

Dar um passo para fora da minha zona segura
Para dentro do mundo desconhecido onde Jesus está
E Ele está estendendo sua mão

Mas as ondas estão gritando meu nome
E rindo de mim
Lembrando-me de todas as vezes
Que eu tentei antes e falhei
As ondas continuam contando-me
Repetidamente: "Menino, você nunca vencerá",
"Você nunca vencerá".

Mas a voz da verdade me conta uma diferente história
A Voz da Verdade diz: "Não tenha medo"
E a Voz da Verdade diz: "Isto é para minha Glória"
De todas as vozes que me falam

³⁶ HYBELS, Bill. **Liderança corajosa**. Tradução de James Monteiro dos Reis. São Paulo: Vida, 2002, p. 211.

Eu escolherei obedecer e acreditar na Voz da Verdade”.³⁷

Pedro escolheu ouvir a voz da Verdade, escolheu deixar ser moldado pelo Senhor. A grande lição, é que é necessário olhar para as falhas e crescer com elas, crescer sempre, para cada dia se tornar mais parecido com Cristo, e nunca esquecer que na vida o que mais importa, não é o que nós somos, mas quem seremos após Jesus ter nos lapidado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Aloisio S. Celso. **Pedro de Betsaida**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. 239 p.

BARBOSA, Ricardo; STEUERNAGEL, Valdir. **Nova liderança: paradigmas em tempos de crise**. Curitiba: Encontro, 2002. 202 p.

BAUCKHAM, R.; HART, Trevor. **Ao pé da cruz: reflexões sobre homens e mulheres que viram a crucificação**. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.

CHAMPLIN, R. N. **O novo testamento interpretado “versículo por versículo”**. São Paulo: Hagnos, 2003. 6 vol.

CIANELI, Marcelo. **Pedro nega a Cristo**. Disponível em <http://www.emjesus.com.br/index.php?area=mensagens&acao=ler&article=157>. Acesso em 22/03/2010.

COLEMAN, William. **Doze cristãos intrépidos**. São Paulo: Vida, 1986. 176 p.

CURY, Augusto. **O mestre dos mestres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006a. 187 p.

CURY, Augusto. **O mestre da vida**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006b. 166 p.

CURY, Augusto. **O mestre inesquecível**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006c. 186 p.

CURY, Augusto. **O mestre da sensibilidade**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006d. 173 p.

DEBARROS, C. Aramis. **Doze homens uma missão**. Curitiba: Luz e Vida, 1999. 338 p.

GARDNER, Paul. **Quem é quem na Bíblia Sagrada: a história de todos os personagens da Bíblia**. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 1999.

GODOI, F, N. **Simão Pedro**. Disponível em: <http://www.estudos-biblicos.com/sipedro.html>. Acesso em 19/03/2009.

HYBELS, Bill. **Liderança corajosa**. Tradução de James Monteiro dos Reis. São Paulo: Vida, 2002. 250 p.

LAHAYE, Tim. **Temperamentos transformados**. Tradução de Elizabeth Stowell e Charles Gomes. 9.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1988. 125 p.

³⁷ HALL, Mark; CHAPMAN, Steven Curtis. **Voice of truth**. Música de Casting Crows.

MACKINTOSH, H. C. **A restauração de Pedro**. Disponível em <http://www.verdade-viva.net/diversos/109-restauracao.html>. Acesso em 26/04/2010.

MEYES, Rick. **E-Sword Bíblia digital**. Franklin, USA, 2009. Versão 9.5.1

VOZ QUE CLAMA. **Pedro negou a Jesus mas a história não termina ai**. Disponível em <http://avozdoqueclama.blogspot.com/2007/08/pedro-negou-jesus-mas-historia-nao.html>. Acessado em 22/03/2010.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo**. Santo André: Geográfica, 2006. 6 vols.

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL: UMA PROPOSTA DE CUMPRIMENTO DA GRANDE MISSÃO DE GLORIFICAR A DEUS

Theology of Integral Mission: a proposal for compliance of the Great Mission to Glorify God

Danielli Holz¹

RESUMO

O presente artigo, através do método bibliográfico, visa contribuir na compreensão desta tão nobre missão, que é a de glorificar a Deus, vivendo corretamente o papel que designou à igreja. A partir da compreensão de alguns conceitos por autores diversos e principalmente das Escrituras, propõe-se a contextualização destes conceitos para que sejam vividos na prática da igreja. Com vistas a atender o sujeito como um todo, a igreja deve se atentar ao Evangelho como um todo para o cumprimento de sua grande missão. O artigo é inspirado a partir das argumentações desenvolvidas no Pacto de Lausanne.

Palavras-chave: Missão Integral. Igreja. Prática.

ABSTRACT

This article, through biographical method, intends to contribute about the understanding of such noble mission, which is to glorify God by living righteously the role that He has given to His church. On the basis of some understanding of concepts from several authors, and mainly on the Bible, it's aimed to contextualized these concepts, so they can make part of church's life in a practical way. Taking into account to attend people as a whole, church must also be aware of the Gospel as a whole, to accomplish its great mission. This article was inspired on the basis of argumentation featured on the Lausanne Covenant.

Keywords: Integral mission. Church. Practice.

¹ Bacharel em Administração pela FARESE e em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, mestranda em Teologia pela FABAPAR. A autora é obreira na Igreja Batista em Ajuricaba/RS. E-mail: d-holz@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A teologia da missão integral está ainda em seu processo de formação. Tem por principal pensador o teólogo René Padilla.² Partindo do pressuposto de que cada forma de interpretação dependerá de um “óculos interno”, digo, uma forma de leitura pessoal, com a teologia da missão integral não é diferente. Do mesmo modo que Jürgen Moltmann mudou os “óculos” da teologia para ler a realidade, que anteriormente utilizava a filosofia, trabalhando em cima dos conceitos antropológicos, de lógica, de ética, de estética, etc, utilizando-se da sociologia marxista, dizendo então que a nossa escatologia em muito se parece com esta teologia, afinal no Novo Céu e na Nova Terra também não tem classes sociais, todos são proletários, etc. Os principais adeptos da teologia da missão integral utilizam-se, de modo geral, da interpretação ortodoxa; no entanto, existem aqueles que fazem uso das ciências sociais. A teologia da missão integral também é uma teologia da práxis, afinal procura perceber o problema e propor uma solução. É uma teologia ortodoxa por não mexer nos princípios básicos, como a bibliologia, vista como Palavra de Deus. No tocante à soteriologia, também não há nenhuma diferenciação à interpretação ortodoxa. Mas é bastante dirigida pela teologia das ciências sociais, uma vez que tem por prioridade a transformação do mundo. Esta teologia tem por característica propor soluções bastante práticas, que se concretizarão através da igreja. Falar sobre igreja certamente é um grande desafio. Mas em se tratando de teologia da missão integral, é essencial que se entenda o contexto atual, a igreja hoje.

Na dimensão missiológica, a Missão Integral, surgida dentro da Fraternidade Teológica Latino-Americana, propõe um novo paradigma de missão para a igreja cristã, que até o momento era visto como o mero anúncio da Palavra de Deus em algum país estrangeiro. Segundo Padilla,

A TMI [Teologia da Missão Integral] não é uma teologia com a pretensão de abarcar todos os temas de um sistema teológico completo, como é o caso, por exemplo, da “Instituição da Religião Cristã”, de João Calvino. É, na verdade, uma aproximação à fé cristã que tenta relacionar a revelação do Deus trino com a totalidade da criação e com todo aspecto da vida humana, e tem como propósito a obediência da fé para a glória de Deus.³

Especialmente no Brasil, infelizmente, quando alguém se diz membro de uma denominação cristã, não há mais a conotação de respeito e segurança como se deveria. Os que assim se denominam têm falhado no aspecto da observação e obediência genuína à Palavra de Deus, o que obviamente refletirá numa imagem distorcida a respeito do que o Pai ensinou, bem como sua comissão dada aos servos. Quem sabe isto se dê por falta de

² René Padilla: Doutor em Novo Testamento pela Universidade de Manchester. Foi Secretário Geral para América Latina da Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos e, posteriormente, da Fraternidade Teológica Latino-americana. Tem dado conferências e ensinado em seminários e universidades em países da América Latina e ao redor do mundo. Atualmente é o Presidente Honorário da Fundación Kairós, em Buenos Aires, e tem vários livros publicados em diferentes idiomas. É equatoriano e vive na Argentina.

³ PADILLA, René. **10 perguntas fundamentais sobre Missão Integral**, 28 ago. 2014. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/10-perguntas-fundamentais-sobre-missao-integral>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

conhecimento e interesse de Suas vontades, bem como falta de temor do Senhor. Não se pode mensurar nem fazer uma constatação correta disto, no entanto são claros e bem visíveis os resultados. Seu reflexo está em uma sociedade sem valores, sem princípios e individualista. Isto certamente vai contra a Sua Palavra, visto que deixou como legado o amor a Ele primeiramente e também ao próximo (Mt 22. 37-39) e amor requer ação.

A igreja foi criada com um propósito, uma missão. Falar da igreja cumprindo sua missão de forma integral é um desafio enorme, porém somente a partir do cumprimento de sua missão é que ela se tornará efetivamente relevante, isto é, fará a diferença sendo “sal da terra e luz do mundo”. A teologia da missão integral foi incitada também com o Pacto de Lausanne, que leva o cristão a observar o homem como um todo e levar a ele o evangelho como um todo. Igreja como agente de transformação. Se Deus é poderoso em transformar vidas, e a ferramenta que utiliza para tal, de modo geral, são Seus filhos, é necessário se pensar sobre esse poder, essa transformação. Muitos estudos têm se realizado a respeito da igreja e sua missão integral, levando sempre em consideração que a igreja só é relevante devido a sua missão, tema que se torna, no mínimo, interessante.

A missão integral da igreja é de grande nobreza; não bastando, ela é de cunho vital para a humanidade, o que quer dizer que com essa atitude por parte da igreja muitas vidas podem ser resgatadas pelo poder de Deus. Fique bem claro que a igreja é apenas uma “ferramenta” que recebeu privilegiadamente a oportunidade de refletir o amor do Pai, o que torna a sua teologia atrativa. Diante disto, este artigo tem por interesse tratar deste assunto sob uma ótica bastante prática, objetivando apresentar como se dá o seu possível desenvolvimento, já que foi ordenado pelo Senhor desta missão, Cristo Jesus.

Tratar do assunto torna-se relevante por ser um trabalho direcionado àqueles que pretendem vivenciar essa realidade, cumprir a missão de forma integral e fazer com que a igreja seja legitimamente igreja.

Muitos dos escritores que defendem a teologia da missão integral tendem à misericórdia, deixando de lado tantos aspectos igualmente importantes a isso.

1. A TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL E SUA PRÁTICA ATRAVÉS DA IGREJA

A igreja tem a tendência de elaborar uma autoimagem a partir de suas estruturas e assim imagina o mundo a partir dela mesma. De sua estrutura fracionada, tem uma teologia denominacional e fragmentada, e acaba por não experimentar a unidade formal, vendo tanto a igreja quanto os povos como uma série de pedaços separados e estanques. A unidade é a forma da igreja pela perspectiva bíblica e a fragmentada é forma que a realidade vista dá à igreja. Tem se pregado um Deus que não se posiciona e um Cristo que não toma partido.⁴ Infelizmente, há atualmente uma supervalorização do crescimento numérico da igreja. São igrejas que frequentemente esquecem que o Novo Testamento não está centralizado nos resultados ministeriais. Estão tão voltadas a si mesmas que se distanciam do mundo e

⁴ MONTEIRO, Marcos Adoniram Lemos. **Um jumentinho na avenida**: a missão da igreja e as cidades. Viçosa: Ultimato, 2007, p. 18-20.

priorizam o desenvolvimento de sua comunidade com vistas a tornarem-se megaigrejas. Parece que a missão principal da igreja é o seu crescimento numérico. Não há mais a preocupação com a integridade do Evangelho como, por exemplo, encontrado no ministério de Paulo. Este, por sua vez, sentia que sua missão havia sido concluída quando houvesse “uma comunidade que reconhecesse Jesus como supremo Senhor da vida”.⁵

A teologia da missão integral atenta-se sempre ao fato de que a igreja deve cumprir com os seus propósitos e objetivos designados por Deus e não segundo suas próprias opiniões formadas através de sua autoconcepção como igreja, afinal realizando suas funções básicas é que terá vitalidade e força. Caso isto não aconteça, esta será uma igreja espiritualmente doente, não sendo o que o Senhor pretendeu através dela.⁶ O crescimento deve acontecer, afinal faz parte da vida e deixar de crescer significaria deixar de existir, porém nem todo crescimento é saudável para o organismo. Uma igreja que só cresce em diaconia, por exemplo, se converterá em ativismo social. Por isso, para que haja um bom desenvolvimento da igreja e para que cumpra sua missão de forma integral, Costas, que é também figura importante na defesa da teologia da missão integral, vai dizer que é necessário que ela esteja saudável em quatro dimensões especialmente:

numérico (o mais básico, refere-se à reprodução e incorporação de novos membros à comunidade); *orgânico* (o desenvolvimento da liderança da igreja, de sua forma de governo, administração, recursos e talentos); *conceitual* (o desenvolvimento da compreensão da fé cristã, existência e razão de ser, conhecimento das Escrituras, vocação na sociedade, compreensão da história e interação com o contexto ao redor) e *diaconal* (a intensidade do serviço prestado ao mundo, participação na vida, conflitos e temores da cidade, desenvolvimento na qualidade do serviço que ajuda a aliviar as dores humanas e transformar as condições sociais ao redor).⁷

Estas dimensões foram traduzidas por *adoração, edificação, evangelismo e misericórdia* pela teologia da missão integral. A autêntica igreja certamente vai apresentar estas características, de modo que consiga cumprir com sua missão de forma integral. São muitos os aspectos e as características que devem ser avaliadas quando se trata do cumprimento de sua missão como um todo, mas, tendo uma visão direcionada à igreja como parte do Reino de Deus, pode-se entender que a missão integral será realizada a partir destes quatro ministérios específicos, que atentam tanto para o homem de forma integral, quanto e especialmente ao Evangelho de forma integral.⁸ Para que se concretize a missão da igreja de forma integral, é primordial que estas dimensões caminhem simultaneamente, desenvolvendo-se ao mesmo tempo. Quando se centraliza a vida, morte e ressurreição de Jesus, deve-se abandonar

⁵ MUZIO, Rubens. **Crescimento, um fenômeno complexo**: o aumento do número de evangélicos é termômetro para atuação de Deus no Brasil? Liderança hoje, etc. Igreja, São Paulo, n. 38, 2012, *passim*.

⁶ MARTINS, Jaziel G. **Manual do pastor e da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2002, p. 17-18.

⁷ MUZIO, 2012, *passim*.

⁸ GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. Tradução de Norio Yamakami e outros. São Paulo: Vida Nova, 1999, p. 726.

qualquer tipo de ênfase a projetos e sucessos pessoais, contanto que se visualize a vinda do Reino e a consumação da história de Cristo. O que vai importar, digo, o que deve ser importante é primariamente a glória de Deus, sendo completamente secundário o desenvolvimento saudável da igreja.⁹

1.1 Missão com relação a Deus: adorar.

Deus procura adoradores que o adorem em espírito e em verdade (Jo 4.23, 24). Esta é a função primordial e mais óbvia da igreja: dar honra a Deus. É a relação vertical do homem com Deus. Uma homenagem a este Deus por sua majestade, poder, santidade, bondade, retidão e providência em favor dos homens, além de tantos outros atributos do Senhor. A adoração quer dizer “cultuar, orar, rogar, venerar, homenagear” o Deus todo poderoso, e assim a igreja poderá honrá-lo. No período neotestamentário, a igreja se reunia para adoração e instrução e seguidamente saíam para evangelizar. Dá a lição de que se o culto for voltado primeiramente para evangelização ou interação dos cristãos, a adoração poderá ser prejudicada. Além disso, a Adoração é apresentada na Bíblia como fundamental, tanto aqui na terra como também no céu (Ap 4.8-11; 5.11-14; 7.9-12).¹⁰

A adoração não é um preparo para algo que posteriormente viria, mas ela é um fim em si.¹¹ Encontram-se na Bíblia alguns elementos fundamentais: no Antigo Testamento encontra-se o louvor, a oração, a leitura da Lei e a oferta; no Novo Testamento tem louvor, leitura da Palavra de Deus, oração, oferta e prática das ordenanças (Batismo e Ceia).¹² Paulo deixou o mandamento de ser cheios do Espírito Santo e de estar “entoando e louvando de coração ao Senhor” (Ef 5.16-19).¹³ Logo, não se trata de reverenciar a memória de alguém, mas é ter a presença de Cristo na adoração e há também a divina presença do Espírito Santo, que “dinamiza a adoração santificando, inspirando oração e louvor, conduzindo o fiel à verdade divina, capacitando a igreja com dons espirituais e convencendo os incrédulos do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 4.24, Fl 3.23, Rm 8.26-27; Ef 5.18-19; 1 Co 2.10-13; Rm 12.4-8; Jo 16.8; 1 Co 14.12-16).¹⁴

Por fim, a igreja é um grupo ou comunidade de sacerdotes que levam a Deus sacrifícios de louvor. O termo grego *latreia*, que significa serviço ou ministério, apresenta a responsabilidade de oferecer adoração. Frequentemente cristãos vão ao culto com o pensamento: “o que vou ganhar com isso?” enquanto que o pensamento deveria ser “O que posso dar (a Deus) neste culto?”. A adoração cristã no início era marcada pelo cuidado de uns aos outros, pela participação congregacional (At 2.42-47; 4.32-35), o que resulta em encorajamento e edificação em Cristo (Ef 4.12-16), o que deverá constituir um estilo de vida

⁹ MUZIO, 2012, *passim*.

¹⁰ MARTINS, 2002, p. 18-19.

¹¹ GRUDEM, 1999, p. 726-727.

¹² MARTINS, 2002, p. 19.

¹³ GRUDEM, 1999, p. 726-727.

¹⁴ MARTINS, 2002, p. 19.

em que “tudo o que fizerdes, seja em ação, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por ele graças a Deus Pai” (Cl 3.17).¹⁵

Enfim, a adoração é a maneira mais direta pela qual a igreja pode honrar a Deus, e deve cumprir a missão não apenas de adorar, mas levar outros também a adorá-lo mediante a transformação de suas vidas. Sem transformação de vida, sem o nascer de novo, não há adoração. Ninguém é capaz de adorar a Deus por si só, sem a entrega de sua vida ao Pai. Além de visar à grandeza de Deus, a adoração também traz benefícios aos adoradores. Neste intuito, Paulo recomenda que nas reuniões tudo seja feito com ordem e inteligência, para que todos sejam edificados (1 Co 14.15-17).¹⁶

1.2 Missão com relação aos cristãos: edificar.

A comunhão dos cristãos é ligada à glorificação a Deus: “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos escolheu para a glória de Deus” (Rm 15.7).¹⁷ Para a teologia da missão integral, a Bíblia é clara ao dizer que é obrigação da igreja “alimentar” os irmãos de fé, edificando-os para que alcancem a maturidade cristã. Em Colossenses 1.28 diz: “A Ele, portanto, proclamamos, aconselhando e ensinando a cada pessoa, com toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Cristo”. Observa-se que Paulo não queria apenas levar as pessoas à fé salvífica, mas fazê-las alcançar a maturidade diante de Cristo. Menciona também que este é o objetivo de Deus ter concedido os dons à Sua igreja, com o fim de que “todos cheguemos à unidade da estatura plena de Cristo” (Ef 4.12-13).¹⁸

Esta edificação dos cristãos se dá através da comunhão. O termo grego originário para a palavra comunhão é *Koinonia*, que, segundo Martins e muitos outros autores, significa participar juntos de alguma coisa. Este termo grego trazia a ideia de companheirismo, contribuição. Esta comunhão está diretamente ligada à adoração, isto é, tem por base a participação do cristão na vida de Deus (1 Jo 1.3-7). Isto explica também o motivo por fazerem parte da comunhão somente aqueles que perseveravam na doutrina dos apóstolos (At 2.42; Gl 1.8-9); já os que se desviavam do exemplo cristão eram excluídos da comunhão (1 Co 5.4-5).¹⁹ Esta manifestação do exemplo cristão tinha algumas características, que são: “levantamento de ofertas para ajudar os necessitados (Rm 15.25-26; 2 Co 8.1-4; 9.1, 2), a hospitalidade (Hb 13.2; 1 Pe 4.9), suportar as cargas uns dos outros (Gl 6.2), encorajamento mútuo (Hb 10.25) e oração uns pelos outros (Fl 1.19)”.²⁰

Isto tudo se dava por haver o substantivo *agape*, amor sacrificial, abnegado pelos irmãos (1 Co 13; 1 Jo 3.16), uma forma de levar o mundo a ter fé na mensagem de Cristo (Jo 17.23).

¹⁵ MILNE, Bruce. **Estudando as doutrinas da Bíblia**. Tradução de Neyd Siqueira. 3.ed. São Paulo: ABU, 2005, p. 229.

¹⁶ SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática**. 4.ed. Curitiba: A.D. Santos, 2008, p. 403-404.

¹⁷ MILNE, 2005, p. 231.

¹⁸ GRUDEM, 1999, p. 727.

¹⁹ MARTINS, 2002, p. 19 – 20.

²⁰ SEVERA, 2008, p. 406.

O amor de Jesus no Calvário, repleto de humilhação, perdão, de preço bem alto, que caracteriza a igreja que honra a Deus em qualquer geração, é o *agape*.²¹

1.3 Missão com relação ao mundo: evangelização.

Euangelizomai significa anunciar o *euangelion*, ou seja, as boas novas. Esta palavra é utilizada apenas uma ou duas vezes no Novo Testamento para dar notícias comuns. Porém, regularmente o verbo está associado às boas novas cristãs. Todos devem ouvi-la e ouvi-la bem. Ralph Winter, em uma análise, encontra evangelismo sob três perspectivas diferentes: “E-1”, “E-2” e “E-3”. Assim, E-1 significa “compartilhar o evangelho com outros da mesma língua e cultura”; E-2 diz-se do levar o evangelho àqueles de “cultura ou língua semelhantes à sua”; enquanto que o E-3 “é uma atividade transcultural”. Independente da forma, o que importa é que o Evangelho seja anunciado.²²

A evangelização se dá no ato de cumprir a chamada “grande comissão” (Mt 28.19) deixada por Jesus, que, certamente, é o principal ministério da igreja em relação ao mundo.²³ Isso é citado no próprio Pacto de Lausanne²⁴, que foi um dos impulsionadores da teologia da missão integral, que diz: “na missão eclesial de serviço sacrificial o evangelismo é fundamental”. Isto leva a pensar principalmente que o cristão deve sentir compaixão e dor na consciência especialmente por aqueles que carecem da liberdade em Deus pela ignorância e rejeição do Evangelho.²⁵ Jesus chama a todos para segui-Lo, e este chamado tem um objetivo específico: a participação na missão de Jesus. Essa missão se especifica na imagem da pesca. Jesus convida os seus discípulos a serem pescadores de homens. Porém, Jesus não foi o primeiro a se utilizar desta metáfora, antes mesmo, no Antigo Testamento, Deus é visto como pescador, como por exemplo nos textos de Ez 29.4; Hc 1.14-15. Costas trata da importância deste chamado à pesca de forma bastante interessante, ressalta a prioridade de se estar perto de Jesus, como segue:²⁶

De modo que fazer discípulos não é simplesmente conduzir a homens e mulheres a seguir a Jesus, sendo também capacitados para se converter em canais de sua graça. A promessa de transformar a Simão, André, João e Tiago em pescadores de pessoas, dando continuidade à missão de Jesus mediante a vida e ministério dos discípulos, que assim se fizeram a partir de seu ministério. Agora podemos ver a importância de ficar perto dele. Porque assim como Jesus havia sido enviado para ser canal pelo qual a graça salvífica

²¹ MILNE, 2005, p. 231.

²² STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010, p. 46.

²³ GRUDEM, 1999, p. 727.

²⁴ O Pacto de Lausanne é um documento produzido durante congresso em 1972, que contou com cerca de 2.700 participantes, vindos de diferentes regiões do planeta, que foi com certeza um marco que já moldou mais de uma geração de líderes da igreja de vários continentes. Ele estabeleceu paradigmas para a vivência de nossa fé que procuravam evitar o horizonte fechado do fundamentalismo, lançando assim pontos de partida importantes para reflexão e ação da igreja evangélica no mundo todo. (O Pacto de Lausanne está em anexo). STOTT, J. **Pacto de Lausanne comentado**, p. 9-10.

²⁵ STOTT, 2010, p. 43.

²⁶ COSTAS, Orlando. **Compromisso y mision**. Coleção CELEP. Miami: Caribe, 1979, p. 53.

de Deus se pôs à disposição da humanidade inteira, assim também os discípulos haviam de se converter em canais, mediante os quais a mensagem divina de graça poderia chegar até os confins da terra. Assim como Jesus era o Pescador por excelência, assim também eles haviam de se converter, por meio dele, em pescadores de seres humanos.²⁷

1.4 Missão com relação aos cristãos e ao mundo: misericórdia.

O Dicionário Ilustrado da Bíblia, de Youngblood, diz que a misericórdia é a “faceta do amor de Deus que faz com que ele ajude os aflitos, da mesma forma que a graça é a faceta do seu amor que o leva a perdoar os culpados”. O ser humano passa por sofrimentos, e estes podem ser decorrentes a consequência da transgressão da lei de Deus, ou por circunstâncias que fogem de seu controle. Deus, em sua infinita misericórdia, demonstra sua compaixão por aqueles que quebram a sua Lei (Dn 9.9; 1 Tm 1.13,16), e mostra claramente que ela não é merecida, ela é seletiva (Rm 9.14-18). Efésios 6.4-6 deixa claro que a misericórdia de Deus vai além da suspensão do castigo, isto apenas livraria do inferno, mas não levaria para o céu.²⁸

Deus mostra sua misericórdia àqueles que sofrem aflições devido a circunstâncias que não podem evitar. Denota-se especialmente isto através do ministério de Jesus Cristo, o Senhor. Curou cegos (Mt 9.27-31; 20.29-34) e leprosos (Lc 17.11-19), o que foi fruto de misericórdia e compaixão. Certo que um Deus tão misericordioso espera que seus filhos também o sejam (Mt 5.7; Tg 1.27).²⁹

Embora a ênfase no Novo Testamento esteja na ajuda àqueles que já fazem parte da igreja, não se deve negligenciar o ensino de Jesus quanto à ajuda aos descrentes, ainda que não haja nenhum retorno de aceitação da mensagem do Evangelho ou mesmo de gratidão, como descrito em Lucas 6.35-36.³⁰

Concluindo, amai os vossos inimigos, fazei o bem e emprestai, sem se desesperar por receber de volta. Então, sendo assim, grande será o vosso prêmio, e sereis filhos do Altíssimo. Porquanto Ele é bondoso até mesmo para com os ingratos e ímpios. Sede misericordiosos para com os outros, assim como vosso Pai é misericordioso para convosco.

Esta é uma das principais defesas da teologia da missão integral. Diz que a ênfase de Jesus é que deveríamos aprender com o amor de Deus. Em seu ministério, Jesus realizou muitos milagres e curas sem que houvesse um retorno de aceitação como Messias, mas “Ele os curou, impondo suas mãos sobre cada um deles” (Lc 4.40) quando a grande multidão o procurava.³¹

Esta teologia enfatiza que o Deus que a Bíblia apresenta é justo e faz tomar partido do pobre, do oprimido e do marginalizado. A igreja que essencialmente não clama por justiça está pecando por omissão. Também o Cristo apresentado pela Bíblia é aquele que se

²⁷ COSTAS, 1979, p. 54-55.

²⁸ YOUNGBLOOD, Ronald F. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucília M. P. da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 970.

²⁹ YOUNGBLOOD, 2004, p. 970.

³⁰ GRUDEM, 1999, p. 727.

³¹ GRUDEM, 1999, p. 727.

compadece e se envolve com as pessoas, que enfrenta e confronta. Este é o modelo e a igreja deve necessariamente ter esta posição de servir.³²

Diante do conhecer destes propósitos, há de vir o questionamento ou a sugestão de qual deles é o mais importante e se há algum que pode, porventura, ser negligenciado dentro da teologia da missão integral. Todos eles foram ordenados pelo Senhor em Sua Escritura, portanto todos eles são importantes, de modo que nenhum deles pode ser descuidado. Uma igreja será forte se tiver ministérios eficazes nas quatro áreas. Até porque, individualmente, se a igreja colocar relativa prioridade sobre qualquer um destes ministérios, ela nunca será efetivamente a igreja verdadeira. Por a igreja ser um corpo, ela possui diversos dons espirituais e vários talentos. Estes são dados pelo Espírito Santo conforme lhe apraz. Deste modo, será correto que se coloque mais ênfase “no cumprimento daquele propósito da igreja que for mais relacionado com os dons e interesses que Deus nos deu”.³³ Nenhum cristão é obrigado a se esforçar para cumprir exatamente com um quarto de cada um destes propósitos, porém cumprirá com aquele que o Senhor lhe der e assim encontra-se inclusive uma “resposta adequada para a diversidade de dons que Deus nos concedeu”.³⁴

E percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todas as enfermidades e males entre o povo. E sua fama correu por toda a Síria; e trouxeram-lhe, então, todos aqueles que sofriam, acometidos de várias enfermidades e tormentos, os endemoninhados, os lunáticos e os paralíticos. E Jesus os curava. (Mateus 4.23-24)

Fato é que em todo o Seu ministério descrito nos Evangelhos, Jesus apresenta-se totalmente envolvido nas questões que atormentavam as pessoas de Sua época. Fazia-se presente onde estavam as necessidades, sempre anunciando o Reino, preocupado com as vidas, fazendo milagres e curando enfermidades espirituais, emocionais e físicas em meio ao povo.³⁵ Partia sempre das necessidades específicas com o fim de “manifestar o Reino de Deus, promovendo a regeneração do espírito, santificação da alma e restauração do físico”. Jesus, aquele que sempre traz grandes lições de humildade. Antes de se entregar à cruz, lavou os pés dos discípulos, ensinando na prática o que a igreja que ali nascia deveria fazer. Todo o Seu ministério traz atitudes de impacto. O “olhar, dialogar e tocar” de Jesus sempre mostraram o que Deus espera da Sua igreja ainda hoje: preocupação com PESSOAS!³⁶

Quando se trata o tema *igreja*, quase todas as pessoas têm uma opinião diferente. Isto provavelmente se dá por ser uma instituição da sociedade, podendo ser estudada pelos métodos da ciência social, além de ser discutida por leigos, curiosos e amantes do tema. Ela é um dos aspectos da doutrina cristã e, como outros, pode-se levar a definições empíricas, que,

³² MONTEIRO, 2007, p. 18-20.

³³ GRUDEM, 1999, p. 728.

³⁴ GRUDEM, 1999, p. 728.

³⁵ PADILLA, René. **O que é missão integral?** Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009, p. 13-23.

³⁶ COSTA, Selma Frossard. **A igreja e o exercício da missão integral.** Londrina, 2013. Disponível em <<http://pt.scribd.com/doc/88805230/igreja-e-o-exercicio-da-missao-integral>> Acesso em: 30 mai. 2013. p. 1.

por sua vez, podem confundir o real com o ideal, o que pode trazer influências e até consequências indesejáveis.³⁷

Mas afinal, a teologia da missão integral tem por objetivo ser prática, é considerada uma teologia de práxis. Fala-se tanto em igreja e é necessário que este termo também seja definido a partir desta teologia.

2. A PRAXIS DA TEOLOGIA DA MISSÃO INTEGRAL: IGREJA

Costumeiramente se ouve a frase: “futebol e religião não se discutem!”. Isto pode mesmo ser uma grande verdade, mas somente se tiver em mente que o que é verdade não pode ser discutido ou questionado. Com o termo igreja também é assim, isso primeiramente deve-se observar o que a Bíblia, Palavra de Deus, traz como definição do termo *igreja*.

2.1 Definição do termo igreja no Antigo e Novo Testamento

No Antigo Testamento encontram-se duas palavras para designar igreja: *Quahal* e *Edah*. *Quahal*, que significa uma resposta em relação ao chamado de Deus (Ex 35.1; Nm 16.26; Dt 9.10), posteriormente foi traduzido para o grego do Antigo Testamento como *Ekklésia*, que foi a palavra-chave para igreja no Novo Testamento. E, *Edah*, que significa uma comunidade a que os indivíduos pertencem por nascimento, nacionalidade (Ex 12.3; Nm 16.9; 31.12).³⁸

No Novo Testamento é utilizado o termo *ekklésia* tanto em relação aos grupos locais (At 8.1; Rm 16.16; 2 Ts 1.4), quanto à comunidade mundial através dos séculos, o povo de Deus (Mt 16.18; 1 Co 15.9; Ef 5.25s). A distinção ou mesmo a relação entre o grupo local e o conjunto do povo de Deus é bastante tênue e difícil de ser classificada. Uma igreja local, apesar de ser apenas uma parte da igreja universal, também é uma igreja completa, pois todas as promessas de Deus se aplicam a ela e Cristo, que é o cabeça, e se encontra ali presente.³⁹

Os primeiros cristãos notaram que seu precedente histórico viria da ideia de *quahal*, já que eram o povo de Deus reunido em resposta direta ao chamado do Senhor. Este chamado, que Deus havia constituído ao seu povo no passado (Gn 12.1s; Ex 3.1s; Os 11.1s), se viu novamente em Jesus (Mt 11.28s; Mc 1.14-20; Jo 7.37s; At 2.39; 2 Ts 2.14).⁴⁰ Paulo afirmou: “Cristo amou a igreja e sacrificou-se por ela” (Ef 5.25). Neste texto, o termo igreja se refere a todos aqueles pelos quais Cristo morreu para os redimir. Quando se fala de igreja neste contexto, diz-se sobre o conjunto de todos os salvos de todos os tempos. Tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento, a igreja universal. Foi por amor que Deus exaltou Cristo como autoridade numa posição suprema à igreja⁴¹: “Também sujeitou tudo o que existe debaixo de seus pés e o designou cabeça sobre tudo o que há, e o concedeu à Igreja, que é o

³⁷ ERICKSON, Millard J. *Introdução à teologia sistemática*. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 437.

³⁸ MILNE, 2005, p. 217-218.

³⁹ MILNE, 2005, p. 218.

⁴⁰ MILNE, 2005, p. 218.

⁴¹ GRUDEM, 1999, p.715.

seu Corpo, a plenitude daquele que satisfaz tudo quanto existe, em toda e qualquer circunstância” (Ef 1.22-23).

O próprio Jesus é aquele que edifica a sua igreja, chamando o seu povo para Si, como por exemplo, ao falar sobre o testemunho de fé de Pedro, descrito nos evangelhos: “E sobre esta pedra edificarei a minha igreja” (Mt 16.18b). Mas, como já visto, esta não foi uma instituição criada com Cristo, a igreja é uma “ideia” do próprio Deus desde o Antigo Testamento. Jesus deu continuidade a um modelo que já havia sido estabelecido por Deus no Antigo Testamento. O termo utilizado em Deuteronômio quando Moisés diz ao povo o que Deus lhe havia ordenado: “No dia em que estavas diante de Yahweh, teu Deus, no Horebe, quando o Senhor me ordenou: ‘Reúne-me o povo, para que Eu os faça ouvir a minha Palavra, a fim de que aprendam a respeitar-me com amor reverente por todo tempo em que viverem sobre a face da terra, e assim ensinem a vossos filhos!’” (Dt 4.10), na Septuaginta “reúne” é traduzido como “convocar uma assembleia”, verbo que apresenta a mesma raiz do substantivo do Novo Testamento, *ekklésia*.

2.2 Igreja local e universal

O crescimento da igreja não se dá apenas pelo esforço humano, mas vem do próprio Senhor, como descrito no texto: “acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia os que iam sendo salvos” At 2.47b.⁴² Isto mostra que é correto pensar na igreja como o conjunto dos salvos em todos os tempos, tanto no Novo quanto no Antigo Testamento, levando sempre em consideração que Deus pode continuar chamando o seu povo para O adorar.⁴³

Alguns autores fazem uma distinção entre estes dois grupos, descrevendo-os como igreja universal e igreja local. A primeira, igreja universal, é composta pela totalidade dos salvos de todos os séculos e de todo o mundo, incluindo os do Antigo Testamento, podendo o termo também ser utilizado para designar todo o povo de Deus em determinada época na história. Já a igreja local é composta por um grupo que se reúne em um lugar determinado, unido pela sua fé e obediência a Cristo, que estão de forma organizada promovendo o Seu reino por determinado período na história. É uma comunidade de regenerados e batizados que voluntariamente se reúnem sob as leis dadas por Cristo Jesus, buscando entendimento do Reino de Deus e manifestando-o não só em suas vidas, como também nos outros. Procuram servir ao Senhor através da adoração a Deus, comunhão, serviço, evangelização e edificação própria.⁴⁴

2.3 A igreja autêntica

Paulo afirmou: “O Senhor conhece os que lhe pertencem” (2 Tm 2.19b), e nenhum ser humano, somente o próprio Deus, pode saber exatamente quem são aqueles que pertencem verdadeiramente à comunidade de cristãos genuínos. Não se pode identificar a condição

⁴² GRUDEM, 1999, p.715.

⁴³ GRUDEM, 1999, p.716.

⁴⁴ MARTINS, 2002, p. 6 – 7.

espiritual de cada ser humano. Podem-se observar alguns sinais externos de uma mudança espiritual, mas nunca saber o que se passa realmente em cada coração. Por esta razão, Grudem dá a seguinte definição: “A igreja invisível é a igreja como Deus a vê”.⁴⁵

Infelizmente ainda hoje a Igreja Católica Romana sustenta a ideologia de que é a única igreja verdadeira. Em sua “Declaração Pastoral para os Católicos sobre o Fundamento Bíblico” de 25 de março de 1987, a Comissão Ad Hoc da Conferência Nacional dos Bispos católicos (EUA) criticou o chamado “fundamentalismo bíblico”, que é o cristianismo evangélico, por ter tirado o povo da igreja verdadeira. Esta doutrina é totalmente refutada por Lutero e Calvino, que claramente discordaram e consideraram a Igreja Católica Romana apenas uma forma externa, uma organização.⁴⁶

A igreja de Cristo, a verdadeira, certamente tinha e tem também algum aspecto visível, o que leva à seguinte definição: “A igreja visível é a igreja como os cristãos a veem na Terra”. Disto se refere àqueles cristãos genuínos que entendem a diferença entre cristãos e descrentes.⁴⁷ Assim, a igreja deve ser vista como o grupo dos reconciliados com Deus, afinal ninguém pode ter se reconciliado com Deus sem estar também reconciliado com o povo dEle. Com as experiências que se tem da graça divina, virá o desejo e a necessidade de congregar e se sentir parte deste grupo.⁴⁸ Almeida, por exemplo, define que o propósito divino de salvar os perdidos, que está presente em toda a Bíblia, tem seu pleno desenvolvimento na igreja. Através do conhecimento bíblico, a partir do ouvir, entender e crer nesta mensagem, as pessoas passam a ter uma nova vida, vida de comunhão com Deus, como propriedade peculiar dEle, como em Atos 15.14 “a fim de construir dentre eles um povo para o seu nome”⁴⁹.

Ferreira é bem sucedido quando declara que ninguém pode ser salvo sozinho. Quando se conhece e aceita o Evangelho, sempre será por meio de outros, em comunhão com outros, objetivando transmitir também a outros. A própria Palavra foi inspirada por Deus e escrita, preservada e disseminada pela igreja. A Bíblia é acessível a tantas pessoas devido à obra da igreja. Da mesma forma como a Palavra de Deus não se transmite se não for através da igreja, a igreja não sobreviverá se não transmiti-la. São dois os aspectos inevitáveis quanto à igreja: o pessoal e o institucional. O pessoal é a realidade teológica da comunhão entre os irmãos, que é gerada pela comunhão com Deus. A outra é a sociológica, da natureza humana quanto à necessidade da administração. Esta deve ser cuidadosamente observada, afinal inicia-se objetivando servir os propósitos espirituais da comunhão, e pode ter o fim em si mesma. Mas, apesar de perigosa, a administração é necessária e inevitável.⁵⁰

Logo, observa-se que a igreja é uma organização, pois depende disto para cumprir seu propósito aqui na terra. Possui estrutura, governo, disciplina, local de reunião, programa, etc., que devem ser de acordo com as características das pessoas. É necessário ressaltar, no

⁴⁵ GRUDEM, 1999, p.716.

⁴⁶ GRUDEM, 1999, p.716 e 717.

⁴⁷ GRUDEM, 1999, p.717.

⁴⁸ MILNE, 2005, p. 217.

⁴⁹ ALMEIDA, Abraão de. **Teologia contemporânea**: a influência das correntes teológicas e filosóficas na Igreja. Rio de Janeiro: CPAD, 2011, p. 283.

⁵⁰ FERREIRA, Júlio Andrade. **Antologia teológica**. Campinas: Novo Século, 2003, p. 461-462.

entanto, que nada disso deve substituir as pessoas, afinal estas “vidas espirituais devem ser preponderantes à visão da igreja”.⁵¹ A igreja foi sublimemente organizada pelo Senhor, que tem por fim propagar os seus ideais salvíficos e promover os fins do Reino de Deus.⁵²

2.5 Características da igreja a partir da teologia da missão integral

Existem alguns aspectos essenciais que caracterizam a igreja autêntica, o povo de Deus. Destacam-se quatro aspectos principais: Una, Santa, Católica e Apostólica.⁵³

Una: Dentre as fundamentais características da igreja está a sua “unidade”. Há um único Deus e esta unidade procederá deste fundamento (Ef 4.1-6).⁵⁴ Não se encontra nas Escrituras nada que dê margem a interpretar que existem duas ou mais igrejas, mas deixa bem claro que existe apenas uma. Isto se refere primariamente à sua comunhão.⁵⁵ Esta unidade não implica uniformidade. No Novo Testamento, apesar da uniformidade das convicções teológicas básicas (1Co 15.11; Jd 3), havia variedade de ministérios (1 Co 12.4-6), de opiniões quanto a assuntos de importância secundária (Rm 14.1-15.13) e de formas de adoração, além de ênfases diversificadas quanto à fé, de acordo com as necessidades percebidas pelos apóstolos (Rm 3.20; Tg 4.24; Fp 2.5-7; Cl 2.9s). O verdadeiro chamado à unidade no Novo Testamento se dá através da regeneração concedida pelo Espírito Santo (Ef 4.3). Esta unidade está baseada num compromisso consciente com as verdades reveladas. Jesus orou pela unidade que ajudaria o mundo a crer (Jo 17.21)⁵⁶, e é nesta totalidade de igrejas locais com características próprias, formadas de pessoas que pertencem verdadeiramente a Cristo, que constituem, na verdade, uma só igreja de Cristo, que é a igreja universal. Logicamente que esta adquirirá características regionais, mas ela é uma só em essência, e isto deve servir de estímulo para “um esforço maior no sentido de uma aproximação constante entre os cristãos, a fim de que a igreja possa ser percebida pelo mundo na sua unidade”.⁵⁷

Santa: Os crentes são designados “santos”. É evidente que isto não é em seu sentido literal, em sua vida moral, afinal não há nenhuma instituição ou pessoa que seja santa. Mas aqui se observa no sentido originário da palavra santidade, isto é, separado. A igreja é separada para uma missão e também para ser santa.⁵⁸ O povo de Deus forma uma nação santa (1Pe 2.9). A igreja é santa do mesmo modo que cada indivíduo se torna santo por estar unido com Cristo, separado por Ele e revestido pela sua santidade. Isto torna a igreja irrepreensível e isenta de qualquer mancha moral. Esta santificação não pode ser medida na igreja visível, mas certamente trará alguns traços e características que podem ser observados na vida daqueles que confessam Cristo como seu Salvador. Isto será expresso em seu caráter moral e em características especiais de sua vida e de seus relacionamentos. Cristo anuncia um severo

⁵¹ SEVERA, 2008, p. 361.

⁵² FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual da igreja e do obreiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1989, p. 26.

⁵³ MILNE, 2005, p. 222-226.

⁵⁴ MILNE, 2005, p. 222.

⁵⁵ FERREIRA, 2003, p. 465-466.

⁵⁶ MILNE, 2005, p. 222-223.

⁵⁷ SEVERA, 2008, p. 362.

⁵⁸ FERREIRA, 2003, p. 465.

juízo àqueles que não apresentam esta diferença moral (Ap 2-3). Porém, não se deve desanimar, afinal a igreja do Novo Testamento é contaminada por erros, divisões, falhas morais e instabilidade, mas apresenta um sinal visível de santidade, que é característica invariável da verdadeira igreja de Deus.⁵⁹

Católica: Católica significa dizer universal. O aspecto principal que identificava a catolicidade era a sua abertura para todos, sem restrições culturais ou intelectuais, sem levar em conta cor, raça, posição social, capacidade intelectual e antecedentes morais (Mt 28.19; Ap 7.9). Tendo como única exigência a fé salvadora em Cristo Jesus, e nisto que deve ser entendida a catolicidade.⁶⁰ O dicionário Sacconi traz a seguinte definição: “do grego *kathólikos*= universal, de *katholou*= de modo universal, em geral: *kat*= conforme, de acordo com + *holou*, genitivo neutro de *holós*= todo, pelo latim eclesiástico, *catholicus*= católico.”⁶¹

Apostólica: Esta característica está ligada ao fato de ser obediente aos ensinamentos apostólicos, ou seja, fiel ao Novo Testamento. Há intérpretes que tomam a palavra em seu próprio sentido, já que a palavra apóstolo significa literalmente “enviado”. Observa-se que todos os que são enviados pelo Senhor como evangelistas, pregadores, iniciadores de igreja, etc. possuem certa autoridade especial, pois são “homens fiéis... para instruir a outros”.⁶² Deste modo consideram apostólica a igreja que cumpre sua missão de enviada (Lc 6.13; Mt 10.2; Mc 3.14; Lc 10.1; etc.).⁶³ Apóstolos são testemunhas do ministério e da ressurreição de Jesus (Lc 6.12s; At 1.21s; 1 Co 15.8-10). Estes tomam uma posição entre Jesus e todas as gerações subsequentes da fé cristã, pois as pessoas achegaram-se a Cristo por meio dos apóstolos e de seu testemunho. Deste modo, toda igreja é “edificada sobre o fundamento dos apóstolos”⁶⁴ (Ef 2.20; Mt 16.18; Ap 21.14).

2.6 Os outros nomes bíblicos para igreja

A Igreja de Cristo recebeu várias nomeações. Através destes nomes pode-se observar alguns aspectos essenciais da Igreja e de seu relacionamento com Ele. Os vários nomes apresentados são:⁶⁵

Corpo de Cristo: Este é o nome que é dado tanto à igreja universal quanto à igreja local (1Co 12.27). Este título a apresenta como uma unidade orgânica, ou seja, que sua vitalidade está na sua relação com o cabeça, que é Cristo. Além disto, este nome dá ênfase sobre a harmonia que deve haver nos relacionamentos entre os membros da igreja. A figura mostra que cada membro é parte deste corpo de forma individual e exerce um papel importante para a vida coletiva da igreja. Nenhum membro funciona com exclusividade, mas depende dos

⁵⁹ MILNE, 2005, p. 224.

⁶⁰ MILNE, 2005, p. 225.

⁶¹ SACCONI, Luis Antonio. **Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa:** comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010, p. 389.

⁶² MILNE, 2005, p. 225-227.

⁶³ FERREIRA, 2003, p. 465.

⁶⁴ MILNE, 2005, p. 225-227.

⁶⁵ MARTINS, 2002, p. 9.

outros membros e é indispensável. Ele sozinho nunca poderá representar o corpo de Cristo, nem sequer se destacar acima dos demais, provocando sua própria promoção e importância.⁶⁶

A frase “corpo de Cristo” aparece em 1 Coríntios 6.15; 10.16-17; 11.29; 12.12-27. Em um estudo exegético destes textos, observa-se que nem em todos os lugares ela possui o mesmo peso, mas tendo em vista o background hebraico, há aí “mais do que uma mera analogia de organismo”, ou seja, mais que uma metáfora. Paulo considera individualista a relação entre os crentes e Cristo, logo os crentes são participantes na vida de Cristo, tanto em seu sofrimento e crucificação, quanto pelo batismo e novidade de vida. O cabeça, que é Cristo, continua distinto do corpo, que, por sua vez, é inseparável, sem, contudo, ter chegado à plenitude em Cristo.⁶⁷

Noiva de Cristo: No Antigo Testamento Israel é simbolicamente figurada como noiva e esposa de Deus (Is 62.6; 54.5; Os 2.19-20; Ez 16), deste modo a infidelidade de Israel era considerada adultério (Ex 34.15). O Novo Testamento apresenta Cristo como noivo da Igreja (Mc 2.18-20; Ef 5.27; Ap 19.7), o que serve para enfatizar a relação de amor sem reservas que há entre Cristo e a Igreja, pois Ele a escolheu e por ela morreu. Além de destacar também o futuro glorioso da Igreja junto com Ele (Ap 19.7; 21.2).⁶⁸

Para alguns, esta metáfora parece ser muito fantasiosa, e por isso não merece uma exposição muito séria. Tem também aqueles que pensam ser apenas uma exortação aos casais, para que mantenham constância em seu amor. Mas o modo usual de se interpretar é que a igreja deve se sujeitar a Cristo da mesma forma como a esposa se sujeita ao marido. Dá-se assim ênfase à obediência e à pureza que a Igreja deve possuir, devendo também ser lavada e purificada, assim como a noiva precisava passar pelos banhos cerimoniais. O fato é que Cristo veio ao mundo, se humilhou e se entregou, para poder constituir uma comunidade e sustentá-la com o seu amor.⁶⁹

Edifício: Esta metáfora fundamenta-se no Antigo Testamento quanto à permanência de Deus entre o seu povo (Ex 25.8; Sl 132.13s; Is 12.6), na arca da aliança que ficava no Tabernáculo (Ex 25.8-22; 1sm 4.21s) e, posteriormente, no templo construído por Samuel (2 Cr 7.1-3).⁷⁰ Há, no Novo Testamento, alguns textos que apresentam Cristo como a pedra angular, sobre a qual a Igreja está edificada, constituída (Sl 118; Is 28; Mt 21; At 4; 1 Pe 2; Ef 2). Certamente Jesus fazia referência ao seu próprio destino quando se considerava a pedra angular rejeitada, tomada do Salmo 118, que é uma referência que deve ter sido bastante utilizada no primeiro século. O mais importante é observar que Cristo, por ser a pedra angular, não é só começo, mas é o poder que a faz crescer e a mantém unida. O edifício não é apenas a habitação de Deus, mas foi construída pelo próprio Cristo. Contudo, mesmo sendo Cristo o construtor, ela nunca será completa aqui na terra, seu propósito final será consumado pelo próprio Deus.⁷¹

⁶⁶ MARTINS, 2002, p. 9-10.

⁶⁷ FERREIRA, 2003, p. 468.

⁶⁸ MARTINS, 2002, p. 11-12.

⁶⁹ FERREIRA, 2003, p. 470-472.

⁷⁰ MILNE, 2005, p. 219-220.

⁷¹ FERREIRA, 2003, p. 470.

Esta imagem não quer se referir a uma igreja construída de tijolos, como um prédio, mas destaca seu caráter essencialmente espiritual da igreja como uma criação do Espírito Santo e uma posição central de Cristo como fundamento e pedra angular. Caracteriza-se pela ênfase à mutualidade da vida cristã, onde a experiência e o serviço de Deus são desenvolvidos mediante a unidade, comparados a pedras vivas no templo do único Deus (1Pe 2.5).⁷²

Varas da videira: Jesus se compara a uma videira, e os ramos produtivos são os que permanecem nele (Jo 15.1-8). Esta imagem apresenta a necessidade que a igreja possui do Senhor Jesus, junto com a grandiosidade de Seu cuidado. Trata da dependência total que a igreja tem para manter-se viva, cuidada, pura e frutífera mesmo em meio a este mundo.⁷³

Esta é uma das figuras menos exploradas pelos teólogos. Porém não se deve negligenciar sua importância ao destacar todo o cuidado do Senhor, afinal a seiva vem Dele. “Sem mim nada podeis fazer”.⁷⁴ Por outro lado, deve se apontar a responsabilidade que os cristãos possuem de apresentar frutos para Deus (Jo 15.1-8). O ramo que está verdadeiramente ligado não apresentará qualquer fruto.⁷⁵

Poderiam ainda ser acrescentados outros nomes como: Pastor e rebanho, Família de Deus, etc., mas entende-se que o substancial já foi apresentado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Igreja que possui todas estas características foi criada com um propósito, uma missão. Jesus foi quem deu várias instruções a respeito da vida da igreja (Jo 13 – 16; Lc 10.1 – 20; At 1.1 – 8). Seu serviço total é a glória de Deus. Para a teologia da missão integral uma igreja perde a sua autenticidade quando não prega o Evangelho nem sente a responsabilidade pelo bem-estar moral e espiritual dos que a rodeiam, nem apresenta interesse pelos pobres e necessitados, ou seja, “a igreja verdadeira será reconhecida pela sua unidade nos relacionamentos, santidade de vida, abertura a todos, submissão à autoridade das Escrituras, pela pregação de Cristo e pelo seu compromisso com a sua missão”.⁷⁶

Enfim, cumprir a proposta dada pela teologia da missão integral sempre será um desafio imenso. Há de se ter em mente que nenhum ser humano, mesmo com plena faculdade mental e cheio de habilidades, conseguiria, sem a ajuda de Deus, mobilizar ou pensar em algo tão bonito, perfeito e, acima de tudo, relevante como a igreja. É certo que com a concretização de sua missão Deus sempre é e será exaltado e glorificado, o que faz com o próprio homem se sinta realizado. Jesus Cristo, sendo O cabeça desta noiva que se prepara para o grande dia, certamente é refletido através de suas manifestações/ações. A igreja deve crescer no cumprimento de sua missão, assim o próprio Cristo será bem mais (re)conhecido pela Sua autoridade e exemplo maior de amor.

⁷² MILNE, 2005, p. 220.

⁷³ MILNE, 2005, p. 222.

⁷⁴ FERREIRA, 2003, p. 472.

⁷⁵ MARTINS, 2002, p. 14.

⁷⁶ MILNE, 2005, p. 228.

Nada pode ser mais gratificante para qualquer servo do Senhor do que ver que o próprio Deus é manifesto através de sua própria vida. É exatamente nisto que se vê a teologia da missão integral: quando os servos de Deus se dispõem a glorificá-Lo com toda a sua vida, o que significa dizer, servir ao Senhor com tudo o que se é o que tem. Para tal, ressaltam-se as quatro áreas que são: adoração, edificação, evangelização e misericórdia. Cada uma destas áreas deve crescer em conformidade umas com as outras. Nenhuma deve estar em destaque, todas sendo trabalhadas ao mesmo tempo na vida individual e coletiva na igreja.

A primeira área que deve ser desenvolvida para o cumprimento da teologia da missão integral é a adoração. Está diretamente relacionada a Deus, pois procura adoradores que O adorem em Espírito e em verdade, como descrito no texto de João 4. Para o desenvolvimento desta área há o louvor, leitura da Palavra de Deus, oração, oferta e prática das ordenanças (Batismo e Ceia). Esta é a área primordial, muito do restante será consequência de uma saudável vida de adoração.⁷⁷ Outra área é a edificação, que se dá em relação aos outros cristãos e é praticada através da comunhão. Paulo, sendo um ícone motivacional para o cumprimento da missão integral da igreja, certa vez disse: “Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos escolheu para a glória de Deus” (Rm 15.7).⁷⁸ Há ainda a missão de evangelizar. Esta é a grande responsabilidade da igreja em relação ao mundo. Jesus deixou bem claro este legado aos seus discípulos na Grande Comissão que é descrita no Evangelho de Mateus, capítulo 28. Se cada crente/discípulo ficar atento a esta responsabilidade na autoridade de Cristo Jesus, certamente serão poucas as pessoas que ficarão sem saber quem Cristo é. E, por último e não menos importante, está a missão em relação aos cristãos e também ao mundo, que é a misericórdia. A maioria das pessoas passa por aflições e estas podem ser consequência de sua vida “torta”, como também por fatos exteriores, situações das quais não se mantêm o controle. Diante de tais situações, o Senhor deu à igreja o privilégio de cooperar com os aflitos. A vida de Jesus é cheia de atos de misericórdia, deixou este exemplo para ser seguido em relação aos cristãos, mas também em relação ao mundo. Atos de misericórdia não são aqueles em que se espera algo em troca, como, por exemplo, que a pessoa aceite Jesus como seu Salvador. Obviamente que seria ótimo se a atitude de misericórdia servisse como motivação para a pessoa reconhecer o seu estado e sua necessidade de Cristo, mas essa não é a regra.

Infelizmente alguns autores ainda tratam a teologia da missão integral de forma desequilibrada. Isto provavelmente se dá devido ao fato que, não só no Brasil, mas por todo o mundo, muitos cristãos terem se esquecido de sua missão em misericórdia. Esquecem-se dos exemplos da Igreja Primitiva e até mesmo dos ensinamentos de Jesus a este respeito, e então alguns escritores acabam por se lançar a apenas um extremo. Que isto sirva como uma crítica positiva, já que a missão integral jamais se resumiria a apenas um de seus aspectos, pelo contrário, deve manter-se equilibrada e totalmente dirigida pelo Espírito Santo de Deus.

Esta igreja relevante, que cumpre com a sua missão, que faz acontecer e que leva as pessoas a se aproximarem de Deus, aparentemente tem desaparecido. É notável o importante

⁷⁷ MARTINS, 2002, p. 19.

⁷⁸ MILNE, 2005, p. 231.

e imprescindível papel do líder que fará com que a teologia da missão integral seja observada. Deus levanta estes servos e os capacita. É necessário se manter atento ao que o Senhor deseja fazer, motivar o aperfeiçoamento dos dons e aplicação deles.

Nenhum líder conseguirá desenvolver isso sozinho. Certamente poderá estimular, levar a igreja a reconhecer que cada parte é importante, afinal é bem necessário que cada cristão faça a sua parte como membro deste corpo glorioso do qual Cristo é o cabeça. O próprio Deus, através do Espírito Santo, conforme Paulo descreve à igreja de Corinto (1 Co 12), distribuirá à igreja os dons espirituais, e ela deve estar atenta ao que o Pai está fazendo e cooperar com a Sua obra, adorando-O, edificando-se através da comunhão, cumprindo sua missão de evangelizar e mantendo atitudes de misericórdia com os que tanto precisam. É necessário estar atento. O líder motivará, mas é a igreja que cumprirá com a sua missão integral.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Abraão de. **Teologia contemporânea**: a influência das correntes teológicas e filosóficas na Igreja. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. 362 p.

COSTA, Selma Frossard. **A igreja e o exercício da missão integral**. Londrina, 2013. Disponível em < <http://pt.scribd.com/doc/88805230/igreja-e-o-exercicio-da-missao-integral>> Acesso em: 30 mai. 2013.

COSTAS, Orlando. **Compromisso y mision**. Coleção CELEP. Miami: Caribe, 1979. 159 p.

ERICKSON, Millard J. **Introdução à teologia sistemática**. Tradução de Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.

FERREIRA, Ebenézer Soares. **Manual da igreja e do obreiro**. 6.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1989. 232 p.

FERREIRA, Júlio Andrade. **Antologia teológica**. Campinas: Novo Século, 2003. 739 p.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. Tradução de Norio Yamakami e outros. São Paulo: Vida Nova, 1999.

MARTINS, Jaziel G. **Manual do pastor e da igreja**. Curitiba: ADSantos, 2002. 374 p.

MILNE, Bruce. **Estudando as doutrinas da Bíblia**. Tradução de Neyd Siqueira. 3.ed. São Paulo: ABU, 2005. 293 p.

MONTEIRO, Marcos Adoniram Lemos. **Um jumentinho na avenida**: a missão da igreja e as cidades. Viçosa: Ultimato, 2007. 181 p.

MUZIO, Rubens. **Crescimento, um fenômeno complexo**: o aumento do número de evangélicos é termômetro para atuação de Deus no Brasil? Liderança hoje, etc. Igreja, São Paulo, n. 38, p. 57-58, 2012.

PADILLA, René. **10 perguntas fundamentais sobre Missão Integral**, 28 ago. 2014. Disponível em <<http://www.ultimato.com.br/conteudo/10-perguntas-fundamentais-sobre-missao-integral>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

PADILLA, René. **O que é missão integral?** Trad. Wagner Guimarães. Viçosa: Ultimato, 2009. 136 p.

SACCONI, Luis Antonio. **Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa**: comentado, crítico e enciclopédico. São Paulo: Nova Geração, 2010. 2087p.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. **Manual de Teologia Sistemática**. 4.ed. Curitiba: A.D. Santos, 2008. 504 p.

STOTT, John. **A missão cristã no mundo moderno**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa: Ultimato, 2010. 159 p.

YOUNGBLOOD, Ronald F. **Dicionário ilustrado da Bíblia**. Tradução de Lucilia M. P. da Silva. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1475 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

CONSELHOS DE PAULO ÀS MULHERES

Paul's Advices to women

Marta Cristina Hoffmann¹

RESUMO

O apóstolo Paulo, na carta a Tito, dá várias instruções aos grupos da igreja. No capítulo 2.3-5, fala para as mulheres idosas a respeito de sua conduta e qual a responsabilidade que elas tinham para com as mulheres mais novas. Este artigo trará uma explanação sobre este texto focando extrair os princípios do ensinamento de Paulo às mulheres para a atualidade.

Palavras chaves: Mulheres. Idosas. Conduta. Exemplo.

ABSTRACT

The apostle Paul in his letter to Titus gives various instructions to church groups. In chapter 2.3-5, he speaks to elderly women about their conduct and about the responsibility they have for younger women. This article will bring an explanation on this text focusing at extracting the principles of the teachings of Paul to the woman in present days.

Keywords: Woman. Elderly woman. Conduct. Example.

INTRODUÇÃO

A carta de Paulo a Tito é cheia de instruções e direções práticas ministeriais. E no capítulo 2.3-5 Paulo fala sobre a conduta das mulheres “idosas” e o que deveriam ensinar as

¹ A autora é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, com integralização de créditos pela Faculdade Teológica Sul Americana do Paraná e mestranda em Teologia com ênfase em Organização e Cuidado Pastoral pela Faculdades Batista do Paraná. É missionária secretária executiva da Junta Feminina Missionária da Convenção Batista Pioneira. E-mail: martinha_ch@hotmail.com

mulheres mais jovens. Neste artigo é abordado o termo empregado por Paulo: “*idosas*”, a conduta que essas mulheres deveriam ter, a sua aptidão para ensinar e o conteúdo do ensino às mulheres mais novas, sempre trazendo os princípios práticos desse texto para as mulheres da atualidade.

A revolução feminista tinha a intenção de levar as mulheres a uma condição de maior realização e liberdade e conseguiu. Para a mulher cristã, a sensação de satisfação pessoal, familiar e profissional não pode “borrar” a sua missão de cuidadora das mulheres mais jovens. Pois, nesse mundo capitalista e relativista, as mulheres piedosas descritas em Tito 2 são totalmente requisitadas. Caso contrário, o que serão das mulheres do futuro? Sem ninguém que as guie e as orientem? As jovens mulheres, mesmo cristãs, podem sofrer pela falta de princípios bíblicos aplicados ao dia a dia. Esta é a proposta do presente artigo: Analisar quem é a mulher madura segundo a Bíblia e qual a importância nos dias atuais?

1. CONTEXTO DA CARTA DE TITO E A MULHER ATUAL

1.1 Visão geral e contexto do livro de Tito

O apóstolo Paulo é o autor da carta de Tito (64 d.C.), tida por carta pastoral, juntamente com I e II Timóteo. Paulo a escreveu visando incentivá-lo e direcioná-lo, pois Tito “pastoreava uma igreja na ilha de Creta, onde a cultura reinante era pluralista e decadente.”² A epístola do Novo Testamento de Paulo para Tito contém instruções concernentes à necessidade que Tito “pusse em boa ordem as coisas que ainda restam” (Tito 1.5) na igreja local e sua necessidade de “de cidade em cidade estabelecesse presbíteros” na ilha de Creta. Paulo, especificamente, instruiu Tito: “fala as coisas que convêm à sã doutrina” (Tito 2.1), as verdadeiras “coisas” que estavam sendo pervertidas pelos falsos mestres que estavam influenciando à igreja em Creta.³

No Comentário Esperança, há uma afirmação que destaca a importância das palavras de exortação espiritual direcionadas à igreja:

O melhor antídoto para o ensino falso é o ensino positivo e exortações morais, calculadas a promover saúde espiritual. Já foi observado que as pessoas iludidas por ensinamentos errados são corrompidas primeiro no coração, e esta corrupção se manifesta depois na vida. Por isso, os que desejam manter, por meio de seus ensinamentos, o bem-estar espiritual dos outros, devem exigir uma conduta que corresponda à pureza de coração. No ministério público de Tito, este é o tipo de exortação que há de pronunciar. As suas exortações não de ser adaptadas às necessidades dos diferentes grupos no seio da igreja, conforme a idade. Há de exortar as senhoras idosas a ensinarem, por sua vez, as mulheres mais jovens.⁴

² DEMOSS, Nancy L. **Elas por elas**. São Paulo: Vida, 2005. p.198.

³ COSTELLA, M. **Sola Scriptura**: papel da mulher na igreja local. Disponível em <<http://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatistas/PapelMulherNaIgrejaLocal-MCostella.htm>>. Acesso em 28 julho de 2014.

⁴ BOOR; Werner de; BÜRKL, Hans. **Carta aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom**. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2007. p.300

Na carta de Tito, especificamente no capítulo 2, Paulo voltou seus olhos para os vários grupos da igreja. “Deu instruções para os homens mais velhos (2.1,2), para as mulheres mais velhas e mais jovens (2.3-5), para os jovens, incluindo Tito (2.6-8), e para os escravos (2.9-10). Para todos esses Paulo enfatizou a importância da edificação da vida espiritual dos crentes, como melhor defesa contra o erro.”⁵ O grupo de destaque nesta pesquisa é exposto no capítulo 2, nos versículos 3 a 5:

Semelhantemente, ensine as mulheres mais velhas a serem reverentes na sua maneira de viver, a não serem caluniadoras nem escravizadas a muito vinho, mas a serem capazes de ensinar o que é bom. Assim, poderão orientar as mulheres mais jovens a amarem seus maridos e seus filhos, a serem prudentes e puras, a estarem ocupadas em casa, e a serem bondosas e sujeitas a seus próprios maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja difamada.

As mulheres “idosas” tinham uma missão: através de uma vida santa, serem exemplos para as mais jovens seguirem. A verdade explícita nesses versos, “não se tratava de um conceito novo. Do começo ao fim do Antigo Testamento, é ensinado que uma geração deve transmitir à geração seguinte os maravilhosos feitos do Senhor.”⁶ Maureen Bonner diz que a passagem de Tito 2.3-5:

Faz parte da estratégia para a educação cristã da igreja... Apresenta o fundamento e a estrutura bíblica para um ministério e discipulado e aconselhamento para todas as mulheres – tanto mais idosas quanto mais jovens. Paulo nos dá o “o que” do ministério e o “como” do ministério com mulheres. Essas são as duas pedras fundamentais: o que fazer e como fazer. Ao obedecermos a essas ordens, servindo alegremente ao Senhor em obediência, as mulheres jovens crescerão em piedade, as mulheres mais idosas serão pessoalmente enriquecidas, a igreja colherá os benefícios desses relacionamentos piedosos e a comunidade será abençoada.”⁷

1.2 Descrição do termo: “mais velhas”, “idosas”.

Algumas pessoas definem mulheres idosas por aquelas que já não têm a responsabilidade de criar filhos, normalmente com idade por volta de 60 anos. Ou também, pode “ser entendido como mulheres espiritualmente maduras.” O critério não está limitado à idade (Tt 2.3).⁸ Segundo Strong, presbu/teroj significa:

1) ancião, de idade, 1a) líder de dois povos 1b) avançado na vida, ancião, sênior 1b1) antepassado 2) designativo de posto ou ofício 2a) entre os judeus 2a1) membros do grande concílio ou sinédrio (porque no tempos antigos os líderes do povo, juízes, etc., eram selecionados dentre os anciãos) 2a2) daqueles que em diferentes cidades gerenciavam os negócios públicos e administravam a justiça 2b) entre os cristãos, aqueles que presidiam as assembleias (ou igrejas). O NT usa o termo bispo, ancião e presbítero de

⁵ DOCKERY, David S. (Edit.). **Manual bíblico Vida Nova**. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 791.

⁶ DEMOSS, 2005, p. 198.

⁷ FITZPATRICK, Elyse. **Mulheres aconselhando mulheres: respostas bíblicas para os difíceis problemas da vida**. Tradução de Meire Portes Santos. São Paulo: NUTRA, 2013. p. 100.

⁸ **BÍBLIA DA MULHER**. Barueri: SBB, 2010. p. 1551.

modo permutável 2c) os vinte e quatro membros do Sinédrio ou corte celestial assentados em tronos ao redor do trono de Deus. *presbu/thj* (*presbytes*) significa: 1) homem velho, idoso 2) embaixador. *presbu/tij* (*presbutis*) significa 1) mulher idosa – A mesma palavra de Tito 2 – mulheres idosas (*presbu/tij*).⁹

Paulo atribuiu às mulheres mais velhas da igreja a tarefa de educar, treinar as mais jovens. Mas, como dito anteriormente, esta tarefa não é limitada à idade, mas à maturidade. O princípio de educação cristã pode ser atribuído a todas as mulheres em geral, inclusive na contemporaneidade. Se o princípio de repassar ensinamentos perdura até a atualidade, urge uma questão para reflexão: As mulheres maduras espiritualmente têm abraçado este desafio? Após o casamento, a criação dos filhos, muitas mulheres tendem a ansiar por momentos de bonança e a aposentadoria passa ser o alvo maior para não terem mais responsabilidades desgastantes. É certa esta postura?

2. CONDUITA ESPERADA DAS MULHERES QUE ENSINAM

Assim como nos tempos de Paulo, a sociedade atual “feminina” tem enfrentado grandes desafios que envolvem sua conduta e caráter. As palavras ditas por Paulo a Tito não têm como ser mais atual. Vejamos algumas características incentivadas por Paulo para as mulheres cristãs desenvolverem em seu dia a dia:

2.1 Ser séria – reverente

A conduta exemplar da mulher que exercia influência na vida de outras mulheres na época de Tito era incentivada. Fator que ultrapassa milhares de anos. Dentre estes fatores, a seriedade na maneira de viver e portar-se perante Deus e as demais pessoas foi destacada. Ser séria demonstra consagração a Deus. É algo notável. “Significa literalmente: próprias para o templo. Idôneas para uma vida religiosa, com a dedicação e consagração de sacerdotisas.”¹⁰ O ser séria nada tem a ver com “não sorrir”! Mas sim, tem a ver com o compromisso pessoal de viver uma vida dedicada a viver para Deus e servi-lo. No livro *Sábria e Conselheira*, Martha Peace faz uma boa abordagem sobre o que significa “ser séria”:

A palavra grega para séria é *hieroprepeis*. São duas palavras gregas para formar uma só palavra. *Hieros* significa “sagrado”. *Prepei* significa “apropriado”, ou “adequado”. Proceder é a palavra *katastema*, que significa “conduta”, “procedimento” ou “comportamento” (comportamento é como você age). Em outras palavras deve se comportar apropriadamente. A versão King James expressa isso de maneira belíssima: “comportem-se como convém a santidade”.¹¹

⁹ **Dicionário grego:** <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAFIglAL/dicionario-grego-portugues?part=865>. Acesso em 28 de julho de 2014.

¹⁰ **BÍBLIA VIDA NOVA.** São Paulo: SBB e Vida Nova, 1988. p. 257.

¹¹ PEACE, Martha. **Sábria e conselheira.** Tradução de Laura Macal Lopez. São Paulo: Fiel, 2012. p. 45.

2.2 Não caluniadora (Tt 2.3)

Em grego é “*me diabolos*”. Diabolos é a palavra traduzida por Diabo ou Satanás. Este termo é um termo forte, e foi “usado 34 vezes no NT para descrever a Satanás, o maior caluniador que existe.”¹² Significa “acusar, repudiar, dar falso testemunho, fazer mexerico.”¹³

A afirmação paulina dá a ideia de que “algumas das senhoras idosas estavam caindo na maledicência, calúnia e embriaguez.”¹⁴ “A calúnia, segundo parece, era vício comum entre as mulheres cretenses,”¹⁵ E infelizmente, é algo que se estende até aos dias de hoje. É um pecado que muitas vezes passa despercebido por muitos anos, mas é um pecado gravíssimo, e precisa ser combatido para não se infiltrar nas igrejas e fazer grandes estragos.

Uns dos grandes responsáveis pela “calúnia moderna” são as redes sociais. Se este texto fosse contextualizado para os dias atuais, poder-se-ia pensar na ideia de não fazer mexericos até mesmo dentro de casa na frente de um computador. Fazer fofocas, caluniar e fazer mexericos ficou ainda mais fácil, por isso cabe a cada mulher seguir à risca o conselho de Paulo: Não seja caluniadora!

2.3 Não dada a muito vinho (Tt 2.3)

Por mais que naquele tempo o vinho era uma bebida comum nas casas e em suas refeições, e até mesmo usado de forma medicinal, era inaceitável o fato das mulheres idosas ou maduras serem “escravizadas” ao vinho. “Em contextos moralmente decaídos até mesmo as mulheres perdem a sobriedade, tornando-se escravas de toda sorte de formas de prazer.”¹⁶ Nos dias atuais, muitas mulheres continuam sendo escravas de várias formas de prazer que as fazem perder a “sobriedade”, tornando este texto atual e tremendamente aplicável:

Muitas de vocês, provavelmente, não são atormentadas pelo vício da bebida. Contudo há uma segunda aplicação. Podemos ser escravizadas à televisão, comida, novelas... Ser dominado por alguma coisa e não pelo Senhor Jesus Cristo é um grave pecado, mas pela graça de Deus você pode se arrepender.¹⁷

2.4 Deveria ser mestra do bem (Tt 2.3)

Mestras do bem (*kalodidaskalos*) pode significar: “boas professoras em palavra e exemplo. Ou seja, uma presbítera que ensina!”¹⁸ Elas deveriam viver de forma que agradassem a Deus e ensinar umas às outras aquilo que estava em conformidade com sua vontade. Martha Peace, ao descrever a mulher de Tito 2, diz que:

¹² BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR. Barueri: SBB, 2010. p. 1680.

¹³ PEACE, 2012, p. 48.

¹⁴ A BÍBLIA ANOTADA. Versão Almeida, Revista e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie. Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994. p. 1530.

¹⁵ BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR, 2010, p. 1680.

¹⁶ BOOR; BÜRKI, 2007, p. 16.

¹⁷ PEACE, 2012, p. 54, 55.

¹⁸ BOOR; BÜRKI, 2007, 16 p.

Mestras do bem é a combinação de duas palavras gregas, que resultam numa só. *Didaska* significa “um instrutor, conhecimento teórico e prático”. A palavra “didática” vem desta palavra grega. A segunda palavra, *kalos*, quer dizer “bom, louvável, excelente, digno de honra, correto e são”.¹⁹

Paulo sabia que consciente ou inconscientemente as mulheres ensinam com sua forma de viver. Uma mulher tem o poder de construir ou destruir com suas palavras e ações. E ser mestra do bem é conscientemente decidir cuidar de suas ações e palavras para que elas somem valores do reino na vida dos que as cercam.

3. A VIDA EXEMPLAR DÁ CREDIBILIDADE PARA A MULHER ENSINAR

A vida de obediência da mulher cristã descrita em Tito a torna apta para ensinar as novas gerações de mulheres. Esse é o segredo do verdadeiro ensino: o exemplo. “Seu próprio exemplo de piedade dá o direito e a credibilidade de instruir as mulheres mais jovens na igreja. A implicação óbvia é a que as idosas devem exemplificar as virtudes (vs. 4-5) que ensinam.”²⁰

3.1 A responsabilidade de ensino às novas gerações dispensada a mulher

Dentro deste contexto, o livro de Tito traz o princípio de “maternidade espiritual”. Quando as mulheres maduras direcionam as mais jovens. Deus chamou mulheres para discipular e aconselhar umas às outras com Sua Palavra. É surpreendente o que um ministério efetivo *para* mulheres feitos *por* mulheres é capaz de realizar.²¹

A maternidade espiritual pode ser considerada uma vocação, mas infelizmente, muitas mulheres têm renunciado esta responsabilidade de instruir as mais jovens, e “as implicações de aceitar ou rejeitar esse chamado mostrarão seus reflexos nas gerações futuras.”²² Susan Hunt desabafa:

Minha geração abandonou esse chamado por várias razões... Há mulheres que acham que não têm nada a oferecer. Algumas se sentem intimidadas pela inteligência e talento de mulheres mais jovens. Outras entendem que nessa fase devem levar uma vida mais tranquila. Algumas desejam compartilhar suas experiências de vida, mas sentem-se isoladas das mulheres mais jovens e não sabem transpor essa barreira.²³

Este ministério de ensino entre mulheres “não é formal e estruturado, mas fundamentado na maternidade espiritual de encorajamento”.²⁴ Onde o alvo é que mulheres que são cuidadas (treinadas) possam “amadurecer ao ponto de elas poderem com a graça de Deus, ajudar outras mulheres, de modo que agradem e honrem ao Senhor Jesus Cristo”.²⁵

¹⁹ PEACE, 2012, p. 62.

²⁰ BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR, 2010, p. 1680.

²¹ BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR, 2010, p. 101.

²² DEMOSS, 2005, p. 200.

²³ DEMOSS, 2005, p. 199.

²⁴ BÍBLIA DA MULHER, 2010, p. 1553.

²⁵ PEACE, 2012, p. 38.

A exata natureza deste ministério de "ensino" de mulheres não é explicitamente declarada, mas certamente este ministério pode ser feito tanto em um ambiente de sala de aula como em um arranjo para discipulado pessoal. Thomas Oden, um que sustenta o ponto de vista igualitário para mulheres no ministério, diz: "Mulheres com maturidade espiritual foram, especificamente, designadas em Tito 2.3 como professoras (*kalodidaskalous*, professoras do que é bom). Mulheres com maturidade espiritual são as conselheiras naturais das jovens. O ensinamento de virtude é melhor dado pelo exemplo." Se mulheres ensinam outras mulheres na igreja local (como é o caso de muitos arranjos feitos para classes da Escola Dominical de hoje em dia) ou se elas as ensinam em locais fora da igreja local, o mandamento permanece o mesmo: Mulheres devem ensinar outras mulheres, e, se não for, também, pela instrução verbal, pelo menos, seja pelo próprio exemplo delas.²⁶

4. O CONTEÚDO DO ENSINO DIRECIONADO ÀS MULHERES JOVENS:

4.1 Amor ao marido e aos filhos

Esta orientação que deveria ser transmitida as jovens mulheres, à primeira vista, parece ser uma obviedade, mas está em concordância com a realidade social em Creta e na igreja. "Em 1Tm 2.15 trata-se provavelmente de mães que negligenciavam os filhos por razões religiosas. Aqui em Tt 2.4 parece que o verdadeiro amor materno para com os filhos ainda não despertou nelas".²⁷ Então Paulo incentiva Tito a chamá-las à realidade do reino, pois a "mulher que aceita a vocação do casamento e tem marido e filhos deve amá-los e não negligenciá-los".²⁸

O amor é a primeira e a mais importante base do casamento, "não tanto o amor emocional e passional, e muito menos o do erotismo, mas sim o amor sacrificial e serviçal. As jovens esposas devem ser 'orientadas' nesse sentido, o que significa que esse amor pode ficar sob seu controle".²⁹

4.2 Prudência e pureza

Sensata vem da palavra grega *sophon* – que é um amplo termo que significa "são, prudente, controlado". As mulheres devem buscar serem prudentes, controladas. Mas a prudência de nada tem valor se não for acompanhada por motivações e estivo de viver puro. No Comentário Esperança há uma abordagem interessante sobre o termo "pura, casta":

Castas (*hagnos*): originalmente referente à pureza cultual, depois transferido para o comportamento ético, mas continua tendo relação com a religiosidade, cf. v. 3: na atitude, dignas como mulheres santas que prestam serviços sagrados. Aqui se tem em mente especialmente a pureza moral no matrimônio. Ser sensato (comedido) e casto são características que formam

²⁶ COSTELLA, 2014, internet.

²⁷ BOOR; BÜRKI, 2007, p. 17.

²⁸ STOTT, John. **A mensagem de 1º Timóteo e Tito**: a vida da igreja local, a doutrina e o dever. Tradução de Milton Azevedo Andrade. São Paulo: ABU, 2004. p. 194.

²⁹ STOTT, 2004, p. 194.

uma unidade. Em 1Tm 2.9 a castidade está associada ao senso de pudor. É difícil ouvir esses termos com o som e a conotação límpidos que os caracterizam desde Jesus: à luz da alegria pela libertação dos gêneros para a verdadeira humanidade. Não pudicícia e frieza, mas cálida desinibição e cordialidade emanam dessas palavras.³⁰

4.3 Dedicção ao lar

Manter com excelência um lar piedoso para o marido e os filhos é responsabilidade inegociável da mulher cristã.³¹

Saber conduzir e organizar um lar não é uma obra monótona e anticriativa, mas uma tarefa realmente humana, desde que não se pense ser necessário prescrever às mulheres como devem entender a “dedicção ao lar”, e desde que não se derive disso uma lei que sirva para banir a mulher para o lar, incriminando ou condenando todas as atividades fora da casa. Deveríamos ler com mais atenção o “elogio à dona de casa laboriosa” em Pv 31.10-31, para notar como a autoconsciência, a múltipla atividade e a responsabilidade daquela dona de casa têm pouquíssimo a ver com o estreito e isolado modo de vida que muitas esposas hoje em dia, que passam os dias solitários com um ou dois filhos em um pequeno apartamento. A ela ainda cabia estabelecer o trabalho diário de suas empregadas, e quando pretendia comprar um campo ou uma vinha com seu próprio dinheiro, fechava um negócio! Com madura superioridade ela sorria em direção do dia seguinte e supervisionava todos os afazeres em sua casa.³²

4.4 Bondade e submissão

“Ser bondosa abrange generosidade, compaixão e boas ações. Em meios práticos, se demonstra por meio de boas ações com alegria, expressando palavras bondosas e compassivas, e falando-as em um tom suave, gentil e agradável de voz.”³³

Este conselho foi dado, pois as ideias do feminismo radical eram parte da integral da “mitologia antiga do feminismo e dos assírios, bem como do gnosticismo grego, que floresceu por todo o império Romano durante os tempos do NT e foi um perigo constante para a igreja primitiva. O feminismo moderno não é novo nem progressista, mas antigo e regressivo.”³⁴ Dentro desse contexto, as mulheres cristãs de Creta precisavam ser diferentes, agindo com obediência e submissão aos seus esposos para não desonrarem a Palavra de Deus.

É a mesma ideia “da submissão tratada em Efésios 5.22: “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor”. É uma submissão baseada no amor recíproco.”³⁵ Não se trata de uma dócil rendição a tudo que o marido exige! Ela administrará o lar com bondade e em concordância com a vontade do marido, não sem ele nem contra ele. “A liberdade e igualdade da mulher não contradizem a subordinação ao marido, desde que essa

³⁰ BOOR; BÜRKI, 2007, p. 17.

³¹ BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR, 2010, p. 1680.

³² BOOR; BÜRKI, 2007, p. 17.

³³ PEACE, 2012, p. 126.

³⁴ BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR, 2010, p. 1680.

³⁵ BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Barueri: SBB, 2013. p. 1379.

subordinação possa acontecer de forma espontânea e não segundo as concepções das fantasias masculinas de superioridade, nem de sua cobiça por dominação.”³⁶

No comentário da Bíblia MacArthur é dito que a submissão deve ser aplicada a toda mulher cristã que é casada:

Não importa quais possam ser suas próprias habilidades, instrução, conhecimento da Escritura, maturidade espiritual, ou quaisquer outras qualificações em relação ao seu marido. A submissão não deve ser ordenada pelo marido, mas exercitada, de maneira voluntária e carinhosa, pela mulher. “Ao seu próprio marido” limita a submissão dela ao homem que lhe foi concedido por Deus, e também, apresenta uma ênfase equilibrada de que ele é dela, como algo íntimo e pessoal que ela possui.³⁷

Resumindo, submissão significa colocar tudo o que você possui – entendimento, conhecimento, opiniões, sentimentos, energia – à disposição de uma pessoa que exerce autoridade sobre você. “Implica em abrir mão dos direitos.”³⁸

Da mesma forma que as mulheres de Creta receberam a responsabilidade cuidar umas das outras e instruírem em amor as novas gerações, as mulheres da atualidade devem fazer. Buscando ajudar umas às outras a viverem em santidade a fim de que o nome de Deus venha ser glorificado. “A fim de que a palavra de Deus não seja difamada”. Tito 2.5 afirma: “Este é o propósito da conduta piedosa – eliminar qualquer motivo que lance descrédito à Escritura. Para que convença de que Deus pode salvar do pecado, a pessoa precisa ver alguém que leve uma vida santa. Quando os cristãos afirmam crer na Palavra de Deus, mas não obedecem a ela, a Palavra é desonrada. Muitos têm escarnecido de Deus e de sua verdade por causa da conduta pecaminosa dos que se declaram cristãos.”³⁹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dessa pesquisa, pode-se conservar que os mesmos conselhos dados a Tito para repassar às mulheres de sua época, são amplamente aplicáveis a atualidade em pleno Século 21. A questão de aptidão para ensinar não se restringe à idade da mulher, mas à sua maturidade cristã e vida exemplar. E o conteúdo do ensino abrange todas as áreas da vida da mulher, seu exemplo calado através de seu caráter, seu comportamento e ação.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA ANOTADA. Versão Almeida, Revista e Atualizada, com introdução, esboço, referências laterais e notas por Charles Caldwell Ryrie. Tradução de Carlos Osvaldo Cardoso Pinto. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

BÍBLIA DA MULHER. Barueri: SBB, 2010. 1720 p.

³⁶ BOOR; BÜRKI, 2007, p. 17.

³⁷ BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR, 2010, p. 1680.

³⁸ **BÍBLIA DE ESTUDO NVI.** Organizador geral Kenneth Barker. Co-organizadores Donald Burdick... [et al]. São Paulo: Vida, 2003.

³⁹ BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR, 2010, p. 1680.

BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Barueri: SBB, 2013. 1856 p.

BÍBLIA DE ESTUDO MACARTHUR. Barueri: SBB, 2010. 2048 p.

BÍBLIA DE ESTUDO NVI. Organizador geral Kenneth Barker. Co-organizadores Donald Burdick... [et al]. São Paulo: Vida, 2003.

BÍBLIA VIDA NOVA. São Paulo: SBB e Vida Nova, 1988.

BOOR, Werner de; BÜRKI, Hans. **Carta aos Tessalonicenses, Timóteo, Tito e Filemom.** Tradução de Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2007. 456 p.

COSTELLA, M. **Sola Scriptura:** papel da mulher na igreja local. Disponível em <<http://solascriptura-tt.org/EclesiologiaEBatistas/PapelMulherNalgrejaLocal-MCostella.htm>>. Acesso em 28 julho de 2014.

DEMOSS, Nancy L. **Elas por elas.** São Paulo: Vida, 2005. 224 p.

Dicionário grego: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAfIglAL/dicionario-grego-portugues?part=865>. Acesso em 28 de julho de 2014.

DOCKERY, David S. (Edit.). **Manual bíblico Vida Nova.** São Paulo: Vida Nova, 2001. 952 p.

FITZPATRICK, Elyse. **Mulheres aconselhando mulheres:** respostas bíblicas para os difíceis problemas da vida. Tradução de Meire Portes Santos. São Paulo: NUTRA, 2013. 432 p.

PEACE, Martha. **Sábria e conselheira.** Tradução de Laura Macal Lopez. São Paulo: Fiel, 2012. 174 p.

STOTT, John. **A mensagem de 1º Timóteo e Tito:** a vida da igreja local, a doutrina e o dever. Tradução de Milton Azevedo Andrade. São Paulo: ABU, 2004. 240 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

ANÁLISE PANORÂMICA DA CARTA DE PAULO A FILEMOM Analysis overview of the letter of Paul to Philemon

Eleilton William de Souza Freitas¹

RESUMO

O presente artigo fará uma análise panorâmica da carta de Paulo a Filemom. Examinar-se-ão algumas questões introdutórias, tais como: autoria, data, cenário, etc., e também o conteúdo e teologia da carta. O objetivo da pesquisa é trazer à luz, à medida que a investigação se desenrola, as contribuições e implicações desta pequena epístola aos cristãos hodiernos.

Palavras-chave: Onésimo. Filemom. Escravidão. Evangelho. Intercessão. Amor.

ABSTRACT

This article will make a panoramic analysis of Paul's letter to Philemon. Shall be examining some introductory questions such as: authorship, date, scene, etc., and also the content and theology of the letter. The research objective is to bring to light, as the investigation unfolds, contributions and implications of this little epistle to the modern-day Christians.

Keywords: Onesimus. Philemon. Slavery. Gospel. Intercession. Love.

INTRODUÇÃO

A carta de Paulo a Filemom é uma das mais pessoais do apóstolo. Nela, ele revela muito de sua “alma e coração”.² Por isso, a carta contribui para o conhecimento sobre seu caráter,

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo (FTBSP) e pela Faculdade de Teologia Adventista da Promessa (FATAP), ambas em São Paulo. Mestrando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR). E-mail: eleilton.freitas@terra.com.br

² SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. **Epístolas da prisão**: uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom. São Paulo: Vida Nova, 2005, p. 290.

sendo cheia de “consideração, discrição, graciosidade e calor afetivo. Não obstante, ela é investida de firmeza e autoridade apostólicas”.³ Martin assevera que o conhecimento que se possui sobre Paulo teria sido bem mais pobre se esse documento tão pequeno não tivesse sido preservado.⁴

Além de ser a mais pessoal, Filemom é a mais curta das cartas do *corpus* paulino; apenas 335 palavras em grego. C. H. Dodd a chama de “um bilhete pessoal”.⁵ Apesar do tamanho, contém informações acerca da igreja primitiva na aplicação do evangelho ao problema da escravatura; a carta trata, em alguma medida, de algumas implicações sociológicas do cristianismo no que tange a este assunto.⁶

A proposta desta pesquisa é investigar este documento neotestamentário. Examinar-se-ão algumas questões introdutórias, tais como: autoria, data, cenário, etc., e também o conteúdo e teologia da carta. O objetivo da pesquisa é trazer à luz, à medida que a investigação se desenrola, as contribuições e implicações desta pequena epístola aos cristãos hodiernos.

I. O AUTOR DA CARTA A FILEMOM

É característica das cartas paulinas a presença de conteúdos doutrinários. Por causa da ausência destes conteúdos na carta a Filemom, no século quarto, a autoria paulina da mesma, tida como certa até então, fora questionada. Quem apresentou esta nota discordante foi Jerônimo, quando mencionou algumas pessoas - não identificadas por ele - que concluíram ser a carta indigna “da mente de Paulo e sem valor para edificação”,⁷ por não possuir quaisquer “instruções e doutrinas importantes”.⁸ Porém, desde aquela época, o próprio Jerônimo e outros, tais como Crisóstomo,⁹ prontamente defenderam a autoria paulina da mesma, que foi posta em dúvida novamente só no século dezenove. Mesmo assim, a opinião geral, ainda prevalecente entre a maioria dos estudiosos, tais como Hendriksen,¹⁰ Carson,¹¹ Tows e Gutierrez,¹² Mauerhofer,¹³ e etc., é que Filemom foi escrita pelo apóstolo aos gentios. Carson chegou a registrar que “nunca houve sérias dúvidas de que esse é um escrito autêntico do apóstolo Paulo”.¹⁴

³ HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001, p. 303.

⁴ MARTIN, Ralph P. **Colossenses e Filemom: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1984, p. 162.

⁵ *Apud* MARTIN, 1984, p. 153.

⁶ HALE, 2001, p. 303.

⁷ HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 296.

⁸ CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002, vol. 5, p. 448.

⁹ WILKINSON, Bruce; BOA, Kenneth. **Descobrendo a Bíblia**. São Paulo: Candeia, 2000, p. 483.

¹⁰ HENDRIKSEN, 2007, p. 286-296.

¹¹ CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 427.

¹² TOWS, Elmer; GUTIERREZ, Bem. **A essência do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2014, p. 219.

¹³ MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010, p. 442-443.

¹⁴ CARSON, 1997, p. 427.

Internamente, a carta reivindica ser um escrito paulino: Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus... (v. 1); ... Eu Paulo, já velho e agora também prisioneiro de Cristo Jesus (v. 9); Eu, Paulo, escrevo isso de próprio punho (v. 19). É bem provável que esta correspondência de Paulo a Filemom (membro da igreja em Colossos) tenha sido enviada juntamente com a sua carta à igreja de Colossos (Colossenses). Esse fato é visto quando se comparam ambas as cartas, conforme tabela abaixo:

CARACTERÍSTICA	FILEMOM	COLOSSENSES
Saudação inicial	<i>Paulo... e o irmão Timóteo</i> (v. 1)	<i>Paulo... e o irmão Timóteo</i> (1.1)
Colaboradores que enviaram saudações	<i>Epafras (...)</i> vos cumprimenta, assim como Marcos, Aristarco, Demas e Lucas (v. 24).	<i>Cumprimenta-vos Aristarco, (...)</i> Marcos, (...) Epafras (...), Lucas (...), e Demas (4.10-14).
O envio de Onésimo na companhia de Tíquico	<i>... venho interceder por meu filho Onésimo (...). Eu o envio de volta a ti</i> (vs. 10,12 – grifo nosso).	<i>Onésimo, que é um de vós, irmão fiel e amado, irá também</i> (4.9 - grifo nosso).
A menção a Arquipo, como membro da igreja	<i>... a Arquipo</i> (v.2).	<i>E disse a Arquipo...</i> (4.17).

Além das evidências internas supracitadas, a autoria paulina da carta a Filemom também conta com o apoio de evidências externas. Ela aparece nas listas antigas do cânon, como a de Marcião e no Fragmento Muratoriano, e, em ambas, é considerada uma carta de Paulo. Pais da igreja, como Tertuliano e Orígenes, aceitaram a autoria paulina e a citaram como um texto oficial,¹⁵ assim como Teodoro de Mopsuéstia e Cosmas Indicoplestes (c.550).¹⁶ Eusébio, em sua *História Eclesiástica*, de igual forma, a coloca entre as cartas evidentemente paulinas: “verdadeira, genuína e reconhecida”.¹⁷

II. A DATA DA CARTA A FILEMOM

O apóstolo Paulo afirma estar preso por ocasião da escrita da carta a Filemom: *Paulo, prisioneiro de Cristo Jesus...* (Fm 1.1 cf. 9, 23). Alguns estudiosos, tais como Mackenzie,¹⁸ Hendriksen,¹⁹ Carson²⁰ e Hale²¹ afirmam que a prisão em questão seja a domiciliar em Roma, mencionada no final do livro de Atos, onde Paulo estava sob custódia romana, aguardando o julgamento do imperador Nero. Ali, ele ficou dois anos (At 28.30). A data provável para tal encarceramento é 60-62 d.C. Nesta ocasião, ele escreveu as cartas de Colossenses, Filemom, Efésios e Filipenses, tidas como “Cartas da Prisão”.

Já se comentou neste artigo sobre as similaridades entre Filemom e Colossenses. Ambas as cartas devem ter sido escritas da prisão em Roma e despachadas ao mesmo tempo, em 60

¹⁵ CARSON, 1997, p. 429.

¹⁶ MAUERHOFER, 2010, p. 443.

¹⁷ HENDRIKSEN, 2007, p. 296.

¹⁸ MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 349.

¹⁹ HENDRIKSEN, 2007, p. 285.

²⁰ CARSON, 1997, p. 428.

²¹ HALE, 2001, p. 303-304.

ou 61 d.C.²² Tíquico foi o portador da carta, enviado de Roma até Colossos na companhia de Onésimo – um recém-convertido vindo desta última cidade (Cl 4.7-9; Fm 12). De Roma até Colossos, dependendo da rota utilizada, teria de se percorrer de 1500km até 2000km de distância.²³ Conforme se verá no decorrer deste artigo, Onésimo era um escravo fugitivo. E como tal, qual cidade seria ideal para um escravo fugitivo de Colossos? Roma, a capital do império, devido a sua longa distância, representava um ótimo local para alguém que deseja esconder-se.

III. O DESTINATÁRIO DA CARTA A FILEMOM

Assim como o nome do autor, o do destinatário também aparece na carta. O texto diz: ...ao amado Filemom, nosso companheiro de trabalho, à nossa irmã Áfia, a Arquipo, nosso companheiro de lutas, e à igreja que está em tua casa (vs. 1b-2). Filemom, mencionado “em primeiro lugar, é claramente o principal destinatário”.²⁴ O fato de Paulo ter mencionado “Áfia” e “Arquipo”, e depois, em todo o restante da carta, ter se dirigido somente a Filemom, sugere que ele o fez porque “Áfia” e “Arquipo” são mulher e filho de Filemom, respectivamente.²⁵ Wilkinson e Boa sugerem que Arquipo, seu filho, mantinha uma posição de liderança na igreja (Cl 4.17).²⁶

Mas, quem era Filemom? Possivelmente um membro da igreja de Colossos que, ao que tudo indica, funcionava em sua casa (Fm 2). Ele deve ter se rendido a Cristo durante os três anos que Paulo permaneceu em Éfeso, no transcorrer de sua terceira viagem missionária. O próprio apóstolo o lembra de sua importância na decisão de Filemom por Cristo (v. 19). Colossos ficava ao longo do vale do rio Lico, cerca de 160km de Éfeso; uma pequena cidade, já insignificante nos dias de Paulo.²⁷ Nela residia Filemom.

À luz da carta, torna-se possível deduzir que Filemom era um homem de posses. Primeiro, porque a igreja se reunia na casa dele. Pode-se supor que a sua casa não era uma das menores entre as casas dos membros da igreja de Colossos. Os organizadores do *Dicionário de Paulo e suas cartas*, concordam com o fato de ele ser bem estruturado financeiramente: “Parece que a carta está endereçada a Filemom (Fm 1), abastado cristão gentio de Colossos convertido pelo ministério paulino (Fm 19)”.²⁸ Além disso, o fato de Filemom ser um proprietário de escravos (vs. 15-16), também evidencia que ele era um homem de posses. Wilkinson e Boa chamam atenção para o fato de que ele pode ter tido outros escravos além de Onésimo (citado na carta), e que não era o único dono de escravos entre os crentes colossenses (Cl 4.1).²⁹

²² WILKINSON; BOA, 2000, p. 484.

²³ HENDRIKSEN, 2007, p. 272.

²⁴ CARSON, 1997, p. 429.

²⁵ TOWS; GUTIERREZ, 2014, p. 222.

²⁶ WILKINSON; BOA, 2000, p. 484.

²⁷ HENDRIKSEN, 2007, p. 269.

²⁸ HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova, Paulus e Loyola, 2008, p. 544.

²⁹ WILKINSON; BOA, 2000, p. 484.

IV. O CENÁRIO DA CARTA A FILEMOM

Para se entender corretamente o propósito da carta, faz-se necessário, em primeiro lugar, compreender o seu cenário. É necessário reconstruir, tanto quanto possível, as circunstâncias que deram origem a esta pequena epístola. Neste caminho, esta pesquisa se colocará nas linhas que se seguem. É razoável pensar na seguinte sequência para os acontecimentos envolvendo os principais personagens da carta:

4.1 A fuga de Onésimo

Onésimo era um dos escravos de Filemom (vs. 15-16). De acordo com o que se pode entender pela carta escrita pelo apóstolo Paulo, ele havia fugido do seu dono, e não saiu de mãos vazias. Deu algum *prejuízo* ao mesmo (v.18). Calvino afirma que, à luz do termo “prejuízo” pode-se inferir que Onésimo havia furtado algo do seu senhor.³⁰ Talvez, tenha roubado alguma quantia em dinheiro ou bem valioso. Não se pode afirmar ao certo, mas é o que tradicionalmente alguns intérpretes da carta, tais como Shedd e Mulholland,³¹ Ellis,³² Soungalo³³ e Champlin³⁴ têm sugerido.

As fugas de escravos eram frequentes em Roma, principalmente quando os senhores dos mesmos eram cruéis. Não se pode afirmar que este era o caso de Filemom. O que se pode afirmar é que as leis romanas da época eram severas no tocante a escravos fugitivos. Seus senhores poderiam mandar marcá-los na testa a ferro em brasa com a letra “F” (de fugitivo) para nunca mais fugir, ou mesmo castigá-los de outras formas, tais como açoites ou prisão (no *ergastulum* – prisão dos escravos) e até mesmo a morte.³⁵ Sobre isso, Martin comenta que as leis também “davam o direito ao dono do escravo puni-lo severamente e, até mesmo crucificá-lo, sem ter de responder por isso”.³⁶

Os proprietários de escravos ofereciam recompensas valiosas por denúncias, além de poderem contar com os serviços de um grupo de profissionais especializados (*os fugivarii*) em recuperar escravos fugitivos, e com uma lei fixada pelo imperador Marco Aurélio, que obrigava as autoridades locais do império a ajudarem na captura de fugitivos.³⁷

Os escravos não eram considerados pessoas, mas propriedades dos seus senhores.³⁸ Onésimo estava mesmo em apuros. Talvez, por isso, decidiu ir para Roma (como se crê

³⁰ CALVINO, João. **Pastorais**: série comentários bíblicos. São José dos Campos: Fiel, 2009, p. 380.

³¹ SHEDD; MOLHOLLAND, 2005, p. 308.

³² ELLIS, E. Earle. **Filemom** In: HARRISON, Everett F. (Org.). **Comentário bíblico Moody**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1983, vol. 5, p. 287.

³³ SOUNGALO, Soro. **Filemom** In: ADEYEMO, Tokunboh (Ed.). **Comentário bíblico Africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010, p. 1527.

³⁴ CHAMPLIN, 2002, p. 460.

³⁵ AZEVEDO, Israel Belo de. **Pastoreados por Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2014, vol. 2. p. 246.

³⁶ MARTIN, 1984, p. 155.

³⁷ AZEVEDO, 2014, p. 246.

³⁸ SHEDD; MOLHOLLAND, 2005, p. 290.

tradicionalmente); ali ele poderia encontrar relativa segurança entre as massas da cidade imperial.³⁹

4.2 O encontro com Paulo

De alguma maneira não informada na carta que este artigo se propôs a analisar, na cidade de Roma, Onésimo entra em contato com o apóstolo Paulo. Wiersbe entende que, apesar de não saber dos detalhes, este encontro é fruto da providência de Deus.⁴⁰ Martin conjecturou que Onésimo se encontrou com Paulo ou como companheiro de prisão ou porque procurou refúgio na companhia do apóstolo.⁴¹ Corroborando com esta última conjectura, está o fato de que a lei romana permitir aos escravos buscarem ajuda de um amigo de seu proprietário para restabelecer um bom relacionamento com o seu senhor e intermediar a solução de um delito.⁴² Não é impossível que Onésimo conhecesse Paulo pelos contatos que Filemom tivera com o apóstolo. Por saber da proximidade de ambos, procurou o primeiro para interceder ao seu favor. Neste caso, não deve ter roubado mais dinheiro de Filemom além do suficiente para viajar até Roma, em busca de Paulo.⁴³

Se isto é mesmo verdade, como Onésimo sabia que Paulo estava preso em Roma? A carta também não diz. O que se tem de certo é que o escravo foi ao encontro do apóstolo. Uma vez indo ao encontro de Paulo, acabou convertendo-se a Cristo e tornando-se um colaborador na obra missionária. Sobre isto, escreve o apóstolo: ... *gerei quando estava na prisão (v. 10); Anteriormente ele te foi inútil, mas agora é muito útil para ti e para mim (...). Gostaria de mantê-lo comigo, para que em teu lugar me servisse na prisão por amor ao evangelho (vs. 11,13)*. Com a conversão de Onésimo, Paulo ganhou um colaborador em Roma enquanto estava preso. Entretanto, ele ainda era um escravo fugitivo e precisava ser devolvido ao seu dono.

4.3 A volta para Filemom

Paulo teve de tomar uma difícil decisão. Apesar de querer que Onésimo continuasse com ele em Roma (v. 13), sabia que era contra a lei.

As autoridades romanas não viam com bons olhos quem ajudasse um fugitivo. O envolvimento de Paulo com Onésimo poderia representar um obstáculo à sua própria soltura da prisão. Ele poderia ser punido pela lei romana e responsabilizado pelo trabalho que o escravo deixara de fazer.⁴⁴

Além disso, como cristão que era, o apóstolo também sabia que Onésimo precisava acertar sua situação com Filemom. Desta feita, todos eles eram cristãos. O momento de

³⁹ WILKINSON; BOA, 2000, p. 483.

⁴⁰ WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento 2**. Santo André: Geográfica, 2006, p. 350.

⁴¹ MARTIN, 1984, p. 154.

⁴² GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 501.

⁴³ HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p. 546.

⁴⁴ SHEDD; MOLHOLLAND, 2005, p. 289.

demonstrarem que haviam convertido mesmo era esse. Cada uma das partes era conclamada a fazer alguma coisa difícil, de acordo com Martin:⁴⁵

- Paulo: Privar-se do convívio e do serviço de Onésimo.
- Onésimo: Voltar ao seu dono e senhor ao qual havia feito uma injustiça.
- Filemom: Perdoar Onésimo pelo prejuízo que lhe causou.

4.4 A viagem até Colossos

Como já se informou neste artigo, de Roma até Colossos, dependendo da rota utilizada, teria de se percorrer de 1500 km até 2000 km de distância. Uma vez convertido, Onésimo fez esta viagem de volta até a casa do seu senhor humano com Tíquico (*cf.* Cl 4.7-9). Neste contexto, Paulo escreve uma carta a Filemom, senhor de Onésimo, Ele volta para Colossos com uma carta do apóstolo Paulo em mãos. Que carta é essa? Justamente a carta que é objeto de estudo nesta pesquisa.

V. O PROPÓSITO DA CARTA A FILEMOM

Diante do cenário apresentado acima, pode-se tratar, então, do propósito de Paulo ao escrever esta carta a Filemom. Ele deseja interceder em favor de Onésimo, e diz isto na carta: ... *venho interceder por meu filho Onésimo* (v. 10). A palavra portuguesa “interceder”, que aparece neste versículo, é a tradução do termo grego *parakaleo*, que significa literalmente, “chamar ao lado”, mas, neste texto tem o sentido de “fazer o pedido em favor de alguém”.⁴⁶ Esse é o objetivo de Paulo com esta carta.

Paulo afirma, no versículo 8, que poderia ordenar o que Filemom deveria fazer, mas preferiu pedir confiado no *amor* (v. 9). Ele faz uma intercessão em nome do amor. Aliás, essa pequena carta transborda de amor. Ela é enviada ao *amado Filemom* (v. 1). O nome de Filemom, *philemon* na língua grega, significa “amoroso”.⁴⁷ Paulo dá testemunho que ouviu do *amor* que Filemom tem *para com Jesus e para com todos os santos* (v. 5). O apóstolo ainda afirma que teve grande alegria e consolação por causa do *amor* de Filemom, que reanimava os santos (v. 7). E, por fim, no versículo 16, Onésimo deveria ser recebido como *irmão amado* (v. 16). É uma intercessão amorosa!

Qual foi o pedido feito por ele? Ele se encontra expresso no versículo 16. Paulo quer que Filemom receba Onésimo, não mais como escravo; aliás, melhor do que escravo, como irmão amado, particularmente por mim, e ainda mais por ti, tanto humanamente como no Senhor. Ele ainda diz: Assim, se me consideras, recebe-o... (v. 17). De acordo com Martin, esta petição de Paulo era um pensamento revolucionário para a sua época, quando contrastado com o tratamento contemporâneo de escravos fugitivos.⁴⁸

⁴⁵ MARTIN, 1984, p. 162.

⁴⁶ RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Vida Nova, 1995, p. 489.

⁴⁷ MACKENZIE, 1983, p. 349.

⁴⁸ MARTIN, 1984, p. 155.

VI. O CONTEÚDO DA CARTA A FILEMOM

Pode-se dividir o conteúdo da carta de Paulo a Filemom em pelo menos três partes principais. São elas:

6.1 Saudações e elogios (vs. 1-7)

Paulo inicia esta carta exatamente como uma carta da época costumava ser iniciada: com saudações (vs. 1-3). Nesta, ele não se lembrou somente de Filemom, mas de toda a sua família: esposa (Áfia) e filho (Arquipo), como se acredita tradicionalmente. Filemom é um homem de família. A igreja se reúne em sua casa, e sua casa serve ao Senhor. Algumas informações podem ser destacadas neste início de carta:

6.1.1 A fé de Paulo (v. 4)

Sempre me lembro de ti em minhas orações... (v. 4a), diz o apóstolo Paulo. Mesmo preso (v. 1), ele continuava orando e repete novamente, este mesmo argumento no v. 6: *Oro para que...* Paulo, com toda certeza, é exemplo de homem de oração.

Na parte b, do v. 4 também lê-se: *...dou graças ao meu Deus*. Mesmo nesta situação adversa, Paulo não havia perdido o costume de agradecer a Deus. Mas, porque ele agradece? O início do próximo versículo explica: *...tenho ouvido do amor e da fé que tens...* (v. 5). O verbo “ouvir” deste texto é a tradução do verbo participio grego *akouon*. Rienecker e Rogers dizem que o participio aqui pode ser causal “porque ouvi” e indica a razão da gratidão de Paulo.⁴⁹

6.1.2 A fé de Filemom (vs. 5-7)

... pois tenho ouvido do amor e da fé que tens para com o Senhor Jesus e para com todos os santos (v. 5), disse Paulo. Filemom era um homem de amor e fé notável. Eram tão visíveis essas características dele que, outras pessoas, a quilômetros dali, testemunharam sobre ele a Paulo, em Roma. Parece-nos que Filemom ajudou e encorajou vários crentes na cidade de Colossos: *Pois tive grande alegria e consolação por causa do teu amor, pois por meio de ti, irmão, o coração dos santos tem recebido ânimo* (v. 7).

6.2 Intercessão e súplica (vs. 8-20)

Depois de saudar e elogiar Filemom, Paulo entra de uma vez no objetivo maior ou principal da carta: a intercessão em favor de Onésimo. Todo esse quadro pintado anteriormente é importante, porque clarifica a figura de Filemom. Ele não era um déspota, pelo contrário, fazia jus ao seu nome (Filemom significa “amoroso”). A descrição dos vs. 1-7 mostra um cristão realmente convertido ao Senhor, que conhecia o valor do amor e vivia-o. É a ele que Paulo dirige sua intercessão.

Alguns aspectos desta intercessão destacam-se:

⁴⁹ RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 488.

6.2.1 O alicerce da intercessão (vs. 8-9)

*Embora eu tenha plena liberdade em Cristo para te ordenar o que debes fazer, prefiro pedir-te **confiado no teu amor** (v. 8-9a – grifo nosso).* Ao invés de usar sua autoridade apostólica para ordenar, afinal Filemom também era um colaborador seu e conheceu o evangelho por intermédio dele (v.19), o velho apóstolo faz um apelo em nome do amor. Neste sentido, pode-se afirmar que Filemom é uma obra-prima da diplomacia pastoral. O “pedido paulino não é reforçado por expressões de coersão, constrangimento ou coação. A reconciliação entre Filemom e Onésimo baseia-se nos princípios do amor e do perdão cristãos”.⁵⁰

6.2.2 O indivíduo da intercessão (vs. 10-14)

... venho interceder por meu filho Onésimo (v. 10). O coração desta carta concentra-se em Onésimo. Ele é o escravo fugitivo. Onésimo saiu de Colossos como um ladrão. Mas converteu-se ao evangelho em Roma. Hendriksen sugere que talvez ele ouvisse Filemom falar do evangelho ensinado por Paulo e buscou refúgio no apóstolo em Roma.⁵¹ Depois de sua conversão, parece-nos que Onésimo tornou-se um colaborador de Paulo (v. 11,3), e este até desejou mantê-lo com ele. Todavia, se assim o fizesse, estaria forçando o perdão de Filemom. Isso ele não queria. O desejo do apóstolo era que, *espontaneamente* (v. 14), Filemom tomasse a sua decisão. A palavra grega *ekousion*, traduzida por “espontaneamente”, também pode significar “de livre e espontânea vontade”.⁵²

6.2.3 O objetivo da intercessão (vs. 15-17)

Paulo queria que Filemom recebesse Onésimo *não mais como escravo, melhor do que escravo, como irmão amado* (v. 16). O verbo “receber” presente no v. 17, significa, de acordo com Rienecker e Rogers, “tomar, receber para si, aceitar em sociedade, ou no seu círculo de amizades”.⁵³ Esse é o objetivo do apóstolo. Ele “insiste que Filemom (o senhor) deveria abrir mão das convenções sociais brutais que envolviam a escravidão na Roma antiga e amar Onésimo (o escravo) como se fossem irmãos de fato”.⁵⁴ O relacionamento entre os dois deveria ser reorientado em torno da participação de ambos na família de Deus.

6.2.4 A garantia da intercessão (vs. 18-20)

E se ele te causou algum prejuízo ou te deve alguma coisa, lança-o na minha conta (v. 18). A expressão traduzida por “lançar na minha conta” é um termo técnico comercial, da área da contabilidade, significava “colocar na conta da pessoa, para cobrá-la”.⁵⁵ Paulo está assumindo formalmente todo prejuízo causado por Onésimo. De fato, o apóstolo preenche um “cheque em branco” em favor do escravo fugitivo. Ele garante que pagará o possível prejuízo que Onésimo pode ter dado a Filemom na fuga. Além disso, Martin também lembra

⁵⁰ HAWTHORNE; MARTIN; REID, 2008, p. 547.

⁵¹ HENDRIKSEN, 2007, p. 488.

⁵² RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 490.

⁵³ RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 490.

⁵⁴ THIELMAM, Frank. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2007, p. 461.

⁵⁵ RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 490.

que a lei romana exigia que quem desse hospitalidade a um escravo fugitivo fosse devedor ao senhor do escravo do montante de cada dia de trabalho perdido, pode ser que a promessa de Paulo de ser fiador (v. 19) nada mais é do que a garantia dada a Filemom de que ele pagará o montante do prejuízo incorrido pela ausência de Onésimo do seu serviço.⁵⁶

Apesar de Paulo se colocar à disposição para pagar a dívida de Onésimo a Filemom, diz ao mesmo que ele lhe deve a própria vida (v. 19). Foi o apóstolo quem pregou o evangelho a Filemom. Neste sentido que Paulo diz: *tu me deves a ti mesmo*. Filemom tinha um grande débito “espiritual” para com Paulo. Ele conclui esta parte dizendo: *Sim, irmão, gostaria de ser beneficiado por ti no Senhor; dê ânimo ao meu coração em Cristo* (v. 20).

6.3 Confianças e despedidas (vv. 21-24)

Os quatro últimos versículos desta carta mostram Paulo como um pastor que conhece suas ovelhas; como um missionário que, mesmo em uma situação desfavorável, continua crendo na graça de Deus. Algumas observações podem ser destacadas e seguem abaixo.

6.3.1 A confiança na obediência (v. 21)

Escrevo-te confiado na tua obediência... (v. 21). Hendriksen comenta que essa obediência é a “obediência ao evangelho”.⁵⁷ Paulo conhecia o caráter de Filemom (v. 5) e sabia que ela era um cristão comprometido. O evangelho que Paulo anunciava ensinava que aqueles que foram gratuitamente abençoados por Cristo, também devem demonstrar bondade para com os outros. Filemom faria isso? Paulo confiava que sim.

6.3.2 A confiança na oração (v. 22)

...espero que pelas vossas orações serei levado de volta a vós (v. 22). Paulo estava preso, mas acreditava que o Senhor o libertaria. A expressão “serei levado de volta a vós”, no original é *humon charisthésomai humin*, que literalmente significa “de vós terei de ser por graça dado a vós”.⁵⁸ O verbo *charisthésomai*, de acordo com Rienecker e Rogers, está na voz passiva, e sugere que somente Deus pode assegurar a libertação de Paulo, embora ele confie nas orações da comunidade para pedir a Deus tal favor.⁵⁹

6.3.3 As despedidas de Paulo (vs. 23-24)

A carta é encerrada com a menção a alguns colaboradores de Paulo, tais como: Epafras, Marcos, Aristarco, Demas e Lucas. Todos estes enviaram saudações para Filemom. Isso demonstra que todos sabiam que Paulo estava enviando esta carta ao mesmo; talvez, todos conheçam esta história e, também estavam torcendo pela reconciliação entre Onésimo e Filemom. As últimas palavras de Paulo são: *A graça do Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito* (v. 24).

⁵⁶ MARTIN, 1984, p. 154.

⁵⁷ HENDRIKSEN, 2007, p. 495.

⁵⁸ LUZ, Waldyr Carvalho. **Novo Testamento interlinear**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 759.

⁵⁹ RIENECKER; ROGERS, 1995, p. 490.

VII. A TEOLOGIA DA CARTA A FILEMOM

Apesar de ser a menor das cartas do *corpus paulino*, Filemom também possui certa parcela de contribuição na Teologia do Novo Testamento. Pode-se afirmar que o principal enfoque teológico da mesma diz respeito ao poder transformador do evangelho e seus resultados na vida de um cristão.

7.1. O evangelho transforma indivíduos

Alexander e Rosner, ao comentar sobre as contribuições da carta de Filemom ao pensamento cristão, afirmam que esta demonstra o poder transformador do evangelho, pois, “aquele que anteriormente foi considerado ‘inútil’ (*achrêstos*) tornou-se, como resultado da conversão (v. 10), ‘(muito) útil’ (*euchrêstos*)”.⁶⁰ Na concepção de Paulo, a conversão deu uma guinada na existência na vida de Onésimo. Ele tornou-se um homem diferente. De um escravo fugitivo e ladrão, ela torna-se um cristão colaborador do apóstolo Paulo no ministério da pregação do evangelho. O apóstolo sabe que, como um homem transformado, “uma nova pessoa em Cristo”, Onésimo demonstrará a “prova de sua conversão quando receber as boas-vindas de volta em Colossos”.⁶¹ Por isso, ele é enviado de volta. E, por tudo o que já fora dito sobre a escravidão neste artigo, é duvidoso se Onésimo teria retornado a Filemom, mesmo com esta carta, se não tivesse realmente se convertido a Cristo.⁶²

Além de Onésimo, Filemom também fora transformado pelo poder do evangelho. Quando Paulo lhe escreve esta correspondência e lhe faz o pedido tema da mesma, o faz em nome do amor (v.9). O apóstolo presume que ele e Filemom estão de acordo em relação ao “princípio central da fé cristã: o amor ao próximo”.⁶³ Por causa das demonstrações de amor que Filemom já vinha dando em relação a outras pessoas da comunidade cristã (vs. 5-7), Paulo entende que ele fará o mesmo em relação a Onésimo; afinal de contas, trata-se de alguém convertido a Cristo e transformado pelo evangelho.

7.2. O evangelho derruba barreiras sociais

O pedido de Paulo a Filemom, para que este receba a Onésimo, mostra que o apóstolo acredita que o evangelho derruba barreiras sociais. Ele crê “que o evangelho reconfigura um dos relacionamentos sociais mais básicos – e brutais – dos seus dias: a escravidão”.⁶⁴ A escravidão era uma prática bem comum e presente no primeiro século. Gundry comenta:

Principalmente nas cidades, os escravos talvez fossem tão numerosos quanto os livres. A escravidão não se baseava em distinção de raça. Era comum condenar criminosos, endividados e prisioneiros de guerra à servidão; lá pelo

⁶⁰ ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. **Novo dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Vida, 2009, p. 491.

⁶¹ MARTIN, 1984, p. 171.

⁶² WILKINSON; BOA, 2000, p. 484.

⁶³ THIELMAN, 2007, p. 467.

⁶⁴ THIELMAN, 2007, p. 467.

século primeiro, no entanto, a maioria dos escravos nascia já nessa condição.⁶⁵

É bem possível que algo em torno de sessenta milhões de homens, mulheres e crianças viviam na servidão, em todo o império romano. Os escravos “eram considerados como bens particulares, ferramentas como machados e enxadas”.⁶⁶ Ainda que fossem “almas humanas”, eram vendidos como mármore, bronze, ferro e canela. Não possuíam direitos legais e poderiam ser criados, estuprados, punidos e assassinados ao critério dos seus senhores.⁶⁷ Os poderosos da época defendiam a escravatura com unhas e dentes. Para eles, o regime era interessante e necessário para o bem do império. Encaravam-na como indispensável à vida econômica. Thielmam escreve que, sem o regime da escravatura, talvez os romanos não tivessem conseguido o domínio político da região do Mediterrâneo, tampouco suas célebres realizações arquitetônicas, urbanas, literárias e filosóficas teriam sido possíveis.⁶⁸ Para este autor, a escravidão provia às classes mais ricas o tempo vago necessário para a elaboração de estratégias, o planejamento de construções, o debate da legislação, a composição de poesias e ensaios e a meditação sobre a vida.⁶⁹

Como o apóstolo Paulo se posicionou diante deste regime? Apesar de não ter denunciado a escravatura em si, abertamente, o apóstolo tratou do problema indo direto em suas bases. O apóstolo trabalhou com princípios bíblicos que, de alguma maneira, minam todas as bases do pensamento da escravatura. Sobre isso, Shedd e Mulholland comentam:

Em suas epístolas, Paulo se dirige tanto a escravos como a senhores, da perspectiva dos propósitos de Deus de, em Cristo, formar um novo povo. Em nítido contraste com as práticas desumanizadoras da escravatura, ele se dirige aos escravos como seres humanos responsáveis (Ef 6.5-8; Cl 3.22-25). Pela fé em Jesus eles são filhos de Deus, em cujo reino não há ‘nem escravo nem liberto’ (Gl 3.26-28; Cl 3.11; I Co 12.13). Ele insiste em que o relacionamento entre indivíduos – incluindo o relacionamento entre o escravo e seu senhor – deve evidenciar que eles pertencem a Cristo. Paulo fala aos senhores de escravos firmado nas mesmas convicções. Deus não tem predileções. (...) Essa postura radicalmente distinta mina todo o conceito da escravatura.⁷⁰

Dentro do cristianismo, escravo e senhor são equalizados, enquanto família de Deus. Neste sentido, a carta de Filemom traz uma mensagem. O escravo Onésimo deveria ser recebido como irmão (v. 16), na carne e no Senhor. Por trás desta fala de Paulo, está sua crença de que o evangelho derruba barreiras sociais e transforma relacionamentos. Essa redefinição radical de relacionamento entre senhor e o escravo remove a brutalidade e os aspectos desumanos do mercado romano de escravos, e sem estes aspectos, o desaparecimento desta instituição, pelo menos nos círculos cristãos, espera apenas que a

⁶⁵ GUNDRY, 2008, p. 61-62.

⁶⁶ SHEDD; MOLHOLLAND, 2005, p. 313.

⁶⁷ THIELMAN, 2007, p. 467.

⁶⁸ THIELMAN, 2007, p. 467.

⁶⁹ THIELMAN, 2007, p. 467.

⁷⁰ SHEDD; MOLHOLLAND, 2005, p. 315.

aplicação coerente do conceito social radical de Paulo seja praticada, conforme comenta Thielmam.⁷¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um das perguntas a ser feita ao terminar o estudo da carta de Paulo a Filemom, é a que diz respeito ao desfecho da história. Teria Filemom perdoado Onésimo? O texto do Novo Testamento não diz. Todavia, pode-se afirmar que sim, por ao menos duas razões: 1) Wilkinson e Boa sugerem que o fato da carta ter sido preservada inclusa no cânon é um forte indicativo da resposta favorável de Filemom ao apelo de Paulo;⁷² 2) à luz da história da igreja cristã, meio século depois de Paulo ter escrito esta carta, o bispo Inácio da Síria foi preso e levado para Roma. De lá, antes de ser morto, ele enviou uma carta para todas as igrejas que o ajudaram durante a sua viagem. Uma destas epístolas foi dirigida ao “Bispo Onésimo de Éfeso”. E, é bastante possível, de acordo com alguns estudiosos, tais como Bruce,⁷³ Barclay,⁷⁴ Shedd e Mulholland,⁷⁵ que Onésimo, libertado por Filemom, tenha sido o bispo desta igreja. Éfeso ficava perto de Colossos, onde Filemom morava. Pode ser possível também, como comenta os autores citados acima, que o fato de Onésimo ter se tornado bispo foi um fator importante para a inclusão desta carta no cânon do Novo Testamento. É apenas uma hipótese, mas vale a pena ser considerada.

Assim esta pesquisa panorâmica da carta se encerra. Como se afirmou na introdução, o objetivo da mesma era o de investigar este documento neotestamentário tendo em vista trazer à luz, à medida que a investigação se desenrolasse, as contribuições e implicações desta pequena epístola aos cristãos hodiernos. Espera-se que isto tenha ocorrido.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, T. Desmond; ROSNER, Brian S. **Novo dicionário de teologia bíblica**. São Paulo: Vida, 2009.

AZEVEDO, Israel Belo de. **Pastoreados por Paulo**. São Paulo: Hagnos, 2014. Vol. 2.

BARCLAY, William. **The new daily study Bible: the letters to Timothy, Titus and Philemon**. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2003.

BRUCE, F. F. **The Epistles to the Colossians, to Philemon and to the Ephesians: The New International Commentary on the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1984.

CALVINO, João. **Pastorais: série comentários bíblicos**. São José dos Campos: Fiel, 2009.

⁷¹ THIELMAN, 2007, p. 468.

⁷² WILKINSON; BOA, 2000, p. 484.

⁷³ BRUCE, F. F. **The Epistles to the Colossians, to Philemon and to the Ephesians: The New International Commentary on the New Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1984, p. 202.

⁷⁴ BARCLAY, William. **The new daily study Bible: the letters to Timothy, Titus and Philemon**. Louisville, KY: Westminster John Knox, 2003, p. 311-312.

⁷⁵ SHEDD; MOLHOLLAND, 2005, p. 317.

CARSON, D. A. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

CHAMPLIN, Russell Norman. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2002. Vol. 5.

ELLIS, E. Earle. **Filemom** In: HARRISON, Everett F. (Org.). **Comentário bíblico Moody**. São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1983. Vol. 5.

GUNDRY, Robert H. **Panorama do Novo Testamento**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

HALE, Broadus David. **Introdução ao estudo do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2001.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. **Dicionário de Paulo e suas cartas**. São Paulo: Vida Nova, Paulus e Loyola, 2008.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

LUZ, Waldyr Carvalho. **Novo Testamento interlinear**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulinas, 1983.

MARTIN, Ralph P. **Colossenses e Filemom: introdução e comentário**. São Paulo: Vida Nova e Mundo Cristão, 1984.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

RIENECKER, Fritz; ROGERS, Cleon. **Chave linguística do Novo Testamento grego**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. **Epístolas da prisão: uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

SOUNGALO, Soro. **Filemom** In: ADEYEMO, Tokunboh (Ed.). **Comentário bíblico Africano**. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

THIELMAM, Frank. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Shedd, 2007.

TOWS, Elmer; GUTIERREZ, Bem. **A essência do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2014.

WIERSBE, Warren W. **Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento 2**. Santo André: Geográfica, 2006.

WILKINSON, Bruce; BOA, Kenneth. **Descobrimos a Bíblia**. São Paulo: Candeia, 2000.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CONTEXTO MILITAR EM TORNO DO APÓSTOLO PAULO

The military context around the apostle Paul

Edmar dos Santos Pedrosa¹ e Claiton André Kunz²

RESUMO

Qualquer assunto relacionado a Paulo, o maior teólogo da igreja primitiva depois do próprio Jesus, é assunto que gera expectativa, o que por si só configura um grande desafio. Um traço pouco abordado pelos historiadores e biógrafos do apóstolo era sua relação com o militarismo romano presente na sua época. Abordar o contexto militar em que se passou a vida de Paulo e que pautou a escrita de suas treze cartas é o desafio deste trabalho. Quem foi Paulo, qual é a sua cidade natal, como ocorreu a sua formação intelectual, são temas que possuem boa comprovação histórica e bíblica, mas a influência externa do meio que permeou todo o seu ministério, após sua conversão, permanece na esfera das divagações. Um pouco de luz sobre este assunto precisa ser colocado. Paulo teve a companhia do maior e mais poderoso exército da Antiguidade consigo. As legiões romanas estavam presentes na sua vida desde sua cidade natal, que era província romana, até Jerusalém, para onde foi completar seus estudos, pois ali estava sediada a mais eficiente legião romana, a terceira. Durante suas viagens missionárias, ele circulou entre militares pelas cidades que passava. Conviveu corpo a corpo com muitos deles, nas prisões a que se submeteu e em todas anunciou o evangelho. Nasceu, cresceu, viveu, evangelizou e morreu entre militares. Isso moldou seu ministério e pode mudar o conhecimento sobre o apóstolo.

¹ Graduado em Ciências Policiais e de Segurança Pública pela Academia de Polícia Militar do Barro Branco, Bacharel em Direito pela Universidade Salesiana de Campinas, Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Campinas e Mestrando em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná). E-mail: es.pedrosa@hotmail.com

² Bacharel em Teologia e Filosofia. Mestre em Novo Testamento pela FTBSP e Mestre e Doutor em Teologia (ênfase em Bíblia) pela Escola Superior de Teologia. Diretor, coordenador acadêmico e professor da Faculdade Batista Pioneira e professor convidado do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdades Batista do Paraná. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

Palavras-Chave: Caserna. Império Romano. Cartas Paulinas. Paulo.

ABSTRACT

Any matters related to Paul, the greatest theologian of the early church after Jesus himself, is subject that generates expectation, which in itself sets a challenge. A trait rarely addressed by historians and biographers of the apostle was his relationship with the Roman military present in his time. Addressing the military context in which it came to Paul's life and that guided the writing of its thirteen letters is the challenge of this work. Who was Paul, what is your hometown, as was their intellectual training, are things that have good historical and biblical evidence, but the external influence of the environment that permeated his entire ministry after his conversion, just staying in the sphere of ramblings. A little light on this subject needs to be placed. Paul had the companionship of the largest and most powerful army of antiquity with him. The Roman legions were present in his life from his hometown that was Roman province, to Jerusalem where he was completing his studies, for there was based the most efficient Roman legion, the third. During his missionary journeys he circulated among military the cities that passed. Lived melee with many of them in prisons who submitted and all preached the gospel. Was born, raised, lived, preached and died between military. It shaped his ministry and may change the understanding of the apostle.

Keywords: Barracks. Roman Empire. Pauline's letters. Paul.

INTRODUÇÃO

Apesar de forte conteúdo histórico presente no livro de Atos e nas próprias cartas de autoria do apóstolo Paulo, principalmente por meio de seus testemunhos, muitas dúvidas ainda persistem quanto à biografia do maior teólogo da igreja primitiva. Paulo foi um homem que deixou tudo para trás em nome da esperança na vida eterna que havia por vir.

Não se discute a capacidade intelectual de Paulo. Era um notável judeu ligado ao farisaísmo. O motivo desta capacidade está em sua formação. Desde criança recebeu excelente formação cultural de seus pais, que pertenciam a uma classe de nobres, seja pelos serviços militares prestados a Roma, ou mesmo pelos serviços profissionais executados na construção de tendas, também para o exército romano.

Sua família possuía boa condição financeira, adquirida por meio do ofício que praticava. O jovem Saulo foi enviado ainda na sua adolescência a Jerusalém para completar seus estudos e sua forte formação acadêmica. Certamente isso custou muito caro para os padrões da época.

Em toda sua vida, Paulo teve muito contato com os militares romanos. Se não foi em casa, com seus pais e avós, comprovadamente foi durante as várias prisões a que ele foi submetido. Paulo passou muito tempo de sua vida em poder e em contato com militares, a ponto de conhecer muito bem as normas legais que regiam a vida em caserna, e as técnicas militares de combate, tão bem utilizadas por eles.

Graças a sua cidadania romana, seu intenso conhecimento legal e profundo saber filosófico intelectual, seu ministério foi muito profícuo. Grande parte deste sucesso deve-se

ao seu livre acesso em todo território romano. Em momentos oportunos ele vai invocar esta condição pessoal, para se livrar de violências e injustiças.³

Sua vida e suas cartas possuem bastante conteúdo militar, tanto que sua carreira humana e de fé foi encerrada justamente pelas mãos de militares. Na capital do império romano, no exato momento em que um carrasco militar desce a lâmina fria da espada sobre seu pescoço, encerra-se mais uma de tantas etapas na vida deste precioso ministro de Deus.

Deixou muitas coisas para trás para anunciar o evangelho salvador de Jesus. No passado, Paulo deixou sua cidade natal para viver em Jerusalém, deixou sua crença no farisaísmo para ser tornar um cristão verdadeiro, largou para trás o papel de perseguidor da igreja para tornar-se um perseguido por amor à mesma igreja que antes atacava.

Deixou a liberdade para ingressar nas prisões romanas em várias oportunidades. Enfim, por providência de Deus e pelas mãos do legionário romano, deixou esta vida para entrar na glória e receber a coroa da Justiça no céu, entregue pelas mãos de Deus.

1. A FORMAÇÃO CÍVICO MILITAR DE PAULO

Como ele mesmo declara, Paulo nasceu como judeu da tribo de Benjamim (Fp 3.5) possuía cidadania romana (At 16.37; 22.28), e era natural da “notória cidade” de Tarso, na província romana da Cilícia (At 21.39; 22.3). No ano de sua circuncisão e conseqüentemente de seu nascimento, foi nomeado segundo o primeiro rei israelita da mesma tribo a que pertencia Saul (Saulo). Contudo, não cresceu em sua cidade paterna, Tarso, mas em Jerusalém, onde foi instruído na “lei dos pais”, aos pés de Gamaliel, célebre mestre judaico (At 22.3; 26.4).⁴

Com Gamaliel, ele aprendeu a ter cautela e moderação, o que no seu caso traduzia-se em profundo zelo pelas coisas de Deus, zelo este que culminou em perseguição acirrada aos adeptos da “seita” de Jesus, por eles considerados inimigos da verdade do judaísmo. Assim, agia por pura convicção, acreditando estar atuando em nome de Deus.

Tudo demonstra que Paulo recebeu forte formação cultural em sua cidade natal, o que fez dele um profissional, um doutor em direito romano e também na língua grega. Também recebeu farta instrução judaica religiosa em Jerusalém, visando a tornar-se um rabino brilhante no futuro. Possivelmente também recebeu formação militar, e esta, em casa.

Por isso, Paulo conhecia muito bem o fardamento militar romano, bem como a forma de utilização dos materiais bélicos empregados pelos legionários. Não é à toa que ele faz uma aplicação teológica profunda usando a indumentária completa de um soldado romano como forma de ilustração e comparação com valores espirituais.⁵

³ Ver sobre os benefícios da cidadania em: BELL Jr, Albert A. **Explorando o mundo do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2001. p. 105-108.

⁴ MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010. p. 319.

⁵ Sugere-se a leitura dos comentários ao capítulo 6 de Efésios de: SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. **Epístolas da prisão: uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Vida Nova, 2005; STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: ABU, 1986; e HAHN, Eberhard; BOOR, Werner de. **Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses**. Curitiba: Esperança, 2006.

Ele tinha muita intimidade com armas romanas e fardamento militar. Talvez tenha crescido em casa vendo e manuseando estes materiais que pertenciam ao seu pai, avô e talvez bisavô. Pode ser que ele brincava com estes materiais e até os vestia, como é costume entre crianças que gostam de usar fantasias de super-heróis ou uniformes de seus pais em casa. Ou simplesmente Paulo conhecia muito bem do assunto, pois passou muitos anos em poder dos legionários, chegando a viver 24 horas por dia em companhia deles.⁶

Porque Paulo estava algemado, sob os cuidados do imperador, dois soldados da guarda pretoriana eram algemados a ele, em três turnos por dia, durante dois anos. Esses guardas faziam parte de um grupo de elite. Eram dezesseis mil soldados de escol, gente que tinha trânsito livre no palácio e influência política no império. Nesses dois anos, Paulo estava com as mãos presas, mas seus lábios estavam livres para testemunhar, a ponto de escrever aos filipenses: “Os santos vos saúdam, especialmente os da casa de César” (Fp 4.22).⁷

1.1 Sua cidade natal

A Cilícia foi usada como base de piratas e salteadores, o que obrigou Roma a envolver-se nestas questões bélicas e parte de seu território foi incorporado ao império como província romana em 102 a.C. Mas, em 67 a.C., com a brilhante vitória de Pompeu sobre aqueles piratas, toda a Cilícia foi submetida à condição de província, tendo Tarso como Capital.⁸

Em 83 a.C., Tarso, a capital da Cilícia, caiu sob o poder de Tigrane I, Rei da Armênia, porém passou às mãos dos romanos devido à vitória de Pompeu, tornando-se a capital da província da Cilícia. Em 64 a.C., a Cilícia foi unida para fins administrativos à Síria e assim prosseguiu durante toda a vida de Paulo.⁹

Isso mostra que enfim a paz reinou naquele território e os legionários da terra devem ter sido dispensados do serviço militar para prosseguirem em sua vida civil comum. Neste contexto, o avô e talvez o bisavô de Paulo devam ter sido um destes valentes legionários que serviram a Roma. No governo de Antônio, a partir de 42 a.C., para ser cidadão romano era necessário pagar o valor de 500 dracmas em propriedades.¹⁰ Isso era considerado um alto valor naquela época, conforme reconhecido pelo próprio comandante na conversa com Paulo em Jerusalém, já que uma dracma equivalia ao salário recebido por um dia de trabalho realizado.

Tarso era a capital da imponente Cilícia e se constituía num dos maiores e populosos centros de atividades comerciais e de difusão cultural entre as províncias romanas do Oriente. Isso lhe trazia vantagens e desvantagens. A cidade era bem desenvolvida, contando com

⁶ Cf. Atos 28. Robertson faz uma extensa descrição do período em que Paulo ficou em cadeias. Veja-se: ROBERTSON, A. T. **Épocas na vida de Paulo**. Tradução de A. B. Oliver. Rio de Janeiro: JUERP. 1982. p. 207-266.

⁷ Disponível em <http://hernandesdiaslopes.com.br/2011/07/quando-deus-transforma-o-sofrimento-em-porta-de-entrada-para-o-evangelho/#.VQ1nmvvnF91Y>. Acesso em 21 mar. 2015.

⁸ BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003. p. 28.

⁹ Cf. Gálatas 1.

¹⁰ BRUCE, 2003, p. 29.

aproximadamente 300 mil habitantes, em que se misturavam, como em todos os portos, elementos de várias procedências.¹¹

Por conclusão lógica, se Paulo nasceu cidadão romano, conforme retrata o texto bíblico, seu pai já deve ter sido cidadão romano. A cidadania para não romanos, se não fosse comprada, e este era o caso de Paulo (Fp 3.5), era concedida pela autoridade geral (*imperium*), delegada por lei aos generais que a concediam a alguém que tenha prestado um relevante serviço a Roma. Assim sendo, o pai, o avô ou até mesmo o bisavô de Paulo podem ter servido como legionários do exército romano nas inúmeras batalhas enfrentadas, principalmente na crise com os piratas.¹² Quem lutasse na legião e saísse vivo, ganhava a cidadania romana.¹³

Pode ser também que o grande serviço prestado a Roma pela família de Paulo seja ter fabricado tendas para o exército, já que a grande prosperidade de Tarso estava atrelada a uma matéria-prima abundante e existente naquele território chamada de *cilicium*, um tecido de pelos de cabra do qual se faziam mantos para proteger contra o frio e a umidade.¹⁴ Material perfeito e duradouro para construir barracas ou tendas de campanha e ser utilizado nos acampamentos existentes nos campos de batalha – e olha que Roma participava de muitas, especialmente naquele período conturbado da história.

Provável prova que ratifica esta possibilidade é o antigo preceito judaico que dizia que todo cidadão nobre devia aprender um ofício manual, e assim Saulo foi sugestionado a escolher o ofício de tecelão. Saulo, segundo o historiador e evangelista Lucas, foi um fazedor de tendas.¹⁵ Profissão nobre para a época, à semelhança de arquiteto ou designer nos dias atuais.

1.2 O envio a Jerusalém

Muito provavelmente, o infante Saulo foi criado distante dos prazeres que reinavam na sua querida e próspera Tarso, e, amparado pelos seus pais, judeus zelosos, dedicava-se ao aprendizado do grego e do hebraico.¹⁶ Isso o levou a um profundo conhecimento intelectual acima da média daqueles da sua idade.¹⁷

O povo de Tarso era ávido por atividades culturais em todas as áreas do conhecimento, chegando a superar Atenas e Alexandria. Era uma cidade universitária, porém aqueles que dispunham de maiores condições financeiras deixavam a cidade para completar seus estudos em outro lugar e raramente voltavam.¹⁸ Assim também aconteceu com Paulo:

De todos os escritores do Novo Testamento, Paulo é o que gravou sua própria personalidade de modo inconfundível em seus escritos. [...] não por ter composto suas cartas com um olho na propriedade estilística e no veredito

¹¹ COTHENET, Edouard. **São Paulo e o seu tempo**. Tradução de Benoni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 9.

¹² BRUCE, 2003, p. 33.

¹³ Disponível em http://www.lulicoutinho.com/atividades_culturais_2011/artes_d_alma/5_capitulo/parte_4/4_parte_os_legionarios.htm. Acesso em 20 mar. 2015.

¹⁴ COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Venda Nova: Betânia, 1991. p. 29.

¹⁵ Cf. Atos 18.

¹⁶ COTHENET, 1984, p. 7-13.

¹⁷ Cf. Gálatas 1.

¹⁸ BRUCE, 2003, p. 29.

de aprovação de um público mais amplo do que o que tinha primeiramente em vista, mas porque elas expressam, de modo tão espontâneo e por isso eloquente, seu pensamento e sua mensagem.¹⁹

Isso levou Paulo a ser reconhecido pelos maiores helenistas da sua época. Foi a autor do maior tratado teológico da Bíblia, que é a carta aos romanos, em que debate consigo mesmo questões teológicas profundas, além de suas cartas possuírem profundo conteúdo moral contra práticas indevidas das pessoas que prejudicavam seus corpos e conseqüentemente suas almas para obterem prazeres mundanos. Isso tudo porque cresceu em meio a pessoas profundamente imorais.

2. PAULO FOI UM MILITAR DA RESERVA?

Servir ao exército romano, a maior força militar da Antiguidade, era visto como um dever patriótico. Todo homem, romano livre, desde que fosse maior de idade, tinha o dever de pegar em armas, quando necessário, para defender a cidade. Passado o perigo, o exército dispersava-se e cada um voltava às suas atividades normais.

Inicialmente só cidadão romano podia ingressar nas legiões, o que não significa que exclusivamente italianos as integrassem: filhos de cidadãos romanos nascidos nas províncias, muitas vezes de mães nativas, eram igualmente cidadãos. Não havia uma idade determinada para alistar-se, mas a maioria dos candidatos a legionários sentava praça logo ao atingir a maioridade, o que, entre os romanos, acontecia aos 17 anos. Embora tenha havido variações ao longo do tempo, durante a maior parte da história das legiões o tempo de serviço regulamentar era de vinte anos.²⁰

Todavia, a respeito do apóstolo Paulo, segundo alguns historiadores:

A ambição que os pais de Saulo tinham para que ele recebesse educação teológica em Jerusalém não foi ruim. Essa cidade era o alvo dos judeus em qualquer parte do mundo. Ali se concentrava a história da sua nação. (...) Conforme o costume judaico, Saulo tinha, talvez, uns treze anos quando foi estudar em Jerusalém, de modo que poderia dizer que fora “criado” ali (Atos 22.3). (...) De tudo o que a cidade tinha de atração histórica, a coisa que mais salientou na sua vida posterior foi o fato de ele se haver sentado aos pés do maior mestre do seu tempo entre os judeus (Atos 22.3).²¹

Não podemos precisar com que idade Paulo foi a Jerusalém. Uma coisa é certa: Paulo deve ter ingressado na escola de Gamaliel em algum momento durante a sua adolescência, após receber profundos ensinamentos de seus pais.²² Até porque um judeu só atingia a maioridade religiosa aos 13 anos de idade, e somente a partir daí teria condições de morar longe de seus pais. Bom exemplo disso é o fato de, aos 13 anos, Jesus ter celebrado o *bar mitzvah*, ritual que marca a maioridade religiosa do judeu.

¹⁹ BRUCE, 2003, p. 11.

²⁰ Disponível em <http://www.jornallivre.com.br/217166/tudo-sobre-a-legiao-romana.html>. Acesso em 20 mar. 2015.

²¹ ROBERTSON, A. T. *Épocas na vida de Paulo*. Tradução de A. B. Oliver. Rio de Janeiro: JUERP. 1982. p. 27-28.

²² BRUCE, 2003, p. 39.

Assim sendo, é improvável que Paulo tenha ido a Jerusalém estudar aos pés de Gamaliel após completar os 17 anos de idade, o que permite concluir que ele não se tornou um legionário durante sua juventude, mas ou foi de fato filho e neto de um, ou sua família serviu ao exército romano por meio da fabricação de tendas e assim receberam o título de cidadãos romanos.

3. SEU PROFUNDO SABER JURÍDICO MILITAR

Conhecer o direito romano foi fundamental ao ministério paulino (sua ida a Roma só foi possível devido ao seu apelo a César). Por Direito Romano, deve-se entender Direito Militar puro e simples, pois era o que se aplicava à vida de caserna e também à vida civil.²³

Na época das primeiras comunidades cristãs, os fariseus aparecem como um grupo de leigos, advogados, escribas e sacerdotes. Seu principal intento é alcançar um objetivo religioso, especificamente o cumprimento da lei e a preservação das “tradições paternas” sob as condições de um mundo mudado.²⁴

Paulo demonstra profundo conhecimento jurídico em suas falas, o que pode indicar que ele obteve esta formação enquanto estava em Tarso, deixando a possibilidade de uma idade mais avançada do apóstolo como opção para sua ida a Jerusalém, onde enfim se aprimorou nos conhecimentos farisaicos:

Os fariseus não procuravam dificultar ainda mais o cumprimento da lei, de forma nenhuma, pelo contrário, os ensinamentos deles, como também os de seus sucessores, queriam tornar o cumprimento possível – em vista do governo de Deus. O seu método de interpretação, chamado *Halakha* (como se deve caminhar), consiste em argumentos e contra argumentos sobre o cumprimento exequível de cada mandamento sob condições alteradas.²⁵

3.1 Suas prerrogativas legais

Paulo era profundo conhecedor das leis romanas. Naquele período, as leis militares regiam a sociedade civil, já que vigorava um estado de intervenção militar constante sobre toda a comunidade. Pelo menos em três oportunidades, o apóstolo necessitou demonstrar este profundo conhecimento jurídico militar quando estava diante de legionários romanos e na iminência de sofrer alguma forma de violência ou coação na sua liberdade de ir e vir.

Importante lembrar que a Lei vigente sobre o uso da força era a “*lex lulia de vi publica*” que protegia um cidadão romano em detrimento de cidadãos comuns. Bastava ao homem abordado por um legionário, apelar publicamente invocando seu direito, dizendo “*ciuis romanus sum*” (sou cidadão romano). Porém não bastava invocar esta qualidade, tinha que provar documentalmente este fato, que no caso de Paulo deveria constar em seu registro de

²³ Ver BELL Jr, 2001, p. 91-118.

²⁴ KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. 1, p. 240-241.

²⁵ KOESTER, 2005, p. 242.

nascimento, o qual ele devia trazer consigo sempre: “*ciuem romanum esse professus est*”. Caso contrário, essa invocação constituiria um crime grave.²⁶

Em três momentos clássicos, Paulo teve que usar deste artifício jurídico militar. Era tão militar o preceito invocado, que os legionários não só o conheciam bem, como tremiam e temiam ferir alguma daquelas normas, principalmente porque era inconcebível maltratar um cidadão romano, acima de tudo um ente de legionário.

O primeiro fato ocorre depois de terem sido surrados em meio a uma turba provocada na cidade de Filipos em razão de alguns cidadãos locais o terem acusado, juntamente com Silas, de terem provocado uma perturbação da ordem pública. Assim, foram colocados na prisão, mas quando os magistrados romanos checaram sua documentação e viram que ele era cidadão romano, mandaram soltá-los às escondidas.²⁷

Paulo, invocando mais uma vez seus direitos de cidadão, exige a presença dos mesmos magistrados que arbitrariamente o puniram, para que os colocassem pessoalmente em liberdade. Os magistrados não só fizeram isso como imploraram para que eles saíssem da cidade, pois temiam a repercussão daquele ato praticado. Só agiram assim, é claro, depois de pedir muitas desculpas a ambos.²⁸ Se Paulo registrasse uma queixa formal, aqueles magistrados sofreriam sérias consequências.

O segundo momento ocorre quando Paulo é preso em Jerusalém praticamente nas mesmas condições da prisão anterior em Filipos. Em meio a uma tentativa de linchamento público, ele é detido pelos soldados; mas, antes de ser levado à fortaleza onde certamente seria açoitado, pediu a palavra ao comandante, que, confirmando sua condição de judeu, permitiu que ele falasse à turba enlouquecida.²⁹

Depois de contar seu testemunho de conversão, o comandante manda que o conduzam preso para ser interrogado mediante chicotadas. Neste momento surge um centurião, que se aproxima de Paulo já amarrado e pronto para sofrer o castigo, quando ouve do apóstolo a pergunta que deve ter gelado a alma militar daquele romano: *é permitido chicotear um cidadão romano?* Ao ouvir isso, o centurião dirige-se imediatamente ao comandante alertando-o do grave crime que estava prestes a cometer e este, então, confirma com Paulo, sua condição de cidadania e admira-se de que ele a possui por direito de nascimento.³⁰

O terceiro momento foi o mais impactante e marcante. Agora, mostrando profundo saber jurídico ao ser preso novamente, ele apela a Cesar, o que significava ter que ser removido à capital Roma. O Governador Festo afirma que perguntou a Paulo se queria ir a Jerusalém para ser julgado. Mas ele interpôs apelação, a fim de que sua causa fosse reservada ao julgamento do augusto imperador. Por isso foi mantido preso até que se consumasse esta remoção.³¹

²⁶ BRUCE, 2003, p. 34-35.

²⁷ Cf. Atos 16.

²⁸ Cf. Atos 16. Ver descrição sobre a prisão de Paulo em Filipos em: BOOR, Werner de. **Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Esperança, 2003. p. 236-242.

²⁹ Cf. Atos 21.

³⁰ Cf. Atos 22.

³¹ Cf. Atos 25.

Como era um jurista nato, Paulo pede permissão para fazer sua própria defesa, o que, depois de autorizado, faz de maneira brilhante. Como em outras oportunidades, realça o acontecimento de sua conversão e o poder de Deus. Tenta converter seus ouvintes com seu discurso, chegando a impressionar Festo, que acusa o apóstolo de estar delirando, mas ele, mais uma vez usando de profunda persuasão, convence a todos que nada de errado cometeu, tanto que queriam libertá-lo, mas não o fizeram, justamente porque ele apelou para Cesar.³²

Tudo isso demonstra que, naquela época, ser cidadão romano era sinônimo de gozar dos mesmos privilégios legais dos militares, uma vez que ambos os *status* convergiam em um só.

4. A MENAGEM DE PAULO

Um grande equívoco histórico é cometido por quem estuda a biografia do apóstolo - Afirmando que ele foi submetido à prisão domiciliar. Esta forma de prisão só é recomendada aos sentenciados por crimes que tenham combinadas penas mínimas e, neste caso, o condenado ficava em sua casa, com total liberdade, sem supervisão, não podendo somente sair dela sem autorização legal. Esse nunca foi o caso de Paulo.

Ele não estava sentenciado e condenado. Seu processo ainda estava em andamento. Enquanto aguardava o deslinde processual, ele é submetido a um regime especial de custódia, em que as autoridades romanas permitiram-lhe residir num local em que pudesse se relacionar normalmente com as pessoas. Só não podia se ausentar da residência. A casa era vigiada diuturnamente por um soldado romano. A isso se chama, no meio castrense,³³ de Menagem:

É instituto processual típico da Lei Castrense foi outrora tratamento existente na monarquia concedido aos nobres "de permanecer na própria casa ou castelo, enquanto respondiam a processo". "Em Roma, Atenas e entre os povos bárbaros era consagrado o princípio de que o acusado poderia aguardar, em liberdade, o julgamento". O acusado, mediante certas condições, se eximia da prisão até a terminação da causa. Homenagem (menagem) era o privilégio concedido aos fidalgos, desembargadores, cavalheiros das Ordens Militares, doutores e alguns escrivães de permanecer na própria casa ou castelo, enquanto respondiam a processo.³⁴

Assim fica claro que só nobres ou doutores poderiam receber este direito e Paulo se enquadrava perfeitamente nesta condição. "A homenagem era um privilégio particularmente concedido à Nobreza".³⁵

A menagem é inspirada no direito italiano do tempo dos céares. Ela implica uma restrição à liberdade de locomoção e domiciliar, retendo em algum

³² Cf. Atos 26. Ver a descrição de ROBERTSON, 1982, p. 207-266, em seu capítulo "Paulo em Cadeias".

³³ "Castrense" 1. Relativo a acampamento militar. 2. Que respeita ao serviço militar. in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/castrense>. Acesso em 19 mar. 2015.

³⁴ A menagem por Ronaldo João Roth Juiz de Direito da 1ª Auditoria Militar do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.jusmilitaris.com.br/novo/uploads/docs/amenagem.pdf>. Acesso em 21 mar. 2015.

³⁵ ROTH, Ronaldo João. **Temas de direito militar**. São Paulo: Suprema Cultura, 2004. p. 145-149.

lugar uma pessoa para evitar que empreste sua colaboração à agitação. A menagem-prisão ocorrerá em quartel, navio, acampamento, ou em estabelecimento ou sede de órgão militar se o menageado for militar, e **em local sob administração militar se o menageado for civil**. Mas não é recomendável àquele delito praticado com requinte de crueldade, à traição, por motivo torpe ou fútil.³⁶

Como último requisito, antes de aplicar este benefício, deveria olhar os antecedentes do acusado e, para isso, o magistrado deve aferir a personalidade do preso, se há compatibilidade com o benefício, até porque a garantia judicial é a confiança na palavra do preso. E quanto a isso não resta dúvida - Paulo transmitia muita segurança naquilo que falava.

O apóstolo ficou dois anos inteiros nesta condição. Como era nobre e civil, ficou numa casa sob administração militar. A história da igreja primitiva, escrita por Lucas, termina exatamente neste ponto. Paulo tinha licença para receber visitas, às quais pregava o evangelho. Durante esses dois anos, escreveu as Epístolas aos Efésios, Filipenses, Colossenses e a Filemom. Depois de dois anos em cativeiro, de 61 a 63 d.C., o seu processo terminou sem uma sentença condenatória e ele foi colocado em liberdade.³⁷

5. A FORMA DA EXECUÇÃO DA SUA PENA DE MORTE

Até os dias atuais existe pena de morte em muitos países dos quais o Brasil não é exceção. Como o direito brasileiro é fruto do direito romano e este é fruto do direito militar dos tempos dos cézares, a pena de morte servia em estados excepcionais para manter a ordem, a disciplina e preservar a hierarquia nas tropas militares. A forma atualmente aplicada é reflexo deste entendimento. Serve para todos em caso de guerra e estados de exceção.

Para sua aplicação, forma-se o conselho de sentença no próprio campo de batalha, esperam-se sete dias para manifestação do Presidente da República quanto a conceder clemência; caso ela não ocorra, é aplicada a pena de morte por fuzilamento no 8º dia. Usa-se o fuzilamento por ser uma forma mais rápida e digna de morrer.³⁸

O sentenciado fica ciente da sua execução e da data, permanecendo ansioso e inerte, aguardando o posicionamento presidencial. Caso o infrator merecesse, era aplicada sumariamente sem este trâmite legal, se fosse necessário para manutenção da disciplina imediata.

Importante lembrar que a pena de morte, oriunda do direito militar romano antigo, só era aplicada em tempo de guerra.³⁹ Mas não bastava só esta ocorrência, precisava o infrator ter cometido um dos crimes que preveem esta pena capital como punição, como por exemplo,

³⁶ A menagem* Ronaldo João Roth Juiz de Direito da 1ª Auditoria Militar do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.jusmilitaris.com.br/novo/uploads/docs/amenagem.pdf>. Acesso em 21 mar. 2015.

³⁷ Cf. Cronologia de MAUERHOFER, 2010, p. 315-319.

³⁸ Artigo 55 e artigo 56 do Código Penal Militar e artigo 57 combinado com artigo 707, § 3º, do Código de Processo Penal Militar.

³⁹ Segundo o CPM, o tempo de guerra, para os efeitos da aplicação da lei penal militar, começa com a declaração ou o reconhecimento do estado de guerra, ou com o decreto de mobilização se nele estiver compreendido aquele reconhecimento; e termina quando ordenada a cessação das hostilidades. Disponível em <http://www.jusmilitaris.com.br/novo/uploads/docs/penademorte.pdf>. Acesso em 18 mar. 2015.

traição, insubordinação e incitamento. Todas as acusações possíveis de terem recaído sobre Paulo a mando do imperador Nero.

Paulo foi preso por ser acusado de chefiar a seita cristã, pois pesava sobre os cristãos a acusação de terem incendiado Roma. A pena de morte para cristãos comuns era de toda sorte de crueldade e poderia ser cumprida sumariamente a bem da disciplina, da mesma forma como é hoje em caso de guerra declarada.

Mas Paulo não era um cristão comum. Era um nobre, um jurista muito culto, um orador eficiente e um verdadeiro cidadão romano. Mesmo preso, sua sentença foi a mesma dos demais cristãos, mas a forma de execução não. Paulo recebe a forma de execução mais digna e rápida para militares e cidadãos romanos – a morte por decapitação.

Era uma forma de reconhecer seu status e sua importância na sociedade romana. Mais uma vez, o apóstolo reconhece a providência divina sobre sua vida em ter feito dele um cidadão romano e com isso garantir-lhe o direito a uma morte menos sofrida e humilhante. Por isso, ele afirma que foi Deus quem o livrou da boca do Leão⁴⁰, terrível e cruel tipo de morte em que os cristãos eram amarrados a peles de animais e jogados para serem devorados vivos por leões famintos nas arenas romanas.

De acordo com a opinião mais comum, Paulo sofreu o martírio no mesmo dia e no mesmo ano que o Apóstolo Pedro. Embora muitos estudiosos discordem se foi de fato no mesmo dia, poucos discordam que ela tenha ocorrido no mesmo ano. Talvez o depoimento mais contundente seja o de Clemente, grande pai da igreja antiga:

Cf. 1 Clemente, 5 (c.95). Clemente de Roma menciona, neste breve capítulo, a morte de Pedro e Paulo como mártires; em relação ao apóstolo Paulo, ele escreve: “Depois de haver sido acorrentado sete vezes, expulso, apedrejado, tendo-se tornado anunciador no Oriente e no Ocidente, obteve a excelente glória de sua fé; depois de haver ensinado justiça a todo o mundo e chegado aos confins do Ocidente e testemunhado perante os governantes...”⁴¹

No outono do ano 67 d.C. foi agendada a realização da Segunda Sessão do Tribunal. Paulo não tem ilusões, sabe que esta Sessão terminará com sua entrada no reino dos Céus. Paulo estava velho, doente e sentindo muito frio. Além dos anos que lhe pesavam, as cicatrizes se acumulavam naquele corpo cansado, mas o pior problema que ele sente naquele momento é de ordem emocional.

Seja como for, como bom jurista que era, Paulo saiu do local onde foi sentenciado já sabendo da sua pena e da data em que ela seria cumprida - dali a oito dias! Não lhe restava mais nada a fazer, ninguém a quem recorrer. Só poderia aguardar no “corredor da morte” com ansiedade e expectativa pela clemência do imperador.

Por outro lado, ele sabia que aquela clemência nunca chegaria, afinal de contas foi o próprio imperador que declarou os cristãos verdadeiros criminosos de guerra e dignos de morte. Dessarte, sua execução era certa.

⁴⁰ Cf. 2 Timóteo 4.

⁴¹ MAUERHOFER, 2010, p. 319.

Ele foi abandonado por todos, e como homem que era, sentia muita falta de companhia, de alguém para conversar, de algo para ler. Assim ele dedica seus últimos momentos de lucidez para escrever pela segunda e última vez a seu amado filho na fé, Timóteo. Termina sua última carta afirmando algo maravilhoso em linguagem militar: “Combati o bom combate, concluí a minha carreira, guardei a fé. De resto, me está reservada a coroa da justiça, que o SENHOR, justo juiz, me dará naquele dia”.⁴²

Interessante que neste momento de carência emocional, de saudade de pessoas queridas, de lembranças dos momentos marcantes de sua vida cristã e de sua certeza do que o esperava após ser cumprida a pena capital, ele faz alguns pedidos a Timóteo. Ele tinha somente sete dias para atender aqueles pedidos. Certamente esta carta não chegou às mãos do destinatário antes de sua execução, e mesmo que tenha chegado, por certo não daria tempo de ser atendida.

Paulo sabia disso. Mas não importava, afinal de contas ele estava escrevendo um testamento perpétuo e inspirado por Deus, que faria ecos na humanidade por séculos depois de sua morte, fazendo valer um dito cristão anônimo em que se afirma: ***Um cristão gera frutos para Deus em sua vida, mas também na sua morte!***

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O último dos apóstolos teve uma carreira humana brilhante. Tudo em sua vida conspirou para que se desenvolvesse e atuasse com brilhantismo. Deus cuidou de cada detalhe antes e depois do famoso encontro no caminho para Damasco. O inteligente, o brilhante, o nobre Saulo não mais perseguiria a igreja, os cristãos e o próprio Jesus.

Agora ele seria mudado, seria arduamente treinado e aprenderia a sofrer pelo nome que antes perseguia. Deus trabalhou de forma maravilhosa na vida de Paulo, escolhendo a família em que ele nasceria, os ensinamentos que receberia e o momento certo para ter um encontro definitivo com Ele.

Seu chamado foi estratégico para difusão do cristianismo. Para isso, Deus usou suas potencialidades, inspirando-o a escrever treze magníficas cartas. Mas usou também seus defeitos para propulsão do evangelho nas cidades dominadas pelo Império Romano.

Paulo precisava saber lidar com romanos, principalmente com legionários romanos, militares com o mais alto preparo da época. Assim ele nasce cidadão romano, tornou-se profundo conhecedor dos direitos e deveres atinentes à vida de caserna a ponto de, a cada encontro com um militar, levar Jesus a eles e levar muitos deles à conversão.

Com os militares ele sofreu, mas também pôde saborear a boa ação de Deus na vida daquelas pessoas que até mesmo mandam lembranças a outros crentes que sequer conheciam pessoalmente. Mesmo sem ter sido um militar por alistamento, Paulo o foi por dedicação e conhecimento. Suas obras estão rodeadas de cenas, ações e práticas militares. Seu ministério foi rodeado pelas legiões romanas e sua vida chega ao fim, meticulosamente

⁴² Cf. 2 Timóteo 4. Ver STOTT, John R. W. **Tu, porém: a mensagem de 2 Timóteo**. São Paulo: ABU, 1983. p. 100-123.

planejada por Deus, em Roma e pelas mãos de militares, que não seria difícil imaginar, eram convertidos ao evangelho pelo próprio Paulo.

REFERÊNCIAS

BELL Jr, Albert A. **Explorando o mundo do Novo Testamento**. Belo Horizonte: Atos, 2001.

BOOR, Werner de. **Atos dos Apóstolos**. Curitiba: Esperança, 2003.

BRUCE, F. F. **Paulo: o apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd, 2003.

COLEMAN, William L. **Manual dos tempos e costumes bíblicos**. Venda Nova: Betânia, 1991.

COTHENET, Edouard. **São Paulo e o seu tempo**. Tradução de Benoni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1984.

HAHN, Eberhard; BOOR, Werner de. **Carta aos Efésios, Filipenses e Colossenses**. Curitiba: Esperança, 2006.

KOESTER, Helmut. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 2005. Vol. I.

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento**. São Paulo: Vida, 2010.

ROBERTSON, A. T. **Épocas na vida de Paulo**. Tradução de A. B. Oliver. Rio de Janeiro: JUERP, 1982.

ROTH, Ronaldo João. **Temas de direito militar**. São Paulo: Suprema Cultura, 2004.

SHEDD, Russell P.; MULHOLLAND, Dewey M. **Epístolas da prisão: uma análise de Efésios, Filipenses, Colossenses e Filemom**. São Paulo: Vida Nova, 2005.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Efésios**. São Paulo: ABU, 1986.

_____. **Tu, porém: a mensagem de 2 Timóteo**. São Paulo: ABU, 1983.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

O CHAMADO: CARACTERÍSTICAS DA VOCAÇÃO MINISTERIAL

The call: characteristics of ministerial calling

Wagner Buteseke¹

RESUMO

O chamado para o ministério é um assunto relevante dentro da prática eclesial, porém, pouco explorado nos últimos tempos. Um tema intrigante devido às suas múltiplas formas. Cada chamado é composto por uma gama de experiências individuais e coletivas que raramente obedece a uma ordem. A falta de informações básicas sobre este assunto tem sido apontada como um dos principais motivos para o abandono recente do ministério. Considerando estas realidades, a presente pesquisa tem por objetivo encontrar o fator comum em uma situação de chamado, utilizando-se como base o chamado para o ministério pastoral. Há vários fatores em comum ligados ao chamado. No desenvolvimento da pesquisa, percebe-se diferenças e semelhanças, destacam-se características e consequências. A pesquisa confirma e relaciona a falta de informações sobre o assunto como o motivo de muitas desistências pastorais. O que é chamado? Quais são as características de um chamado? Quais as consequências do chamado? As respostas a essas perguntas resumem o conteúdo desta pesquisa.

Palavras-chave: Vocação. Chamado. Ministério Pastoral.

ABSTRACT

The call to ministry is a relevant subject within the ecclesiastical practice, however, little explored in recent times. An intriguing issue because of its many forms. Each call is composed of a range of individual and collective experiences that rarely obey an order. The lack of basic information on this subject has been identified as a major reason for the recent abandonment of the ministry. Given these realities, this research aims to find the common factor in a situation of calling, using as basis the call to pastoral ministry. There

¹ Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e pastor na Primeira Igreja Batista de Santo Augusto/RS.
E-mail: wagnerbuteseke@hotmail.com

are several common factors linked to the call. In the development of research, we can see differences and similarities, stand out features and consequences. The research confirms and relates the lack of information on the subject as the reason of many pastoral dropouts. What is call? What are the characteristics of a call? What are the consequences of the call? The answers to these questions summarize the contents of this search.

Keywords: Vocation. Call. Pastoral Ministry

INTRODUÇÃO

O chamado, somente esta palavra não é suficiente para entender o conteúdo da presente pesquisa, pois esta palavra nos remete a uma gama muito ampla de significados, entre os mais comuns, simplesmente chamar uma pessoa pelo nome, ou com significado mais específico como o chamado para a salvação. A presente pesquisa concentra-se no chamado vocacional, ou seja, o ato onde Deus convoca pessoas para atuarem em um ministério integral ou parcialmente.

Deus não chama apenas pastores e missionários para servi-lo, mas chama também médicos, engenheiros, professores, escritores, advogados, juízes, farmacêuticos, músicos, administradores, profissionais especializados e muitos outros. Ele quer usar em sua obra tanto um quanto outro, por isso quem serve a Deus como um médico está fazendo a obra tanto quanto um missionário, o importante é estar no lugar certo, no lugar colocado por Deus e ter a convicção desse chamado. E ainda existem os casos de quando a pessoa tem uma vocação dupla, um médico-missionário, um pastor-professor. Qualquer profissão deve ser exercida com o objetivo de cumprir a vontade de Deus.²

Cada chamado é composto por uma gama de experiências individuais e coletivas que raramente obedece a uma ordem. A falta de informações básicas sobre este assunto tem sido apontada como um dos principais motivos para o abandono recente do ministério. Considerando estas realidades, a presente pesquisa tem por objetivo encontrar fatores comuns no que diz respeito ao chamado, tendo como base a realidade do ministério pastoral. O que incentivou toda a pesquisa foi saber se há fatores em comum no chamado vocacional. O caminho proposto para esta busca foi analisar as características do chamado e as suas consequências.

1. ENTENDENDO O CHAMADO

Por que milhões de servos de Deus se dedicam ao incansável trabalho pastoral? A razão é única: O chamado de Deus. Críticas podem surgir, apontando a motivação para o ministério como um desejo de manipular os ingênuos; muitos desvalorizam este ministério baseados em exceções de poluição moral e da corrupção financeira de poucos. E mesmo em meio a tanta pressão e desvalorização da sociedade, todos os dias milhares de pessoas são restauradas,

² CÉSAR, Kléos Magalhães Lenz. **Vocação:** perspectivas bíblicas e teológicas. Viçosa: Ultimato, 1997. p. 123.

salvas e transformadas pelo trabalho constante e dedicado de um pastor. A consequência deste fato é uma resposta ao chamado, uma missão originada no amor a Deus e ao homem.³

O chamado de Deus para o ministério vocacional possui diferentes dimensões. O chamado para a salvação, que é ponto de partida de qualquer chamado ao serviço no ministério; a pessoa precisa ter certeza de que é chamada por Cristo antes de buscar um ministério vocacional; há também o chamado para o serviço, que é parte intrínseca do chamado à salvação e que não deve confundir-se com o chamado vocacional, que é a atuação em um ministério de tempo integral.⁴

Destacam-se alguns elementos importantes no contexto da vocação. Primeiramente Deus é quem chama, quem desafia o ser humano ao cumprimento da sua vontade, dessa forma entende-se o “chamado” como aquilo que opera essa vontade na história. O outro elemento importante neste processo é o ser humano, que é tocado pela presença da divindade, fazendo-o entender a sua vontade e levando-o ao cumprimento de uma missão. Assim evidencia-se outro aspecto muito delicado do chamado, o subjetivismo, ou seja, o chamado de Deus se dá no mais profundo do ser. Por isso, quando se fala em vocação neste sentido, o testemunho é o limite da evidência, pois só o testemunho permite conhecer o chamado de Deus a alguém para o cumprimento de um ministério.⁵

O vocacionado é chamado não por causa de algum mérito por esse praticado, e ele nunca deve se esquecer dessa realidade, pois, assim sendo, corre o risco de cair na tentação da ostentação, do orgulho, o vocacionado precisa se manter longe de toda soberba. Quando Deus chama, ele espera dedicação total, ele quer que se faça com zelo, fidelidade, responsabilidade, colocando todo o tempo à sua disposição. E o chamado não é de natureza apenas contemplativa, ociosa e reclusa, existe o lado dinâmico e prático do chamado, é o “Ide” de Cristo que convoca os discípulos ocupados a se ocuparem ainda mais. Deus não dá emprego, mas dá serviço. Deus não chama ninguém para cruzar os braços. A vida cristã não é apenas passar pela terra, mas servir ao Senhor e aos irmãos em Cristo.⁶

1.1 Consciência e convicção

Os pastores foram designados por Deus para serem pastores, não é uma questão de escolha. Os pastores não escolhem serem pastores, mas Deus escolhe os pastores e os designa para os seus planos. Ser pastor não se subentende que o indivíduo terá uma coleção de dons, pois ser pastor é um dom⁷ próprio. O chamado consiste em saber que Deus cria indivíduos para serem pastores.⁸

³ HAYFORD, Jack. **Pastores da promessa**: enfatizando o caráter e a esperança como a chave da produtividade no pastorado. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Quadrangular, 1999. p. 13.

⁴ MACARTHUR Jr, John. **Redescobrimo o ministério pastoral**: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos. 3.ed. Tradução de Lucy Yamakami. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 126

⁵ SOUZA, Ágabo Borges de. **Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 2003. p. 18.

⁶ CÉSAR, 1997, p. 132, 137 e 139.

⁷ Efésios 4.11

⁸ HANSEN, David. **Arte de pastorear**: um ministério sem todas as respostas. Tradução de Hope Gordon. São Paulo: Shedd, 2001. p. 34.

Os pastores precisam ter a certeza do plano de Deus para suas vidas. Esse plano se revela através do chamado para o ministério. Essa convicção ultrapassa o âmbito da escolha profissional; não é uma escolha baseada em um teste vocacional, mas é o reconhecimento de uma missão dada por Deus.⁹

Hansen afirma que a consciência de que ele é chamado por Deus para ser um pastor é a fundamentação do seu ministério, sendo esta a experiência mais importante depois da salvação. E acrescenta que o chamado é o que o mantém no ministério é o que o impede de ficar insano diante das oscilações da vida pastoral; é o que ratifica a sua autoridade para pregar a palavra de Deus e ministrar as ordenanças. É a convicção da presença de Deus fortalecendo em todas as tarefas executadas no pastoreio.¹⁰

Nelson Luis Campos Leite concorda com a importância de se ter uma consciência do chamado, e enfatiza que essa é a força motivadora que impulsiona o ministério pastoral. Porém, ele acrescenta que essa consciência não é suficiente para alimentar constantemente o chamado. Este autor argumenta que apenas a consciência do chamado não é suficiente para fundamentar um ministério pastoral e por isso ele acrescenta alguns fatores fundamentais no exercício do pastorado, como: caráter, temperamento, personalidade, relacionamento, responsabilidade, preparo, intimidade com Deus e equilíbrio do ser.¹¹

David Fisher concorda com essa importância da consciência do chamado, porém ele usa outra linguagem para se referir a essa consciência. Ele trata da sua convicção de chamado como algo que controla a sua alma, e apesar de destacar a importância da evidência exterior, comenta que esse controle da sua alma é o poder sustentador do seu ministério pastoral. E quando surgem dificuldades e pressões no ministério, ou até mesmo dúvidas com relação às evidências exteriores, é esse controle que o guarda, o sustenta e o motiva.¹²

MacArthur, citando Bridges, diz que a convicção do chamado é a maior de todas as fortalezas do pastor, e se essa convicção é inabalável, todas as coisas na vida estarão em ordem. Continuando, mas agora citando Wiersbe, destaca-se a dificuldade do ministério, sendo uma tarefa muito desgastante, sendo assim o ministro que não tem a convicção não permanece no ministério, logo um ministério eficaz somente é desenvolvido a partir de uma convicção do chamado por Deus.¹³

Lutzer afirma que muitos têm essa consciência desde a juventude, para outros essa ideia vai amadurecendo conforme o estudo da palavra de Deus. Entretanto, destaca a importância e afirma que não há obstáculos que possa deter um impulso dado por Deus. Essa consciência é a base e a firmeza para o ministério.¹⁴

⁹ CARTER, James E. **Ética ministerial**: um guia para a formação moral de líderes cristãos. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. p. 27.

¹⁰ HANSEN, 2001, p. 34.

¹¹ LEITE, Nelson Luiz Campo. **Pastoreando pastores**: vocação, família e ministério. São Paulo: Cedro, 2005. p. 16.

¹² FISHER, David. **O pastor do século 21**: uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no próximo milênio. Tradução de Yolanda Mirsda Krievin. São Paulo: Vida, 1999. p. 121.

¹³ MACARTHUR Jr, 1999, p. 128.

¹⁴ LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor**: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000. p. 15.

Outra consciência importante que acompanha o chamado é a disponibilidade. A pessoa que é chamada por Deus precisa ter essa consciência, de que não vai servir e ministrar apenas algumas horas por dia, mas que precisa estar disponível o tempo inteiro se preciso vinte e quatro horas por dia. Isso não significa estar ocupado o tempo inteiro, mas disponível. O ministério não tem hora específica para ser praticado, ele é exercido em qualquer hora e lugar.¹⁵

A importância da convicção do chamado apresenta-se nas saudações de Paulo, onde percebe-se que o senso de identidade de Paulo tinha origem em uma profunda convicção de que ele foi chamado por Deus e separado para a obra apostólica. Ele era controlado por essa vocação, era algo fora dele mesmo, que englobava toda a sua vida e conduzia o seu ministério. Essa convicção de Paulo fluía do seu relacionamento com Cristo, assim como deve ser toda a vocação cristã, ou seja, centralizada em Cristo; exemplo disso é a experiência de Paulo com Cristo na estrada para Damasco, citada duas vezes por ele mesmo ao falar do seu ministério.¹⁶

Depois de ouvir a voz de Deus e fazer com Ele um pacto, o próximo passo dessa caminhada é a preparação. E isso engloba uma educação formal e um envolvimento maior com a igreja, no sentido de tarefas. Ouvir, assumir, se preparar, tudo isso deve estar baseado em um chamado concreto, apoiado por uma igreja de verdade. Sem isso não existe chamado, pois essas são as características necessárias para se conhecer um chamado pastoral. Não importa o quanto existe a sensação de ser chamado por Deus, não importa o alto preparo acadêmico, se não houver uma igreja que aceita o indivíduo como pastor, logo ele não tem um chamado de Deus para ser pastor.¹⁷

1.2 Um chamado específico

A convicção da vocação é uma necessidade. É preciso ter a certeza total do que se vai fazer, é preciso entender claramente a natureza do chamado, qual o trabalho que Deus determinou? É muito importante estar situado no reino de Deus. Praticar algo para qual a pessoa não foi chamada, desencadeará em muitas dificuldades e conseqüentemente em muitas crises na vocação e um provável insucesso. Exemplo: se o pastor está pastoreando uma igreja, mas ele tem um chamado para missões transculturais, há uma grande probabilidade de fracasso, pois está realizando algo para o qual não foi chamado.¹⁸

O chamado para o ministério pastoral precisa ser o mais específico possível, pois uma vocação geral ao ministério pode levar ao pastorado, porém este chamado geral não pode sustentar o pastor através das dificuldades da realidade da igreja. Por isso, o chamado pastoral precisa ser específico.¹⁹

Edson Queiroz, ao comentar este assunto, afirma que a chamada específica é uma realidade, e que Deus continua chamando homens e mulheres para liderar o seu povo e esses

¹⁵ SILVA, Ézio Pereira da. **Dignos de honra**: a igreja e seus obreiros. Londrina: Descoberta, 2000. p. 89.

¹⁶ FISHER, 1999, p. 123-124.

¹⁷ HANSEN, 2001, p. 38.

¹⁸ CÉSAR, 1997, p. 121.

¹⁹ FISHER, 1999, p. 117.

líderes precisam ter essa convicção, pois somente assim conseguirão deixar tudo e servir no ministério.²⁰

Deus criou uma grande variedade de serviços e realizações, nas quais encaixam-se as mais diversas vocações. O importante é ter certeza de estar fazendo o que Deus determinou. Um exemplo está em 1Co 12.18, 24, 28, onde Paulo, para explicar o funcionamento da igreja, usa a comparação do corpo humano, ou seja, todos são necessários, todos têm a sua função, o importante é que cada um esteja no lugar certo, exercendo a sua própria função, conforme a vontade do coordenador de todo o corpo.²¹

Lutzer enfatiza essa questão do direcionamento específico, citando como ilustração as vidas de Charles Spurgeon e Billy Graham. Se ambos optassem por outra carreira, para Deus teria o mesmo efeito? O autor descarta essa possibilidade, e diz que Deus ainda hoje chama indivíduos para ministérios específicos e cita dois como exemplos: pregação e ensino da palavra. Continuando a complementar a sua ideia, Lutzer combate uma ideia provinda da área missionária, que não se necessita de uma chamada específica; se há um chamado, a motivação deve ser a urgência e a necessidade.²²

2. ACEITANDO O CHAMADO

Antes do indivíduo responder à chamada, ele precisa ter certeza de que esta chamada vem da parte de Deus. O chamado de Samuel (1Sm 3.4-10) ensina como o homem não está preparado para ouvir e reconhecer a voz de Deus. Mesmo vivendo em um santuário, encontra-se a dificuldade para diferenciar esta chamada em meio a tantas vozes.²³

Edson Queiroz comenta o fato da seleção de candidatos para o ministério, destacando que uns apresentam a sua experiência de chamado de forma bem clara e objetiva, enquanto outros a fazem de forma vaga e sem nitidez. Há também os extremos em que muitos baseiam o seu chamado em uma experiência altamente emotiva, esquecendo-se de que Deus age de várias formas. E Queiroz enfatiza que o mais importante é que o candidato tenha uma experiência clara e indiscutível.²⁴

Uma maneira relevante para a aceitação do chamado é ouvir as opiniões de amigo e principalmente de ministros mais experientes. Um bom diálogo ajuda a esclarecer se o que o candidato tem é um desejo, um impulso, um sentimento, ou até mesmo se o candidato está com uma motivação equivocada. A Bíblia é que dá orientação com relação a esse assunto, e o incentivo em algumas passagens a buscar orientação de pessoas mais sábias.²⁵

Existem várias formas para a confirmação do chamado. Pode ser por meio de coincidências especiais, ou usando um ser humano como intermediário; porém, não se pode

²⁰ QUEIROZ, Edson. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1997. p. 34.

²¹ CÉSAR, 1997, p. 121.

²² LUTZER, 2000, p. 11.

²³ COENEN, Lothar. **Chamar**. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. Tradução de Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 1, p. 351.

²⁴ QUEIROZ, 1997, p. 30.

²⁵ MACARTHUR Jr, 1999, p. 130.

limitar os meios utilizados por Deus. Frequentemente pessoas se sentem chamadas por Deus, mas não para atuar em uma igreja; nestas situações Deus usa o corpo de Cristo, ou uma junta missionária, para esclarecer esse chamado.²⁶

Em todo o chamado a iniciativa sempre é de Deus. Essa afirmação encontra uma posição de destaque dentro desse processo, bem como a consciência dele. O Deus que a tudo conhece chama cada indivíduo, porque o conhece, sabe das suas habilidades e dificuldades, e segundo a análise Dele considera cada uma parte importante para a sua obra. Isso mostra a importância da iniciativa ser primeira e exclusivamente de Deus.²⁷

A postura da pessoa que recebe o chamado deve ser de humildade e surpresa, acompanhada de oração e muita reverência e sensibilidade para o discernimento da vontade de Deus. Lutzer, citando Spurgeon, diz que ninguém deve entrar no ministério, se o mesmo tem condições de optar por outra vocação, no ministério só permanecem pessoas que sentem fortemente que não têm alternativa. E Lutzer continua, mas agora citando Lutero, que afirma que o homem deve fugir do chamado, ainda que seja mais sábio que Salomão e Davi, porque, se Deus precisar de alguém, ele sabe exatamente como chamar.²⁸

Quem recebe o chamado de Deus precisa obedecer. Não há opções, não há outra alternativa, não se deve apresentar desculpas do tipo: “não creio, não quero, não posso, não vou, manda outro em meu lugar, não tenho os dons adequados, tenho medo, não estou convencido”. O chamado divino é extremamente persuasivo e convincente, mesmo para os mais relutantes.²⁹

3. MOTIVAÇÕES ERRADAS PARA ACEITAÇÃO DO CHAMADO

Os segredos mais íntimos do coração do homem apenas Deus conhece, e entre esses segredos está a motivação. Por mais que os homens façam trabalhos voluntários e altruístas explicando o porquê de estar fazendo, a verdadeira motivação só Deus conhece e só Ele pode auxiliar na identificação das motivações para o ministério, e isso Ele faz através da sua palavra, que julga e critica as verdadeiras intenções do coração.³⁰

Ingressar no ministério incentivado por uma motivação errada é muito perigoso, por isso torna-se necessária uma análise das motivações. Deus, que conhece as motivações, sabe se a pessoa entra no ministério para alcançar posições elevadas, para obter benefícios pessoais, se é para deixar evidente aos outros que têm grandes capacidades, ou se o candidato está entrando no ministério para trabalhar com humildade, conforme a recomendação da palavra de Deus. Não haverá a ação de Deus onde as motivações são erradas, o ministério será estéril, sem frutos, isso devido ao fato de Deus conhecer as motivações.³¹

²⁶ LUTZER, 2000, p. 16.

²⁷ RIGGS, Ralph M. **O guia do pastor**. 3.ed. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida, 1980. p. 26.

²⁸ LUTZER, 2000, p. 18.

²⁹ CÉSAR, 1997, p. 125.

³⁰ QUEIROZ, 1997, p. 48.

³¹ QUEIROZ, 1997, p. 49.

Edson Queiroz sugere uma forma para se conhecer as motivações para o ministério. A proposta é clamar por uma sondagem do Espírito Santo, que será o auxílio para as seguintes perguntas:

Por que estou fazendo isso? O que pretendo alcançar com isso? Quais as vantagens para o reino de Deus? Vale a pena o investimento comparado com os resultados? Terei vantagens pessoais?³²

Em uma pesquisa realizada para saber as motivações de cada aluno de um determinado seminário, constatou-se que a maioria deles foi para o seminário e teve o chamado baseado no envolvimento com a igreja local. Mas no decorrer do curso houve um amadurecimento da consciência vocacional, a partir de um envolvimento mais intensificado com a igreja local. Reforçando assim que o motivo inicial da vocação não é suficiente para sustentar e levar adiante um ministério, principalmente diante dos obstáculos e lutas enfrentadas. É necessário um amadurecimento contínuo desta consciência, que acontece das seguintes formas: relacionamento com Deus e o envio vocacional, compromisso maior com a obra de Cristo e com a igreja e a clareza da importância deste ministério, diante da situação atual de toda a sociedade.³³

Kléos Magalhães Lenz César aborda mais uma série de motivações inadequadas para o ministério. A tradição familiar e a influência de terceiros podem ser perigosas, apesar da alegria de várias pessoas da mesma família serem chamadas por Deus não significa que na próxima geração isso terá continuidade. Ser motivado apenas pelo incentivo de um grande líder, também é muito perigoso, mesmo que às vezes essa é uma forma utilizada por Deus para a confirmação do chamado.³⁴

Ingressar no ministério motivado por uma aprovação em um vestibular teológico revela uma imaturidade no reconhecimento do chamado. Mesmo que essa aprovação acontece de forma relativamente fácil, ainda não é uma motivação aceitável, pois a história revela que as grandes vocações enfrentaram grandes dificuldades. Essa aprovação pode ser um sinal que somado ao contexto e outros sinais de confirmação, podem resultar na aceitação do chamado, mas esse evento isolado seria insuficiente para motivar uma vocação. Um importante destaque é que as provas de seleção dos seminários são relativamente fáceis. Tendo em vista o crescente número de candidatos que baseiam o chamado nesta aprovação, muitos seminários têm reavaliado essas provas com o intuito de aumentar o nível de dificuldade, para evitar frustrações posteriores.³⁵

Queiroz, citando Spurgeon, diz que existe uma dificuldade dos avaliadores rejeitarem um candidato ao seminário; Spurgeon, quando convencido de que Deus não chamara tal candidato, sentia-se obrigado a dizer. E as motivações erradas mais comuns para o ministério era a auto-promoção, o desejo de se destacar. Spurgeon comenta que candidatos com essas motivações podem forçar uma ascensão ministerial, orgulhando-se de suas habilidades e até

³² QUEIROZ, 1997, p. 50.

³³ LEITE, 2005, p. 21.

³⁴ CÉSAR, 1997, p. 75.

³⁵ CÉSAR, 1997, p. 75.

mesmo considerando-se maiores do que as pessoas comuns. Os tais Spurgeon considera desqualificados para entrarem no serviço do Senhor.³⁶

Deus chama pessoas ocupadas e responsáveis. Muitos às vezes não se fixam em empregos, vivem uma instabilidade profissional e pensam que isto é um sinal da chamada divina. Mas, Segundo Edson Queiroz, isso não é assim, pois Deus quer na sua obra pessoas que tenham integridade no seu trabalho profissional.³⁷

César concorda que essa é uma motivação, no mínimo, duvidosa, pois alguns consideram que o insucesso profissional é uma forma de Deus convocar alguém para o ministério. Segundo ele, esta ideia é equivocada e contraditória à palavra de Deus, que mostra que Deus deseja o sucesso dos seus filhos. Se ocasionalmente um insucesso acontece, é para despertar a consciência da pessoa para o chamado divino, mas só tem validade se tal insucesso acontecer dentro de uma sequência em um contexto vocacional. Se tudo está dando errado na vida de uma pessoa, não significa necessariamente que Deus a está chamando para o ministério, mas esses erros podem ter outra fonte, como incompetência e negligência profissional.³⁸

Pessoas que veem nas suas qualificações naturais uma motivação para o chamado, podem se enganar, pois talentos e habilidades naturais, tais como simpatia, entusiasmo, oratória, erudição, comunicação, liderança, isoladamente não constituem um chamado vocacional autêntico. Mesmo que algumas das habilidades citadas acima sejam essenciais para um pastor, também se encaixam perfeitamente em profissões como advocacia, política, administração de empresas, magistério, carreira diplomática. Essas habilidades só servem como motivação e sinais de chamado se estiverem acompanhadas de outros sinais e motivações vocacionais.³⁹

O status também é um problema. A posição de destaque que os pastores assumem na igreja desperta a atenção de alguns candidatos ao ministério. Apesar dessas posições serem atraentes, alguém que quer ir para o ministério com o desejo desses cargos não é uma pessoa especificamente chamada por Deus. Uma motivação perigosa e inadequada que faz com que o candidato não escute a voz de Deus, mas que se importe com sua carreira ministerial.⁴⁰

Motivação por benefícios materiais. O ministério pastoral não é uma profissão, é uma missão. Mas esta atividade pode ser confundida com uma profissão. Alguns julgam que a atividade religiosa é menos cansativa que as demais, mas para os que a desenvolvem com total dedicação, honestidade e seriedade essa é uma falsa ideia. O interesse econômico é a motivação mais frustrada, mesmo que alguns líderes ganhem bons salários e umas vantagens, isso não mostra a realidade geral. Quem quer enriquecer não deve se tornar um pastor, mas para quem quer acumular tesouros no céu esta é uma excelente oportunidade.⁴¹

³⁶ QUEIROZ, 1997, p. 31.

³⁷ QUEIROZ, 1997, p. 32.

³⁸ CÉSAR, 1997, p.76.

³⁹ CÉSAR, 1997, p. 76-77.

⁴⁰ CÉSAR, 1997, p. 20.

⁴¹ CÉSAR, 1997, p. 20.

Riggs considera aqueles que encaram o ministério como uma profissão, com a finalidade de alcançarem algum prestígio social, exhibir talentos e funcionalidades, apenas dedicar-se à leitura e aos estudos, ter uma vida relativamente fácil, como aqueles que monopolizam a chave do conhecimento, não permitindo que ninguém entre. São líderes cegos, são incapazes de transmitir as boas novas do evangelho. E que sobre estes está preparada uma grande condenação.⁴²

O procedimento para a descoberta de motivações erradas é: arrependimento e redirecionamento do propósito ministerial, propósito que seja compatível com as motivações corretas. Estar alerta, pois há uma tendência de que as motivações erradas voltem. Que cada nova ideia passe por um discernimento espiritual e uma checagem de motivações, para ver se harmonizam com os propósitos de Deus.⁴³

4. A EXPERIÊNCIA DE SIMÃO, O MÁGICO

Simão era um mágico de Samaria que enganava e enfeitiçava as pessoas, que diziam que ser um grande personagem. Todos em Samaria prestigiavam Simão, pois ficavam encantados com as suas habilidades mágicas, provavelmente um tipo de bruxaria. Diante da pregação de Felipe e dos sinais e milagres que confirmavam a sua mensagem, as pessoas de Samaria creram e foram batizados, pois estes também aguardavam pelo Messias, e até mesmo Simão aceitou a Jesus e foi batizado.⁴⁴

Simão, a partir daí, começou a seguir Felipe de perto. Ele, que antes havia sido usado para enganar o povo por meio de truques e mágicas, sabia que muitas coisas poderiam ser feitas com aquilo que ele via Felipe fazendo. A observação de Simão em relação às coisas que Felipe fazia, era uma visão profissional do assunto, e a conclusão a que ele deve ter chegado era que os milagres eram verdadeiros. Por isso, o relato do espanto e da admiração dele, diante dos grandes feitos sobrenaturais; ele sabia que não se tratava de truques, como os que ele fazia anteriormente.⁴⁵ Mas, segundo Stott, Simão via os apóstolos como “praticantes de mágica religiosa extraordinariamente talentosos”.⁴⁶

Tem-se questionado e mesmo duvidado sobre a fé de Simão. Será que ele creu verdadeiramente? A Bíblia afirma categoricamente que sim. Outro argumento plausível encontra-se em Felipe, um homem guiado pelo Espírito como ele, que não teria batizado Simão, caso esse não demonstrasse ser um verdadeiro crente.⁴⁷

César discorda de Horton, afirmando que Simão é um exemplo negativo daqueles que querem entrar na vocação ministerial, sem antes ter recebido o chamado da salvação, ou seja, sem ser convertido. Ao presenciar os milagres realizados pelos apóstolos, Simão também quis

⁴² RIGGS, 1980, p. 24.

⁴³ QUEIROZ, 1997, p. 50.

⁴⁴ HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. Tradução de Amantino Adorno Vassão. São Paulo: Vida, 1983. p. 91-92.

⁴⁵ HORTON, 1983, p. 92.

⁴⁶ STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Marcus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994. p. 168.

⁴⁷ HORTON, 1983., p. 92.

se tornar um obreiro, mas Pedro, com a capacidade de discernimento, percebe que Simão ainda não havia passado pela conversão e fecha a porta do ministério para Simão.⁴⁸

Algo chama a atenção de Simão quando Pedro e João impõem as mãos sobre as pessoas e estas recebem o Espírito Santo, porém Lucas não relata o quê. Simão havia visto os milagres e sinais realizados por Felipe. Entende-se que a manifestação de profecias não teria atraído a sua atenção, pois seria em sua própria língua e não seria sobrenatural; o dom de línguas também não, pois, diferente do dia de Pentecostes, não havia ali pessoas de outras nações que entendessem línguas estrangeiras. Provavelmente o motivo de Lucas não relatar o que chamou a atenção de Simão está no fato de que a sua ênfase estava na atitude errada de Simão.⁴⁹

A observação de Simão constatou que, pela imposição de mãos dos apóstolos, o Espírito Santo era dado. E ao invés de se apresentar com o intuito de receber o Espírito Santo, aproximou-se motivado pela velha ganância e ofereceu dinheiro aos apóstolos para impor as mãos sobre o povo e obter o mesmo resultado.⁵⁰

O que torna o desejo de Simão pecaminoso é querer ter poder por razões erradas e pelo método errado. A autoridade espiritual é muito mais que um privilégio, é uma responsabilidade, percebendo-se o perigo de usar essa posição de autoridade para os próprios interesses, seja como modo de fazer dinheiro, ou para inchar o próprio ego. Simão via o dom do Espírito Santo dentro do seu conhecimento de magia, onde provavelmente tal concepção, de comprar um dom, era aceita. A própria ideia de obter um dom divino mediante um pagamento, mostra uma falsa compreensão sobre a natureza de Deus.⁵¹

O desejo de Simão de comprar o dom de Deus subtende-se que provavelmente ele queria vendê-lo mais tarde. Isso seria impossível, pois os apóstolos estavam oferecendo a mesma coisa de graça, qualquer pessoa daquele grupo poderia receber. O mais provável é que Simão viu nesta atitude a oportunidade de recuperar o seu status entre o povo, como o portador oficial do dom do Espírito, pois este havia chegado à conclusão de que os apóstolos é que davam e possuíam o dom.⁵²

Diante da censura de Pedro, pode-se chegar à conclusão de que Simão poderia ter sido participante deste ministério, se este tivesse se aproximado com fé e recebido o dom, ao invés de oferecer dinheiro. O orgulho e a ambição de Simão fizeram com que ele caísse nesse pecado.⁵³

Conforme os comentários apresentados, conclui-se de certa forma que Simão almejava o ministério, porém a sua motivação era totalmente inadequada. Entre as possibilidades do seu interesse, estava o dinheiro e o status. Então, segundo as palavras de Pedro, Simão não

⁴⁸ CÉSAR, 1997, p. 120.

⁴⁹ HORTON, 1983, p. 94.

⁵⁰ HORTON, 1983, p. 94.

⁵¹ MARSHALL, I. Howard. **Atos**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 154.

⁵² HORTON, 1983, p. 95.

⁵³ HORTON, 1983, p. 95.

teve parte neste ministério. Motivações como as de Simão desqualificam automaticamente um aspirante ao ministério.

Esse evento marcou a tentativa de transformar o espiritual em comércio, de fazer negociação com as coisas de Deus, especialmente a compra do ministério eclesiástico, posteriormente isso foi chamado se “simonia”.⁵⁴

5. CARACTERÍSTICAS DE UM CHAMADO VOCACIONAL AUTÊNTICO

5.1 Vida íntegra

O enfoque bíblico está no caráter do líder. Frequentemente encontram-se relatos sobre o que o líder deve ser e poucos relatos sobre o que ele precisa fazer. Por isso, a relevância deste pré-requisito. Para Deus, não importa a formação ou experiência que a pessoa tenha; se esta não tiver as qualidades morais bíblicas, torna-se automaticamente inapta para o ministério. É muito mais importante o que o ministro é do que o que ele é capaz de fazer.⁵⁵

No Antigo Testamento, os sacerdotes tinham que passar por um processo de purificação antes de apresentar um sacrifício em favor do povo; pois eles não podiam interceder pelo pecado dos outros, enquanto os deles não haviam sido perdoados. Isso continua no Novo Testamento. Líder sem caráter exerce apenas uma atividade religiosa, ou mesmo um negócio religioso que resulta em hipocrisia.⁵⁶

A santidade de vida é uma marca essencial. No Novo Testamento, essa qualidade destaca-se para os líderes, pois para estar nesta posição e ajudar as pessoas, os líderes precisam ter uma vida exemplar. A pessoa que é chamada por Deus busca e tem a Bíblia não apenas como um objeto de estudo, que usa para a preparação de sermões, mas a tem como um manual que transformar vidas, não apenas a quem é ministrada, mas principalmente de quem ministra.⁵⁷

O chamado exige uma comunhão com Deus e exemplo de vida. Precisa haver uma ligação, uma coerência entre a pregação e o modo de vida do que prega, sem isso a pregação será inútil, quando não há essa coerência se perde a credibilidade tanto da mensagem, quanto com relação ao chamado da pessoa. Deus não permitirá os frutos de um ministério e muito menos o seu crescimento se a semente lançada está corrompida.⁵⁸

Jesus exigia santidade e devoção de seus discípulos. Alertava-os para que conservassem acesas as candeias espirituais Lc 12.35-38. O vocacionado precisa estar em comunhão constante com o seu Senhor, precisa respirar a fé em cada momento da sua vida, e se tornar um modelo, uma expressão do evangelho que transforma vidas.⁵⁹

⁵⁴ STOTT, 1994, p. 169.

⁵⁵ MACARTHUR, 1999, p. 137.

⁵⁶ MACARTHUR, 1999, p. 138.

⁵⁷ MACARTHUR, 1999, p. 138.

⁵⁸ CÉSAR, 1997, p. 128.

⁵⁹ CÉSAR, 1997, p. 129.

5.2 Interesse pelo ministério

A pessoa que é verdadeiramente chamada por Deus não se conforma em exercer outra atividade, e se o fizer, sofrerá uma frustração. Na pessoa que é chamada por Deus existe um desejo profundo em exercer o ministério, e mesmo que ela esteja em um bom emprego, ganhe um bom salário, este desejo superará todos esses aparentes benefícios, o desejo profundo faz com que qualquer outra atividade pareça uma perda de tempo.⁶⁰

O Pr. Antonio Renato Gusso concorda que esta seja uma marca autêntica de um chamado vocacional. Porém, para que este desejo seja uma expressão da verdadeira realidade, este desejo deve evidenciar-se na prática diária, ou seja, a pessoa não apenas deseja, mais mostra e isso naturalmente, por suas ações, pela sua responsabilidade, pelo seu amor direcionado à área na qual diz está o seu chamado. Por exemplo, se alguém diz ter um chamado para missões, a sua maior preocupação deve ser com os que ainda não foram alcançados pelo evangelho, o seu maior interesse está em notícias ligadas aos campos missionários e esta pessoa emprega um esforço maior do que os outros membros da igreja na promoção de missões. O mesmo exemplo cabe ao chamado para o ministério pastoral, essa pessoa preocupa-se com as necessidades físicas e espirituais dos que estão ao seu redor, investe um tempo de qualidade no estudo da Bíblia, está sempre à disposição para ouvir, aconselhar, visitar. Em suma, aquele que tem um chamado para uma determinada área mostra as evidências, sem esforço, naturalmente, nas suas atitudes diárias.⁶¹

César usa outra expressão para falar desse desejo, ele o trata como uma intensa compulsão interior. Uma obra eficaz do Espírito Santo na consciência do indivíduo, que, atingindo o seu objetivo, produz uma plena convicção do chamado. Segundo este autor, a pessoa não encontra a paz interior enquanto não cede a essa força interna e aceita o chamado. O vocacionado não pode ser frio e indiferente à obra de Deus, mas sua compulsão interior deve motivá-lo a servir na obra de Deus.⁶²

O desejo profundo precisa estar no trabalho pastoral e não no cargo. Esse desejo só é qualificado como positivo quando é encarado desta maneira: o desejo pelo servir e não pela posição. Esse desejo deve manifestar-se integralmente desta forma ao ponto do candidato ser confrontado com a seguinte posição: se consegue viver longe do ministério, que fique; se consegue ser feliz fazendo outra coisa, que faça; mas, se Deus o chama, que não recuse.⁶³

5.3 Reconhecimento da igreja

A igreja tem um importante papel para a confirmação do chamado. A igreja será a mais envolvida com o pastor durante o seu ministério: será ela que vai sofrer o impacto das ideias mirabolantes de cada pastor, é ela que sofre as perdas ou recebe os ganhos do ministério pastoral. Por isso, Deus confiou à igreja esse papel tão importante neste processo. A igreja

⁶⁰ QUEIROZ, 1997, p. 36.

⁶¹ GUSSO, Antonio Renato. Evidências da vocação ministerial. **O Batista Pioneiro**, Curitiba, ano 84, nº 11, p. 03, novembro 2010.

⁶² CÉSAR, 1997, p. 78.

⁶³ MACARTHUR, 1999, p. 136.

precisa reconhecer o chamado pastoral no indivíduo, é a igreja que convida o pastor para servir, é a igreja que ordena o pastor, é a igreja que precisa impor as mãos sobre ele.⁶⁴

A igreja reconhece os que são verdadeiramente chamados por Deus. Essa percepção é devido aos frutos do trabalho que o indivíduo realiza; mesmo aqueles que não perceberam o chamado de Deus podem ser facilmente identificados por seu testemunho de vida, por suas atitudes e pelos frutos do seu ministério.⁶⁵

Esta é uma das formas que Deus usa para a confirmação do chamado. Ao comentar o texto de 1Tm 4.14, Edson Queiroz afirma que a imposição de mãos citada nesta passagem é uma motivação para a pessoa que está envolvida na igreja, e percebem-se claramente os resultados do seu trabalho, para que ingresse no ministério. E ele continua citando Gladden, que afirma que a convicção do chamado deve ser submetida à aprovação dos irmãos em Cristo, e esta aprovação é efetuada pela igreja.⁶⁶

MacArthur, citando Spurgeon, apoia essa teoria. A vontade de Deus com relação a um chamado pastoral é conhecida mediante o julgamento da igreja, há uma necessidade de que o seu dom seja provado, que sua pregação seja aceita pelo povo de Deus. Muitos candidatos ao ministério têm receio de submeter a confirmação do seu chamado à aprovação da igreja, por não confiarem na igreja. Mas, observa-se que muitas igrejas julgam segundo a carne, em muitas igrejas pode não haver sabedoria, apesar disso é melhor confiar uma decisão tão importante ao povo de Deus do que à própria opinião. Portanto, é muito importante que o candidato submeta-se à decisão da igreja, pois o mesmo só será um pastor se esta o reconhecer como tal.⁶⁷

Fisher concorda com esse papel da igreja e acrescenta. O chamado interior, ou seja, a consciência de que se é chamado por Deus, precisa receber uma confirmação exterior. O convite de uma igreja para um candidato ao ministério é essa confirmação exterior é quando o chamado assume uma forma. Essa experiência fornece evidências exteriores que confirmam que o chamado interior, a consciência do chamado, é genuíno.⁶⁸

5.4 Autoridade espiritual

O verdadeiro chamado de Deus é capacitado com o poder do Espírito Santo, assim como todo cristão. Esse, porém de maneira um pouco diferente. Essa capacitação resulta em frutos ministeriais. Em decorrência disto, a igreja respeita a pessoa que tem o verdadeiro chamado. Ele, como um líder na igreja local, é seguido naturalmente pelas pessoas. A sua liderança não é imposta ou forçada, mas ocorre naturalmente devido à sua vida ministerial. Isso não significa que não haverá opositores, porque haverá, mas o verdadeiro chamado revestido de autoridade espiritual prevalecerá.⁶⁹

⁶⁴ HANSEN, 2001, p. 39.

⁶⁵ QUEIROZ, 1997, p. 47.

⁶⁶ QUEIROZ, 1997, p. 39.

⁶⁷ MACARTHUR, 1999, p. 130.

⁶⁸ FISHER, 1999, p. 120.

⁶⁹ QUEIROZ, 1997, p. 47.

O despertar de Deus para um ministério é uma convocação ao cuidado e responsabilidade. Isso significa que Deus tem intenção em usar o indivíduo como um instrumento. Por isso, do mesmo exige-se uma dedicação completa da sua vida. Uma vida de santidade é muito importante, pois o pecado é um impedimento para o agir de Deus, e também clamar pela plenitude do Espírito Santo para o cumprimento do ministério em nome do Senhor Jesus Cristo.⁷⁰

5.5 Visão missionária

Edson Queiroz, que é um grande especialista em missões na Igreja Local, acrescenta essa marca à pessoa que é verdadeiramente chamada por Deus. Segundo ele, a pessoa que é chamada por Deus precisa ter o conhecimento do propósito missionário de Deus para a sua igreja. Chamado ministerial e chamado missionário são inseparáveis. A igreja tem essa missão e os ministros precisam conduzir a igreja segundo a vontade de Deus.⁷¹

Outra característica é amar o pecador. O chamado por Deus não pode ficar indiferente quanto às necessidades espirituais das pessoas, ao contrário precisa haver neste uma profunda angústia pelas almas perdidas, sua maior vontade deve ser conduzir essas almas até Cristo.⁷²

6. FUGINDO DO CHAMADO

Jonas era um profeta galileu que nasceu na vila de Gate-Hefer, a sete quilômetros de Jerusalém, ele viveu no século oito antes de Cristo e profetizou a expansão do Reino do Norte, que estava sob o domínio de Jeroboão II. O seu Pai chama-se Amitai, ele foi contemporâneo dos profetas Amós e Oseias. Jonas não foi um profeta pós-exílico, como interpretam alguns teólogos liberais e nem uma lenda, como dizem os críticos da Bíblia. A historicidade de Jonas é confirmada tanto no Antigo Testamento, quanto no Novo Testamento, e até mesmo citado por Jesus.⁷³

Alguns pontos destacam-se sobre a vida deste profeta. Ele é o primeiro profeta transcultural da História. Deus já havia levantado outros profetas para profetizarem para outras nações, mas Jonas é o primeiro enviado especificamente para falar com gentios; é o primeiro missionário estrangeiro a sair da terra natal para anunciar a palavra de Deus a um povo pagão. Jonas é o primeiro profeta a desobedecer a uma ordem de Deus; Jonas é o primeiro que, ao ouvir a voz de Deus, decide fugir, é o único caso que se tem notícia de um profeta que se recusou a cumprir uma missão dada por Deus. Jonas decide não escutar a voz de Deus, cauteriza a sua consciência e foge, busca fazer tudo que é contra a vontade de Deus. E Jonas é o primeiro profeta a ver o resultado positivo, em seu sentido mais completo, de sua mensagem. Ele prega uma mensagem simples de cinco palavras, não queria e nem espera

⁷⁰ QUEIROZ, 1997, p. 50.

⁷¹ QUEIROZ, 1997, p. 30.

⁷² CÉSAR, 1997, p. 79.

⁷³ LOPES, Hernandes Dias. **Jonas**: um homem que preferiu morrer a obedecer a Deus. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 36.

uma resposta positiva, mas mesmo assim cerca de 120.000 pessoas foram impactadas. É o resultado mais positivo, em termos de respostas na história da pregação.⁷⁴

No chamado de Jonas, percebe-se que ele é um homem a quem Deus fala. A expressão: “veio a mim a palavra do Senhor” (Jn 1.1) é frase que inicia a comunicação entre Deus e o profeta em mais de 100 casos no Antigo Testamento, após esta expressão, normalmente vem a mensagem que o profeta deve proclamar; portanto, Jonas é um profeta que recebe a palavra de Deus para transmiti-las aos homens, Jonas é um meio, um canal e por isso não pode reter a mensagem. O Profeta não cria a mensagem, não é a fonte da mensagem, não escolhe a mensagem e nem a quem ela deve ser anunciada, ele é apenas um servo de Deus e da mensagem e o que se requer dele é fidelidade e o cumprimento da missão.⁷⁵

Jonas recebe diretamente de Deus uma mensagem soberana, clara e urgente: ele deveria advertir a cidade de Nínive das consequências dos seus pecados. O chamado de Deus para Jonas é um chamado inédito e, diante da dificuldade da missão, o profeta precisa de disposição para pregar não só onde ele quer. Jonas não é chamado para pensar, refletir ou questionar, mas chamado para pregar o arrependimento à cidade de Nínive, uma grande cidade dos tempos antigos, uma cidade muito importante, mas ao mesmo tempo muito má, violenta, perversa, cheia de maldades e pecados; Deus estava enviando Jonas para a região mais tenebrosa e assustadora do mundo; para confrontar as pessoas dessa cidade com a realidade do seu pecado.⁷⁶

Quatro fatos destacam-se na fuga de Jonas. Jonas desafiou a Deus, mesmo conhecendo toda a majestade e grandeza de Deus, Jonas desobedece, isso mostra que a sua teologia estava em desacordo com a sua vida prática, por isso Jonas é um homem que vive um conflito contraditório, ele crê em uma coisa, mas vive outra. Observa-se Deus mandando a tempestade atrás de Jonas, o peixe atrás de Jonas, um verme comer a planta, Deus manda e todos obedecem, mas, quando Deus manda o seu profeta, ele desafia a Deus e foge.⁷⁷

Jonas tinha disposição, não para obedecer, mas para fugir. O motivo que leva um homem a tentar fugir de Deus é sempre ruim, o método que o homem usa para tentar fugir de Deus é absurdo, pois isto se constitui em uma tentativa impossível e as consequências dessa tentativa de fuga são sempre desastrosas. Deus manda Jonas para Nínive, que fica ao leste, mas Jonas tentar ir para Társis que fica a oeste. Três motivos levaram Jonas a escolher essa cidade para tentar se refugiar de Deus: Társis era a região mais remota conhecida pelo mundo da época, o ponto final dos navios, cerca de 4000 km de distância de Jope, a viagem para lá durava em torno de um ano, Jonas pensava que estava saindo da jurisdição do Senhor, estava indo na direção contrária a vontade de Deus e da sua missão. Em segundo lugar, porque em Társis a palavra de Deus não tinha chegado, o mensageiro da palavra estava fugindo da palavra, uma atitude declarada de rebeldia contra Deus e sua vontade. E em terceiro lugar, porque Társis é uma cidade muito próspera na área da mineração, assim o objetivo de Jonas

⁷⁴ LOPES, 2008, p. 38.

⁷⁵ LOPES, 2008, p. 41.

⁷⁶ LOPES, 2008, p. 42-43.

⁷⁷ LOPES, 2008, p. 44.

era fugir de Deus e começar uma nova vida, em um lugar próspero onde Deus e sua palavra não o incomodariam.⁷⁸

O terceiro fato curioso que cerca o chamado de Jonas são as coincidências que aconteceram em sua fuga. Quando Jonas sai da sua vila, que ficava em uma região montanhosa, e desce para o litoral, na região de Jope, e encontra um navio que ia para Tárzis, ele tem dinheiro para a passagem, há um lugar para ele no barco e ele embarca com segurança, em seu pensamento tudo estava dando certo. Nem sempre quando as coisas estão dando certo na vida é um sinal de que Deus está se agradando do que está acontecendo e o contrário também se aplica; nem sempre as dificuldades são um sinal de que Deus é contra o que está acontecendo.⁷⁹

O quarto e último destaque na fuga de Jonas é a sua descida na vida ao fugir do chamado de Deus. Primeiro Jonas desce de Gate-Hefer, uma região montanhosa, para Jope, um litoral, depois Jonas desce de Jope para o navio, e depois, ao entrar ao navio, ele desce ao porão, do porão do navio ele desce ao fundo do mar, ele desce para as regiões ainda mais profundas e de lá desce ao ventre do peixe. Quem tentar fugir de Deus, faz uma escalada ao contrário, vive em contínua descida. Desobedecer a Deus é trilhar um caminho descendente, acaba de abismo em abismo até chegar ao fundo do poço.⁸⁰

À luz da Bíblia, o homem não tem nenhuma razão para fugir do chamado que Deus lhe faz e nem mesmo pode fazê-lo por muito tempo, como se observa no caso de Jonas. Ao contrário de fugir, o vocacionado precisa sentir o privilégio de servir a um Deus tão poderoso e com propósitos maravilhosos, isso lhe deve ser por motivo de muita gratidão. Como afirma César: “A vocação divina é eficaz. Plenamente eficaz. Irreversivelmente eficaz.”⁸¹

7. CONFIRMAÇÃO DO CHAMADO

O chamado de Gideão mostra uma situação especial na história do Israel antigo. Na conversa entre Gideão e o anjo do Senhor, pode-se entender o que o povo estava passando. Eles estavam sofrendo ataques contínuos, e principalmente na época da colheita, dos midianitas. Esses constantes ataques fizeram com que Israel entrasse em uma grande crise econômica, o que enfraquecia o poder de reação, mediante os ataques.⁸²

Gideão estava malhando trigo quando o anjo do Senhor lhe apareceu e saudou-lhe dizendo: “o Senhor está contigo”. No pensamento de Gideão pairava a ideia: se o Senhor é comigo, como pode permitir a opressão do midianitas? Mas essa saudação fazia parte da preparação do chamado que Deus tinha para a sua vida. Após esse diálogo, Gideão entende as palavras do anjo como um chamado. Gideão era um homem simples, com uma origem

⁷⁸ LOPES, 2008, p. 44-46.

⁷⁹ LOPES, 2008, p. 46.

⁸⁰ LOPES, 2008, p. 47.

⁸¹ CÉSAR, 1997, p. 72.

⁸² SOUZA, 2003, p. 35.

modesta e sem a intenção de ser líder em Israel. Deus, porém, o anima e promete a libertação de Israel através de suas mãos.⁸³

O pano de fundo do chamado de Gideão é o sofrimento do povo, e não somente do povo, mas ele também estava sofrendo com os ataques do midianitas. O chamado dele é específico: é para uma liderança militar, para vencer as forças midianitas e livrar Israel dos constantes ataques.⁸⁴

A primeira confirmação do chamado de Gideão encontra-se no sacrifício que ele oferece ao anjo do Senhor. O objetivo deste sacrifício é servir de sinal e garantia. Aqui Gideão reconhece a sua missão e quem o está convocando.⁸⁵ Gideão até então não estava tranquilo e nem seguro quanto ao seu chamado; ele precisava de mais confirmações, era o lado humano de Gideão relutando. Ele então faz a prova da lã na eira e Deus confirma o seu chamado as duas vezes e da forma como ele pedia. Parece que Gideão queria se certificar que não se tratava de coincidências. Solucionadas as suas dúvidas, Gideão parte para cumprir a ordem divina, mas não está tudo resolvido, pois antes da batalha ele ainda vai pedir mais um sinal.⁸⁶

A fé de Gideão não era constante e, mesmo após um rigoroso processo de seleção feita por Deus, que reduziu o exército de Gideão de 32000 homens para 300 homens, confirmando que a vitória seria dada por Deus e não por um numeroso exército, mesmo acompanhado de uma certeza absoluta de vitória, prestes a atacar os midianitas, Gideão tem o chamado fortalecido, mais uma vez. Acompanhado por seu servo, Gideão se aventura a ir o mais próximo possível dos midianitas. Ele então ouve a sentinela contando o sonho para outro companheiro, e sonhos neste período eram considerados muito importantes para saber a vontade do Senhor. Após ouvir o sonho e também a sua interpretação, vinda da boca dos seus próprios inimigos, Gideão encontrou a certeza final que tanto procurava. Com isso, adorou a Deus com muita gratidão e em seguida voltou ao seu acampamento e compartilhou isso com todo o grupo a convicção de que a vitória seria completa.⁸⁷

Por que Gideão precisou fazer tantos testes para ter certeza de que era chamado por Deus? Não bastava o fogo consumindo a oferta sobre o altar? Por que precisava insistir com a experiência da lã? Como há um contraste entre a obediência ao chamado de Gideão tão relutante, e outros que obedeceram tão prontamente, como Noé, Abraão, Isaías, Daniel, os doze discípulos, Paulo, Barnabé e tantos outros.⁸⁸

Conforme os fatos citados, Gideão pode ser julgado por sua inconstância e falta de fé, como o possível motivo que o levou a pedir tantos sinais.⁸⁹ Mas, se o assunto for abordado de um ponto de vista prático, é melhor que as dúvidas com relação à convicção de chamado sejam sanadas antes do indivíduo adentrar a missão para ele designada, do que o mesmo

⁸³ CÉSAR, 1997, p. 69.

⁸⁴ SOUZA, 2003, p. 36.

⁸⁵ SOUZA, 2003, p. 44-45.

⁸⁶ CÉSAR, 1997, p. 70.

⁸⁷ CUNDALL, Arthur E. **Juízes e Rute**: introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1986. p. 106-109.

⁸⁸ CÉSAR, 1997, p. 72.

⁸⁹ CÉSAR, 1997, p.72.

entrar cheio de dúvidas e incertezas e logo depois desistir do chamado. O exemplo de Gideão nos mostra que Deus é paciente e compreensivo, mesmo em meio a tanta hesitação e pedidos de sinais⁹⁰ e que sua vontade soberana se cumprirá, por isso pedir confirmações de Deus para o chamado é fundamental para um ministério eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um assunto tão complexo e abrangente, a presente pesquisa permite algumas conclusões. Tendo em vista que o objetivo do trabalho era detectar o fator comum no assunto chamado, ao final desta pesquisa percebe-se que não foi identificado apenas um fator comum, mas vários fatores e esses fatores encontram-se perceptíveis ao longo da pesquisa e tomam forma nesta conclusão.

Através das características do chamado, constatam-se algumas questões, tais como: a) a relevância da convicção do chamado. Esse fator torna-se fundamental para o desenvolvimento de um chamado eficaz que resista às dificuldades e lutas; b) as características que qualificam o candidato ao ministério, pois todos os autores consultados não apresentam aparentes divergências e alistam, na maioria das vezes, os mesmos elementos que precisam ser ressaltados para a identificação de uma pessoa chamada por Deus; c) a relutância com relação ao chamado também se faz presente em várias situações. Em alguns casos, essa relutância ocorre em grau mais elevado, a ponto de levar a pessoa a tentar fugir de Deus. Em outros casos a relutância está em menor grau e resume-se nas dificuldades pessoais apresentadas para aquele que Deus chama. Provavelmente uma das realidades mais comuns no chamado é a relutância, raros são os casos de rápida e fácil aceitação e d) chamado sem confirmação pode ser duvidoso. O verdadeiro chamado é marcado por uma confirmação autêntica, que se constitui a base da convicção que o indivíduo tem com relação ao chamado.

REFERÊNCIAS

CARTER, James E. **Ética ministerial**: um guia para a formação moral de líderes cristãos. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Vida Nova, 2010. 318 p.

CÉSAR, Kléos Magalhães Lenz. **Vocação**: perspectivas bíblicas e teológicas. Viçosa: Ultimato, 1997. 173 p.

COENEN, Lothar. **Chamar**. In: COENEN, Lothar; BROWN, Colin. **Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento**. 2.ed. Tradução de Gordon Chow. São Paulo: Vida Nova, 2000. Vol. 1, p. 349-354.

CUNDALL, Arthur E. **Juízes e Rute**: introdução e comentário. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida Nova, 1986. 301 p.

⁹⁰ CÉSAR, 1997, p.72.

FISHER, David. **O pastor do século 21**: uma reflexão bíblica sobre os desafios do ministério pastoral no próximo milênio. Tradução de Yolanda Mirsda Krievin. São Paulo: Vida, 1999. 334 p.

GUSSO, Antônio Renato. Evidências da vocação ministerial. **O Batista Pioneiro**, Curitiba, ano 84, nº11, p. 03, Novembro 2010.

HANSEN, David. **Arte de pastorear**: um ministério sem todas as respostas. Tradução de Hope Gordon. São Paulo: Shedd, 2001. 198 p.

HAYFORD, Jack. **Pastores da promessa**: enfatizando o caráter e a esperança como a chave da produtividade no pastorado. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Quadrangular, 1999. 312 p.

HORTON, Stanley M. **O livro de Atos**. Tradução de Amantino Adorno Vassão. São Paulo: Vida, 1983. 253 p.

LEITE, Nelson Luiz Campo. **Pastoreando pastores**: vocação, família e ministério. São Paulo: Cedro, 2005. 88 p.

LOPES, Hernandes Dias. **Jonas**: um homem que preferiu morrer a obedecer a Deus. São Paulo: Hagnos, 2008. 124 p.

LUTZER, Erwin. **De pastor para pastor**: respostas concretas para os problemas e desafios do ministério. Tradução de Josué Ribeiro. São Paulo: Vida, 2000. 159 p.

MACARTHUR Jr, John. **Redescobrimo o ministério pastoral**: moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos. 3.ed. Tradução de Lucy Yamakami. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 452 p.

MARSHALL, I. Howard. **Atos**: introdução e comentário. Tradução de Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1982. 397 p.

QUEIROZ, Edson. **Transparência no ministério**: como ser um líder segundo o coração de Deus. São Paulo: Vida, 1997. 216 p.

RIGGS, Ralph M. **O guia do pastor**. 3.ed. Tradução de João Marques Bentes. São Paulo: Vida, 1980. 268 p.

SILVA, Ézio Pereira da. **Dignos de honra**: a igreja e seus obreiros. Londrina: Descoberta, 2000. 159 p.

SOUZA, Ágabo Borges de. **Vocação e espiritualidade no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: JUERP, 2003. 103 p.

STOTT, John R. W. **A mensagem de Atos**. Tradução de Marcus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994. 462 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A GRANDE COMISSÃO: PASSADO E PRESENTE The Great Commission: past and present

Fabrício Freitas¹

RESUMO

O artigo “A Grande Comissão: passado e presente” é uma análise comparativa sobre o imperativo da Grande Comissão recebida por todos os discípulos no passado e presente. Assim chamado com toda a razão, pois se aplica a toda a igreja. Inicialmente dada aos discípulos, esboça o caráter geral para toda a igreja em todas as épocas. Esta apreciação é apresentada a partir dos seguintes pontos: a autoridade de Cristo em comissionar, em que consiste a missão a ser realizada por cada discípulo e qual é a resposta da Igreja neotestamentária e atualmente ao imperativo de Jesus. O propósito consiste em despertar a pastores, líderes e a cada discípulo de Jesus para a importância do cumprimento da Grande Comissão de Cristo, de ir a todo o mundo e fazer discípulos.

Palavras Chaves: Grande Comissão. Discipulado. Missão. Igreja.

ABSTRATC

The article "The Great Commission: past and present" is a comparative analysis of the imperative of the Great Commission received by all disciples in the past and present. So called with good reason, because it applies to the whole church. Initially given to the disciples, it outlines the general character for the whole church in every age. This analysis is presented from the following points: the authority of Christ in commission, what is the mission to be conducted by each student and what is the answer of the New Testament Church and nowadays Church to the imperative of Jesus. The purpose is to awaken the

¹ O autor é formado em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de Brasília/Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil e mestrando no Southeastern Baptist Theological Seminary. É Gerente Executivo da área de evangelismo da Junta de Missões Nacionais da Convenção Batista Brasileira. E-mail: fabricao@missoesnacionais.org.br

pastors, leaders, and every disciple of Jesus to the importance of fulfilling the Great Commission of Christ to go into all the world and make disciples.

Key words: Great Commission. Discipleship. Mission. Church.

INTRODUÇÃO

Pouco tempo antes de retornar ao Pai, após sua crucificação e ressurreição, Jesus mais uma vez dá uma tarefa específica aos seus discípulos. O Mestre vai ao encontro deles para dizer-lhes que saíssem e realizassem a missão. Era uma grande oportunidade dos discípulos participarem do plano divino de restauração do relacionamento entre homem e Deus, perdido pelo pecado. Com o fracasso do povo de Israel em tornar as grandezas de Deus conhecidas em todas as nações (Gn 12.1-3), o Senhor envia seu próprio filho para morrer por todos, e pela transgressão de Israel veio a salvação dos gentios (Rm 11.11b). Em Cristo, os gentios tornaram-se cordeiros e coparticipantes da promessa de Cristo por meio do evangelho (Ef 3.6).²

Quando Cristo se entregou na cruz, fez a provisão para a igreja, dando-Se na morte, a fim de que a Igreja pudesse nascer e crescer (Ef 5.25). Enfim, a igreja recebeu a missão de levar as boas novas de salvação a todos os povos (Mt 28.16-20). A igreja é um lugar em que os perdidos são encontrados por Deus por meio da proclamação e da demonstração clara do evangelho. Ela não leva pessoas à conversão; ela faz discípulos ao ensinar seus membros a fazerem tudo que Jesus determinou.

Para que um discípulo de Jesus desempenhe a missão, primeiramente deve ser motivado a compreender as Escrituras Sagradas, a partir de então, refletir e observar as verdades, colocando-as em prática. Ao olhar para a história bíblica, o discípulo de Cristo compreende o melhor caminho a ser seguido. Assim, o melhor manual missional são as Escrituras e suas orientações.³

Olhando para as cinco declarações bíblicas complementares sobre a Grande Comissão,⁴ o leitor pode enxergar a partir de cada uma delas a autoridade encontrada neste imperativo bíblico, de onde viria a capacitação dos discípulos, onde a missão deveria ser realizada, qual mensagem deveria ser proclamada e as ações que contribuiriam para este fim. Ali, em alguma montanha da Galileia, conforme Jesus tinha designado, o Mestre anuncia o seu grande comissionamento, não apenas aos onze discípulos, mas igualmente a todos os seus seguidores, que nesta altura já consistiam cerca de quinhentos irmãos (ver 1 Co 15.6).⁵

² David J. Hesselgrave, em seu livro *“Plantar Igrejas”*, mostra o papel da igreja na missão de Deus em resgatar o homem perdido. Ele apresenta através do seu manual de plantação de Igrejas a importância dos discípulos integralmente esta missão. HESSELGRAVE, David J. **Plantar igrejas: um guia para missões locais e transculturais**. São Paulo: Vida Nova, 1995.

³ Darrin Patrick mostra o valor da Igreja como casa da missão. Em seu livro *“O plantador de Igreja”* ele mostra que um discípulo de Jesus, quando compreende o seu chamado, torna-se um grande plantador de Igrejas, pois ele consegue facilmente compreender e discorrer sobre os critérios bíblicos que definem o homem, a mensagem e a missão. PATRICK, Darrin. **O plantador de Igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

⁴ Hesselgrave apresenta um quadro comparativo muito rico sobre as declarações complementares ao Grande Mandamento. Este quadro leva o leitor a uma real compreensão da interligação entre todos os textos. O quadro pode ser encontrado na página 17.

⁵ Coleman, em seu livro *“O Plano Mestre de Evangelismo”*, mostra todo o processo de delegação da missão para os seus discípulos. Ele apresenta este processo de envio desde a primeira delegação dos doze até as ordens

Foi um encontro extraordinário, marcado pela presença de Jesus ressurreto e o reconhecimento em adoração por parte dos discípulos ao Mestre que tinha vencido a morte. *“Antes da ressurreição, na percepção dos discípulos Jesus é o homem enviado por Deus em missão, depois da ressurreição ele é o Deus que envia homens em missões.”*⁶ Naqueles momentos finais, os discípulos foram ordenados a tornarem o evangelho conhecido em todas as nações, levando homens e mulheres a terem um encontro pessoal com Cristo a confirmarem a fé através do Batismo, assim tornando-se parte da Igreja de Cristo e ensinando-os a guardar todos os seus preceitos. Estas foram as palavras do Mestre:

Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que vos ordenei; e eu estou convosco todos os dias, até o final dos tempos (Mt 28.19-20).

A Grande Comissão é assim chamada com toda a razão, pois se aplica a toda a igreja. Inicialmente dada aos discípulos, esboça o caráter geral para toda a igreja em todas as épocas, *“mostrando a que o trabalho e a mensagem deles deveriam estar relacionados sobre tudo que Jesus fez e o que ele por nós.”*⁷ Citando Robertson, Champlin demonstra a grandeza desde encontro entre o Mestre e seus seguidores:

É o mais sublime de todos os espetáculos, ver Cristo ressurreto, sem dinheiro, sem guarnição de soldados ou governo organizado, comissionar aquele grupo de quinhentos homens e mulheres com o programa de conquista do mundo, levando-nos a crer que isso é possível, e fazendo-os se atirarem na tarefa com paizão e com poder. O Pentecostes ainda viria, mas uma fé dinâmica já operava naquela montanha da Galileia.⁸

Vale recordar que cumprimento deste imperativo não torna uma pessoa cristã ou a faz continuar nesta condição, se já a alcançou. A salvação não depende da perfeita obediência a este imperativo. Pensar desta maneira é não compreender a obra redentora de Cristo para com a humanidade. Este e outros imperativos podem ser assim caracterizados como: *“descrições, na forma de imperativos, daquilo que a vida cristã deve ser por causa da aceitação prévia que Deus fez de nós.”*⁹

O artigo visa a realizar uma análise comparativa sobre o imperativo da Grande Comissão, recebida por todos os discípulos, no passado e presente. Esta apreciação será apresentada a partir dos seguintes pontos: a autoridade de Cristo em comissionar, em que consiste a missão a ser realizada por cada discípulo e qual é a resposta da Igreja neotestamentária e atualmente ao imperativo de Jesus.

pós ressurreição. COLEMAN, Robert E. **Plano mestre de evangelismo**. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2001. p. 91-104.

⁶ Citação realizada pelo Pr. Diogo Carvalho em uma entrevista realizada no dia 9 de abril de 2015, às 10h em um encontro cuja temática tratada foi a Grande Comissão.

⁷ CHAMPLIN, Russel N. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2003. Vol. 1, p. 654.

⁸ CHAMPLIN, 2003, Vol. 1, p. 654.

⁹ FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 115.

1. A AUTORIDADE DE CRISTO

Toda a autoridade recebida pelos discípulos para cumprirem a ordenança de fazerem discípulos está relacionada à autoridade de Cristo, conforme sua própria afirmação: *“Toda autoridade me foi concedida no céu e na terra”*. De onde vem esta autoridade? Quem concedeu a Cristo este poder? À luz dos textos bíblicos, a autoridade é decorrente de Ele ser Rei, o Messias, e mediador entre Deus e os homens. E este poder se entende por todos os domínios.¹⁰ O versículo dezessete demonstra que os discípulos já reconheciam Jesus como Rei, e o adoraram.

Não seria por um acaso que o imperativo de Jesus narrado por Mateus o apresentaria como detentor de toda a autoridade no céu e na terra, o Messias que haveria de vir. Ao olhar para os temas plenamente aceitos em relação aos propósitos do livro, Mateus deseja demonstrar aos leitores que Jesus era o “Messias” prometido, o “Filho de Davi”, o “Filho de Deus”, o “Filho do Homem”, “Emanuel”, aquele para quem o Antigo Testamento aponta.

Muitos judeus, especialmente os líderes, pecaram quando não reconheceram Jesus como o “Messias” durante seu ministério, e este pecado continuar a ser repetido por muitos, que continuam não crendo nEle após sua morte e ressurreição. No entanto, o Reino escatológico prometido já despontou, sendo o seu início assinalado pela sua vida, morte, ressurreição e exaltação de Jesus.¹¹

Esse reinado messiânico continua havendo no mundo à medida que crentes tanto judeus como gentios, submetem-se à autoridade de Jesus, vencem tentações, suportam perseguições, acolhem calorosamente os ensinamentos de Jesus, e desse modo, demonstram o verdadeiro âmbito que se encontra o povo de Deus e o verdadeiro testemunho ao mundo acerca do “evangelho do reino”; e esse reinado messiânico não apenas é o cumprimento das esperanças do Antigo Testamento, mas também é a amostra do reino consumado, o qual surgirá, quando Jesus o Messias, voltar em pessoa.¹²

Corroborando para demonstrar toda a autoridade de Jesus, Mateus começa o seu evangelho apresentando aos seus leitores os títulos referentes a Jesus. Ele é apresentado como: o “Cristo”, “Filho de Davi”, “Filho de Abraão”. O nome recebido por ele após seu nascimento, “Jesus”, é a forma grega do nome hebraico “Yeshua”, que quer dizer o “Senhor Salva”. Este nome descreve o que Ele estava destinado a fazer: *“Ele salvará todo o seu povo dos seus pecados”* (1.21). Em uma destas designações atribuídas a Jesus neste primeiro versículo do evangelho, autentica ainda mais a ideia apresentada de Jesus ser o Rei, detentor

¹⁰ KENT Jr., Homer A. **Comentário bíblico Moody**: Volume 4 – os Evangelhos e Atos. São Paulo: Batista Regular, 2001. p. 71.

¹¹ O leitor pode encontrar um importante estudo sobre o propósito que movia Mateus a escrever seu livro no livro *“Introdução ao Novo Testamento”*. Em especial na página 91 e 92, pode-se encontrar as motivações de Mateus em produzir sua literatura. Além do propósito, o leitor encontrará diversas informações sobre o contexto histórico e literário do livro, os quais vão auxiliá-lo em uma melhor exegese do texto. CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

¹² CARSON; MOO; MORRIS, 2002, p. 92.

de toda a autoridade. Ele tinha uma descendência real, era o “Filho de Davi”, com direito a reivindicar o trono de Israel.¹³

Mateus não narra os detalhes da Ascensão de Jesus, mas podemos compreender, à luz de outros escritores neotestamentários que Jesus está assentado à mão direita de Deus Pai. Ai está implicada a grande reivindicação de autoridade real, que não exerce seus poderes apenas na terra, mas no próprio céu. As duas expressões: no “céu” e na “terra” implicam domínio sobre todas as coisas. Esse domínio é reconhecido pelo próprio apóstolo Paulo, escrevendo à igreja de Éfeso e aos Colossenses (Ef 1.1-6; Cl 2; ver também Hb 1.6; Rm 14.9; Fl 2.9-11; 1 Pe 3.22).¹⁴

Não há dúvidas, à luz das Escrituras, que Jesus é Rei detentor de toda autoridade, e por isso tem todo o poder. Somente quem venceu a morte e ressuscitou poderia fazer tal afirmação. Jesus pode ordenar a todos os seus seguidores cumprirem suas ordenanças. A partir do momento em que uma pessoa deixa de ser escrava do pecado e o reconhece como Senhor, ela deve ser obediente à sua vontade e ter uma vida que o agrade. Afinal, o seu maior prazer é agradar ao seu Senhor. Esta foi a maneira com que os discípulos responderam à Grande Comissão. Eles obedeceram, pois reconhecimento a Cristo como Messias e Rei, e assim era um prazer obedecer ao seu Senhor. Mas, em que consiste esta missão? Cristo com sua autoridade os enviou, mas os enviou a quê? A serem discípulos que façam discípulos. No próximo tópico, o leitor poderá melhor compreender este chamado.

2. EM QUE CONSISTE A MISSÃO

O clímax das narrativas da ressurreição é a Grande Comissão, em que Cristo põe a tarefa de espalhar o evangelho ao mundo e os seus ensinamentos diretamente sobre os ombros de um pequeno reduto de testemunhas, que receberam a garantia da presença dEle até o final dos tempos.¹⁵ Veja como Mateus narra:

Portanto, ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo; ensinando-lhes a obedecer a todas as coisas que vos ordenei; e eu estou convosco todos os dias, até o final dos tempos.

“*Fazei Discípulos*” é a grande ordem. Ele é o único imperativo. É a atividade central indicada no texto. A palavra “Ide” é um particípio no original e não imperativo. Segundo Hesselgrave, a sua melhor tradução seria “indo” ou “enquanto ide”¹⁶. O “ide” é algo que deve acontecer todos os dias, à medida que o discípulo vai caminhando. Como afirma Christopher J. H. Wright, comentando sobre o “fazei discípulos”:

É preciso reconhecer que a primeira palavra não é uma ordem em si, mas um particípio: “Na medida em que vocês vão...”. É claro que, se as nações tivessem que ser discipuladas, os discípulos teriam que ir até elas; portanto,

¹³ David K. Lowery apresenta em seu comentário que uma das ênfases do evangelista era apresentar a Jesus com o Rei, o Filho de Davi, o Messias que haveria de vir. Para mais informações leia o seu artigo em: ZUK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010. p. 19 a 68.

¹⁴ CHAMPLIN, 2003, Vol. 1, p. 654.

¹⁵ CARSON; MOO; MORRIS, 2002, p. 72.

¹⁶ HESSELGRAVE, 1995, p. 15.

podemos detectar, com certeza, na primeira ordem de Deus a Abraão, um prenúncio da dinâmica que finalmente explodiria na força centrífuga missionária do 'indo' até aos confins da terra.¹⁷

Fazer convertidos e crentes certamente se encontra dentro deste imperativo; no entanto, a continuidade envolvendo o acolhimento, a confirmação da fé através do batismo, e ensino motivando a obediência às ordens de Jesus não podem ser divorciados no cumprimento da missão. Como afirma o princípio da Evangelização Discipuladora:

Evangelização e discipulado precisam ser unidos debaixo da autoridade da Grande Comissão. Primeiro porque é somente à luz dela que esses dois conceitos podem ser entendidos de forma completa. Segundo, porque só quando eles são plenamente compreendidos é que a igreja está apta a cumprir a Grande Comissão em sua abrangência.¹⁸

O cumprimento da Grande Comissão exige a aplicação destas forças conjuntas na transmissão das verdades bíblicas através da comunicação clara e fiel do evangelho aliada ao cuidado intencional deste novo discípulo, acolhendo-o intencionalmente, e buscando ensiná-lo a obedecer a todas as coisas que Cristo tem mandado. Cumprir a missão é muito mais que entregar um folheto, fazer um culto na praça ou uma ação pontual de evangelização. A missão dada por Cristo é levar o pecador arrependido a reconhecer o seu estado diante de Deus e, pelo poder do Espírito Santo, reconhecer a sua necessidade de retornar para o Pai. Esse é o desejo de Deus para com a sua criação.

Dr. Bledsoe, em seu livro "Evangelização via Relacionamentos", citando Donald McGavran, influente missiólogo do século passado, mostra a preocupação evangelística ardente que Deus possui. Embora a missão de Deus englobe diversos aspectos, o principal está em encontrar as pessoas criadas à Sua imagem. McGavran escreveu:

Entre outros desejos de Deus-em-Cristo, acima de qualquer outra coisa, Ele quer que pessoas perdidas sejam salvas, isto é, sejam reconciliadas com Ele. Admitindo de uma forma mais cordial que Deus tem outros propósitos, ainda assim devemos nos lembrar que nós servimos um Deus que encontra pessoas. Ele tem uma preocupação primordial de que homens e mulheres devem ser redimidos. Independentemente da maneira que definimos a palavra, o testemunho bíblico é claro a respeito de que as pessoas estão "perdidas". O Deus que busca quer que essas pessoas sejam encontradas, isto é, que sejam trazidas a um relacionamento redentor com Jesus Cristo, no qual batizadas em Seu nome, tornem-se parte de Seu lar. Ele não se compraz quando muitas ovelhas possíveis de serem encontradas permanecem vagando nas montanhas, tiritando no vento frio e cortante. Quanto mais forem encontradas, mais prazer tem Deus.¹⁹

Até onde deve alcançar esta missão? "*Todas as nações*" é referência que Jesus dá ao seu povo. Aqui há uma universalidade na missão. Uma referência aos gentios, que agora devem

¹⁷ WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova e Instituto Betel Brasileiro, 2012. p. 94.

¹⁸ BRANDÃO, Fernando (Org.). **Igreja Multiplicadora: cinco princípios bíblicos para o crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção e Missões Nacionais, 2014. p. 20.

¹⁹ BLEDSOE, David A. **Evangelização via relacionamentos**. Rio de Janeiro: Convicção, 2012. p. 20.

ser trazidos para dentro da Igreja da mesma maneira que os judeus. Inicialmente os discípulos foram enviados “às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mt 10.6). Mas agora, depois da crucificação e da ressurreição, o evangelho é para todos.²⁰ Um dos temas principais de Mateus é demonstrar a universalidade da mensagem do evangelho, e aqui é o trecho central desta temática. Aqui está a grande “Magna Carta” do empreendimento missionário do cristianismo.²¹

Um outro ponto importante na missão é o batismo. “Batizando os em nome do...” está relacionado ao meio ou ao método mediante o qual dos discípulos serão confirmados. Os convertidos serão batizados em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, isso subentende que passam a ser propriedade do Deus Trino.²² Este é um meio de identificação espiritual com Cristo em sua morte e ressurreição. O discípulo compartilha da sua morte, morrendo para os pecados e da sua ressurreição nascendo para uma nova vida (2 Co 5.17).²³

Por fim, em um paralelo com a construção anterior, o “ensinar a obedecer” também faz parte desta missão. “Ensinando os guardar todas as coisas” é parte deste processo, assim como o batismo. O que deve ser ensinado? A obedecer a tudo quanto Cristo ordenou. Como bem afirmar Hesselgrave: “o homem vive de toda a Palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4.4). Interessante que a palavra “ensinando” é um particípio presente como menciona Champlin, o que a torna uma ação contínua, algo que não será feito apenas para a preparação para o batismo, mas para toda a vida.²⁴

“Fazer Discípulos” é a grande ênfase do imperativo dado por Jesus aos seus discípulos. Quando se questiona qual é a missão? Fazer Discípulos é a resposta. Ele garantiu que estaria com cada um que obedecesse a esta ordem todos os dias, e ninguém que é obediente cumprindo este imperativo está sozinho. O próprio Cristo acompanha seus servos nesta jornada até os confins da terra e até a consumação dos séculos.²⁵ Jesus estava enviando-os às nações para serem pescadores de homens. Ele lhes deu “autoridade” e responsabilidade de tornarem as boas novas de salvação conhecidas em todos os lugares.²⁶ Agora a grande pergunta é: Qual tem sido a resposta da Igreja ao imperativo de Jesus? Em especial, na era moderna, como os discípulos de Jesus e a sua Igreja têm se comportado diante deste mandato?

3. A IGREJA E O IMPERATIVO DE JESUS – PASSADO E PRESENTE

Após estas últimas instruções de Jesus (At 1.1-11), cerca de 120 discípulos, unânimes em oração, retornaram para Jerusalém e aguardaram o cumprimento da promessa do Espírito Santo. Cinquenta dias após a Páscoa, na festa de Pentecostes, a promessa do Consolador se

²⁰ HESSELGRAVE, 1995, p. 16.

²¹ CHAMPLIN, 2003, Vol. 1, p. 654.

²² HESSELGRAVE, 1995, p. 16.

²³ CHAMPLIN, 2003, Vol. 1, p. 654.

²⁴ CHAMPLIN, 2003, Vol. 1, p. 654.

²⁵ HESSELGRAVE, 1995, p. 16.

²⁶ SHEDD, Russel. **Fundamentos bíblicos da evangelização**. São Paulo: Vida Nova, 1996. p. 102.

tornou realidade. A cidade estava cheia de homens vindos de diversos lugares para celebrar a festa.

De repente, um som como de um vento muito forte encheu a casa onde estavam reunidos para orar e foram cheios do Espírito Santo. Então, começaram a falar em línguas diferentes da sua. Os estrangeiros ficaram assustados ao ouvir aqueles cristãos em seus próprios idiomas. Alguns, sem entender, até mesmo zombaram, dizendo que eles deviam estar embriagados (At 2.13).

Mas Pedro, pondo-se de pé, fez calar a multidão e começou a dar testemunho de que aquilo era o cumprimento do que havia sido predito pelo profeta Joel (Jl 2.28-32). Ele foi enfático em apresentar Jesus como aquele cuja vinda fora profetizada. O tom evangelístico da pregação de Pedro é claramente demonstrado em Atos 2.21: *“E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo”*.

O apóstolo ainda ressaltou que, mesmo tendo sido morto pelos homens, Jesus ressuscitou ao terceiro dia, de forma que Deus o fez Senhor e Cristo (v. 36). Quando indagado pelos seus ouvintes sobre o que deveriam fazer, Pedro respondeu: *“Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para o perdão de vossos pecados; e recebereis o dom do Espírito Santo”* (v. 38).

A Igreja experimentou um crescimento extraordinário naquele dia, sendo aumentada em quase três mil pessoas. Os novos discípulos, cheios do Espírito, viveram intensamente os ensinamentos de Jesus, como nos mostra o restante do capítulo. Aconteceu ali um verdadeiro movimento de multiplicação. O que começou com André agora crescia exponencialmente. André sempre levava pessoas a Jesus, como fez com seu irmão Simão Pedro (Jo 1.40-42). Em outra ocasião, também ajudou os gregos que gostariam de ver Jesus (Jo 12.21). Agora, já vemos Pedro levando outros a Jesus. Assim era o estilo de vida desses irmãos, o imperativo dado por Cristo era prioridade em suas vidas, e como resultado, Lucas narra:

E eles perseveravam no ensino dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada um havia temor, e muitos sinais e feitos extraordinários eram realizados pelos apóstolos. Todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam suas propriedades e bens, e os repartiam com todos, segundo a necessidade de cada um. E perseverando de comum acordo todos os dias no templo, e partindo o pão em casa, comiam com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e contando com o favor de todo o povo. E o Senhor lhes acrescentava a cada dia os que iam sendo salvos. (Atos 2.42-47)

Em aproximadamente quinze anos, os discípulos foram espalhados por grande parte do mundo conhecido da época. O fenômeno do Pentecostes inaugurou essa grande colheita para as nações! O Espírito Santo teve um papel fundamental na fundação e expansão da igreja de Cristo²⁷. O pequeno grupo de homens que foram encarregados para executar a maior tarefa

²⁷ Earle E. Cairns comenta o grande avanço do Cristianismo no império até o ano 100. Segundo ele, a razão desse avanço foi a atuação do Espírito Santo na igreja primitiva, em cumprimento às palavras de Jesus em João 14.16-18, 15.26-17 e 16.7-15. O autor mostra que os assuntos principais de Atos são a pregação dos apóstolos sobre o Cristo crucificado e ressurreto e o papel do Espírito Santo como capacitador e guia da igreja cristã a

de todos os tempos: levar o evangelho a todas as nações e cumpriram a missão conforme ordenados (Mt 28.18-20).

Ao observar a história, nota-se que estes homens não eram pessoas importantes, nem tinham muito conhecimento, tampouco tinham pessoas poderosas por detrás deles. *Eram pessoas comuns, sem qualquer reconhecimento, porém, tornaram a Grande Comissão uma realidade e a multiplicação de discípulos e igrejas um projeto de vida.*²⁸ Eles não pensavam em outra coisa senão cumprir esse imperativo do Mestre.²⁹

A partir do século III, houve uma mudança radical no conceito e no funcionamento da Igreja. William A. Beckham, missionário da IMB (International Mission Board da Convenção Batista do Sul dos Estados Unidos) na Tailândia, onde atuou por mais de 15 anos plantando igrejas, nos mostra em seu livro *“A Segunda Reforma”*, capítulo 4, o quanto a Igreja se afastou do seu propósito original àquela altura. A Grande Comissão já não era a sua prioridade de vida.

Com o passar dos anos, os discípulos de Cristo e conseqüentemente a igreja perdiam um pouco de suas características neotestamentárias. A exemplo, Beckham afirma: *“A igreja tinha mudado de reuniões regulares nas casas e reuniões em grupos grandes para quase exclusivamente em prédios especiais”*.³⁰ Algumas distorções começam a acontecer, menciona Beckham:

- O cristianismo alinhou-se com os sistemas políticos;
- “Líderes profissionais” passaram a dominar a estrutura da igreja;
- A liderança servidora deu cada vez mais lugar ao autoritarismo;
- A igreja se amoldou gradativamente ao mundo;
- A igreja veio para a defensiva, ao contrário de permanecer na ofensiva;
- Os grupos pequenos na igreja se tornaram suspeitos aos olhos do governo e declinaram.

Com essas mudanças, o condicionamento da igreja a quatro paredes foi inevitável. A espiritualidade dá lugar à religiosidade. A construção de catedrais fez com que a vida da igreja migrasse das casas para os auditórios. A disposição em forma de círculo em pequenos grupos foi substituída pelas fileiras de bancos. O relacionamento intenso entre irmãos deu lugar ao contato de porta de templo. A organização sufocou o organismo. Com isso a Missão se torna

partir do Pentecostes. CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 48,49.

²⁸ FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios**: vivendo o jeito bíblico de ser igreja. Rio de Janeiro: Missões Nacionais e Convicção, 2015. p. 19.

²⁹ O autor deste artigo, em seu livro: *“De volta aos princípios”*, demonstra como a igreja atual de alguma forma através de algumas influências no decorrer dos últimos séculos tem se afastado do grande imperativo dado por Jesus aos seus discípulos, conseqüentemente a sua igreja. O livro propõe uma reflexão sobre um caminho de retorno a ser trilhado com urgência pela igreja atual e como isso pode ser feito a partir do seu pastor, posteriormente envolvendo sua liderança e por fim alcançando toda a igreja.

³⁰ BECKHAM, William A. **A segunda reforma**: a igreja do Novo Testamento no século XXI. Curitiba: MIC, 2012. No Brasil este livro foi traduzido pela Editora Ministério Igreja em Células (MIC) e tem como título: *A Segunda Reforma: A igreja do Novo Testamento no Século XXI*. Sua primeira edição em português foi no ano de 2007. O assunto está localizado na página 56 da edição em português. William Beckham não apenas identifica os desafios que temos atualmente em nossas congregações, como nos chama a atenção para um retorno às Escrituras.

apenas mais uma das coisas a fazer dentre inúmeras outras para realizar. A Grande Comissão sai do centro.

Séculos se passam, durante quase mil e duzentos anos a igreja vive um tempo de trevas. Mas Deus, na sua soberana vontade, move homens e mulheres para um retorno às Escrituras, então temos a chegada dos Reformadores. Interessante que nem mesmo reformadores dos séculos XVI e XVII conseguiram fazer o imperativo de Jesus ser novamente prioridade para a sua Igreja.

Com grande ardor recuperaram a mensagem da Igreja, mas na maior parte estavam demasiadamente preocupados com os problemas da Europa para darem muito ímpeto às missões noutras partes do mundo. Coube aos pietistas, aos morávios, e a um batista com o nome de William Carey recuperar o senso de urgência para levar o evangelho ao mundo inteiro.³¹

No entanto, mesmo com todos estes esforços de homens como Carey e outros mencionados, não se conseguiu trazer para a igreja cristã como um todo o desejo ardente de se fazer discípulos e plantar novas igrejas. Muitas atividades foram desenvolvidas, principalmente com a influência do mandato cultural, ações na área social se espalharam por diversos locais do mundo, mas tudo isso não foi suficiente para fazer arder novamente no coração da Igreja de Cristo o mandato primordial de discipular. Muito foi feito no âmbito das missões transculturais, mas pouco foi resgatado do valor de discipular simultaneamente as pessoas que estavam mais próximas. Como um sábio já afirmou: *“A luz que brilha mais longe é aquela que já brilhou perto...”*³²

Alguns dos reflexos dessa deterioração perduram até o presente século em certos contextos, afirma Beckham:

- As pessoas vão à “igreja”, que se tornou sinônimo de “catedral”;
- Os cristãos cultuam apenas em um dia especial da semana (domingo);
- Alguém é reconhecido ministro (sacerdote), acima dos demais crentes;
- Esse ministro intermedia o contato das pessoas com Deus por meio de rituais religiosos;
- Ele serve as pessoas com ensino, pregação, indulgências, curas, etc, às vezes por um preço (oferta).

Atualmente, a Igreja, que outrora era apaixonada em cumprir a Grande Comissão, está voltada na maioria das vezes unicamente para suas programações, que na maior parte do tempo têm fim em si mesmas. Ela se tornou uma organização que se encontra de sete em sete dias, em determinado local, para desfrutar do que é oferecido. Um número pequeno de membros trabalha, enquanto a maior parte é mera consumidora ao assistir e avaliar tudo. Com tudo isso acontecendo, o verdadeiro significado do que é ser igreja e qual é a sua missão está sendo perdido com o passar do tempo. E ainda quando se fala em Grande Comissão, este conceito está relacionado à obra missionária em outros países.

³¹ HESSELGRAVE, 1995, p. 20

³² QUEIROZ, Edison. **A igreja local e missões**. São Paulo: Vida Nova, 1987. p. 119.

Dallas Willard, em a *“Grande Omissão”*, mostra que, na maioria das igrejas ocidentais, as pessoas pressupõem irrefletidamente que a Grande Comissão de Jesus deve ser levada adiante em *outros* países. Essa ideia se deve, em parte, ao uso do termo *“nações”* para traduzir o grego *“ethne”*, quando uma tradução mais apropriada seria nossa expressão contemporânea *“grupos étnicos”* ou, ainda, *“pessoas de todo tipo”*. Mas, na prática, isso nos leva a *excluir* as *“pessoas de nosso tipo”* do universo daqueles que devem ser transformados em discípulos de Jesus. No entanto, não foi isso que Jesus ensinou: a responsabilidade de um seguidor de Jesus é levar adiante a Grande Comissão exatamente onde ele está, e não apenas intensificar os esforços para obedecer à sua ordem em outros lugares. Se ele não começar onde está, como será bem sucedido em levar as Boas Novas a outras partes? Caso contrário a Grande Comissão não vai passar de uma grande omissão.³³ O que fazer diante deste afastamento? É hora de voltar ao início de tudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao término deste artigo, conclui-se que a Igreja de Cristo, com o passar dos anos, tem se afastado da Grande Comissão, do fazer discípulos como prioridade de sua existência. É hora de pensar em uma correção de rota. Se faz necessária a realização de alguns ajustes quanto à direção, caso contrário, a igreja atual corre um sério risco de se afastar ainda mais do mandado primordial, e como resultante, estará indo em direção contrária à ordenança de Jesus.

Como resultado deste afastamento, a igreja pode em algum momento priorizar algumas coisas que não são a prioridade de Jesus. É hora parar e refletir, e orientada pelo Espírito Santo iniciar uma jornada em direção ao caminho inverso. Caminho este que o grupo Rebanhão convidou a igreja brasileira a trilhar:

Quero voltar ao início de tudo, encontrar-me Contigo, Senhor. Quero rever meus conceitos e valores, eu quero reconstruir. Vou regressar ao caminho, volver as primeiras obras, Senhor. Eu me arrependo, Senhor, me arrependo, Senhor, me arrependo, Senhor! Eu quero voltar ao primeiro amor, ao primeiro amor, eu quero voltar a Deus.³⁴

A canção convida ao leitor a uma reflexão profunda sobre o caminho que individualmente cada discípulo de Jesus pode trilhar em busca de um retorno às primeiras obras. Ao ler esta canção, pode-se também reportar ao texto de Apocalipse 2.4,5, quando o Senhor Jesus, dirigindo-se à igreja de Éfeso, diz: *“Tenho contra ti, porém, o fato de que deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta às obras que praticavas no princípio”*.

Com base no livro de Atos e na epístola de Paulo aos Efésios, sabe-se que a Igreja de Éfeso até teve em um início exemplar. Ela foi discipulada pelo próprio apóstolo Paulo, que ali

³³ Se você deseja conhecer mais sobre as grandes consequências de se tornar cristão se se tornar um discípulo de Jesus vale a pena ler este livro de Dallas Willard. É um clássico sobre o assunto e leva o leitor a uma profunda reflexão sobre o valor do discipulado e da Grande Comissão. WILLARD, Dallas. **A grande omissão**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

³⁴ Letra da música *Primeiro Amor*, de autoria de Aurélio Rocha e interpretada pelo Grupo Rebanhão (Álbum Novo Dia, Polygram, 1987).

permaneceu dois anos (At 19.10). E também teve entre seus líderes Priscila e Áquila (At 18.24-28) e o jovem pastor Timóteo. Era uma igreja, onde o imperativo de Cristo era uma prioridade.

Mesmo vários anos depois, essa igreja manteve a firmeza na Palavra e outras características positivas que levaram Jesus a elogiá-la em Apocalipse: *“Sei que não suportas os maus e que puseste à prova os que se dizem apóstolos, mas não são, e descobriste que são mentirosos. Tens perseverado e sofreste por causa do meu nome; e não te desanimaste”* (Ap 2.2,3).

A Igreja de Éfeso era uma igreja viva, ativa e cooperante com o avanço do Reino de Deus. Uma de suas principais marcas era a perseverança. Era também uma comunidade com discernimento espiritual e muito zelo doutrinário, possivelmente por causa da formação discipular tão bem alicerçada na Palavra de Deus por intermédio de Paulo e Timóteo. Jesus Cristo elogiou a Igreja de Éfeso por:

- *Trabalhar com afinco,*
- *Perseverar com paciência,*
- *Não tolerar pessoas más,*
- *Questionar e não aceitar os falsos apóstolos.*

Discípulos e Igrejas de Jesus devem possuir essas características, e em grande parte as têm. Porém, mesmo sendo detentores de tais características, a Igreja de Cristo e um discípulo do Mestre não está isenta de em algum momento se afastar daquilo que Jesus espera dele. Jesus mostrou que aquela igreja necessitava mudar: *“Tenho contra ti, porém, o fato de que deixaste o teu primeiro amor. Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta às obras que praticavas no princípio (v. 4)”*. Na *Nova Tradução da Linguagem de Hoje*, esse texto fica assim: *“Porém tenho uma coisa contra vocês: é que agora vocês não me amam como me amavam no princípio. Lembrem do quanto vocês caíram! Arrependam-se dos seus pecados e façam o que faziam no princípio”*.

Em certa ocasião, Paulo tinha elogiado a Igreja de Éfeso pelo seu amor a Deus e aos semelhantes: *“Por isso também eu, tendo ouvido falar da fé no Senhor Jesus que há entre vós, e do vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações”* (Ef 1.15,16). Agora, Jesus repreende aquela igreja pelo fato de que ela abandonou esse primeiro amor. O cenário atual era que os membros de Éfeso faziam muitas coisas, estavam muito ocupados, mas haviam perdido a essência do amor cristão. Por isso, Jesus completa com o verso 5: *“Lembrem do quanto vocês caíram! Arrependam-se dos seus pecados e façam o que faziam no princípio”*.

Essa mensagem é relevante para este tempo. Nota-se que há muitas igrejas atualmente parecidas com a de Éfeso, marcadas pelo labor, pela perseverança e pelo extremo cuidado pela palavra de Deus, mas que muitas vezes demonstram sinais de perda do primeiro amor. Igrejas fortes, sólidas e bonitas, mas que frequentemente apresentam um estilo de vida consumidor de programas, deixando de lado as prioridades, em especial a Grande Comissão, ou seja, a multiplicação intencional de discípulos e igrejas.

É chegada a hora da Igreja de Cristo retomar o imperativo do “fazer discípulos” e ir em busca da dracma, da ovelha e do filho perdido. Ou seja, compreender que é tempo de “ir por

todo o mundo”, e não mudar a ordem de Cristo, desenvolvendo um discurso em que as pessoas têm que vir até ela e ouvir sua mensagem. É hora de sair da defensiva e partir para a ofensiva levando pessoas a Cristo e não apenas as convidando para irem à Igreja.³⁵

Por onde começar? Está pode ser a sua pergunta neste instante. Hudson Taylor afirmou: “Todos os gigantes de Deus foram homens fracos que fizeram grandes coisas para Deus, porque se estribaram no fato de Deus estar com eles.”³⁶ Isso pode começar a partir de você. Se ao término deste texto sua decisão pessoal for se tornar um multiplicador, e buscar colocar a Grande Comissão como sua prioridade de vida, este artigo alcanço o seu objetivo. Você pode começar a multiplicar-se espiritualmente hoje, e assim alcançar o Brasil ainda não alcançado e conseqüentemente as nações. Esta pode ser a sua parte em levar a cabo a Grande Comissão de Cristo, de ir a todo o mundo e fazer discípulos.

REFERÊNCIAS

BECKHAM, William A. **A segunda reforma: a igreja do Novo Testamento no século XXI**. Curitiba: MIC, 2012.

BLEDSON, David A. **Evangelização via relacionamentos**. Rio de Janeiro: Convicção, 2012.

BRANDÃO, Fernando (Org.). **Igreja Multiplicadora: cinco princípios bíblicos para o crescimento**. Rio de Janeiro: Convicção e Missões Nacionais, 2014.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3.ed. rev. e ampl. São Paulo: Vida Nova, 2013.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2002.

CARVALHO, Diogo. **Entrevista sobre a Grande Comissão**. Rio de Janeiro, 9 de abril de 2015.

CHAMPLIN, Russel N. **O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo**. São Paulo: Hagnos, 2003. Vol. 1.

COLE, Neil. **Igreja orgânica: plantando a fé onde a vida acontece**. Rio de Janeiro: Habacuque, 2005.

COLEMAN, Robert E. **Plano mestre de evangelismo**. 2.ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2001.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lêes?** São Paulo: Vida Nova, 1984.

³⁵ COLE, Neil. **Igreja orgânica: plantando a fé onde a vida acontece**. Rio de Janeiro: Habacuque, 2005. p. 20,21.

³⁶ Esta citação de Hudson Taylor foi usada por Waylon Moore em seu livro “Multiplicando Discípulos”. Se você deseja conhecer mais sobre o movimento de multiplicação intencional de discípulos e o cumprimento da Grande Comissão a partir do discipulado relacional e da Igreja local vale a pena investir tempo e fazer esta leitura. MOORE, Waylon B. **Multiplicando discípulos: o método neotestamentário para o crescimento da Igreja**. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

FREITAS, Fabrício. **De volta aos princípios**: vivendo o jeito bíblico de ser igreja. Rio de Janeiro: Missões Nacionais e Convicção, 2015.

HESSELGRAVE, David J. **Plantar igrejas**: um guia para missões locais e transculturais. São Paulo: Vida Nova, 1995.

KENT Jr., Homer A. **Comentário bíblico Moody**: Volume 4 – os Evangelho e Atos. São Paulo: Batista Regular, 2001.

MOORE, Waylon B. **Multiplicando discípulos**: o método neotestamentário para o crescimento da Igreja. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

PATRICK, Darrin. **O plantador de Igreja**. São Paulo: Vida Nova, 2013.

QUEIROZ, Edison. **A igreja local e missões**. São Paulo: Vida Nova, 1987.

SHEDD, Russel. **Fundamentos bíblicos da evangelização**. São Paulo: Vida Nova, 1996.

WILLARD, Dallas. **A grande omissão**. São Paulo: Mundo Cristão, 2006.

WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus: uma teologia bíblica da missão da igreja**. São Paulo: Vida Nova e Instituto Betel Brasileiro, 2012.

ZUK, Roy B. **Teologia do Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

DEMITOLOGIZANDO O DEMITOLOGIZADOR: EM BUSCA DA TEOLOGIA DE RUDOLF BULTMANN

Demythologizing the demythologizer: searching the theology of Rudolf
Bultmann

Willibaldo Ruppenthal Neto¹

RESUMO

Independente de concordar-se ou não com a teologia de Rudolf Bultmann, o conhecimento desta é imprescindível nos estudos de teologia pela grande influência que teve este autor, considerado por muitos como o maior teólogo do século XX. Porém, nem todos apreciam seus escritos, criando-se bipolaridade de opiniões, a qual gerou certa 'mitificação' de Bultmann entre seus seguidores e seus contestadores, fazendo com que seja necessário que se busque a realidade de sua teologia em meio a tantos usos e abusos de seu nome.

Palavras-chave: Rudolf Bultmann. Demitologização. Existencialismo.

ABSTRACT

Regardless of whether we agreed or not with the theology of Rudolf Bultmann, is essential know such for the study of theology because of the great influence that this author had, regarded by many as the greatest theologian of the twentieth century. However, not everyone appreciates his writings, creating a huge bipolarity of opinions that generate a 'mythologizing' of Bultmann by his followers and his challengers, making necessary to seek the reality of his theology among so many uses and misuses of his name.

Key-words: Rudolf Bultmann. Demythologization. Existencialism.

¹ Graduando em Teologia pelas Faculdades Batista do Paraná (FABAPAR) e Graduando em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: willibaldoneto@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Dentre os diversos teólogos que surgiram no séculos XX, um nome parece se destacar em número de menções: Rudolf Bultmann. É fato consumado a sua forte influência na teologia, de tal forma que isto se evidencia de uma forma especialmente relevante – a variedade dos livros em que seu nome é encontrado. Bultmann não é apenas mencionado nos livros de teologia protestante liberal, mas também é citado nas obras protestantes mais 'ortodoxas', nas obras católicas liberais e mesmo nas obras católicas conservadoras. Isto não significa que sua teologia é amplamente aceita, até porque em grande parte dos casos trata-se justamente de uma menção em sentido negativo. Um fato é certo: Bultmann é um dos mais influentes teólogos do século XX,² independente de se concordar-se com ele, como destacou Schubert Ogden: "Por consentimento comum, Rudolf Bultmann é uma das figuras mais importantes do cenário teológico contemporâneo. Por quaisquer critérios que alguém julgue significativos... sua contribuição é imutavelmente entre as mais importantes de nosso tempo".³

Seja como for, este autor é compreendido por vários teólogos que o defendem ou o atacam, mas muitos também são os que desconhecem a sua teologia, e, mesmo assim, possuem uma opinião já formada sobre esta. Bultmann é, portanto, uma espécie de "mito teológico", um símbolo, de forma que o amplo conhecimento de seu nome provocou um grande problema, que é o preconceito que se criou, de forma a deturpar-se seu pensamento não se transmitindo realmente sua visão teológica, sendo muitas vezes associado a seu nome uma ideia diferente da do teólogo, algo que se criou a partir de leituras de fontes secundárias, ou de leituras equivocadas dos textos de Bultmann, resultando neste 'mito' que causa uma espécie de 'arrepio na espinha' em muitos estudantes de teologia.

1. MITOS ACADÊMICOS

Infelizmente todo estudo acadêmico tende a criar 'mitos acadêmicos', uma vez que se trata sempre de sistematizações, e mesmo simplificações de estudos e pensamentos alheios. Tais simplificações muitas vezes são mal compreendidas e interpretadas por perspectivas reducionistas que, no intuito de resumir-se ou contrariar-se um determinado autor, formam-se imagens que se distanciam da verdade. Exemplos disto existem nas diversas áreas do conhecimento humano, tal como Albert Einstein é na física, Karl Marx é na sociologia, Freud é na psicologia e Leopold von Ranke é na história.

Tais mitos acadêmicos tendem então a criar duas forças de simplificação: 1) uma oposição cega, que combate a imagem do mito; 2) uma defesa cega, que segue mais a imagem do mito que o pensamento real do autor. Ambos os casos são problemáticos para o estudo científico sério, pois as críticas são necessárias para o desenvolvimento de qualquer ciência,

² LABRON, Tim. **Bultmann Unlocked**. New York: T & T Clark, 2011. p. 4; ALTMANN, Walter. "Introdução", In: BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender: ensaios selecionados**. Edição revista e ampliada. Tradução de Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 5-19 (5).

³ OGDEN apud LABRON, 2011, p. 6.

ao mesmo tempo que estas devem ser bem embasadas e direcionadas sobre o pensamento real dos autores, e não sobre as imagens que se formam. O que hoje se percebe no estudo acadêmico⁴ são situações de opiniões pré-formadas e mal fundamentadas, construídas sobre a leitura equivocada dos pensadores ou mesmo sobre apenas releituras. Muitos alunos universitários e mesmo professores têm seus pensamentos sobre alguns autores construídos a partir de leituras de comentaristas e seguidores: lê-se muito os comentadores de Platão e pouco Platão, lê-se muito os marxistas e pouco Marx, lê-se pouco Ranke e muito seus críticos e comentadores. Forma-se assim uma estrutura acadêmica nem mais de segunda, mas de terceira mão, pois quando são lidos tais autores, muitos permanecem presos às simplificações que ouviram e leram. O mesmo ocorre na teologia, com os vários comentadores de Teilhard de Chardin, Karl Barth, Leonardo Boff, Rudolf Bultmann e tantos outros.

Rudolf Bultmann foi um dos teólogos "mais controvertidos do século XX",⁵ chegando ao ponto de ser chamado de herege e ameaçado com o fogo do inferno.⁶ As críticas sobre ele foram tantas e na sua maioria tão infundamentadas que Dietrich Bonhoeffer chegou ao ponto de ter que criticar os críticos de Bultmann, afirmando que desejava "saber se algum deles trabalhou do princípio ao fim [*through*] do comentário de João"⁷ que Bultmann havia escrito. O próprio Bultmann também teve que se declarar diante deste problema:

É incrível quantas pessoas julgam minha obra sem terem lido uma palavra desta... Eu tenho às vezes perguntado os motivos do veredicto de um escritor, e qual dos escritos ele leu. A resposta tem sido regularmente, sem exceção, que ele não leu nenhum de meus escritos; mas que aprendeu de um jornal de domingo ou uma revista paroquial que eu sou um herege.⁸

A verdade é que *muitos* falam *muito* sobre estes, tendo lido *pouco* ou mesmo *nada* dos mesmos. Como bem disse Tim Labron, "o que é exigido é uma leitura que não tente colocá-lo dentro de um esquema cartesiano [*Cartesian box*]"⁹. O problema maior é simplificarmos um autor e enquadrá-lo em ideias pré-concebidas; para se evitar isso é importante entendermos o autor enquanto pessoa.

2. VIDA E OBRA: O HOMEM RUDOLF BULTMANN

Uma das melhores formas de se quebrar um mito acadêmico é o estudo da vida do pensador que se mitificou, para humanizá-lo novamente. As biografias são especialmente importantes enquanto mecanismos de "demitologização" dos mitos acadêmicos, pela aproximação dos leitores com as pessoas que são os pensadores em questão. A compreensão

⁴ A crítica à situação acadêmica neste sentido, porém, ultrapassa os limites do território brasileiro. Konrad Lorenz já percebia esta tendência nos estudos universitários em geral e apontou a necessidade de compreender-se a não-dogmatização enquanto princípio a ser ensinado aos jovens antes de seu ingresso nas Universidades. LORENZ, Konrad. **Civilização e pecado**: os oito erros capitais do homem moderno. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. p. 125.

⁵ ALTMANN. In: BULTMANN, 2001, p. 5.

⁶ ALTMANN. In: BULTMANN, 2001, p. 5.

⁷ BONHOEFFER apud LABRON, 2011, p. 8.

⁸ BULTMANN apud LABRON, 2011, p. 8.

⁹ LABRON, 2011, p. 3.

do *Anticristo* de Nietzsche é outra quando se entende que este era filho, neto e bisneto de pastores. A compreensão de Marx e Engels é outra quando se sabe que Marx se “aproveitava” de Engels – Engels lhe sustentava e ainda escrevia artigos em seu nome.¹⁰ O conhecimento biográfico amplia muito a compreensão dos autores, pois a obra tende a refletir muito das suas vidas, ou muito de suas frustrações.

Rudolf Bultmann nasceu a 20 de agosto de 1884, em Wielfested, numa família com considerável tradição cristã: seu pai era pastor luterano, seu avô paterno foi missionário na África e seu avô materno foi pastor de tradição pietista. Desde cedo tinha proximidade com o estudo teológico decorrente de sua família e já seu pai tinha se aproximado da corrente liberal. A piedade cristã, porém, era vivida por sua família e foi experimentada por Rudolf desde cedo – que manteve viva na centralidade da proclamação do evangelho em sua teologia e em sua vida.¹¹

Seus estudos de graduação em teologia se deram em Tübingen (1903), Berlim e por fim Marburg. Nessas universidades conheceu grandes nomes que viriam a influenciar muito sua teologia, levando-o a ter ainda mais contato com o pensamento liberal: Hermann Gunkel, Adolf von Harnack, Wilhelm Hermann, Johann Weiss e Wilhelm Heitmüller, por exemplo. Também colegas professores em Marburg (quando lecionou lá) foram de grande influência sobre ele, destacando-se: Rudolf Otto, Karl Barth, Friedrich Gogarten e Martin Heidegger.¹² O contato com Karl Barth lhe traria um afastamento do liberalismo e aproximação da teologia dialética, de forma que Bultmann acabou se posicionando por fim como intermediário entre estas posições. A filosofia de Heidegger será utilizada por ele para dar conteúdo ao que eliminará na forma da mensagem cristã, tornando sua teologia bastante existencialista.

3. TEOLOGIA LIBERAL

Tende-se a conectar-se o termo "liberalismo" com duas outras ideias teológicas: 1) a Bíblia *conter* a Palavra de Deus; 2) a busca do "Jesus Histórico". Se estas duas ideias de fato definissem se um teólogo é liberal, Bultmann não poderia ser nem mesmo aproximado desta teologia, uma vez que ele defende que a Bíblia não *contém* a Palavra de Deus mas *se faz* Palavra de Deus enquanto *acontecimento* e não um simples *conhecimento* – de modo que "não transmite ensinamentos, mas atinge a existência do ser humano"¹³ –, e defende que a

¹⁰ WILSON, Edmund. **Rumo à Estação Finlândia**: escritores e autores da história. 3 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 202-203.

¹¹ Bultmann entendia a indissociabilidade entre teologia e vida, de tal forma que quando o governo nazista proíbe, em 1935, a interferência das faculdades teológicas nas questões entre Estado e Igreja, responde em carta ao governo: "Para um docente de teologia, é absolutamente impossível deixar de tomar posição sobre aquilo que interessa à Igreja, se não quiser perder todo contato entre atividade literária e vida concreta, da qual a primeira retira a sua vitalidade" (BULTMANN apud MONDIN, **Os grandes teólogos do século vinte**. Tradução de José Fernandes. São Paulo: Paulinas, 1980. Vol. 2, p. 117). Arthur Michael Ramsey bem destaca que "uma paixão pastoral e evangelística inspirou Bultmann" (RAMSEY, Arthur Michael. **God, Christ and the World**: a study in Contemporary Theology. 4 imp. London: SCM Press, 1970. p. 51).

¹² LABRON, 2011, p. 5. Sobre a experiência educacional de Bultmann em Marburg, veja especialmente: DENNISON, William D. **The Young Bultmann**: context for his understanding of God, 1884-1925. New York: Peter Lang Publishing, Inc., 2008. p. 43-70.

¹³ BULTMANN, 2001, p. 413.

busca do Jesus histórico é inútil, sendo um grande cético desta possibilidade:¹⁴ percebia como algo que não deve ser buscado¹⁵ por ultrapassar os limites das pesquisas científicas, tornando tão sem fundamento quanto a negação da historicidade de Jesus: "minha opinião é que não podemos mais saber praticamente nada da vida e da personalidade de Jesus".¹⁶ O que é, então, o *liberalismo teológico*? Diferente do que muitos pensam, não é uma estrutura de crença, mas de investigação e pesquisa. O liberalismo é um método investigativo de aplicação da hermenêutica moderna na pesquisa e estudo bíblico, de modo a não criar estruturas dogmáticas, mas pesquisas históricas e uma compreensão mais científica das Escrituras. O termo 'liberal' se refere à liberdade dogmática, abrindo espaço para a pesquisa histórico-crítica,¹⁷ de modo que um teólogo liberal pode crer e partir do pressuposto de que as Escrituras não são Palavra de Deus em absoluto – o que não pode acontecer pela vertente ortodoxa ou neo-ortodoxa. Esta liberdade Bultmann valorizava e buscava manter na teologia:

[o liberalismo] não é absolutamente um resíduo já gasto de outros tempos, que não se precisa mais levar a sério. Ao contrário, a concepção 'liberal', no mínimo, contém impulsos ativos, os quais, apesar de obscuros, ainda conservam a sua legitimidade e validade... E, tendo em vista o perigo atual da nova ortodoxia e o retorno de um 'denominacionismo' rígido, é necessário que essa voz não se apague.¹⁸

Apesar de tal definição de Bultmann como "liberal" e da influência evidente da teologia liberal em seu pensamento, este também teve grande influência da teologia dialética – especialmente por Karl Barth, mas também por F. Gogarten e Emil Brunner,¹⁹ posicionando-se como um intermediário entre as duas teologias: "Eu tento combinar a ideia decisiva de uma teologia 'dialética' com a herança da teologia 'liberal', e penso que não é preciso dizer que minha atitude para ambas é uma atitude crítica".²⁰ Definindo-o como liberal, podemos correr o risco de colocá-lo ao lado de teologias que enfrentava veemente,²¹ tal como a de Adolf von Harnack²² – apesar de chamá-lo de mestre e admitir o quanto devia a este, não deixava de criticá-lo –, pois de fato rompeu em grande parte com a corrente da "teologia liberal" do século XIX, que tinha por principal característica o antropocentrismo, o qual Bultmann buscava combater com todas suas forças, uma vez que a teologia, segundo ele, deveria sempre ter a

¹⁴ LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Edição revisada. Tradução de Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2009. p. 234.

¹⁵ BULTMANN, 2001, p. 101-102.

¹⁶ BULTMANN, Rudolf. **Jesus**. Tradução de Nélio Schneider. São Paulo: Teológica, 2005. p. 26.

¹⁷ ALTMANN. In: BULTMANN, 2001, p. 8.

¹⁸ BULTMANN apud MONDIN, 1980, p. 120.

¹⁹ ALTMANN. In: BULTMANN, 2001, p. 8.

²⁰ BULTMANN apud LABRON, 2011, p. 4.

²¹ Um exemplo de enfrentamento dos liberais é seu livro "Jesus" (BULTMANN, 2005), que rompe com a série liberal de "Vidas de Jesus" (de Renan e outros) que buscava a personalidade de Jesus, passando a buscar apenas sua 'obra', que atuava por meio de sua palavra. Pode-se afirmar, como o faz A. M. Ramsey, que, enquanto os liberais procuravam eliminar os elementos que consideravam mitológicos, a resposta, segundo Bultmann, seria "não cortar fora a mitologia mas conservá-la inteira e *traduzir seu sentido completo* ao homem moderno" (RAMSEY, 1970, p. 52).

²² DANIÉLOU, Jean. **Sobre o mistério da história**: a esfera e a cruz. Tradução de Maria Laura Philbert. São Paulo: Herder, 1964. p. 242.

Deus – e somente Deus – como objeto, mesmo que não se possa objetivá-lo realmente. Não se pode definir o que Deus quer ou quem Deus é, nem mesmo expressar-se isto senão parcialmente, uma vez que "não podemos falar do que Deus é em si mesmo, senão unicamente do que Deus faz por nós e conosco".²³ Ou seja, falar "de Deus" no sentido de falar "sobre Deus", simplesmente não faz sentido.²⁴ Mesmo assim, a teologia cristã deveria encarar a Deus e o Evangelho diretamente, sem buscar um humanismo que mascare o escândalo da cruz:

O objeto da teologia é Deus, e a acusação contra a teologia liberal é esta: ela não tratou de Deus, mas do ser humano. Deus representa a negação radical do ser humano. A teologia, cujo objeto é Deus, só pode, portanto, ter a palavra da cruz como seu conteúdo; esta, porém, é um escândalo para o ser humano. E assim a acusação contra a teologia liberal é que ela se evadiu diante desse escândalo ou tentou suavizá-lo.²⁵

4. PALAVRA DE DEUS E PALAVRA DO HOMEM

A definição do que é "Palavra de Deus" e o que é "Palavra dos homens" é fundamental por ser o elemento sobre o qual as demais percepções teológicas são construídas. Geralmente pensa-se que Bultmann, sendo "liberal" (pressuposto do qual se parte), defenderá que as Escrituras apenas *contêm* a Palavra de Deus no sentido de esta estar oculta em pequenas parcelas ao longo da Bíblia. O que ocorre, porém, é que a ideia de que "a Bíblia contém a Palavra de Deus" não explica a profundidade da perspectiva de Bultmann sobre a Palavra de Deus. A Palavra de Deus, segundo Bultmann, está *oculta* mas *presente* nas Escrituras, não no sentido de "partes" ou "parcelas", mas no sentido de ser uma dimensão, uma perspectiva, sobre a qual se poderia perceber a Palavra de Deus, que está oculta até ser revelada pelo próprio Deus. A Palavra de Deus, assim, não é um "dado", mas um *acontecimento*, e sendo assim, não pode ser "comprovada", mas apenas "provada", experimentada pela pessoa à qual esta Palavra é dirigida, já que sempre se dá enquanto "palavra dirigida", enquanto *Kerygma*.²⁶

É suficiente dizer que a fé nasce do encontro com as Sagradas Escrituras enquanto Palavra de Deus, e que não é outra coisa que um simples escutar? A resposta é afirmativa. Porém esta resposta só é válida se não se entendem as Escrituras como um manual de doutrina, nem como uma recompilação de testemunhos de uma fé que eu interpreto com simpatia porque corresponde a meus sentimentos. Em troca, escutar as escrituras como Palavra de Deus significa escutá-las como uma palavra que me é dirigida, como um *Kerygma*, como uma proclamação. Neste caso minha compreensão das escrituras não é imparcial, senão que é minha resposta a uma chamada. O fato de que a

²³ BULTMANN, 2003, p. 58.

²⁴ BULTMANN, Rudolf. "What sense is there speak of God?", *The Christian Scholar*, Vol. 43, Nº 3, Fall 1960. p. 213-222 (213).

²⁵ BULTMANN apud ALTMANN, In: BULTMANN, 2001, p. 8.

²⁶ O *kerygma* não é destinado ao intelecto enquanto mecanismo de racionalização, nem passa um conhecimento, mas uma compreensão e dimensão da realidade enquanto novidade, Evangelho: "A pregação cristã é um *kerigma*, isto é, uma proclamação dirigida, não à razão teórica, senão ao ouvinte em si mesmo" (BULTMANN, Rudolf. *Jesus Cristo e Mitologia*. Tradução de Daniel Costa. 2 ed. São Paulo: Novo Século, 2003. p. 29).

palavra das Escrituras seja a Palavra de Deus, não pode ser demonstrado objetivamente:²⁷ é um acontecimento que se produz aqui e agora. A Palavra de Deus está oculta nas Escrituras, como toda ação de Deus está oculta por onde for.²⁸

Erra, na perspectiva de Bultmann, quem pensa que a Palavra de Deus se dá de forma eterna no sentido de intemporalidade, como se um enunciado valesse para toda e qualquer situação, pois não apenas o ser humano define-se na própria mudança, enquanto ser "ser histórico",²⁹ como o próprio Deus não se apresenta de forma fixa, mas de forma viva e sempre atualizada:

A Palavra de Deus não é um enunciado atemporal, senão uma palavra concreta dirigida aos homens aqui e agora. Sem dúvida, a Palavra de Deus é sua Palavra eterna, porém a esta eternidade não temos de concebê-la como intemporalidade, senão como Sua presença, sempre atualizada aqui e agora.³⁰

Equivoca-se também, porém, quem pensa que Bultmann nega a validade dos enunciados apostólicos e bíblicos como tendo sentido atuante. A questão é que, teologicamente, tomando-se como base a ciência, não se pode provar de fato que as Escrituras sejam a Palavra de Deus, ao mesmo tempo que esta é de fato explicitada em um acontecimento que não é menos que um *paradoxo*:

O Paradoxo se estriba em que a Palavra de Deus que está sempre acontecendo aqui e agora constitui uma e a mesma coisa com a palavra inicial da pregação apostólica, cristalizada nas Escrituras do Novo Testamento³¹, transmitida incessantemente pelos homens, cujo conteúdo pode ser formulado em enunciados gerais.³²

Isto significa que as Escrituras são Palavra de Deus quando proclamadas, mas não por si mesmas, nem quando tenta-se fechar-se a Palavra de Deus a estas enquanto um "manual de doutrina" ao invés de compreender-se a Palavra de Deus como acontecimento, "um acontecimento, aqui e agora, na voz viva da pregação".³³ É desta forma que "a Palavra de Deus e as Escrituras seguem estreitamente unidas",³⁴ enquanto mensagem viva e não mera leitura de proposições gerais e sistematização de dogmas, uma vez que a proclamação "é, por sua essência, discurso direto que atinge as pessoas individualmente, questionando-as em sua

²⁷ "Fica fora da competência de um estudo crítico o que eu escute da palavra da Bíblia como uma palavra que me é dirigida pessoalmente e creio nela" (BULTMANN, 2003, p. 43).

²⁸ BULTMANN, 2003, p. 57.

²⁹ BULTMANN, 2003, p. 56.

³⁰ BULTMANN, 2003, p. 62-63.

³¹ A Bíblia se faz Palavra de Deus, atuante, quando é percebida hoje da forma correta, buscando-se seu sentido em termos de 'aqui e agora', enquanto mensagem viva: "Temos de ler a Bíblia como se se tratasse unicamente de um documento histórico, que nos serviria de 'fonte' para reconstruir uma época passada? Ou será que a Bíblia é mais que uma 'fonte', histórica? De minha parte, creio que nosso interesse tem de cifrar-se realmente em escutar o que a Bíblia tem a dizer-nos, sobre o que constitui a verdade acerca de nossa vida e de nossa alma, a nós homens modernos" (BULTMANN, 2003, p. 42).

³² BULTMANN, 2003, p. 65.

³³ BULTMANN, 2003, p. 65.

³⁴ BULTMANN, 2003, p. 65.

autocompreensão e exigindo sua decisão".³⁵ A palavra humana se torna Palavra de Deus da mesma forma que a Igreja atemporal se torna a mesma que a instituição histórica – de forma *paradoxal*.³⁶

5. MITO E DEMITOLOGIZAÇÃO

Como bem disse o filósofo católico Jean Guitton, o processo de 'demitologização', o qual Bultmann propõe-nos, é um processo duplo, pois "*entmythologisierung* (demitologização) significa também *desfazer e reinterpretar*; tirar o mito evangélico e revestir o Evangelho numa nova interpretação".³⁷ Não é, portanto, um processo apenas negativo, mas também positivo: não é um destruir por destruir, mas um derrubar para reconstruir – "não se propõe eliminar os enunciados mitológicos, senão interpretá-los".³⁸ Erra aquele que pensa que a *demitologização* de Bultmann é uma negação em absoluto ou um processo de destruição dos Evangelhos e do Novo Testamento: é uma tentativa de renovo, independentemente de estar correta ou incorreta; é um processo tanto negativo quanto positivo,³⁹ no sentido de negar algumas interpretações e oferecer uma *re*-interpretação da mensagem cristã. Como bem disse Bultmann:

(...) desmitologizar não significa recusar a escritura em sua totalidade ou a mensagem cristã, senão que eliminar de uma e de outra a visão bíblica de mundo, que é uma visão de uma época passada, com demasiada frequência ainda mantida na dogmática cristã e na pregação da Igreja. Desmitologizar supõe negar que a mensagem da Escritura e da Igreja estão ineludivelmente vinculadas a uma visão de mundo antiga e obsoleta.⁴⁰

Sua proposta é a de substituir a linguagem mítica por uma linguagem mais próxima da atual, de modo que a mentalidade científica moderna possa compreender as realidades que são passadas por uma mentalidade mítico-metafísica na Bíblia. Para Bultmann, a mensagem bíblica é eterna, mas sua estrutura é temporal, podendo ser substituída: tira-se a linguagem mitológica que permeia a mensagem e coloca-se em seu lugar uma linguagem histórico-científica. A crítica tende a pensar que a aferição de "mito" é uma negação por si. Neste sentido mesmo, Jean Guitton se posiciona assim, negando o caráter positivo (construtivo) que havia antes possibilitado a Bultmann. Segundo estes críticos, "mito" necessariamente tem um

³⁵ BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Revisão: Nélio Schneider. Santo André: Academia Cristã, 2008. p. 375.

³⁶ BULTMANN, 2003, p. 65.

³⁷ GUITTON, Jean. **Jesus**. Tradução de Oscar Mendes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960. p. 80

³⁸ BULTMANN, 2003, p. 16.

³⁹ Um ponto positivo da 'demitologização' é a consequência da responsabilidade através da objetivação da história pessoal. A objetividade permite a *responsabilidade*, diante de si mesmo, da vida e da história (BULTMANN, Rudolf. "On the problem of demythologizing", **The Journal of Religion**, vol. 42, Nº 2, Apr., 1962. p. 96-102 [99]). Isto se dá, por exemplo, na tomada de postura contra o mal enquanto dimensão propriamente humana, quando se 'demitologiza' as ideias mitológicas de "Satanás" e "demônios", que representam o fato de que "muitas vezes os homens são arrastados por suas paixões, deixam de ser donos de si mesmos, e então surge disto uma maldade inconcebível" (BULTMANN, 2003, p. 17-18).

⁴⁰ BULTMANN, 2003, p. 29.

sentido de diminuição do valor de alguma história, entendendo-se necessariamente como "invenção". Jean Guitton, representando tal ideia, afirma o seguinte:

Compreendo o sentido da palavra *mito*, quando designa uma narrativa inventada para traduzir uma verdade como nas alegorias, uma lição de moral como nas fábulas, ou uma imaginação pura como nas lendas. Sei que o mito pode carregar pepitas de ouro por acréscimo e poesia e também verdades de pormenor. Mas a atitude do que cria mitos nada tem que ver com a atitude daquele que atesta: um inventa, o outro descobre. Um supõe, o outro comprova. E não posso assimilar esse conceito bastardo dum *mito verdadeiro*. É preciso pelo menos respeitar a linguagem.⁴¹

Não se pode, porém, compreender *hoje* o que é *mito* senão passando-se pela revalorização do mito do início do século XX, quando se trouxe tal linguagem e estrutura de volta aos estudos por ser interpretada para ser entendida pela mente moderna.⁴² Jean Guitton, porém, não peca neste sentido, conhecendo tal processo. Sabe que de uma visão de mito enquanto linguagem de uma "mentalidade primitiva e infantil", como ensinava Lucien Lévy-Bruhl, passou-se a compreender-se que o mito tem um sentido e um uso muito mais profundos, sendo Bultmann – ao lado de outros grandes, como Mircea Eliade – de importância fundamental nesta revalorização.⁴³ Guitton sabe também da proximidade da compreensão de Bultmann sobre o mito em relação à visão de Platão, segundo o qual os mitos são "meios de expor essas questões de origem e de fim dos tempos que a ciência intemporal dos gregos não podia tratar e que, entretanto, interessam e concernem ao homem".⁴⁴ Neste sentido, então, "Bultmann parece pensar que o Evangelho apresenta duma maneira mítica (...) certas realidades inexprimíveis, às quais a fé adere".⁴⁵ Porém, Guitton não compreende plenamente a dimensão que o mito engloba, pensando ser errada uma ideia de um "mito verdadeiro", por estar preso à ideia de verdade enquanto historicidade, resultado de nossa tendência moderna e científica. Para Bultmann, "mito expressa verdade, mas verdade vestida de linguagem simbólica de antigos padrões de pensamento", como bem definiu Alfred Glenn.⁴⁶

Não devemos, porém, exagerar na afirmação de Bultmann como valorizador dos mitos. Ele equivoca-se e passa um certo preconceito quanto à mentalidade e linguagem "mítica"

⁴¹ GUITTON, 1960, p. 80.

⁴² Nos séculos XIX e XX percebeu-se que de fato "o mito é uma realidade cultural extremamente complexa, que pode ser abordada e interpretada através de perspectivas múltiplas e complementares" (ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 4 ed. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Editora Perspectiva, 1994. p. 11). Assim, como bem demonstra Walter Burkert, desenvolveram-se métodos de análise variados neste período de revalorização do mito, tais como: a "teoria do ritual" de W. Robertson Smith e James George Frazer (BURKERT, 1991, p. 32), a psicanálise freudiana (BURKERT, Walter. **Mito e mitologia**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 1991. p. 33), a "teoria dos arquétipos do inconsciente coletivo" de Carl Gustav Jung (BURKERT, 1991, p. 35) e o estruturalismo (BURKERT, 1991, 36). Marburg, onde Bultmann estudou e lecionou foi um dos primeiros centros de estudo de história das religiões (CAHILL, P. Joseph. "Bultmann: reminiscence and legacy", **Theological Studies**, 46, 1986. p. 473-496 [490-491]).

⁴³ GUITTON, 1960, p. 79. Como o próprio Bultmann disse: "(...) desmitologizar procura dar o peso máximo para a real intenção do mito de falar sobre a autêntica realidade do homem" (BULTMANN, 1962, p. 100).

⁴⁴ GUITTON, 1960, p. 79-80.

⁴⁵ GUITTON, 1960, p. 80.

⁴⁶ GLENN, Alfred A. "Rudolf Bultmann: removing the false offense", **Journal of the Evangelical Theological Society**, 16.2, 1973. p. 73-81 (73).

como um estado anterior ao pensamento histórico. Pensa que a história é uma substituta da mitologia de tal forma que "o curso da história tem desmentido a mitologia",⁴⁷ e no qual a linguagem mítica é "inadequada e insuficiente",⁴⁸ depreciando-a por humanizar demais os elementos sobrenaturais, tornando o que é transcendente com "uma objetividade mundana".⁴⁹ De certa forma, "os mitos atribuem uma objetividade mundana àquilo que é não-mundano".⁵⁰ Um exemplo disto seria o pensamento mitológico presente na afirmação de Deus ter sua morada no céu – o que aponta como um "modo tosco" de expressar a ideia que Deus está mais além do mundo, que é transcendente. Na falta da capacidade de abstração para tais afirmações, portanto, se permanece no limite do mitológico. Vemos, portanto, traços daquele preconceito presente em Lévy-Bruhl também em Bultmann.

Com tal ideia, Bultmann entende o Evangelho de João como tendo uma linguagem própria e uma "escatologia histórica",⁵¹ diferenciando-se da escatologia cósmica, que se vale da mitologia para ser elucidada. Não percebe, portanto, que há realidades que não podem ser descritas cientificamente por escaparem da alçada do campo racional e teórico,⁵² pois, para ele, o mito necessariamente trabalha sobre uma perspectiva existencial, não a ultrapassando.⁵³ Porém, como bem disse o filósofo existencialista cristão Karl Jaspers, "quando o homem, no gozo de sua liberdade, experimenta a Transcendência, necessita dos enigmas para elucidá-la".⁵⁴ O mito, segundo Jaspers e outros, não se resume à existência,

⁴⁷ BULTMANN, 2003, p. 13.

⁴⁸ BULTMANN, 2003, p. 17.

⁴⁹ Para Bultmann a linguagem mitológica serve especialmente para o ser humano identificar e organizar intuições para serem lidas de forma mais objetiva, sendo portanto "uma certa inteligência da existência humana" (BULTMANN, 2003, p. 16), na qual faz-se uma objetivação imanente às realidades que tendem a escapar do ser humano. Algo semelhante é a perspectiva de Ernest Cassirer, que entende o mito (também) como elemento no qual "a tensão diminui a partir do momento em que a excitação subjetiva se objetiva, ao se apresentar perante o homem como um deus ou um demônio" (CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. 3 ed. Trad. J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992. p. 53). O fato de Cassirer ter sido um representante da escola neo-kantiana de Marburg, fundada por Hermann Cohen e Paul Natorp (CAHILL, 1986, p. 478), certamente é um importante fato para se entender essa ligação com Bultmann, apesar da sua relação com os neo-kantianos não ser clara (CAHILL, 1986, p. 490).

⁵⁰ BULTMANN, 2003, p. 27. Em alemão: *Mythos objektiviert das jenseitige zum Diesseitigen*.

⁵¹ BULTMANN, 2003, p. 64; Cf. BULTMANN, 2001, p. 62-79.

⁵² Richard F. Grabau bem percebeu tal falha de Bultmann, resultante da sua "visão inadequada de mito" (GRABAU, Richard F. "The necessity of myth: an answer to Rudolph Bultmann", **The Journal of Religion**, Vol. 44, Nº 2, Apr. 1964. p. 113-121. p. 117), a qual fecha o mito na ideia de um "além" (*beyond*) que se restringe às estruturas humanas (GRABAU, 1964, p. 117) e não ao que transcende e ultrapassa o humano, sendo necessariamente 'aberto' em sua representação.

⁵³ "O mito não pretende ser interpretado cosmologicamente, mas antropologicamente – melhor: de modo existencialista" (BULTMANN, Rudolf. **Demitologização**: coletânea de ensaios. Trad. Walter Altmann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 14). Só faz sentido ir-se contra a 'demitologização', segundo Bultmann, se aceita-se alguma ideia de "mitos que não podem ser existencialmente interpretados" (BULTMANN, 1962, p. 100).

⁵⁴ JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 15 ed. São Paulo: Cultrix, 2010. p. 111. O debate entre Bultmann e Karl Jaspers se deu em artigos de resposta e contra-resposta entre as duas visões, posteriormente publicados em um livro de título "*Die Frage der Entmythologisierung*". Sobre o caso, veja: CHO, Joanne Miyang. "Karl Jaspers' critique of Rudolf Bultmann and his turn toward Asia", **Existenz**, Vol. 5, Nº 1, Spring 2010. p. 11-15.

trabalhando sobre planos que a ultrapassam. Esse aspecto 'superior' do mito/símbolo foi bem definido pelo grande historiador das religiões, Mircea Eliade:

O símbolo revela certos aspectos da realidade – os mais profundos – que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. As imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser.⁵⁵

Sendo assim, Bultmann acaba criando, portanto, uma contraposição entre linguagem mitológica e histórica, homem primitivo e moderno, de tal forma que defende a modernização do Evangelho, perdendo-se o sentido 'mais profundo', apenas transmitido pelo mito/símbolo, e que a modernidade estava perdendo até o mito ser retomado neste processo de 'remitologização' dos séculos XIX e XX.

De fato, Bultmann foi muito importante nos estudos teológicos com sua demitologização, porque "observa que a revelação reveste certa linguagem, que se exprime através das mentalidades",⁵⁶ porém há problemas neste processo. O cerne do problema de Bultmann na sua demitologização está nos *resultados* finais e no *método*, mas não no *propósito* dele. A ideia de um "renovo" para a mensagem cristã não tem sido trazido à tona apenas por Bultmann, mas é uma tendência cada vez mais forte e necessária.⁵⁷ O problema, porém, está na separação entre *linguagem* e *mensagem*. Até que ponto pode-se mudar a linguagem sem se alterar a mensagem? Até onde vai linguagem mítica e até que ponto esta, na verdade, não é o próprio conteúdo? De fato o renovo é necessário, pois a mensagem perde naturalmente o valor pelas mudanças normais que a linguagem sofre ao longo do tempo, porém é complicado se colocar – como Bultmann o fez – como solucionador do problema, como "tradutor" da mensagem divina anunciada outrora para ser compreendida no dia de hoje, sem se cair em subjetivismos e equívocos. Eis aí um problema complicado da teologia contemporânea, cujo perigo Jean Guitton bem avisou:

Mas pode-se isolar o espírito? Pode-se, por sua própria autoridade, retransmitir o espírito sob outras formas? Sobretudo, é possível, no instante presente, por uma operação intelectual e, por assim dizer cirúrgica, fazer a partilha entre o espírito e suas expressões, sem a isso misturar o arbitrário? O perigo de desvestir o Espírito do revestimento que tomou por ocasião de sua emergência evangélica é temível. Porque corre-se risco de arrancar o grão com a cizânia. E, mais ainda, expomo-nos a ter a veste nova ainda mais infiel do que o era a antiga.⁵⁸

Não devemos, porém, nos iludir com a radicalidade da perspectiva e proposta de Bultmann. A ideia de que *o próprio Jesus Cristo é um mito* era veemente *negada* por Bultmann, que afirmava a historicidade de Cristo enquanto elemento inicial do processo religioso

⁵⁵ ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 1996. p. 8-9.

⁵⁶ GUITTON, 1960, p. 41.

⁵⁷ O renovo de linguagem na Igreja Católica se evidenciou especialmente a partir e através do Concílio Ecumênico Vaticano II. De forma semelhante, o protestantismo renovou-se com o Pacto de Lausanne.

⁵⁸ GUITTON, 1960, p. 41.

ocorrido na sociedade palestinese do primeiro século. Sendo assim, "os evangelhos são interpretação", mas apenas "interpretação de fatos que realmente aconteceram"⁵⁹.⁶⁰ Neste sentido, sua demitologização foi um proposta muito mais coerente do que outras que veio a contestar, tais como a perspectiva do *Cristo mitológico* ou *mitológico-social* de F. Volney, Bruno Bauer, Arthur Drews, H. Zimmern, A. Khaltoff e K. Kautsky.⁶¹ Tais autores do "Cristo mitológico" hoje estão "escondidos" perante a obra de Bultmann. O problema deste autor, porém, estava na supervalorização do "processo religioso", que ultrapassou o próprio Cristo. *A mensagem se tornou mais importante do que seu conteúdo*. A mensagem cristã, segundo ele, tem tamanho sentido por si só que *o kerygma parece estar, de certa forma, acima do próprio Jesus Cristo*, ou pelo menos nele confundido: "na palavra anunciada se encontra o próprio anunciador".⁶²

6. CRISTIANISMO E EXISTENCIALISMO

A proposta de Bultmann de 'demitologização' teria como resultado uma transformação da linguagem mítica à linguagem existencialista, que pode ser objetivada/cientificizada sem perder tanto quanto a linguagem mitológica, incompatível com o pensamento científico. Segundo Bultmann, há duas perspectivas sobre a 'realidade':⁶³ subjetividade e objetividade. A linguagem mítica passa elementos subjetivos que não são da alçada da ciência, que se dirige à objetividade, quando na verdade a plena objetividade em pesquisas históricas (e humanas) é impossível,⁶⁴ uma vez que a existência humana não é determinável pela causalidade, como é a natureza.⁶⁵ Tal dualidade de perspectivas parece ter certa base na leitura de Wilhelm Dilthey, que dizia haver "duas grandes tendências (...) em todos os trabalhos científicos",⁶⁶ na qual as ciências humanas tendem a se formarem na relação das duas perspectivas, onde "partindo da natureza (...) o mesmo homem se volta em seguida retroativamente para a vida,

⁵⁹ Bultmann não nega a historicidade de Jesus de Nazaré, entendendo-o enquanto um paradoxo, uma realidade da fé que não é negada, mas que não pode ser provada nem plenamente compreendida: "(...) o que Deus operou em Jesus Cristo não constitui um fato histórico suscetível de ser provado historicamente. O historiador objetivante, como tal, não pode constatar que uma pessoa histórica (Jesus de Nazaré) seja o Logos eterno, a Palavra. É precisamente a descrição mitológica de Jesus Cristo no Novo Testamento o que nos mostra claramente que a pessoa e a obra de Jesus Cristo devem ser compreendidas segundo um ponto de vista que está além das categorias com que o historiador objetivo compreende a história universal... Este é o autêntico paradoxo. Jesus é uma pessoa humana, histórica, originária de Nazaré da Galileia." (BULTMANN, 2003, p. 63).

⁶⁰ BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1972. p. 15.

⁶¹ BOFF, 1972, p. 15.

⁶² BULTMANN, 2008, p. 505.

⁶³ BULTMANN, 1962, p. 96.

⁶⁴ Bultmann conhece bem as pesquisas de teoria e metodologia da história que estudaram a impossibilidade de total objetivação por parte do historiador e aponta o livro "*Idea of History*" de R. G. Collingwood como a melhor pesquisa (que conhece) sobre os problemas historiográficos (HOPKINS, Jasper. "Bultmann on Collingwood's Philosophy of History", **The Harvard Theological Review**, Vol. 58, Nº 2, Apr., 1965. p. 227-233 [227]). Bultmann chega a proferir em 1955 conferências em Edimburgo (Escócia), as Conferências Gifford, sobre teoria da história e escatologia, de modo que estas foram publicadas em 1957 como "História e Escatologia".

⁶⁵ BULTMANN, 1962, p. 97.

⁶⁶ DILTHEY, 2010, p. 23.

para si próprio".⁶⁷ A objetivação da 'demitologização', portanto, não deve ser exagerada, já que Bultmann conhece e valoriza a especificidade humana, transmitida na "interpretação existencialista",⁶⁸ e necessária para as ciências humanas (*Geisteswissenschaften*): "para a compreensão histórica não tem validade aquele esquema de sujeito e objeto, válido para a ciência natural observadora".⁶⁹ Esta subjetividade, porém, não se anula nem contradiz a perspectiva objetivante,⁷⁰ pois o homem e a história se dão em uma "dialética" humana, que se evidencia no próprio fato de, apesar do homem tomar decisões subjetivas, estas se expressam em seu corpo objetivo e concreto.⁷¹

A teologia necessariamente precisa de uma filosofia, de uma estrutura para se transmitir, precisa de uma linguagem, que dá sentido e significado para o pensamento e teorização teológica – e ninguém escapa disto,⁷² pois de fato, como disse Leonardo Boff, "compreender será sempre e inevitavelmente interpretar",⁷³ e interpretar significa significar através do sujeito pensante (intérprete), que se faz praticamente um 'tradutor'.⁷⁴ A proposta de Bultmann de 'demitologização', portanto, deve ser entendida conjuntamente à sua proposta de incorporação da filosofia existencialista, parte essencial da própria 'demitologização', que é – como dito anteriormente – uma proposta de destruição e reconstrução. Na verdade, a 'demitologização' é justamente "uma interpretação existencialista"⁷⁵ do cristianismo, uma vez que se dá pela abstração dos significados e símbolos dos mitos (pela teologia) e readequação destes em linguagem mais adequada (pela filosofia).

Erra quem pensa que Bultmann propõe uma total objetivação/cientificação: ele buscou demonstrar o equilíbrio de sua posição neste ponto com seu artigo "*On the problem of demythologizing*", publicado na revista *The Journal of Religion*, a fim de quebrar o preconceito existente.⁷⁶ Mesmo assim, sua interpretação permanece com dificuldades: será que a linguagem da filosofia existencialista pode passar o conteúdo que a linguagem mítica passa? E mais: "Por que seria a filosofia alemã, expressa por Heidegger, mais apta à expressão duma revelação intemporal?".⁷⁷ Sua resposta a estas questões é de que a filosofia existencialista defende que o homem difere-se como "existente" diante dos demais seres, "subsistentes",⁷⁸

⁶⁷ DILTHEY, 2010, p. 24.

⁶⁸ BULTMANN, 1962, p. 97.

⁶⁹ BULTMANN, 2001, p. 368.

⁷⁰ BULTMANN, 1962, p. 98.

⁷¹ BULTMANN, 1962, p. 98.

⁷² Como bem destacou Bultmann: "É evidente que cada intérprete vá carregado com certas concepções, sejam idealistas ou psicológicas, que se convertem em pressuposições de sua exegese, na maior parte das vezes de modo inconsciente" (BULTMANN, 2003, p. 39). Leonardo Boff destaca esta dificuldade do teólogo que tenta escrever a vida de Jesus: "Por mais abstração que faça de si mesmo, como sujeito, jamais pode sair de si para atingir o objeto. Por isso toda a Vida de Jesus será necessariamente um pedaço da vida do próprio escritor. Haverá sempre interpretação" (BOFF, 1972, p. 17).

⁷³ BOFF, 1972, p. 51.

⁷⁴ BULTMANN, 2001, p. 366.

⁷⁵ BULTMANN, 2003, p. 37.

⁷⁶ Tal artigo teve como resposta o artigo de Richard F. Grabau nesta mesma revista dois anos depois (1964).

⁷⁷ GUITTON, 1960, p. 41.

⁷⁸ BULTMANN, 2003, p. 45.

tendo uma vida não definível pela lógica causal,⁷⁹ sendo o existencialismo a filosofia que não propõe aos homens um modo ideal de vida, "um modelo de existência ideal",⁸⁰ mas respeita a singularidade da existência humana.

7. MÉTODO E RESULTADO

Battista Mondin (1980) aponta duas grandes contribuições de Bultmann, pelas quais ele "sacudi o mundo teológico":⁸¹ a primeira é sua contribuição junto à teologia dialética pela inserção do chamado "método histórico-morfológico", e a segunda é sua teoria da demitificação'. Ambas contribuições são de metodologia, sendo ele um paradigma para as pesquisas teológicas posteriores por tamanha inovação. A demitificação já foi explanada anteriormente neste artigo. O método histórico-morfológico trabalha sobre dois processos: a adequação do texto a partir de seu *Sitz in Leben* (lugar vivencial), ou seja, seu contexto *histórico*, e a identificação do gênero literário próprio de cada elemento do texto, mostrando a sua real forma (*morfológico*). Tal método histórico-morfológico é a estrutura hermenêutica de Bultmann, da qual se vale mesmo para o processo de demitologização.

O processo de demitologização de Bultmann tem um propósito de fato positivo, tanto enquanto reinterpretação como enquanto renovo da linguagem evangélica; também de fato seu método (histórico-morfológico) é incrivelmente inovador, porém seus resultados são em geral negativos: seleciona uma nova estrutura linguística e de mentalidade, que é a filosofia existencialista, para "traduzir" a mensagem cristã, esquecendo que mesmo esta é limitada, ao mesmo tempo que escolhe interpretar como "mito" mesmo as questões mais fundamentais e mais basilares da fé cristã.⁸² para ele, o fato de os discípulos terem utilizado linguagem mitológica para interpretar o evento de "Jesus Cristo" demonstra que o que é relevante no cristianismo não é Jesus Cristo, mas a fé por si só. *Substitui o Cristo da fé pela fé no Cristo.* Leonardo Boff bem percebeu tal radicalização de Bultmann:

Se os teólogos e historiadores que buscavam o Jesus da história recalçando o Cristo da fé e das interpretações dogmáticas posteriores radicalizavam por um lado, Bultmann radicaliza por outro buscando somente o Cristo da fé,

⁷⁹ BULTMANN, 1962, p. 97.

⁸⁰ BULTMANN, 2003, p. 46.

⁸¹ MONDIN, 1980, p. 115.

⁸² Um grande problema nas interpretações de Bultmann é sua relação com os "milagres". De fato, Bultmann afirma que "a ideia de evento miraculoso (...) tornou-se inconcebível e precisa ser abandonada" (BULTMANN, 1999, p. 107), mas isto deve ser entendido numa distinção entre "milagre" e "evento miraculoso". Em primeiro lugar, a negação de aceitar-se os "eventos miraculosos", apesar da linguagem bíblica trabalhar neste sentido, não nega o valor desta: "não se abandona a autoridade da Escritura se se abandona a ideia de evento miraculoso" (BULTMANN, 1999, p. 107). Também Bultmann se difere daqueles que entendem "milagre" como mera "expressão religiosa para designar uma ocorrência" (Schleiermacher), pois isso leva a pensarmos que todo acontecimento é um milagre. Para Bultmann, porém, milagre é uma realidade "abscôndita", que só é percebida na relação Deus-homem, ou seja, "falar do milagre significa falar da própria existência, i. é, de que Deus se tornou visível em minha vida, portanto não significa falar de uma visibilidade geral de Deus, mas de sua revelação" (BULTMANN, 1999, p. 112). De outra forma: milagres não são realidades determinadas e determináveis, mas são resultados da compreensão e visão sobre acontecimentos para aquele que crê: são revelação e não constatação.

recalcando o Jesus histórico e reduzindo-o a um ponto matemático de sua mera existência.⁸³

De certa forma, pode-se resumir a teologia de Bultmann de forma correta afirmando-se que "em sua teologia não é a Palavra que se faz carne mas a carne que se fez Palavra".⁸⁴ Tal percepção, porém, é contra o próprio fundamento do cristianismo: "A Palavra se fez carne. Com isso se quer dizer: há uma história do ser novo e escatológico inaugurado de forma epocal e única com Jesus de Nazaré, na sua plena e global patência. Esse é o núcleo fundamental da mensagem cristã".⁸⁵

De certa forma, para Bultmann, nada mudaria se o nome de Jesus fosse colocado entre aspas, representando apenas uma imagem de fé interior em seus seguidores, ou representando o processo religioso dos discípulos⁸⁶ e, por fim, da Igreja. O Jesus da fé é o que importa, e não o Jesus histórico. A própria ressurreição não é um fato histórico, mas um fato da fé.⁸⁷ Porém, para o cristianismo, o caráter histórico de Jesus sempre foi essencial, não podendo ser negado desde os tempos apostólicos: "Porque muitos enganadores têm saído pelo mundo fora, os quais não confessam Jesus Cristo vindo em carne; assim é o enganador e o anticristo" (2 Jo 7). O caráter histórico da religião cristã é um de seus alicerces mais básicos e primeiros. Assim, de fato, como disse Battista Mondin, "o teólogo de Marburg realiza a demitização com critérios tais que, no fim de sua operação, muito pouca coisa resta da fé cristã".⁸⁸

O resultado lógico de levar-se o processo começado por Bultmann até suas últimas consequências foi evidenciado e materializado na teologia americana denominada "teologia radical", ou "teologia da morte de Deus". Como bem disse Battista Mondin, "Bultmann preparou o movimento da teologia da morte de Deus com a teoria da demitização".⁸⁹ Tal teologia da morte de Deus teve como grandes representantes Gabriel Vahanian, John A. T. Robinson, Harvey Cox, Paul van Buren, William Hamilton e Thomas Altizer.⁹⁰ Cada um destes pensadores teve ideias próprias e propostas diferentes, mas um ponto permanecia unívoco: a "morte de Deus".

Através da teologia radical, o centro torna-se o homem de tal forma que se perde o sentido do próprio divino: Bultmann critica os liberais no ponto em que seus seguidores

⁸³ BOFF, 1972, p. 22.

⁸⁴ BOFF, 1972, p. 23.

⁸⁵ BOFF, 1972, p. 32.

⁸⁶ GUITTON, 1960, p. 84.

⁸⁷ Bultmann defende que o fato histórico não foi a ressurreição em si, mas a tomada de consciência do sentido mais profundo da cruz enquanto vida para o homem, transmitida enquanto "ressurreição" de Cristo. Cabe, porém, compreender-se o que Bultmann realmente quis afirmar: "se dissermos – a Ressurreição não é um fato histórico – e com isso pensarmos que nada aconteceu depois da morte de Jesus, então interpretamos mal a Bultmann. Se pensarmos que aconteceu sim, mas isso é só acessível pela fé (estórico) e escapa ao historiador (histórico), então temos compreendido sua tese fundamental." (BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo**: a nossa ressurreição na morte. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 22-23).

⁸⁸ MONDIN, 1980, p. 134.

⁸⁹ MONDIN, Battista. **As teologias do nosso tempo**. Tradução de Manuel Alves da Silva. São Paulo: Paulinas, 1979. (Teologia hoje; 12). p. 44.

⁹⁰ MONDIN, 1979, p. 46.

americanos erram – tornou-se uma teologia antropocêntrica, ou seja, antiteológica. Robinson troca a *realidade de Deus* pela *realidade como Deus*.⁹¹ A filosofia existencialista, também, não conseguiu prover uma base para o sentido humano, de tal forma que se realiza assim a redução de Karl Popper dos existencialistas enquanto "arautos de uma nova teologia sem Deus".⁹² A filosofia existencialista de fato é positiva em sua valorização da singularidade humana, mas pode levar "ou à consciência do exílio do ser humano, como na visão dos cientistas, ou à exasperação, ao 'tremor metafísico' e à angústia".⁹³ A perda do sentido, resultante da perda da "essência" – necessária assim como a própria "generalização" para a configuração psíquica do ser humano –, acaba levando o homem a entender-se sozinho no mundo.⁹⁴ O existencialismo sozinho, sem o aspecto 'geral' do ser humano, leva-o à perspectiva sartreana do *ser como nada*: "(...) o homem existe primeiro, se encontra, surge no mundo, e se define em seguida. Se o homem, na concepção do existencialismo, não é definível, é porque ele não é, inicialmente, nada".⁹⁵ Nada mais lógico do que pensar que Deus – se este existe – *está morto*, já que o que prevalece no homem é sua sensação de *abandono*.

Buscando a demitização, Paul van Buren não encontrará limites para sua mente moderna e carregada do positivismo lógico.⁹⁶ A partir de Bultmann, van Buren entendeu que toda a linguagem religiosa das Escrituras faz parte daquela linguagem "mítica", que deve ser traduzida, por ser parte de uma mentalidade mítico-metafísica, hoje impossível de ser aceita. Assim, partindo de Bultmann, o ultrapassa, levando o método deste às suas últimas consequências lógicas: "van Buren, interpretando a demitização segundo o critério de verificação experimental, vai muito além de Bultmann: elimina a própria existência de Deus".⁹⁷

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As críticas sobre Bultmann são variadas, afirmando-se, por exemplo: que ele troca "Deus" por um "mero estado do homem", tal qual definiu Helmut Gollwitzer; que não nos leva a Deus, mas ao "conhecimento de si [*self*]", como disse Donald Bloesch; que ele aniquila a objetividade e possibilidade de um "genuíno salvador, criador, senhor e redentor", como definiu Paul Molnar; e mesmo que chega à radicalidade do ceticismo, segundo Vincent Taylor.⁹⁸ De fato, estas críticas fazem sentido pelos "resultados americanos" de Bultmann com a sua influência sobre a "teologia radical", porém são conclusões precipitadas se observarmos com sinceridade a teologia de Bultmann e mesmo outras teologias que influenciou, especialmente se atentarmos para a própria crítica dele aos liberais por serem

⁹¹ BULTMANN, 2001, p. 403.

⁹² POPPER, Karl. **O racionalismo crítico na política**. 2.ed. Tradução de Maria da Conceição Côrte-Real. Brasília: UnB, 1994. p. 11.

⁹³ NOICA, Constantin. **As seis doenças do espírito contemporâneo**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011. p. 69.

⁹⁴ Vahanian chega a declarar o seguinte: "A religiosidade é, em última análise, a expressão de uma solidão extrema" (VAHANIAN apud BULTMANN, 2001, p. 412).

⁹⁵ SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2012. (Vozes de Bolso). p. 19.

⁹⁶ MONDIN, 1979, p. 55.

⁹⁷ MONDIN, 1979, p. 55.

⁹⁸ LABRON, 2011, p. 7.

demasiadamente *antropocêntricos* – justamente do que Gollwitzer e Bloesch parecem acusá-lo.

Os grandes teólogos pós-bultmannianos, dos quais se destacou Günther Bornkamm,⁹⁹ de fato levaram os estudos de Bultmann adiante, mesmo onde Bultmann considerava "irrelevante para fé".¹⁰⁰ Exemplo disto foi a pesquisa do 'Jesus Histórico', segundo a qual estes acabaram "encontrando" um "Jesus existencial",¹⁰¹ que "possuía uma consciência messiânica, embora certamente não a tenha expresso por nenhum título escatológico tradicional".¹⁰² Desta forma, a distinção entre o "Jesus histórico" (*historische*) e o Cristo da história (*geschichtliche*), empreendida por Martin Kähler,¹⁰³ mestre de Bultmann, acabou desfeita, reaproximando-se as dimensões humanas e divina de Cristo, relembrando o efeito conciliador do Concílio de Calcedônia,¹⁰⁴ onde as naturezas foram declaradas distintas, mas a pessoa em unidade: "O Jesus histórico é o Jesus da fé, não só porque os evangelhos são testemunhos da fé, mas porque Jesus mesmo foi alguém de fé e um testemunho da fé",¹⁰⁵ de forma que a cristologia pós-ressurreição já estava *implícita* em Jesus, seja na sua ação, seja na sua proclamação.¹⁰⁶ Mesmo a "teologia radical" teve consequências positivas, como a compreensão da relação entre cristianismo e *secularização*, a *dessacralização* dos lugares e ritos, e mesmo a tomada da *responsabilidade* cristã, que se dá a partir da própria liberdade: "liberdade em relação ao mundo é, ao mesmo tempo, responsabilidade pelo mundo".¹⁰⁷

A compreensão histórica que temos hoje de Jesus de Nazaré se deu especialmente a partir de Bultmann e seus seguidores, além de leitores dos mais variados: Robison aprofundou a secularização da fé, Bornkamm escreveu seu "Jesus de Nazaré", e muitos outros – tais como grandes teólogos, a exemplo de Jürgen Moltmann – devem muito a Bultmann.¹⁰⁸ A pesquisa atual já se distanciou muito do velho demitologizador, mas este permanece como referência e ponto importante neste processo de desenvolvimento das pesquisas teológicas. Também as ideias da relação entre teologia e filosofia e entre Palavra de Deus e palavra do homem se desenvolveram especialmente a partir de Bultmann, percebendo-se a

⁹⁹ Mas também se podem citar seus seguidores: Ernest Käsemann, Hans Conzelmann, Ernst Fuchs, Gerhard Ebeling (ALTMANN, In: BULTMANN, 2001, p. 7); e os influenciados por Bultmann: Mussner, Geiselman, Trilling e Pannenberg (BOFF, 1972, p. 25). Arthur Michael Ramsey (1970) destaca que os discípulos de Bultmann (tais como R. H. Fuller e G. Bornkamm) se concentraram em encher a lacuna na vida de Jesus antes da crucificação, acreditando que há evidências históricas suficientes que possibilitem tal tarefa (RAMSEY, 1970, p. 57).

¹⁰⁰ ALTMANN, In: BULTMANN, 2001, p. 7.

¹⁰¹ LADD, 2009, p. 234.

¹⁰² BOFF, 1972, p. 25.

¹⁰³ LADD, 2009, p. 234; BOFF, 1972, p. 20.

¹⁰⁴ BOFF, 1972, p. 204-205.

¹⁰⁵ BOFF, 1972, p. 26.

¹⁰⁶ ALTMANN, In: BULTMANN, 2001, p. 7.

¹⁰⁷ BULTMANN, 2001, p. 409.

¹⁰⁸ Em seu texto em memória a Rudolf Bultmann, F. F. Bruce (1977) lembra que quando o nome de Bultmann foi lido na *Society for New Testament Studies* em decorrência de seu falecimento, logo todos os presentes se colocaram de pé e comenta que "esta era a estima que este estudioso veterano tinha, da parte daqueles que discordavam profundamente dele assim como dos membros de sua escola" (BRUCE, F. F. "Rudolf Bultmann (1884-1976)", *The Witness*, 107, Nº 1273, Jan. 1977. p. 19).

indissociabilidade entre teologia e filosofia pela necessidade de linguagem e a "estrutura dialogal da Palavra de Deus",¹⁰⁹ que não deve ser entendida senão na própria relação entre Deus e homem. Bultmann mostrou a importância de entender-se as funções, de entender-se o kerygma cristão e traduzi-lo, por parte da teologia, de forma a dar intelegibilidade à Revelação e à fé – *intelectus fidei*. Uma coisa é certa: seu pensamento é "genial, ainda que sertamente controvertido".¹¹⁰ Cabe aos teólogos atuais, portanto, que se "demitologize" o próprio Bultmann para que se propagem as importantes lições deste grande teólogo. Devemos admitir, junto a Battista Mondin, que de fato "os seus escritos são altamente significativos e levam a marca de um estudioso consciencioso, atento, agudo, profundo e genial, dotado de uma bagagem crítica, filológica e também filosófica incomum",¹¹¹ de tal forma que se mantém importante sua leitura, especialmente se empreendermos esta com um olhar crítico e profundo,¹¹² que o próprio Bultmann legou à teologia: "A verdadeira lealdade nunca é repetição arcaizante, mas uma assimilação crítica que se apropria dos impulsos legítimos e os recobre de nova validade por meio de uma nova forma".¹¹³

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Walter. "Introdução". In: BULTMANN, Rudolf. **Crer e compreender**: ensaios selecionados. Edição revista e ampliada. Tradução de Walter Schlupp, Walter Altmann e Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 5-19.

BOFF, Leonardo. **A ressurreição de Cristo**: a nossa ressurreição na morte. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

BOFF, Leonardo. **Jesus Cristo Libertador**: ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1972.

BRUCE, F. F. "Rudolf Bultmann (1884-1976)", **The Witness**, 107, No. 1273, Jan. 1977.

BULTMANN, Rudolf. "On the problem of demythologizing", **The Journal of Religion**, vol. 42, No. 2, Apr., 1962. p. 96-102.

BULTMANN, Rudolf. "What sense is there speak of God?", **The Christian Scholar**, Vol. 43, No. 3, Fall 1960. p. 213-222.

BULTMANN, Rudolf. **Demitologização**: coletânea de ensaios. Tradução de Walter Altmann e Luís Marcos Sander. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

¹⁰⁹ MESTERS, Carlos. "A Conceção Bíblica da Palavra de Deus", **Revista Eclesiástica Brasileira** (REB), vol. 29, fasc. 1, Março de 1969. p. 13-37 (31).

¹¹⁰ MONDIN, 1980, p. 115.

¹¹¹ MONDIN, 1980, p. 117-118.

¹¹² Mesmo os críticos de Bultmann, rejeitando suas teses, podem aprender com sua obra, como o faz Arthur Michael Ramsey: "Mesmo seu esforço deveria suscitar a gratidão daqueles que, aprendendo tanto com seus sucessos quanto fracassos, podem buscar encontrar melhores traduções do Evangelho para o mundo moderno." (RAMSEY, 1970, p. 57).

¹¹³ BULTMANN apud MONDIN, 1980, p. 120.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus Cristo e Mitologia**. Tradução de Daniel Costa. 2.ed. São Paulo: Novo Século, 2003.

BULTMANN, Rudolf. **Jesus**. Tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Teológica, 2005.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. Tradução de Ilson Kayser. Revisão: Nélcio Schneider. Santo André: Academia Cristã, 2008.

BURKERT, Walter. **Mito e mitologia**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Edições 70, 1991.

CAHILL, P. Joseph. "Bultmann: reminiscence and legacy", **Theological Studies**, 46, 1986. p. 473-496.

CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. 3.ed. Tradução de J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1992.

CHO, Joanne Miyang. "Karl Jaspers' critique of Rudolf Bultmann and his turn toward Asia", **Existenz**, Vol. 5, No. 1, Spring 2010. p. 11-15.

DANIÉLOU, Jean. **Sobre o mistério da história: a esfera e a cruz**. Tradução de Maria Laura Philbert. São Paulo: Herder, 1964.

DENNISON, William D. **The Young Bultmann: context for his understanding of God, 1884-1925**. New York: Peter Lang Publishing, Inc., 2008.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos: ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 4.ed. Tradução de Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1994.

GLENN, Alfred A. "Rudolf Bultmann: removing the false offense", **Journal of the Evangelical Theological Society**, 16.2, 1973. p. 73-81.

GRABAU, Richard F. "The necessity of myth: an answer to Rudolph Bultmann", **The Journal of Religion**, Vol. 44, No. 2, Apr. 1964. p. 113-121.

GUITTON, Jean. **Jesus**. Tradução de Oscar Mendes. Belo Horizonte: Itatiaia, 1960.

HOPKINS, Jasper. "Bultmann on Collingwood's Philosophy of History", **The Harvard Theological Review**, Vol. 58, No. 2, Apr., 1965. p. 227-233.

JASPERS, Karl. **Introdução ao pensamento filosófico**. Tradução de Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. 15.ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

LABRON, Tim. **Bultmann Unlocked**. New York: T & T Clark, 2011.

LADD, George Eldon. **Teologia do Novo Testamento**. Edição revisada. Tradução de Dagmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos, 2009.

LORENZ, Konrad. **Civilização e pecado**: os oito erros capitais do homem moderno. Rio de Janeiro: Artenova, 1974.

MESTERS, Carlos. "A Concepção Bíblica da Palavra de Deus", **Revista Eclesiástica Brasileira** (REB), vol. 29, fasc. 1, Março de 1969. p. 13-37.

MONDIN, Battista. **Os grandes teólogos do século vinte**. Tradução de José Fernandes. São Paulo: Paulinas, 1980. Vol. 2.

MONDIN, Battista. **As teologias do nosso tempo**. Tradução de Manuel Alves da Silva. São Paulo: Paulinas, 1979.

NOICA, Constantin. **As seis doenças do espírito contemporâneo**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2011.

POPPER, Karl. **O racionalismo crítico na política**. Tradução de Maria da Conceição Côrte-Real. 2.ed. Brasília: UnB, 1994.

RAMSEY, Arthur Michael. **God, Christ and the World**: a study in Contemporary Theology. 4 imp. London: SCM Press, 1970.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. Tradução de João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2012.

WILSON, Edmund. **Rumo à Estação Finlândia**: escritores e autores da história. 3 reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

BREVE HISTÓRIA DA ESCOLA DE ANTIOQUIA E SUA INFLUÊNCIA NA HERMENÊUTICA DA REFORMA PROTESTANTE¹

Brief history of the school of Antioch and its influence on the hermeneutics of the Protestant Reformation

Márcio Vinícius Bastos²

RESUMO

Este artigo tem como finalidade apresentar uma breve história da escola de interpretação que surgiu em Antioquia da Síria por volta do terceiro século e a sua grande influência na hermenêutica da reforma protestante. O artigo traz algumas informações sobre a cidade de Antioquia e a origem da escola de interpretação. Aborda de forma resumida algumas divergências de interpretação entre a escola de Antioquia e a escola de Alexandria. Apresenta os principais proponentes da escola e o que pensavam sobre a interpretação da Bíblia. No final do artigo são apresentados alguns princípios de interpretação que distinguem a escola de Antioquia e sua influência na hermenêutica da Reforma Protestante.

Palavras-chave: Escola de Antioquia. Escola de Alexandria. Hermenêutica. Alegoria. Histórico Literal.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present a brief history of the school of interpretation that arose Antioch of Syria around the third century and its great influence on the

¹ O artigo foi elaborado em cumprimento ao requisito exigido pela disciplina de Interpretação de Textos Bíblicos do Mestrado Profissional em Teologia da FTBP.

² O autor é mestrando em Teologia pela Faculdade Teológica Batista do Paraná, Pós-graduado em Teologia Latino-Americana pela Faculdade Kurios e Bacharel em Teologia pela Faculdade Kurios (revalidação do curso livre de Bacharel em Teologia pelo Seminário Batista do Cariri e Licenciatura em Teologia com ênfase Pastoral pelo Seminário Bíblico Palavra da Vida). Professor e Deão de alunos solteiros do Seminário Batista do Cariri e professor da Faculdade Batista do Cariri. E-mail: pr.marcioeju@hotmail.com

hermeneutics of the Protestant Reformation. The article gives information about the city of Antioch and the origin of the school of interpretation. It goes on to describe briefly some of the differences in interpretation between the school of Antioch and that of Alexandria. The article also presents the main proponents of the school of Antioch and their thoughts on the interpretation of the Bible. The conclusion of the article presents some principles of interpretation that distinguish the school of Antioch and its influence on the hermeneutics of the Protestant Reformation.

Keywords: School of Antioch. School of Alexandria. Hermeneutics. Allegory. Literal History.

INTRODUÇÃO

A interpretação bíblica foi marcada por duas escolas: uma conhecida como escola de Alexandria e a outra, que surgiu mais tarde, como escola de Antioquia. Muitos dos princípios hermenêuticos desenvolvidos pelos teólogos e intérpretes destas escolas influenciaram de forma contundente a interpretação da Bíblia e a formação das doutrinas da igreja em toda sua história.

A escola de Antioquia surgiu em oposição aos métodos de interpretação da escola de Alexandria. Essa oposição obteve grande influência no início, mas posteriormente se enfraqueceu. No decorrer da história até a Reforma Protestante, o método mais utilizado era a alegoria alexandrina, que se tornou influente e o principal método de interpretação da Idade Média. Posteriormente, os Reformadores também se opuseram aos métodos alegóricos, que eram bem difundidos, e com isso trouxeram uma nova perspectiva e um retorno para as Escrituras, resgatando para isso as bases interpretativas do método da escola de Antioquia. Que método foi este que surgiu em oposição a um sistema bem implantado, como o da alegoria alexandrina, e que posteriormente foi buscado pelos teólogos reformadores?

Este artigo tem por objetivo abordar de forma histórica onde e quando surgiu a escola de interpretação de Antioquia, suas principais divergências com a escola de Alexandria, seus principais proponentes, os princípios que usavam para interpretar a Bíblia e qual a influência deste método na interpretação dos teólogos da reforma protestante.

A pesquisa foi realizada de forma concisa com base em bibliografias que já abordaram o assunto, porém relevante para uma compreensão clara da escola de interpretação de Antioquia e sua influência na Hermenêutica da Reforma Protestante.

1. A CIDADE DE ANTIOQUIA O BERÇO DA ESCOLA DE INTERPRETAÇÃO

Antioquia situava-se na província da Síria e era sua capital. Naquele período foi reconhecida como a terceira maior cidade do Império Romano e só perdia em importância para Roma e Alexandria no Egito. Sua proeminência na região era devida à sua localização, que se encontrava no entroncamento entre as estradas da Ásia Menor e as do Oriente e ficava a apenas sete quilômetros do mar Mediterrâneo. Por ser uma cidade cosmopolita, encontravam-se ali muitas religiões e tradições filosóficas.³

³ FLUCK, Marlon Ronald. **Teologia dos pais da igreja**. Curitiba: Cia. de Escritores, 2012. p. 68.

Tirando Jerusalém, nenhuma outra cidade tinha tanta ligação com o início do Cristianismo como Antioquia. Um exemplo é que, depois de haver muitas conversões na cidade, a igreja de Jerusalém enviou Barnabé para lá, o qual levou Saulo consigo.⁴ Além disso, foi nesta cidade que ocorreram diversos sínodos e concílios. E, em 325 A.D., o Concílio de Niceia a proclamou sede do patriarcado do Oriente, o terceiro, depois de Roma e de Alexandria. Nela encontramos figuras como Inácio, Teófilo e outros.⁵

Em Antioquia surgiu uma escola de interpretação que rejeitava o método alegórico desenvolvido pelos alexandrinos. Essa escola apareceu como uma proposta alternativa ao método desenvolvido na cidade egípcia. Eles rejeitavam a alegorese alexandrina e enfatizavam o sentido histórico e literal das Escrituras.⁶

2. ORIGEM E FUNDADOR DA ESCOLA DE INTERPRETAÇÃO DE ANTIOQUIA

A escola de Antioquia teve como fundador Luciano de Samosata (240-312 AD). Este teólogo cristão, por volta do III e início do IV séculos, na cidade de Antioquia da Síria, deu origem a uma escola de interpretação bíblica que ficou conhecida pela erudição e conhecimento das línguas originais. A escola surgiu em oposição ao método alegórico da escola de Alexandria, que já existia desde 150 A.D.⁷

Uma informação interessante sobre a contribuição deste teólogo, embora alguns não concordam, é que foram atribuídos a Samosata estudos comparativos de manuscritos do Novo Testamento, o que é conhecido por recensão, e ainda a uniformização dos textos gregos de sua época. Este trabalho deu origem ao texto Bizantino ou Sírio.⁸ Este texto tem sido utilizado pela igreja por muitos anos. Devido a ser um cristão de muitas convicções, Samosata sofreu torturas e fome e, por se negar a comer carne sacrificada aos deuses romanos, morreu martirizado.

A escola de Antioquia ficou conhecida por sua abordagem histórica e literal na interpretação das Escrituras. Seus líderes incentivavam o estudo das línguas bíblicas originais (hebraico e grego)⁹ e foram autores produtivos que escreveram vários comentários sobre as Escrituras. Para eles, o que ligava o Antigo e o Novo Testamento eram a tipologia e as profecias, em lugar da alegorização alexandrina. Ao interpretar literalmente, eles não excluía a linguagem figurada.¹⁰ Isso não significa que eles rejeitavam completamente a alegoria, conforme atesta Roger Olson:

Naturalmente, os teólogos e estudiosos bíblicos da Antioquia também reconheciam na alegoria uma maneira legítima de comunicar a verdade, mas

⁴ DOUGLAS, J. D. (Org.) **O novo dicionário da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 85.

⁵ FLUCK, 2012, p. 68.

⁶ FLUCK, 2012, p. 68.

⁷ LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes**: uma breve história da interpretação. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. p. 134

⁸ Uma base para a aceitação que Luciano encabeçou a revisão crítica que deu origem ao texto Bizantino em Antioquia, pode ser vista em um artigo escrito por Paulo José Benício. BENÍCIO, Paulo José. O Texto Bizantino na Tradição Manuscrita do Novo Testamento Grego. **Fides Reformata**, Vol. 8, Nº 2, 2003, p. 39-54. (p. 50).

⁹ ZUCK, Roy. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 43

¹⁰ ZUCK, 1994, p. 43.

procuraram não buscar significados espirituais, alegando que as histórias bíblicas não eram alegorias, a não ser quando havia um bom motivo para sê-lo.¹¹

3. ALGUMAS DIFERENÇAS TEOLÓGICAS ENTRE ANTIOQUIA E ALEXANDRIA

Nas discussões teológicas que surgiram no século III e IV em torno dos dogmas cristológicos, trinitário e outros, o debate ficou marcado entre as opiniões divergentes das escolas de Alexandria e de Antioquia.¹² Os pensamentos distintos surgiram dos princípios que usaram para interpretar a Bíblia. Neste caso, a escola de Alexandria, usando o método alegórico e a escola de Antioquia usando uma interpretação histórica e literal.

Um exemplo desta discussão foi elaborada de forma apropriada em um quadro pelo Professor Marlon Ronald Fluck, em seu livro “Teologia dos Pais da Igreja”. Este quadro ajuda a ver com clareza as opiniões divergentes entre as duas escolas. Para melhor entendimento, o esquema será transcrito.¹³

ESCOLA TEOLÓGICA DE ALEXANDRIA	ESCOLA TEOLÓGICA DE ANTIOQUIA
Apolinário de Laodiceia definiu a posição cristológica declarando: Cristo é uma substância (homousios) com o Pai.	Deodoro de Tarso definiu-a: “só o que é assumido pelo Logos pode ser redimido por ele”.
Ênfase na plena divindade.	Ênfase na plena humanidade (a partir do critério soteriológico).
O Logos assume natureza humana incompleta.	O Logos assume natureza humana completa.
Por quê? “se o Logos em pessoa domina, conduz e rege diretamente a natureza humana, Jesus Cristo fica livre da debilidade pecaminosa da natureza humana.”	Portanto, “A distinção entre as duas naturezas deve ser sustentada incondicionalmente, e a unidade da pessoa mantida perpetuamente.” (Teodódo de Mopsuéstia).
PRESSUPOSTO ANTROPOLÓGICO: Platão: corpo é animado por uma alma. Consequência: Jesus não tem alma humana.	PRESSUPOSTO ANTROPOLÓGICO: Aristóteles: corpo / alma forma unidade inseparável.
Logos ativo / carne passiva. Logos somente assumiu o corpo humano.	Logos assume o ser humano pleno. Mantém a integridade das duas naturezas.
Glorificação da carne: “Deus em Cristo foi transmutado em carne, e esta carne foi então transmutada pela natureza divina.”.	Cada uma das naturezas em Cristo é conservada intacta. Não há integração de uma natureza na outra. Elas se distinguem.
Ênfase na realidade metafísica, divina. Antítese entre divino e humano. O divino ocupa uma parte maior que o humano na cristologia.	O aspecto histórico (humanidade) era ressaltado, rejeitando-se alegorias e enfatizando-se a existência terrena, seu desenvolvimento e historicidade.
Cirilo: Maria é Theotokos (=mãe de Deus). Em Maria, o divino entrou na carne mortal, tornando o mortal divino.	Nestório: Anthroptótokos (mãe do humano) tem de complementar. Propõe-se Christotókos.
Se não aceitam isto, quando se realiza a Ceia, o corpo do mero homem está no altar. Estão dividindo Cristo.	O elemento divino em Cristo não se encontra em sua natureza humana. Maria pariu o homem, mas não o Logos.
CRISTOLOGIA DA PALAVRA-CARNE	CRISTOLOGIA DA PALAVRA-HOMEM

Esquemas das escolas: Marlon Ronald Fluck

¹¹ OLSON, Roger. **História da teologia cristã**: 2000 anos de tradição e reformas. São Paulo: Vida, 2001. p. 207.

¹² FLUCK, 2012, p. 68.

¹³ FLUCK, 2012, p. 71.

4. PRINCIPAIS PROPONENTES DA ESCOLA DE ANTIOQUIA

Para um entendimento das ideias da escola de Antioquia, é importante verificar seus principais defensores e o que pensavam a respeito da interpretação das Escrituras. Embora houvesse outros nomes, nesta pesquisa serão abordados os mais proeminentes.

4.1 Deodoro de Tarso (350- 392)

Deodoro foi um respeitado mestre e um dos primeiros líderes da escola antioquiana de interpretação. Ele tornou-se bispo de Tarso a partir do ano de 378.¹⁴ Ele escreveu um tratado cujo título era: “qual é a diferença entre contemplação e alegoria”? Segundo o escritor Christopher A. Hall, Deodoro havia desconfiado da alegoria porque ela parecia impor ao texto bíblico um sentido estranho.¹⁵ Ao invés de uma abordagem alegórica, Deodoro defendeu o conceito de “teoria”, também chamada de “contemplação”, que era um método interpretativo e identificava o sentido espiritual de um texto, mas que estava ligado, inerente à sua estrutura histórica.¹⁶ Roy Zuck escreve que Deodoro empregou a palavra teoria em referência ao sentido autêntico do texto, que tanto contém metáforas quanto afirmações explícitas.¹⁷ Sobre o método hermenêutico de Deodoro de Tarso e sua produção teológica, o historiador Justo Gonzáles faz a seguinte observação:

Deodoro rejeitava o alegorismo alexandrino e preferia um método exegético em que o sentido literal da Bíblia levava a ensinamentos morais e espirituais. Sobre esta base, Deodoro produziu comentários de boa parte da Bíblia, que infelizmente não foram conservados. Também escreveu sobre temas teológicos uma boa quantidade de obras, todas perdidas.¹⁸

Deodoro foi o mestre de outros dois pais da escola de Antioquia que se tornaram grandes proponentes da mesma: Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo.¹⁹

4.2 Teodoro de Mopsuéstia (350 - 428)

Teodoro de Mopsuéstia nasceu em uma família rica, o que lhe permitiu receber uma excelente formação. Ele estudou por 10 anos com Deodoro de Tarso, foi ordenado presbítero em Antioquia, em 383, e tornou-se bispo de Mopsuéstia, na Cíclia, em torno de 392.²⁰

Teodoro de Mopsuéstia tornou-se notável exegeta antioquiano e fez fortes objeções às falhas da escola de Alexandria e sua interpretação alegórica. Ele também defendia os princípios da teoria em oposição à alegoria. Reconhecia tanto o sentido histórico dos textos

¹⁴ GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos interpretes da fé**: vinte séculos de pensamento cristão. São Paulo: Academia Cristã, 2005. p. 219.

¹⁵ HALL, Christopher A. **Lendo as Escrituras com os pais da igreja**. Viçosa: Ultimato, 2000. p. 149.

¹⁶ HALL, 2000, p. 149.

¹⁷ ZUCK, 1994, p. 43.

¹⁸ GONZÁLEZ, 2005, p. 219.

¹⁹ ZUCK, 1994, p. 43.

²⁰ McGRATH, Alister. **Teologia histórica**: uma introdução à história do pensamento cristão. São Paulo: Presbiteriana, 2007. p. 71.

proféticos do AT, como a significação tipológica de alguns deles.²¹ Alguns consideram Teodoro de Mopsuéstia o maior intérprete da Escola de Antioquia. Em um de seus livros, intitulado “Da Alegoria e História Contra Orígenes”, ele pergunta: “Se Adão não era de fato Adão, como a morte foi introduzida na raça humana?” Ele é conhecido como o príncipe da exegese primitiva e ao comparar trabalhos exegéticos que ele fez sobre algumas epístolas paulinas, afirmou-se ter semelhanças com comentários modernos.²² Escrevendo sobre este grande exegeta, o historiador Earle E. Cairns diz que:

Teodoro foi chamado apropriadamente de o “príncipe dos exegetas antigos”. Ele se opôs ao sistema alegórico de interpretação e propôs uma compreensão que levasse em conta a gramática e a formação histórica do texto, a fim de descobrir o sentido que o autor quis dar. Deu atenção especial ao contexto imediato e remoto do texto. Esse método fez dele um comentarista e teólogo dos mais competentes.²³

4.3 João Crisóstomo (c. 345 - 407)

João Crisóstomo nasceu em uma família ilustre e rica da aristocracia de Antioquia, por volta de 345 A.D. Seu pai foi o general Secundo,²⁴ que faleceu muito cedo. Sua mãe, Antusa, lembra a mãe de Agostinho, a qual mesmo enviuvando aos 20 anos, recusou-se a casar novamente para dedicar-se integralmente à educação do filho.²⁵ Crisóstomo recebeu educação nos clássicos gregos, estudou retórica, filosofia e direito. Por volta do ano 385, ele foi ordenado padre em Antioquia²⁶ e posteriormente tornou-se bispo de Constantinopla, no ano de 398.

Esse grande teólogo e pastor escreveu mais de 600 homilias, que consistiam em discursos expositivos com aplicações práticas. As obras de João Crisóstomo incluem cerca de 7000 citações do Antigo Testamento e por volta de 11000 citações do Novo Testamento. Devido a ser um autor produtivo, alguns o consideram o maior comentarista entre os primeiros pais da igreja.²⁷ Como um teólogo da escola de Antioquia, buscou o sentido literal do texto dado pelo autor. Cairns, escrevendo sobre ele, diz:

A maioria de suas homilias ou sermões se constitui em exposição das Epístolas de Paulo. Por não conhecer o Hebraico, não fez uma investigação crítica dos textos do Antigo Testamento, mas destacou a importância do contexto e procurou descobrir o sentido literal dado pelo autor e fazer uma aplicação prática desse sentido aos problemas das pessoas de sua época.²⁸

²¹ HALL, 2000, p. 158.

²² ZUCK, 1994, p. 43.

²³ CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja Cristã. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 121.

²⁴ WAND, J. W. **História da igreja primitiva**: até o ano 500. São Paulo: Custom, 2004. p. 238.

²⁵ CAIRNS, 2008, p. 120.

²⁶ Antes de ser padre, João Crisóstomo atuou como advogado em Antioquia, depois se tornou um asceta e por algum tempo viveu uma vida monástica. WAND, 2004, p. 238.

²⁷ ZUCK, 1994, p. 43.

²⁸ CAIRNS, 2008, p. 121.

O nome Crisóstomo foi um apelido que lhe deram depois de sua morte, devido à sua eloquência, e significa literalmente “boca-de-ouro²⁹”. Ele foi exilado em 404 pela Imperatriz Eudóxia, devido ao fato de denunciá-la por usar roupas extravagantes e por colocar uma estátua de prata de si mesma próxima a Santa Sofia, onde ele pregava. João Crisóstomo, o grande pregador, era um homem piedoso e dedicado ao pastorado. Ele morreu no exílio em 407.³⁰

5. PRINCIPAIS ÊNFASES INTERPRETATIVAS DA ESCOLA DE ANTIOQUIA

É interessante observar quais princípios de interpretação eram enfatizados pelos teólogos da escola de Antioquia. Alguns desses princípios eram:

1. Atenção ao sentido literal do texto. Pode-se ver uma abordagem histórico-gramatical, embora este termo só surgiu depois da Reforma, por sua busca da intenção do autor e por estudar o sentido óbvio das palavras. Um texto deve ser interpretado segundo as regras da gramática e os fatos da história.³¹
2. Formulação do conceito de Theoria. Segundo Augustus Nicodemus, este termo designava o estado mental dos profetas quando recebiam as visões, o que era diferente da alegoria. Pode ser chamado de intuição ou visão, pela qual o profeta via o futuro através das circunstâncias presentes. Desta forma, podia tanto descrever em seus escritos o significado contemporâneo dos eventos bem como seu cumprimento futuro.³²
3. Crença na historicidade dos relatos. Eles reconheciam o caráter metafórico de algumas passagens, como de profecias do Antigo Testamento, e afirmavam a historicidade das narrativas vetero-testamentárias e sempre procuravam o sentido teológico da passagem.
4. Tinham a preocupação em determinar a intenção do autor, dando uma atenção especial ao sentido histórico das palavras em seu contexto original.
5. Evitavam a exegese dogmática. Eles asseveravam que uma interpretação deve ser embasada e justificada por um estudo de seu contexto gramático e histórico, e não por um apelo à autoridade.³³
6. Eram contrários às alegorizações para encontrar Cristo em todas as passagens do Antigo Testamento, como faziam os alegoristas, embora defendessem a tipologia.³⁴
7. Incentivo ao estudo das línguas originais.³⁵

²⁹ João Crisóstomo também recebeu o título de Doutor da Igreja, em 1568, pelo papa Pio V. Para receber este reconhecimento, o candidato deveria preencher três critérios que são: Eminentis doctrina (importância da doutrina), Insignis vitae sanctitas (Alto grau de santidade pessoal), Ecclesiae declaratio (declaração oficial da igreja). GONZALES, 2005, p. 229, 230.

³⁰ CAIRNS, 2008, p. 121.

³¹ LOPES, 2013, p. 136.

³² LOPES, 2013, p.136.

³³ VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada**: princípios e processos da interpretação bíblica. São Paulo: Vida, 2001. p. 46

³⁴ LOPES, 2013, p. 137.

³⁵ LOPES, 2013, p. 134.

6. INFLUÊNCIA DA ESCOLA DE ANTIOQUIA NA HERMENÊUTICA DA REFORMA

A escola de Antioquia foi muito significativa para o desenvolvimento da doutrina, e especialmente se destacou por sua abordagem rigorosamente científica no que se refere à interpretação das Escrituras.³⁶ Esta escola foi de suma importância para a hermenêutica evangélica moderna, pois seus princípios exegéticos foram a base da hermenêutica da Reforma. O professor e teólogo Augustos Nicodemos destaca com propriedade que:

A Reforma Protestante foi, em muitos sentidos, um movimento hermenêutico. Representa um momento crucial na história da interpretação cristã das Escrituras. O domínio de séculos de interpretação alegórica é finalmente quebrado. O retorno aos princípios de interpretação defendidos pela escola de Antioquia marca a pregação, o ensino e os princípios dos reformadores.³⁷

Também se observa o que Paulo Anglada escreveu ao falar sobre o método de interpretação histórico-gramatical usado pelos reformadores:

Os reformadores não criaram este método de interpretação bíblica no nada. Eles se fundamentaram no próprio ensino bíblico sobre a sua natureza e na prática apostólica. As origens da interpretação reformada também são encontradas na escola de Antioquia da Síria, que pode ser considerada precursora do método gramático-histórico. Seus principais representantes... rejeitaram tanto o literalismo judeu, como o alegorismo de Alexandria; defendiam uma interpretação literal e histórica das Escrituras; criam na realidade histórica dos eventos descritos no Antigo Testamento; defendiam a unidade das Escrituras e admitiam o desenvolvimento ou progressividade da revelação.³⁸

Verifica-se que logo no início os teólogos da reforma protestante fazem uso dos mesmos princípios que eram defendidos pelos intérpretes antioquianos. Um exemplo deste fato é que os reformadores, começando com Wycliffe (c.1330-1384), insistiam na abordagem histórico-gramatical da Bíblia.³⁹

O reformador John Colet (c.1476-1519) foi um dos primeiros a romper com o método alegórico de interpretação. No ano de 1496, em Oxford, ele fez uma exposição das cartas de Paulo em seu sentido literal e dentro do seu contexto histórico, e posteriormente já afirmava o princípio de que as Escrituras só têm um único significado, o mais simples.⁴⁰

Em 1518, o reformador Melancton proferiu um discurso em Wittenberg exortando seus ouvintes a recorrerem às Escrituras nas línguas originais, para encontrarem Cristo e se livrarem das discordâncias dos teólogos latinos. Paulo Anglada observou que este discurso impressionou tanto Martinho Lutero, que ele passou a assistir às aulas de grego de

³⁶ HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 1981. p. 77

³⁷ LOPES, 2013, p. 159.

³⁸ ANGLADA, Paulo R. B. Orare et Labutare: a hermenêutica reformada das Escrituras. **Fides Reformata**, Vol. 2, Nº 1, 1997, p. 11.

³⁹ ANGLADA, 1997, p. 13.

⁴⁰ ANGLADA, 1997, p. 12.

Melanchton, e dedicou-se com grande empenho ao estudo do grego. Melanchton é considerado um dos principais responsáveis pela ênfase reformada na exegese gramatical.⁴¹

O grande reformador Lutero rompeu com a abordagem alegórica, não literal, que predominou na sua formação.⁴² Ele insistiu na exposição literal-histórica e filológica das Escrituras. Desta forma, rejeitou o método alegórico de exegese, que foi grandemente praticado desde Orígenes. Para que a Escritura voltasse a ter primazia na igreja, a interpretação teria que estar diretamente ligada ao sentido original na forma em que aparece nos textos hebraico e grego. Lutero ainda sustentava que cada passagem tem um único sentido autêntico, combatendo os alegoristas, que no mínimo encontravam quatro sentidos: o físico, o moral, o espiritual e o místico. Para Lutero, o Espírito Santo era o escritor e orador mais claro que existe no céu e na terra, e, por este motivo, suas palavras não poderiam ter mais de um sentido. Para ele, o mais simples era o sentido literal, ordinário e natural.⁴³

Também se verifica em Lutero uma mesma preocupação com a exegese dogmática que havia na escola de Antioquia. Lutero demonstrou ser bastante crítico dos escritos dos pais da igreja. Para ele, a leitura dos pais da igreja deveria ser cautelosa, porque frequentemente eles tropeçavam e se desviavam com outros escritos e que, apesar da reputação e autoridade dos pais da igreja, eles diminuíram o valor dos livros e escritos dos santos apóstolos de Cristo.⁴⁴

João Calvino (1509-1564) foi grande expositor das Escrituras, como também o sistematizador da teologia protestante. Ele foi um linguista habilidoso e interpretava as Escrituras levando em consideração sua veracidade histórica, sentido literal e análise contextual. Alguns lhe deram o título de “sistematizador da exegese histórico-gramatical moderna”.⁴⁵ Tanto Calvino como Lutero não só primavam pelo estudo sério do texto bíblico, mas também entendiam que deveriam interpretar as Escrituras sob a orientação do Espírito Santo. Destacando a piedade dos reformadores, Paulo Anglada observa:

Orare et labutare foram palavras empregadas por Calvino para resumir a sua concepção hermenêutica. Com estes termos ele expressou a necessidade de súplica pela ação iluminadora do Espírito Santo e do estudo diligente do texto e do contexto histórico, como requisitos indispensáveis à interpretação das Escrituras. Com o mesmo propósito, Lutero empregou uma figura: um barco com dois remos, o remo da oração e o remo do estudo. Com um só destes remos, navega-se em círculos, perde-se o rumo, e corre-se o risco de não chegar a lugar algum.⁴⁶

Tratando do pensamento de Calvino sobre interpretação alegórica, Paulo Anglada fez a seguinte asseveração:

Quanto a Calvino, sua aversão à interpretação alegórica era de tal ordem que ele chegou a afirmar ser satânica, por desviar o homem da verdade das

⁴¹ ANGLADA, 1997, p. 13.

⁴² GRUDEM, Wayne; COLLINS, C. John; SCHEREINER, Thomas R. (Orgs). **Origem, confiabilidade e significado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2013. p. 23,24.

⁴³ BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1987. Vol. 1, p. 86

⁴⁴ LOPES, 2013, p. 161.

⁴⁵ GRUDEM; COLLINS; SCHEREINER, 2013, p. 24.

⁴⁶ ANGLADA, 1997, p. 1.

Escrituras. “É uma audácia próxima do sacrilégio”, escreveu ele, “usar as Escrituras ao nosso bel-prazer e brincar com elas como com uma bola de tênis, como muitos antes de nós o fizeram”.⁴⁷

Logo observa-se de forma apropriada, como escreveu Paulo Anglada, que a reforma teológica do século XVI foi o resultado de outra reforma, que ele chama de hermenêutico-exegética. Ou seja, todo o retorno às doutrinas bíblicas e práticas defendidas pelos reformadores foram precedidas por um rompimento com os princípios hermenêuticos medievais,⁴⁸ que contemplavam a alegoria, e um retorno por parte dos reformadores aos princípios interpretativos da escola de Antioquia.

Os teólogos reformadores entenderam a necessidade de voltar a interpretar as Escrituras de forma literal, observando a gramática do texto e o seu contexto histórico. A partir deste retorno aos princípios hermenêuticos da escola de Antioquia, e outras observações, eles desenvolveram alguns princípios de interpretação, que são:

1. A Escritura é a única regra infalível de interpretação. A Reforma Protestante rejeitou categoricamente a hermenêutica alegórica medieval. Para eles, a regra infalível de interpretação da Escritura é a mesma Escritura. Quando houver dúvida ou questão sobre o verdadeiro e pleno sentido de qualquer texto da Escritura, esse texto deve ser compreendido a luz de outros textos que são mais claros.⁴⁹
2. Repúdio à interpretação alegórica medieval. Ao invés da alegoria alexandrina e medieval, os reformadores ensinavam que cada passagem das Escrituras tem um só sentido. Este sentido é o literal, a não ser que o próprio texto ou outro texto da Bíblia mostrem claramente uma interpretação figurada ou metafórica.⁵⁰
3. Necessidade de iluminação do Espírito Santo. Os teólogos reformadores reconheceram a natureza divino-humano das Escrituras e enfatizaram a ação do Espírito Santo no processo de interpretação. Tanto Lutero como Calvino acreditavam que uma pessoa só poderia interpretar corretamente as Escrituras se tivesse sob a iluminação do Espírito Santo.⁵¹
4. Ênfase no sentido literal, gramático-histórico do texto. Neste caso, defendiam a interpretação literal das Escrituras com ênfase na compreensão cuidadosa da gramática e do contexto histórico do texto para o entendimento correto de sua mensagem.⁵² Desejavam chegar ao sentido obvio, claro e simples de cada texto.⁵³
5. Intenção do autor humano. Em oposição ao conceito da alegorese usado na Idade Média, que um texto das Escrituras tinha até quatro sentidos, os reformadores afirmavam haver somente um sentido em cada texto bíblico, que era o pretendido pelo autor humano. Neste caso, como afirma Augusto Nicodemus, acreditavam que por ser o autor humano inspirado por Deus, havia a consciência de intenção.⁵⁴
6. Desenvolvimento do método Gramático Histórico. Os princípios hermenêuticos desenvolvidos e praticados pelos reformadores como Lutero e Calvino, também

⁴⁷ ANGLADA, 1997, p. 11.

⁴⁸ ANGLADA, 1997, p. 12.

⁴⁹ ANGLADA, 1997, p. 12.

⁵⁰ ANGLADA, 1997, p. 12.

⁵¹ ANGLADA, 1997, p. 12.

⁵² ANGLADA, 1997, p. 13.

⁵³ LOPES, 2013, p. 161

⁵⁴ LOPES, 2013, p. 161.

influenciaram outros reformadores como os alemães, suíços, franceses e ingleses. Desde então o protestantismo ortodoxo tem lapidado e adotado estes princípios, que vieram a ser conhecidos pelo nome de Método Gramático-Histórico de Interpretação Bíblica.⁵⁵ Sobre o uso e influência deste método de interpretação, Paulo Anglada assevera que:

Foi este método empregado pelos puritanos no séc. XVII; pelos líderes evangélicos do século XVIII na Europa e América do Norte (tais como George Whitefield e Jonathan Edwards); pelo anglicano J. C. Ryle, pelo batista Chaeles Spurgeon na Inglaterra e pelos presbiterianos Charles e Alexandre Hodge no Seminário de Princeton nos EUA, no século passado; e pelos interpretes e pregadores protestantes (luteranos, anglicanos, presbiterianos e batistas) ortodoxos deste século.⁵⁶

Logo percebe-se a influência da escola de Antioquia na hermenêutica no período inicial da reforma, mas também nos teólogos que continuaram a defender a hermenêutica e teologia reformada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola de interpretação de Antioquia trouxe grande contribuição ao cristianismo bíblico quando rompeu com a alegoria alexandrina. A interpretação literal, que valoriza a gramática e o contexto histórico trouxe grandes benefícios para obter o significado verdadeiro do texto. Não só no que se refere aos princípios técnicos desta escola, mas também seu entendimento do autor divino das Escrituras e a ênfase na dependência do Espírito Santo. João Crisóstomo é um exemplo dessa verdade. Um estudioso dedicado e preocupado com o verdadeiro sentido do texto bíblico, mas compromissado com uma vida de santidade.

Infelizmente a influência da escola de Antioquia diminuiu consideravelmente num período posterior a sua época devido um discípulo de Teodoro, cujo nome era Nestório, que se envolveu em uma grande heresia concernente à pessoa de Cristo, e por conta de sua associação com a escola afetou negativamente esta linha de pensamento e suas atividades.⁵⁷

Mas os princípios de interpretação desta escola foram resgatados pelos teólogos da reforma trazendo grandes benefícios para o cristianismo ortodoxo. Ao voltarem para os princípios do entendimento literal e gramático-histórico e a intenção do autor, os reformadores puderam de fato voltar a um cristianismo bíblico que havia se perdido através de desvios absurdos ao longo da idade média como consequência do método alegórico de interpretação.

Como foi observado, o método de interpretação da escola de Antioquia influenciou diretamente os princípios de interpretação da Reforma Protestante e todo o alcance que este movimento atingiu. Na época atual, pode-se interpretar as Escrituras sabendo que Deus fala através de uma mensagem, e que esta mensagem vem dEle para o crente, e não como fruto da imaginação do interprete ou do senso comum.

⁵⁵ ANGLADA, 1997, p. 13.

⁵⁶ ANGLADA, 1997, p. 13.

⁵⁷ VIRKLER, 2001, p. 46.

Sabe-se também que muitos têm desviado destes princípios e, vez por outra, retornam a uma alegorização das Escrituras, abrindo mão do estudo exegético sério da Bíblia, e por isto contribuem para o afastamento do verdadeiro significado da mensagem de Deus. Esta frouxidão, por parte de alguns, acarreta graves consequências para a ortodoxia bíblica. Por conta disso, faz-se necessário sempre avaliar os métodos de interpretação dos textos bíblicos, e se preciso for, voltar aos princípios antioquianos e reformados de interpretação da Bíblia. E que, nesta tarefa de interpretar o texto sagrado, nunca esquecer de fazer como Calvino: “Orare et labutare”, para que Deus seja glorificado!

REFERÊNCIAS

- ANGLADA, Paulo R. B. Orare et Labutare: a hermenêutica reformada das Escrituras. **Fides Reformata**, Vol. 2, Nº 1, 1997, 17 p.
- BENÍCIO, Paulo José. **O texto Bizantino na tradição manuscrita do Novo Testamento Grego**. **Fides Reformata**, Vol. 8, Nº 2, 2003, p. 39-54.
- BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. **Dogmática cristã**. São Leopoldo: Sinodal, 1987. Vol. 1, 551 p.
- CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã**. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 671 p.
- DOUGLAS, J. D. (Org.) **O novo dicionário da Bíblia**. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. 1680 p.
- FLUCK, Marlon Ronald. **Teologia dos pais da igreja**. Curitiba: Cia. de Escritores, 2012. 123 p.
- GONZÁLEZ, Justo L. **Dicionário ilustrado dos intérpretes da fé: vinte séculos de pensamento cristão**. São Paulo: Academia Cristã, 2005. 701 p.
- GRUDEM, Wayne; COLLINS, C. John; SCHEREINER, Thomas R. (Orgs). **Origem, confiabilidade e significado da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 2013. 204 p.
- HÄGGLUND, Bengt. **História da teologia**. Porto Alegre: Concórdia, 1981. 370 p.
- HALL, Christopher A. **Lendo as Escrituras com os pais da igreja**. Viçosa: Ultimato, 2000. 208 p.
- LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação**. 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2013. 287 p.
- McGRATH, Alister. **Teologia histórica: uma introdução à história do pensamento cristão**. São Paulo: Presbiteriana, 2007. 383 p.
- OLSON, Roger. **História da teologia cristã: 2000 anos de tradição e reformas**. São Paulo: Vida, 2001. 667 p.
- VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica avançada: princípios e processos da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida, 2001. 197 p.

WAND, J. W. **História da igreja primitiva**: até o ano 500. São Paulo: Custom, 2004. 328 p.

ZUCK, Roy. **A interpretação bíblica**: meios de descobrir a verdade da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.

Revista
ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A MÚSICA COMO INSTRUMENTO DE ENSINO NO MINISTÉRIO INFANTIL

Music as a teaching instrument in children's ministry

Jaqueline Nickel¹

RESUMO

Esta pesquisa procura incentivar o uso da musicalização como instrumento de ensino no culto infantil das igrejas batistas. Vários estudos têm evidenciado os grandes benefícios que a musicalização traz para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Os professores do culto infantil podem aproveitar esses benefícios, utilizando a musicalização como recurso em suas aulas para que haja um melhor aproveitamento do ensino pelas crianças. Além disso, a música motiva a aprendizagem, pois torna o ensino atrativo e dinâmico, e este, por sua vez, proporciona novas vivências e experiências musicais. Dividido em duas partes, o artigo busca demonstrar a importância de ensinar a Bíblia através da música. A primeira parte apresenta as bases bíblicas para o uso da música no ensino e a segunda parte refere-se ao ensino através da música.

Palavras chave: Musicalização. Ensino. Culto Infantil. Igrejas Batistas.

ABSTRACT

This research seeks to encourage the use of music education as a teaching instrument in children's worship of Baptist churches. Several studies have shown the great benefits that music education brings to the development and learning of children. The child cult teachers can take advantage of these benefits, using the music education as a resource in their classes so there is a better use of teaching by the children. In addition, the music motivates learning, as it makes the teaching attractive and dynamic, and this in turn provides new musical experiences. Divided into two parts, the article seeks to demonstrate the importance of teaching the Bible through music. The first part presents

¹ A autora é Licenciada em Pedagogia pela ULBRA, Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, Pós-Graduada em Educação Musical pela Censupreg e Mestranda em Teologia pela EST (bolsista CAPES). E-mail: jaqueline_nickel@yahoo.com.br

the biblical basis for the use of music in education and the second part refers to education through music.

Key words: Musicalization. Teaching. Children's Worship. Baptist Churches.

INTRODUÇÃO

A música faz parte da vida. Todas as pessoas gostam de ouvir ou cantar músicas que expressem o que estão sentindo. Uma vida sem música é igual a uma música sem vida. Não há como negar a grande influência que ela exerce sobre as pessoas. O ensino também faz parte da vida, porém nem todos gostam de aprender. Uma vida sem aprendizado é uma vida vazia. Não há como negar que sem aprender é mais difícil viver. Quando esses dois elementos são unidos, tem-se uma visão ampla e diferenciada no processo de ensino-aprendizagem. A música motiva a aprendizagem e esta, por sua vez, proporciona novas vivências e experiências musicais. O ministério infantil das igrejas pode aproveitar essa união e aplicá-la em seus programas, pois a música é como uma mola propulsora que motiva as crianças a aprenderem e a reterem o que aprenderam. E, aprender com música é muito mais divertido e prazeroso.

1. BASE BÍBLICA

A música na Bíblia tem várias funções: ensino; memorização da história e dos feitos de Deus; gratidão; promoção de louvor conjunto; testemunho; expressão de confiança e fé; exaltação das características de Deus; expressão de sentimentos pessoais; celebração e alegria; forma de cultivo de vida cheio do Espírito Santo; forma de memorizar a Palavra de Deus; forma de confessar o nome de Jesus; entre outros.

Muradas destaca que “por estimular a formação de hábitos, a música consiste num poderoso instrumento de evangelismo e ensino bíblico”.² A música e o ensino são essenciais na Bíblia. Em alguns casos o ensino era feito através da música. Karnopp afirma que “os profetas e outros grandes líderes bíblicos, usaram a música como meio de proclamar a Palavra do Senhor, seja ensinando, registrando ou testemunhando. [...] Os hinos são uma forma de proclamar e ensinar a Palavra pela qual Deus age”.³

O ensino na Bíblia era muito importante, o povo de Israel tinha a incumbência de ensinar aos seus filhos os mandamentos de Deus. O método de ensino era contar ou narrar as principais histórias e experiências que o povo tinha vivido. Em Deuteronômio 6.5-7 está escrito:

Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar.⁴

² MURADAS, Atilano. **A música dentro e fora da igreja**. São Paulo: Vida, 2003. p. 74.

³ KARNOPP, David. **Música e igreja**: aspectos relevantes da música sacra na história do povo de Deus. Passo Fundo: Pe. Bertier, 1999. p. 15-16.

⁴ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia de estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003. p. 278.

Percebe-se nesse texto que a ordem era muito clara: os pais deveriam ensinar os seus filhos a amarem a Deus de todo o coração, alma e forças e também a guardarem os seus mandamentos. O texto de Provérbios 22.6 complementa a ideia de que os pais devem ensinar as crianças no caminho do Senhor. O autor desse texto constata que, quando isso é feito, as crianças não se desviam dele.

Sendo assim, nota-se a grande importância que a música e o ensino têm na Bíblia. George destaca que:

desde o começo da Bíblia existe uma preocupação com o processo educativo. E os educadores são os pais. ... instruções são dadas aos pais, porque eles eram responsáveis pela educação dos filhos. [...] A participação ativa e mesmo intuitiva da criança no culto, como a instrução dos pais quanto à educação de seus filhos, são imprescindíveis.⁵

A Bíblia é a regra de fé e prática dos cristãos, por isso é preciso que eles aprendam e pratiquem o que aprenderam, observando os erros e acertos cometidos pelos personagens bíblicos e aprendendo com eles. Analisando vários textos bíblicos, pode-se notar nitidamente a importância do ensino e da música, por isso esses dois aspectos precisam ser valorizados nas igrejas atualmente, para que juntos possam transmitir às crianças as histórias bíblicas e os princípios nelas contidos.

1.1 Antigo Testamento

No Antigo Testamento, uma das funções da música era o ensino. Isso pode ser claramente observado nos seguintes textos Deuteronômio 31.22; 32; Salmos 15; 78.1-8; 112; 119; entre outros. Esses textos são canções, hinos, poemas, que servem para o louvor de Deus e para o ensino das gerações futuras. O salmo 78, por exemplo, é um salmo que fala da transmissão da fé em Deus dos pais para os filhos.

O ensino no Antigo Testamento era feito primeiramente pela narração das histórias e experiências que o povo tinha vivido com Deus; em segundo lugar, era feito por instruções dadas por Deus aos líderes, que as repassavam para o povo; em terceiro lugar, era feito através de questionamentos e reflexões; por fim, através dos escritos de sabedoria (Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes) que visavam a ensinar coisas práticas aos israelitas.

Atualmente é preciso que o processo de ensino-aprendizagem esteja em constante contato com os fatos que aconteceram no passado para que se possa aprender a viver melhor. A respeito disso, George ressalta:

na educação se faz necessário manter uma tensão fecunda entre conservação do passado, descoberta no presente e imaginação do futuro. O povo de Deus no Antigo Testamento, como a Igreja hoje, precisa de palavra profética e do ensino tradicional. Em termos pedagógicos atuais, precisa-se da educação tradicional, que envolver narração e memorização, e também

⁵ GEORGE, Sherron K. **Igreja ensinadora**: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã. São Paulo: Luz para o caminho, 1993. p. 48.

da educação moderna ou progressista, que envolve uma participação ativa e a imaginação criativa.⁶

Portanto, pode-se perceber que a música e o ensino têm origens profundamente bíblicas. George afirma que:

o Antigo Testamento em si é um instrumento pedagógico. O Pentateuco apresenta as singulares narrações do povo de Israel e as instruções morais e cerimoniais de Deus. Os Profetas criticam e desafiam as estruturas que se desviam da Lei de Deus e pregam uma alternativa no Reino de Deus. Nos Escritos o ensino é prático, existencial, reflexivo e abrangente.⁷

1.2 Novo Testamento

No Novo Testamento, da mesma maneira que no Antigo, uma das funções da música era o ensino. Em Colossenses 3.16 está escrito “Habite ricamente em vocês a palavra de Cristo; ensinem e aconselhem-se uns aos outros com toda a sabedoria, e cantem salmos, hinos e cânticos espirituais com gratidão a Deus em seu coração”.⁸ Nesse texto, o apóstolo Paulo, além de outros conselhos, incentiva os cristãos a ensinarem uns aos outros e a cantarem salmos, hinos e cânticos espirituais. Ou seja, num mesmo texto pode-se ver a música e o ensino unidos como forma de crescimento no evangelho.

No Novo Testamento, o ensino foi feito primeiramente por Jesus; depois pelos apóstolos e mais tarde por Paulo. Pode-se perceber claramente a importância dada por Jesus ao ensino, pois ele vivia aquilo que ensinava. Olhando para o seu exemplo, pode-se tirar várias lições para o processo de ensino-aprendizagem. Ele era o Mestre dos mestres, mas sua forma calma e humilde de ensinar foram suas características mais marcantes. George destaca que “antes de tudo, Jesus era um exemplo e modelo de tudo que ensinava. Com total coerência, Jesus ensinava primeiramente pelas ações e, em segundo plano, pelas palavras. Ele ensinava através de sua própria vida”.⁹

Isso pode ser aplicado para os dias atuais: o professor precisa comunicar as verdades bíblicas através do relacionamento com seus alunos, sendo um exemplo e modelo que eles podem seguir; observando sempre o exemplo que o Mestre Jesus deixou para que o ensino seja eficaz.¹⁰ George salienta que “Ao analisar o ensino e a metodologia de Jesus, dos apóstolos e da Igreja Primitiva, e de Paulo, é importante notar que a força de todo o ensino neotestamentário, sem dúvida nenhuma, é a fé vivenciada”.¹¹

Observando tudo isso, pode-se compreender que o ensino e a música são bíblicos e podem ser unidos para a maior eficácia e sucesso de aprendizado no ministério infantil. A música é um excelente método para atrair e cativar os alunos ao aprendizado, além disso ela serve para ensinar histórias e verdades bíblicas.

⁶ GEORGE, 1993, p. 50.

⁷ GEORGE, 1993, p. 55.

⁸ SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL, 2003, p. 2046.

⁹ GEORGE, 1993, p. 58.

¹⁰ GEORGE, 1993, p. 58.

¹¹ GEORGE, 1993, p. 71.

O ensino no ministério infantil precisa ser levado muito a sério, observando sempre os exemplos bíblicos e buscando utilizar a música como recurso de ensino-aprendizagem para as crianças. Nesse sentido, a Bíblia é o melhor manual que os cristãos possuem para realizarem seu trabalho na obra do Senhor de maneira excelente e eficaz.

2. O ENSINO ATRAVÉS DA MÚSICA

A música pode ser usada na igreja com vários objetivos: adoração, evangelismo, conforto, ensino, entre outros. Barker defende que a música tem importante papel na adoração da igreja, mas também deveria ter essa importância no processo de ensino.¹² A música é um excelente meio para ensinar às crianças, tanto histórias como conceitos e verdades bíblicas. Spann destaca:

o uso da música para ensinar verdades profundas é um método natural e agradável. [...] A música deve ser usada na educação cristã porque ajuda a fixar conceitos espirituais. Através da música as verdades espirituais podem se tornar mais claras pela associação com a melodia, a harmonia e o ritmo.¹³

Isso pode ser comprovado claramente nas aulas da Escola Bíblica Dominical ou do Culto Infantil, pois, por exemplo, um professor, ao ensinar a história de “Daniel na cova dos leões”, terá muito mais êxito se antes e/ou após ter contado a história cantar uma música que fala sobre ela, como: “Daniel orava a Deus três vezes ao dia, quando em tempo de aflição Deus o socorria. Quando foi pelo rei, aos leões jogado; não temeu, mas confiou e foi libertado”.

Uma criança que apenas ouve a história, não a reterá tanto quanto uma criança que ouviu a história e também “cantou a história”. Tal a importância da música como instrumento de ensino no ministério infantil. Dorothy Bromley afirma que “Somente agora estamos aprendendo que a boa música e o canto ensinados às crianças, enquanto pequenas, têm o poder de modificar o destino de suas vidas”.¹⁴

Aristóteles destaca que “A música tem tanta relação com a formação do caráter, que é necessário ensiná-la às crianças”.¹⁵ Sendo assim, percebe-se a importância da música para o ensino das crianças, dentro e fora da igreja. Faustini reforça essa ideia quando afirma que “A música aprendida pela criança influe (sic) poderosamente no desenvolvimento de sua personalidade religiosa e intelectual. [...] A inocência, a simplicidade e a fé inquestionável da criança, permitem que ela cante a Deus com um coração puro”.¹⁶ Sendo assim, percebe-se que a música é grande aliada que os professores do ministério infantil nas igrejas podem usar em seu ensino. Ichter salienta que:

para quem trabalha com crianças não há nada mais compensador do que ter uma criança sob a sua responsabilidade, tentar ensinar-lhe algo que será útil

¹² BARKER, J. W. **Celebrai com júbilo**. In: LEFEVER, Marlene D. **Métodos criativos de ensino**: como ser um professor eficaz. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 367.

¹³ SPANN, Edward. **Música e louvor**. 3.ed. São Paulo: IBETE, 1990. p. 76.

¹⁴ *Apud* FAUSTINI, João W. **Música e adoração**. São Paulo: Publicação Coral Religioso “Evelina Harper” Imprensa Metodista, 1973. p. 31.

¹⁵ FAUSTINI, 1973, p. 31.

¹⁶ FAUSTINI, 1973, p. 34.

em sua vida, tratar com paciência e amor os problemas típicos de sua idade. Depois assistirá com prazer e alegria ao crescimento daquela pequena criatura até o momento de vê-la encontrar o seu lugar na sociedade e começar, através de sua vida, a irradiar aqueles conceitos básicos que lhe incutiu alguns anos passados. Feliz é o líder que tem a incumbência de ensinar música às crianças! Metade de sua batalha já está vencida, porque praticamente todas as crianças gostam de música.¹⁷

Além de socializar, divertir, entreter e cativar os alunos a música ajuda a fixar ensinamentos e a formar atitudes corretas. Além disso, Barker salienta que “a música também é uma linguagem. Ela é capaz de comunicar substância bem como sentimento, atmosfera e emoção”.¹⁸ Conforme o RCNEI, “a linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social”.¹⁹ Por todos esses motivos, não há dúvida de que a música só tem a contribuir com o processo ensino-aprendizagem no ministério infantil.

2.1 Como as crianças aprendem?

As crianças aprendem o tempo todo. É através da observação, da exploração e da experiência que as crianças aprendem e constroem seu conhecimento. Observando, experimentando e imitando a criança aprenderá novos conceitos, princípios, verdades e fatos. Por isso, é preciso que o professor tenha muita seriedade e responsabilidade ao preparar e ministrar suas aulas, pois tudo o que ele faz ou diz é observado e, às vezes, imitado por seus alunos. Sendo assim,

a aprendizagem musical deve ser considerada do ponto de vista da criança, propondo a compreensão da linguagem musical a partir da reconstrução que ela realiza. Nesse sentido, a aprendizagem é assegurada pela estruturação cognitiva das hipóteses espontâneas que a criança constrói quando elabora seu conhecimento musical.²⁰

Outra grande influência na aprendizagem são os órgãos dos sentidos. George ressalta que “muitas experiências vêm por meio dos cinco sentidos. A vida mental da criança é muito estimulada pelas sensações. Crianças pequenas têm mais interesse naquilo que apela aos cinco sentidos. Por meio deles, a criança é levada a experimentar e obedecer à verdade”.²¹ Regier ressalta a influência que os sentidos têm na aprendizagem:

O aluno aprende:

1% pelo paladar.
1,5% pelo tato.
3,5% pelo cheiro.

¹⁷ ICHTER, Bill H. **A música e seu uso nas igrejas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1977. p. 61.

¹⁸ BARKER. In: LEFEVER, 2003, p. 371.

¹⁹ BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2001. p. 49.

²⁰ LINO, D. L. **Música é... cantar, dançar... e brincar! Ah, tocar também!** In: CUNHA, Susana R. V. **Cor, som e movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**. Porto Alegre: Meditação, 2005. p. 68.

²¹ GEORGE, 1993, p. 117.

11% pelo ouvido.
83% pela visão.²²

Nota-se que quanto mais a criança usar os sentidos no processo de ensino-aprendizagem, mais ela aprenderá. Nesse sentido, a música só tem a contribuir com o ensino, pois, na maioria das vezes, envolve pelo menos três dos cinco sentidos: audição, visão e tato. A música tem a capacidade de envolver, unir, encantar e despertar emoções nas crianças, por isso ela não pode ser desprezada como instrumento de ensino.

Portanto, as crianças aprendem de várias maneiras: observando, imitando, experimentando e através dos sentidos. Por isso, é preciso que os professores tenham muita sabedoria e muito cuidado com suas atitudes e palavras, para que não venham a influenciar negativamente a vida de seus alunos, mas em tudo sejam um bom exemplo.

2.2 A musicalização infantil como ferramenta de ensino

A musicalização infantil é uma ótima ferramenta de ensino que pode ser usada no ministério infantil, pois além das crianças serem musicalizadas tem-se a oportunidade de ensinar histórias e princípios bíblicos de uma forma lúdica e atraente. Muradas ressalta:

toda criança gosta de cantar. Quem trabalha com criança sabe que a música funciona, antes de tudo, como recurso didático. Por meio das verdades bíblicas inseridas nos cânticos, as crianças aprendem a adorar a Deus num ambiente alegre e de participação. Aonde forem, elas vão cantar e levar a mensagem bíblica.²³

Barker adverte que, ao usar a música como ferramenta de ensino, deve-se estar consciente de seus preconceitos, e examiná-los cuidadosamente para que não se desestimule nos alunos a possibilidade de desenvolverem seus talentos para uso de Deus.²⁴ Spann destaca que a música deve ser usada no ministério infantil “não somente para educar mas também para ajudar a criança a se expressar e a desenvolver sua criatividade, que é fator de grande importância no processo educacional”.²⁵ Nesse sentido:

A musicalização infantil é um processo que tem como objetivo tornar a criança sensível e receptiva ao mundo sonoro, despertando o prazer de fazer e ouvir música de forma lúdica. Sabe-se que brincar é, certamente, a maior atração para a criança, e musicalizar brincando torna-se um processo que completa o desenvolvimento da criança, pois vai ao encontro de seus interesses, proporcionando benefícios que ela própria não consegue avaliar, mas pode sentir e vivenciar.²⁶

²² REGIER, D. P. **Apoio audiovisual para o ensino**. In: GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. (orgs.) **Manual de ensino para o educador cristão**: compreendendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 223.

²³ MURADAS, 2003, p. 74.

²⁴ BARKER. In: LEFEVER, 2003, p. 368.

²⁵ SPANN, 1990, p. 77.

²⁶ SCHREIBER, A. C. R.; RODRIGUES, E. M. F.; MICHELI, L. L.; GUSSO, S. de F. K. **Ciranda, Cirandinha**: ferramentas. São Paulo: Ciranda cultural, 2009. p. 78.

No ministério infantil, a musicalização deve visar mais que a ensinar música: seu maior objetivo deve ser ensinar a Palavra de Deus com alegria, criatividade e amor. A musicalização pode ser realizada na EBD, no culto infantil ou em outro horário de acordo com a igreja. Ela pode seguir uma rotina que também auxilia as crianças na aprendizagem.

Como modelo de rotina, pode ser utilizada a sugestão encontrada no livro/cd “Meu primeiro louvor” (volume 2)²⁷:

Canção de chegada – no momento em que todas as crianças chegam canta-se uma canção de chegada que servirá para todos sentirem-se acolhidos, amados e bem-vindos na igreja. Um bom exemplo de canção de chegada é: “Oi _____ (nome da criança) que bom que está aqui! Deus te criou foi com muito amor!”²⁸

Hora da oração – canta-se uma música que fale de oração, pois este é o momento da oração em que podem ser feitos pedidos e agradecimentos a Deus. Nesse momento também pode ser ensinado o versículo alusivo à história do dia. Um bom exemplo de música para a hora da oração é: “Nesta hora de oração, vamos nós agradecer, tudo Ele fez por mim, por você também!”²⁹

Hora da socialização – canta-se uma ou mais músicas que motivem a socialização entre as crianças. Uma ótima música de socialização é: “A bolinha/cachorrinho vou passar, meu amigo vai pegar, sempre assim eu vou brincar, Deus me ensina a partilhar!”³⁰

Hora da história – canta-se uma música para introduzir a história para chamar a atenção das crianças. Uma boa música para cantar antes de contar a história é: “Vou ficar quietinho para escutar, uma historinha Deus quer me falar”.³¹ Em seguida, conta-se a história e depois, se houver alguma música que combine com a história, ela pode ser cantada e ensinada para as crianças para reforçar o ensino.

Hora da expressão corporal – canta-se uma ou mais músicas em que as crianças possam se movimentar (marchando, dançando, pulando, correndo...). Um bom exemplo de música de expressão corporal é: “Saltitando, saltitando, para lá e pra cá! Saltitando, saltitando, vou agora balançar. Balançando, balançando, para lá e pra cá! Balançando, balançando, vou agora me abaixar. Abaixando, levantando, para lá e pra cá! Abaixando, levantando, vou agora terminar”.³²

Hora da prática instrumental – canta-se uma ou mais músicas em que as crianças possam tocar um instrumento (chocalhos, pandeiros, reco-recos, clavas, guizos...). Um bom exemplo de música com instrumentos é: “Agora vou cantar com muitos instrumentos, cada um tem seu sonzinho, vamos escutar: o pandeiro faz assim, o chocalho faz assim, agora as clavas fazem assim, tocam os sinos bem no fim”.³³

²⁷ SCHREIBER, Ana C. **Meu primeiro louvor**. Curitiba: Luz e Vida, 2005. Vol. 2, p. 21-25.

²⁸ SCHREIBER, Ana C. **Meu primeiro louvor**. Curitiba: Luz e Vida, 2003. Vol. 1, p. 2 (faixa 1).

²⁹ SCHREIBER, 2005, p. 2 (faixa 2).

³⁰ SCHREIBER, 2003, p. 8 (faixa 7).

³¹ ARNDT, Maive T. D. **Louvor dos pequeninos**. Curitiba: Espaço Musical, 2003. p. 14 (faixa 10).

³² SCHREIBER, 2005, p. 9 (faixa 8).

³³ SCHREIBER, Ana C. **Musicalizando com a turminha querubim**: educação musical com princípios para crianças. Curitiba: Luz e Vida, 2007. p. 29 (faixa 13).

Relaxamento – canta-se uma canção em que as crianças possam relaxar e ter alguns momentos de calma. Uma boa música para relaxamento é: “É hora de deitar, nós vamos descansar. Feche os seus olhinhos, ouça esta canção. Sonhe bem tranquilo. E fique com Deus!”³⁴

Canção de despedida – canta-se uma canção de despedida para que todas as crianças se despeçam e possam ir para suas casas. Uma ótima canção de despedida é: “Tchau amiguinho, eu já vou embora. Deus te abençoe e até qualquer hora”.³⁵

Tendo esse modelo como base, o professor poderá planejar suas aulas para o ministério infantil com muita criatividade, dinamismo e motivação. Com certeza as aulas serão mais alegres e animadas, pois a música tem grande influência sobre as crianças, além de motivá-las a participarem com maior satisfação e dedicação das aulas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A música é uma das maiores obras de arte criadas por Deus. Deus deu a capacidade e o talento para que os homens “inventassem” a música. Por isso, não há nada melhor do que usá-la para seu louvor e glória no crescimento de sua obra. E isso se aplica também ao ministério infantil; o dom de ensinar foi dado por Deus a algumas pessoas para que elas o usassem na ampliação de sua obra aqui na Terra.

Utilizar a música no ensino do ministério infantil é uma ótima oportunidade de engrandecer a Deus com as capacidades e dons que Ele mesmo deu aos homens. Além disso, é uma maneira de tornar o ensino mais atrativo e dinâmico, pois propicia a interação entre as crianças e também diversão com aprendizado.

Cabe aos líderes e professores do ministério infantil nas igrejas usar a música como recurso para suas aulas, aproveitando o potencial que ela tem de captar a atenção das crianças e de gravar na memória delas as verdades que estão sendo ensinadas. Com a ajuda de Deus e da Bíblia as aulas ministradas serão de grande benção e edificação para a vida dos pequeninos.

A música não somente tornará a aula mais interativa, divertida e alegre como também ajudará a fixar as histórias, conceitos, princípios e verdades bíblicas que estarão sendo ministrados às crianças no ministério infantil. Portanto, conclui-se que a música é um excelente instrumento de ensino e que só tem a contribuir com o processo de ensino-aprendizagem no ministério infantil das igrejas batistas.

REFERÊNCIAS

ARNDT, Maive T. D. **Louvor dos pequeninos**. Curitiba: Espaço Musical, 2003. 19 p.

BARKER, J. W. **Celebrai com júbilo**. In: LEFEVER, Marlene D. **Métodos criativos de ensino: como ser um professor eficaz**. Rio de Janeiro: CPAD, 2003. p. 367-378.

³⁴ SCHREIBER, 2005, p. 16 (faixa 14).

³⁵ SCHREIBER, 2003, p. 16 (faixa 15).

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

LINO, D. L. **Música é... cantar, dançar... e brincar! Ah, tocar também!** In: CUNHA, Susana R. V. **Cor, som e movimento**: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança. Porto Alegre: Meditação, 2005. 130 p.

FAUSTINI, João W. **Música e adoração**. São Paulo: Publicação Coral Religioso “Evelina Harper” Imprensa Metodista, 1973. 127 p.

REGIER, D. P. **Apoio audiovisual para o ensino**. In: GANGEL, Kenneth O.; HENDRICKS, Howard G. (orgs.) **Manual de ensino para o educador cristão**: compreendendo a natureza, as bases e o alcance do verdadeiro ensino cristão. Tradução de Luís Aron de Macedo. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 408 p.

GEORGE, Sherron K. **Igreja ensinadora**: fundamentos bíblico-teológicos e pedagógicos da educação cristã. São Paulo: Luz para o caminho, 1993. 160 p.

ICHTER, Bill H. **A música e seu uso nas igrejas**. Rio de Janeiro: JUERP, 1977. 80 p.

KARNOPP, David. **Música e igreja**: aspectos relevantes da música sacra na história do povo de Deus. Passo Fundo: Pe. Bertier, 1999. 112 p.

MURADAS, Atilano. **A música dentro e fora da igreja**. São Paulo: Vida, 2003. 222 p.

SCHREIBER, A. C. R.; RODRIGUES, E. M. F.; MICHELI, L. L.; GUSSO, S. de F. K. **Ciranda, Cirandinha**: ferramentas. São Paulo: Ciranda cultural, 2009. 128 p.

SCHREIBER, Ana C. **Meu primeiro louvor**. Curitiba: Luz e Vida, 2003. Vol. 1, 36 p.

_____. **Meu primeiro louvor**. Curitiba: Luz e Vida, 2005. Vol. 2, 28 p.

_____. **Musicalizando com a turminha querubim**: educação musical com princípios para crianças. Curitiba: Luz e Vida, 2007. 32 p.

SOCIEDADE BÍBLICA INTERNACIONAL. **Bíblia de estudo NVI**. São Paulo: Vida, 2003. 2424 p.

SPANN, Edward. **Música e louvor**. 3.ed. São Paulo: IBETE, 1990. 173 p.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

REFUTAÇÃO DE CRÍTICAS FEITAS AO ARMINIANISMO

OLSON, Roger E. **Teologia Arminiana**: mitos e realidades. Tradução de Wellington Carvalho Mariano. São Paulo: Reflexão, 2013. 320 p.

Claiton André Kunz¹

O professor Roger Olson é formado como PhD em Teologia pela Rice University e é professor de Teologia no George W. Truett Theological Seminary da Baylor University em Waco, Texas. É notável pelo seu conhecimento e seus livros sobre “História da Teologia” e “História das controvérsias da Teologia Cristã”. O autor também é conhecido pela sua defesa do arminianismo, o qual demonstra conhecer profundamente. Seu estilo de argumentação apresenta sempre muito respeito pela posição contrária e um forte estilo conciliador, sem deixar de ser incisivo e objetivo na sua defesa.

Na obra sobre “Teologia Arminiana”, o autor inicia apresentando a sua experiência pessoal de como chegou às suas convicções. Deixa claro que o objetivo principal do livro é esclarecer sobre alguns preconceitos, que ele chama de mitos, atribuídos ao arminianismo, mas que não retratam com exatidão os conceitos defendidos pelos arminianos. Após um rápido panorama sobre a história e a teologia do arminianismo, no qual esclarece que os defensores desta posição concordam com todos os conceitos protestantes imprescindíveis, assim como os defensores de outras posições, discordando dos calvinistas basicamente nos

¹ O autor da resenha é graduado em Teologia e Filosofia. Possui mestrado em Novo Testamento e mestrado e doutorado em Teologia (ênfase em Bíblia). É diretor, coordenador acadêmico e professor da Faculdade Batista Pioneira e professor convidado do mestrado profissional em Teologia da Faculdade Batista do Paraná e do Master of Theology Studies do Southeaster Baptist Theological Seminary. E-mail: claiton@batistapioneira.edu.br

temas da providência e da predestinação, passa então a elencar os mitos atribuídos ao arminianismo confrontando-os com a realidade.

O primeiro mito apresentado sugere que “a teologia arminiana é o oposto da teologia calvinista / reformada”. Roger Olson, porém, deixa claro que os termos *calvinismo* e *reformado* precisam ser devidamente distintos um do outro, pelo simples fato de que a teologia reformada é maior do que Calvino e do que o calvinismo. A teologia arminiana também é fruto do movimento da Reforma. Olson, citando Wiley, afirma que “em suas formas mais belas e puras, o arminianismo preserva a verdade encontrada nos ensinamentos reformados sem aceitar os seus erros” (p. 65).

O segundo mito apresentado é que “uma mescla de Calvinismo e Arminianismo é possível”. Para Olson, uma harmonização entre estes dois sistemas é claramente impossível. Mesmo que haja pontos convergentes, as diferenças também são óbvias. Enquanto calvinistas atribuem tudo a eleição e predestinação divina, os arminianos entendem que Deus e o ser humano cooperam, sem no entanto tornar a participação humana um agente eficaz. O ser humano participa apenas na medida em que aceita a graça eficaz, através de uma “não resistência”, o que pode ser denominado sinergismo, enquanto o monergismo calvinista atribui tudo à predestinação divina.

O terceiro mito é que “o arminianismo não é uma opção evangélica ortodoxa”. Este preconceito surge pelo fato de que os opositores tem divulgado que o arminianismo nega a salvação pela graça, e que o exercício da fé seja uma espécie de obra para alcançar a justiça perante Deus. Segundo Olson, o problema novamente é a desinformação a respeito dos ensinamentos de Armínio, que afirma que a “graça é a causa do início, desenvolvimento e conclusão da salvação do homem” (p. 41).

O quarto mito apresentado no livro é que “o cerne do arminianismo é a crença no livre-arbítrio”. Mas, de acordo com Olson, o cerne da teologia arminiana é o caráter amoroso de Deus, junto com a vontade universal de Deus para a salvação. Sua natureza amorosa exige que ele deseje a salvação de todo ser humano.

O quinto mito é que “a teologia arminiana nega a soberania de Deus”. Entretanto, o que precisa ser discutido e esclarecido é o conceito de soberania. Enquanto calvinistas concebem soberania necessariamente como controle absoluto de todas as coisas e que Deus é diretamente a causa de tudo, resultando assim inclusive na causa do pecado e do mal, arminianos entendem a soberania de Deus como absoluta, tanto no seu aspecto efetivo como no seu aspecto permissivo. O fato de que Deus pode todas as coisas não significa que ele as deseje ou que ele as cause.

O sexto mito apresentado é que “o arminianismo é uma teologia centrada no homem”. A opinião de Olson é que isto também surgiu em decorrência da falta de informação por parte dos opositores. Armínio acreditava na depravação total do ser humano e não cria que este tinha qualquer habilidade para reverter os efeitos da queda. Cria, entretanto, que a graça restaura o livre-arbítrio, tornando o ser humano capaz de cooperar ao não resistir a ela.

O sétimo mito é que “o arminianismo não é uma teologia da graça”. Entretanto, a teologia arminiana entende que tudo começa com a ação de Deus, convencendo o pecador

da sua situação e capacitando-o a responder ao convite da graça. Assim a concepção arminiana de salvação está totalmente em harmonia com a tradição reformada.

O oitavo mito apresentado é que “o arminianismo não acredita na predestinação”. Segundo Olson, o arminianismo nunca negou a predestinação, mas a interpreta de acordo com Romanos 8.29, a partir do aspecto da presciência divina. Deus predestina aqueles que de antemão sabia que iriam crer, diferentemente da posição calvinista que preceitua que de forma rígida e arbitrária Deus preordena os que serão salvos e os que serão condenados.

O nono mito afirma que “a teologia arminiana nega a justificação pela graça somente através da fé somente”. Para Olson, a acusação dos críticos é infundada pois, para Armínio, a justificação é causada pela graça, por iniciativa divina, e a fé não é nem a causa e nem uma obra meritória que mereça a salvação. A fé é obra do Espírito Santo e a causa meritória da justificação é Cristo.

O décimo mito apresentado por Olson é que “todos os arminianos acreditam na teoria governamental da expiação”. Segundo o autor, o arminianismo defende que a salvação é única e exclusivamente pelo sangue de Cristo. A diferença em relação ao calvinismo é que enquanto este acredita que a expiação ocorreu apenas por um grupo limitado de pessoas, os arminianos creem que a expiação é universal, embora eficaz apenas para os que a aceitam pela fé. Ou seja, Cristo morreu para dar a chance de salvação a todos, mesmo que nem todos a aceitem.

O livro de Roger Olson é leitura indispensável para qualquer pessoa que se ocupe com o tema da salvação humana, especialmente pelo fato de esclarecer de forma didática e incisiva os conceitos errôneos que tem sido divulgados a respeito do arminianismo pelos seus opositores. Na língua portuguesa existem poucos livros específicos sobre a teologia arminiana, de forma que sua leitura se torna obrigatória.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

RAZÕES PARA CRER NAS ESCRITURAS

GRUDEM, Wayne; COLLINS, C. Jonh;
SCHREINER, Thomas R. **Origem,
confiabilidade e significado da Bíblia.**
Tradução de Marcia Barrios Medeiros,
Rogério Portella. São Paulo: Vida Nova,
2013.

Marivete Zanoni Kunz¹

A editora Vida Nova apresenta o livro “*Origem, confiabilidade e significado da Bíblia*”, organizado por *Wayne Grudem, C. John Collins e Thomas R. Schreiner*. O conteúdo foi dividido em sete partes, nas quais há a contribuição de diversos autores, tais como *Daniel Doriani, John Hannah, James I. Packer, Leland Ryken* e outros. Os autores iniciam a escrita instigando os leitores com vários questionamentos referentes à Bíblia. Logo na sequência são apresentados alguns requisitos para interpretação bíblica enfatizando que todo leitor possui o desejo de ler e entender o texto, ainda que em algumas situações, para que aconteça uma interpretação adequada, sejam necessários alguns conhecimentos mais técnicos. Já no início do livro, os autores mostram tudo o que envolve uma boa interpretação, ou seja, conhecimentos técnicos e práticos, a questão prática em si, orientação de mestres, humildade, questões espirituais e outras. Sendo assim, há um enfoque em técnicas para fazer a leitura do texto dentro de seu contexto, chegando assim ao centro do mesmo e ao tema, bem como a aplicação final. Tais enfoques seriam principalmente o conhecimento do contexto literário e histórico e a distinção dos gêneros narrativos e dissertativos. Muitos exemplos de textos bíblicos são utilizados para

¹ A autora da resenha é graduada em Teologia e em Pedagogia, e possui mestrado e doutorado em Teologia (com ênfase em Bíblia). É professora da Faculdade Batista Pioneira e da Faculdade Batista do Paraná. E-mail: marivete@batistapioneira.edu.br

ajudar na compreensão dos conceitos dos autores, o que contribui na leitura e assimilação das ideias transmitidas.

Na sequência, a obra mostra como aconteceu a interpretação no decorrer da história. Desde como os primeiros seguidores de Cristo liam e traziam o texto para a sua realidade, bem como, a forma de alguns pensadores interpretarem o texto. Eles trazem curtos mas significativos relatos de pensadores que tiveram suas concepções aceitas ou rejeitadas pela igreja ou parte dela, tais como: Marcião, Justino Mártir, Irineu, Clemente, Orígenes, Teodoro, Jerônimo, Agostinho e outros. Ainda mostram o importante papel que tiveram os reformadores do século 16, a saber: John Wycliffe, Martinho Lutero e João Calvino. O Iluminismo é brevemente citado, por ter sido significativo na questão de interpretação, quando a Bíblia passou a ser vista por muitos como um livro ‘indigno de confiança’ (p. 25).

A segunda parte do livro tem seu ponto central direcionado para a leitura da Bíblia. Os autores apontam a importância de algumas formas de leitura do texto sagrado, tais como: a leitura teológica, a leitura da Bíblia como literatura, com oração e comunhão com Deus, a leitura para aplicação pessoal, para pregação e culto público. Cada uma destas formas de leitura possui um enfoque como, por exemplo, a leitura teológica que tem como objetivo conduzir o indivíduo tanto a ter conhecimento da verdade como a conhecer Deus de maneira pessoal. Fica claro que ao leitor cabe o conhecimento de cada uma destas formas, pois é de sua responsabilidade entender a forma do discurso apresentada na passagem que está lendo, pois a literatura tem como objetivo ‘incitar o leitor de forma indireta a partilhar ou reviver uma experiência’ (p. 41). O conhecimento das características literárias bíblicas é importante porque estas são as formas que foram utilizadas para transmitir a mensagem de Deus. Assim, também os outros pontos assinalados, como a aplicação pessoal, fazem parte do desafio que todos têm em trazer as Escrituras para a atualidade e para o viver pessoal de maneira bem específica. Os autores trazem o desafio da aplicação da Palavra de maneira sábia, tanto daquela parte que parece não ser tão pertinente e mais difícil, como daquela que parece ter aplicações mais diretas.

É significativa a parte que os autores falam sobre o Cânon das Escrituras. Vários são os destaques, tanto da parte que descreve o Antigo Testamento, como da parte que descreve o Novo Testamento. Do Antigo Testamento são apontados questões, tais como, os possíveis períodos da canonização e o que dizem algumas hipóteses recentes. Quanto ao Novo Testamento são feitos apontamentos sobre as dúvidas que surgiram na história e é demonstrado que todos os livros do Novo Testamento são originais e Palavra de Deus. Trata também dos apócrifos, de como foram encontrados nas várias versões, tais como a Vulgata e a Antiga Latina, e os nomes dos principais historiadores ligados a questões canônicas destes livros, como Jerônimo.

A quarta parte do livro traz reflexões sobre a confiabilidade dos manuscritos do Antigo Testamento, destacando principalmente a transmissão, a crítica textual e as suas fontes primárias. A mesma avaliação também ocorre com o texto do Novo Testamento, ou seja, os autores falam da quantidade dos manuscritos, comparando-os com outros escritos antigos, bem como, discorrem sobre as variantes textuais. Há uma excelente consideração sobre a

quantidade de manuscritos bíblicos existentes em relação a outros textos antigos, especialmente em relação à diferença do número de cópias do Novo Testamento com textos clássicos. A distância temporal das cópias do Novo Testamento, em relação ao texto original ou aos primeiros manuscritos, também é apresentada.

A “*Arqueologia e a Bíblia*” é o assunto apresentado na quinta parte do livro. Nesta parte, os autores iniciam mostrando o que realmente é o trabalho do arqueólogo e seus objetivos, e discorrem sobre a arqueologia e a confiabilidade ligada tanto com o Antigo como com o Novo Testamento. Os autores mostram a trajetória e desenvolvimento do trabalho arqueológico em sítios, o que a arqueologia pode ou não fazer, a sua relação com as disciplinas bíblicas e a interpretação das descobertas arqueológicas diante das opiniões que divergem com relação aos achados. Com relação à parte arqueológica, os autores também mostram quando a mesma começou nas terras bíblicas e enfatizam os assentamentos chamados de *tel*. No texto é explicado sobre o que é um *tel* e como acontecia o povoamento dos mesmos, bem como porque estes locais eram escolhidos e como os arqueólogos trabalham nos mesmos. O que se destaca na questão arqueológica é o fato de que ‘a arqueologia tem muitas vezes apoiado e confirmado o registro bíblico’ (p. 128), dando credibilidade às histórias bíblicas.

Na sexta parte do livro, os autores apresentam a assunto “*as línguas originais da Bíblia*”. *Peter J. Williams* é um dos responsáveis pela descrição deste tema. No seu escrito, ele enfatiza as principais línguas do Antigo Testamento provenientes de povos de origem semita, bem como o uso do hebraico como língua sagrada na Palestina e a língua semita organizada a partir de um grupo linguístico separado por regiões. Há uma exposição específica sobre as línguas semitas desde a questão do alfabeto até questões gramaticais ligadas a vocalização; ainda trata sobre o uso de preposições, artigos e outros. A parte que diz respeito às línguas do Novo Testamento é exposta por *David Alan Black*, que traz informações históricas de como a língua grega, através de Alexandre, tornou-se a língua comum do mundo Mediterrâneo. Ele aborda questões relativas ao grego Coíné, estilos existentes entre os autores do texto bíblico e importância desta língua na contemporaneidade. Sem dúvida, um dos pontos altos desta parte do livro diz respeito a Septuaginta, ou seja, a tradução do Antigo Testamento para o grego. Nesta sexta parte do livro encontram-se gráficos e tabelas que contribuem muito na compreensão do conteúdo exposto.

Finalmente, na sétima parte, “*O Antigo e o Novo Testamento*” são expostos, enfatizando a harmonia existente entre os seus textos e também como o Novo Testamento refere-se e interpreta o Antigo Testamento. Tal exposição também acontece com uma tabela que apresenta textos de trinta e um livros do Antigo Testamento e onde o conteúdo destes livros é citado no Novo Testamento. Desta forma, os autores conseguem evidenciar que a Bíblia revela o plano de Deus para a história da humanidade. Mostram também que vários símbolos do Antigo Testamento apontam para o plano futuro de Deus para e com Cristo. As ênfases destes textos recaem sobre os temas da aliança contidos no Antigo Testamento bem como nas promessas relativas à descendência Abraâmica, Davídica e sua relação com Cristo. Ou seja, na exposição os autores mostram que ‘Cristo é o descendente supremo para quem toda a

outra descendência aponta' (p. 178). Todo o livro, e em especial a sétima parte, traz grande quantidade de exemplos e textos bíblicos que ajudam na elucidação das ideias expostas.

Sem dúvida, este é mais um material de auxílio para o meio acadêmico. Um livro de fácil leitura e com clareza na sua exposição. O material é recomendado para estudantes, pastores e todos os indivíduos que se interessam em assimilar e conhecer mais sobre o texto bíblico e seu valor para a contemporaneidade.

Revista ENSAIOS TEOLÓGICOS

Online ISSN 2447-4878



Ensaio Teológico está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

PRINCÍPIOS PARA DESENVOLVER UM MINISTÉRIO DE SUCESSO QUE GLORIFICA A DEUS

WIERSBE, Warren; WIERSBE, David. **10 princípios poderosos para o serviço cristão.**
Tradução de Vivian do Amaral Nunes. São Paulo: Shedd Publicações, 2013. 135 p.

Enylson Nahor Peno¹

A Editora Shedd Publicações traz ao leitor a obra dos autores Warren e David Wiersbe, “*10 Princípios poderosos para serviço cristão*”. Warren Wiersbe é professor emérito de homilética no Grand Rapids Baptist Seminary. Pastoreou igrejas em Indiana, Kentucky e Illinois. Autor de mais de uma centena de livros, escritor e conferencista. David Wiersbe é pastor na Evangelical Free Church Of America. Pastoreou uma igreja em Roscoe, Illinois, foi capelão do corpo de bombeiros e trabalhou com grupos de pessoas enlutadas.

A obra apresenta princípios bíblicos imutáveis para o serviço cristão. No prefácio, os autores informam que representam duas gerações ministeriais, o que contribui para o equilíbrio da obra e sua aplicação para qualquer época. Os autores salientam que a obediência aos princípios apresentados na obra levam ao sucesso no ministério. Afirmam que todo ministério baseado em princípios bíblicos irá ao encontro das necessidades humanas e glorificará a Deus. Afirmam ainda que os vários métodos usados no ministério precisam ser testados pelos princípios bíblicos.

Os autores iniciam sua obra afirmando que a base do ministério é o caráter. Warren e David salientam a distinção entre reputação e caráter. Segundo eles, reputação é o que as

¹ O autor é Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira e Pós-Graduando em Teologia do Novo Testamento Aplicada na FABAPAR. É pastor, e coordenador de administração da Faculdade Batista Pioneira (Ijuí). E-mail: pr_enylsonpeno@hotmail.com

peessoas pensam que somos, enquanto caráter é o que Deus sabe que somos. Caráter se constrói dia a dia vivendo na presença de Deus, temendo unicamente a Ele e procurando agradá-lo, a despeito do que se sente e o que as outras pessoas possam dizer e fazer. Na sequência, os autores afirmam que a natureza do ministério é o serviço; ministros são servos de Deus e do povo de Deus. A seguir os autores apresentam o amor como a razão do ministério. Este amor começa com o amor pelo supremo Pastor que deu Sua vida pelas ovelhas. Se não existe amor pelo Pastor, também não haverá amor pelas suas ovelhas.

Warren e David afirmam que a medida do ministério é o sacrifício. O ministro é chamado pela graça de Deus, para a glória de Deus e para sofrer como servos de Deus. Para os autores, a autoridade do ministério é a submissão. Segundo os autores, submissão é um rendimento voluntário à autoridade e é motivada pelo amor. O ministro precisa primeiro provar que sabe se submeter e servir, para depois ser visto como autoridade no ministério. Os autores lembram que o propósito do ministério é a glória de Deus, o que corresponde a fazer a vontade de Deus de coração. Envolve fazer a coisa certa, na hora certa e pela razão certa - a glória de Deus. Um ministro guiado pelo Espírito Santo e cheio da Palavra de Deus dirá e fará as coisas que honram o Senhor. Quando o ministro foca a glória de Deus, ele evita tornar-se um ídolo para si mesmo e para as pessoas.

Os autores afirmam que as ferramentas do ministério são a Palavra de Deus e a oração, o que realmente constrói uma igreja. A Palavra de Deus e a oração são as ferramentas que o Espírito Santo escolheu para trabalhar nas vidas dos cristãos e em sua igreja. Como instituição divina, a igreja não pode ter êxito sem o poder divino que vem por meio da oração e do ministério da Palavra de Deus. Para os autores, o privilégio do ministério é o crescimento. A recompensa do ministério é o crescimento espiritual que produz servos melhores, capazes de dar conta dos desafios que Deus coloca a seus ministros.

Os autores apresentam o Espírito Santo como o poder do ministério. Citando Atos 10.38 e João 3.34, os autores afirmam que se Jesus Cristo, o Filho de Deus sem pecado, precisava do poder do Espírito para realizar o ministério, quanto mais seus seguidores fracos e pecadores. Mencionando a igreja primitiva, os autores lembram que a igreja não tinham muitas coisas que hoje consideramos essenciais; o segredo do sucesso do ministério era o poder do Espírito Santo; a plenitude do Espírito era a experiência diária da igreja inteira. Os autores terminam sua obra afirmando que o modelo do ministério é Jesus Cristo, para qualquer ministro, independentemente da idade. O significado maior do ministério é seguir a Jesus e tornar-se cada vez mais como ele, enquanto servimos aos outros e os ajudamos a fazer o mesmo. Jesus era um líder que serviu e um servo que liderou motivado pelo seu grande amor pelo Pai e pelo povo, assim manteve seu serviço e liderança unidos e equilibrados.

Warren e David Wirsbe conseguem apresentar princípios bíblicos bem conhecidos de qualquer leitor bíblico atento, de uma forma agradável, clara e desafiadora. Cada capítulo inicia com uma narração de uma situação real e, a partir desta situação, o tema do capítulo é desenvolvido de forma clara e objetiva, proporcionando uma leitura agradável e edificante. A citação de várias autoridades na área auxilia para enriquecer a obra. Enfim, a obra é de excelente valor teológico e altamente recomendável a todo cristão, pois todo cristão ocupa

em uma escala maior ou menor uma posição de liderança no meio onde vive. Mais especificamente, a leitura e o estudo da obra são indispensáveis para todo ministro ou líder da igreja de Cristo.

NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Serão aceitos, para avaliação pela comissão editorial/consultiva, artigos científicos, resenhas de literatura, relatos de casos, comunicações breves, e outros artigos que estejam relacionados aos objetivos de divulgação da Revista. O material é encaminhado aos consultores e revisores, que decidirão sobre a conveniência da publicação, de forma integral ou parcial, encaminhando ao autor sugestões e possíveis correções. Os artigos serão analisados no sistema *Double Blind Review* (dupla avaliação cega, ou seja, autores e pareceristas permanecem anônimos durante o trabalho de edição), sendo necessária para a publicação a aprovação de pelo menos dois pareceristas.

Os artigos deverão ser enviados em formato de arquivo digital para o e-mail marivete@batistapioneira.edu.br

A Revista Ensaios Teológicos foi licenciada com uma *Licença Creative Commons*. O seu conteúdo é compartilhado no sistema Open Journal Systems, mas com determinadas restrições. A licença indica que há permissão para download e compartilhamento, desde que atribuam crédito à revista e ao autor de cada conteúdo, sem que seu conteúdo seja alterado e sem permissão para fins comerciais.



Ensaios Teológicos está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

Digitação

O texto deverá ser digitado com o uso do editor de texto “Microsoft Word for Windows”, em formato A4 (21,0 x 29,7), com margem esquerda de 2,5 cm e margens direita, superior e inferior de 2,0 cm, fonte “Times New Roman”. No caso de uso de fonte especiais, especialmente das línguas originais, deve-se informar a fonte utilizada e enviá-la juntamente com o artigo.

Resumo / Abstract

O resumo e sua tradução para o inglês, o abstract, não podem ultrapassar 250 palavras, com informações que permitam uma adequada caracterização do artigo como um todo. No caso de artigos científicos, o resumo deve informar o objetivo, a metodologia aplicada e os resultados principais. Deverão ser apresentadas de 3 a 5 palavras-chave (keywords) logo após ao Resumo e Abstract.

Texto principal

O título do artigo deverá ser escrito em negrito, letras maiúsculas, centralizado, fonte tamanho 16. Os subtítulos deverão ser alinhados à esquerda (sem recuo), negrito e fonte tamanho 12. O texto padrão também deve ser em fonte tamanho 12, com espaçamento simples entrelinhas. Citações deverão ser digitadas em fonte tamanho 11, com recuo da margem esquerda de 4,0 cm, e notas de rodapé digitadas em fonte tamanho 10. No decorrer do texto, as referências deverão ser feitas em nota de rodapé, sendo que a primeira ocorrência deverá ser completa e as subseqüentes deverão obedecer ao padrão “AUTOR, data, página”.

Recomenda-se que os artigos contenham de 30 a 50 mil caracteres (incluídos os títulos, notas e espaços). As abreviaturas utilizadas devem obedecer às convenções universais e, quando for o caso, abreviaturas não convencionais poderão ser usadas, seguidas de sua forma em extenso, entre parêntesis, na sua primeira citação.

Referências

A lista de referências efetivamente utilizadas no artigo deverá ser apresentada ao final, em ordem alfabética por sobrenome de autores, de acordo com a Norma ABNT/NBR-6023 da Associação Brasileira de Normas Técnicas. Obras anônimas tem sua entrada a partir do título do artigo ou pela entidade responsável por sua publicação. A referência deve ser alinhada à esquerda, sem recuo para a sua segunda linha.

Resenhas

Resenhas deverão ser de obras literárias recentes (máximo 3 anos de publicação) e devem conter no máximo duas páginas em A4, fonte Times New Roman, tamanho 12. Devem conter título criativo, referência completa da obra, síntese dos temas abordados e crítica da obra ao final da mesma.